

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO PROGRAMA DE PÓS-
GRADUAÇÃO EM TURISMO E HOSPITALIDADE
MESTRADO E DOUTORADO**

CARLOS HENRIQUE MONSCHAU FUNCK

**O PAPEL HISTÓRICO DO GRANDE HOTEL PARA O DESENVOLVIMENTO DO
TURISMO DE NEGÓCIOS DE CUIABÁ (MT) - BRASIL**

CAXIAS DO SUL

2026

CARLOS HENRIQUE MONSCHAU FUNCK

**O PAPEL HISTÓRICO DO GRANDE HOTEL PARA O DESENVOLVIMENTO DO
TURISMO DE NEGÓCIOS DE CUIABÁ (MT) - BRASIL**

Tese de Doutorado apresentada à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade – Mestrado e Doutorado, da Universidade de Caxias do Sul – UCS, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutor em Turismo e Hospitalidade. Linha de pesquisa: Turismo, Hospitalidade, Organizações e Sustentabilidade.

Orientadora Profa. Dra. Vera Lúcia Steiner

CAXIAS DO SUL

2026

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
Sistema de Bibliotecas UCS - Processamento Técnico

F979p Funck, Carlos Henrique Monschau

O papel histórico do Grande Hotel para o desenvolvimento do turismo de negócios de Cuiabá (MT) - Brasil [recurso eletrônico] / Carlos Henrique Monschau Funck. – 2026.

Dados eletrônicos.

Tese (Doutorado) - Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade, 2026.

Orientação: Vera Lúcia Steiner.

Modo de acesso: World Wide Web

Disponível em: <https://repositorio.ucs.br>

1. Hotéis - Cuiabá (MT) - História. 2. Viagens de negócios - Cuiabá (MT). 3. Hospitalidade. 4. Turismo - Cuiabá (MT). I. Steiner, Vera Lúcia, orient. II. Título.

CDU 2. ed.: 338.488.2(817.2)(091)

Catalogação na fonte elaborada pela(o) bibliotecária(o)
Márcia Servi Gonçalves - CRB 10/1500

Funck, Carlos Henrique Monschau. **O papel histórico do Grande Hotel para o desenvolvimento do turismo de negócios de Cuiabá (MT) - Brasil.** 2026. 279 f. Tese (Doutorado em Turismo e Hospitalidade). Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade – Mestrado e Doutorado, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2026.

CARLOS HENRIQUE MONSCHAU FUNCK

**O PAPEL HISTÓRICO DO GRANDE HOTEL PARA O DESENVOLVIMENTO DO
TURISMO DE NEGÓCIOS DE CUIABÁ (MT) - BRASIL**

Tese de Doutorado apresentada à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade – Mestrado e Doutorado, da Universidade de Caxias do Sul – UCS, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutor em Turismo e Hospitalidade. Linha de pesquisa: Turismo, Hospitalidade, Organizações e Sustentabilidade.

Aprovado em: 02/06/2026

Banca Examinadora

Prof.^a Dr.^a Vera Lúcia Steiner (Orientadora)
Universidade de Caxias do Sul – UCS

Prof. Dr. André Brayner de Farias
Universidade de Caxias do Sul - UCS

Prof.^a Dr.^a Gisele Cemin
Universidade de Caxias do Sul - UCS

Prof.^a Dr.^a Maria Luiza Cardinale Baptista
Universidade de Caxias do Sul - UCS

Prof.^a Dr.^a Márcia Speguen de Quadros Piccoli
Universidade de Caxias do Sul – UCS

Prof. Dr. Renan de Lima da Silva
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

Dedico esta pesquisa à minha mãe Fátima Terezinha Reck Monschau e a minha irmã Ana Paula Monschau Funck, com amor e gratidão!

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Nossa Senhora, em quem devoto minha fé, por estar comigo todos os dias e dar-me forças para continuar.

Sou grato ao Ministério da Educação (MEC), à Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (SETEC), à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) Reitoria e *Campus* Bento Gonçalves.

Agradeço ao Rodrigo Monteiro, Diretor Geral do Campus Bento Gonçalves, à Luciana Bernd, Diretora de Ensino, à Camila Debom, Coordenadora de Ensino de Graduação, ao Joaquim Rauber, Coordenador de Educação Profissional, à Hernanda Tonini, Coordenadora da Área de Turismo e Hospitalidade, à Coordenadoria de Gestão de Pessoas nas pessoas do Maurício Baggio, Coordenador e Sandro dos Santos, Servidor, à Alessandra Lemões e à Sandra Trucolo, Bibliotecárias e a todos(as) os(as) demais servidores(as) e terceirizados(as) do *Campus* Bento Gonçalves.

Sou grato à colega Professora Tatiani Secretti, aos Professores Onorato Fagherazzi e Carlos Machado e à servidora federal Cláudia Lorenzon.

Agradeço às colegas professoras e meus alunos e alunas dos Cursos de Hospedagem, Eventos e Licenciaturas do *Campus* Bento Gonçalves.

Agradeço à Universidade de Caxias do Sul, principalmente à Reitoria e ao Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade. Sou grato à Dra. Vera Steiner, Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade da UCS, na qual agradeço às demais ex-coordenadoras e ex-coordenador.

Sou grato à minha orientadora Professora Dra. Vera Steiner e minhas ex-orientadoras Professoras Doutoras Vânia Herédia e Susana Gastal.

Agradeço às professoras, os professores, às ex-professoras e os ex-professores do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade da UCS.

Sou grato à Secretaria do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade da UCS, Regina Mantesso.

Agradeço aos membros da Banca de Qualificação e da Banca de Defesa da tese.

Sou grato aos meus colegas do Curso de Doutorado, principalmente Raquel Finkler, Camila Carvalho de Melo, Rosalina Luiza Cassol Schvarstzhaupt e José

Almeida Santos.

Sou Grato aos Servidores da Hemeroteca da Biblioteca da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) e da Hemeroteca da Biblioteca da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (USP); Aos colaboradores da Biblioteca da Universidade de Caxias do Sul (UCS) *Campus* Caxias do Sul; Aos Servidores da Biblioteca Pública Municipal de Cuiabá (MT) Manoel Cavalcanti de Proença; Aos servidores do Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional do Instituto de Geografia, História e Documentação da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT).

Agradeço à Biblioteca Nacional (BN); ao Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso (IHGMT); ao Arquivo Público do Estado de Mato Grosso (APMT) na pessoa de sua Superintendente Vanda da Silva por meio do acesso aos seus arquivos digitais.

Agradeço à Secretaria Municipal de Turismo de Cuiabá e a Secretaria Adjunta de Turismo do Estado de Mato Grosso. Sou grato à Superintendência de Preservação do Patrimônio Histórico e Museológico da Secretaria Estadual de Cultura, Esporte e Lazer do Estado de Mato Grosso (SECEL).

Agradeço a minha professora de graduação em História Leilla Borges de Lacerda em nome da qual agradeço a todos(as) os(as) professores(as) dos meus Cursos Superiores de História e Turismo e do Mestrado em Linguística.

Agradeço a toda a minha família. Especialmente a minha Mãe Fátima Terezinha Reck Monschau; minha irmã Ana Paula Monschau Funck; meu padrasto Eugênio Nilmar dos Santos; meu irmão Paulo Cezar Silveira Funck e minha sobrinha Ana Clara Monschau Mendonça.

Sou grato a todos(as) meus amigos e amigas nesta jornada.

Agradeço a todos(as) os(as) profissionais de saúde e educação física que me auxiliaram em vários momentos dessa caminhada.

A todos(as) vocês, muito obrigado!

“O milagre da Fênix, ressurgida das próprias cinzas!”

Jornal o Estado de Mato Grosso, 1941

RESUMO

Esta pesquisa sobre o papel histórico do Grande Hotel para o desenvolvimento do turismo de negócios de Cuiabá (MT) - BRASIL teve como principal motivação o problema referente à produção científica sobre o estabelecimento hoteleiro, com enfoque em sua importância para o desenvolvimento do turismo de negócios, no período em que esteve em funcionamento em Cuiabá – Mato Grosso, ser lacuna ainda por ser preenchida. A presente investigação exprime como objetivo geral analisar e interpretar o papel histórico do Grande Hotel para o desenvolvimento do turismo de negócios de Cuiabá - Mato Grosso a fim de responder de que maneira o Grande Hotel contribuiu para o desenvolvimento do turismo de negócios de Cuiabá (MT)? O Grande Hotel, inaugurado na década de 1940, inseriu-se no contexto político da Marcha para o Oeste consubstanciando a política do Estado Novo de interiorização, modernização e desenvolvimento do turismo com questões da conjuntura política de Mato Grosso. A pesquisa exploratória empregou a abordagem metodológica qualitativa ancorada no método histórico-hermenêutico, integrando pesquisa bibliográfica e documental. Como resultado provou-se que o Grande Hotel contribuiu, como espaço privilegiado de hospitalidade comercial, para a acolhida dos comerciantes e empresários que vinham para Cuiabá, sendo, também, o lugar onde muitos negócios eram fechados. Assim, a pesquisa pretende contribuir com a produção científica sobre o papel histórico do Grande Hotel para o desenvolvimento do turismo de negócios de Cuiabá (MT) que poderá ser acessada por agentes públicos, integrantes do setor de turismo e hospitalidade, pesquisadores e acadêmicos interessados em compreender a importância do Grande Hotel e sua conexão com o desenvolvimento do turismo de negócios, a patrimonialização e a memória da cidade. Observada a dimensão do turismo de negócios e da hospitalidade comercial para o desenvolvimento do município de Cuiabá (MT), a produção científica em questão se mostra relevante, pertinente e adequada.

Palavras-chave: Grande Hotel; Turismo de negócios; Hospitalidade comercial; História; Cuiabá - Mato Grosso.

ABSTRACT

This research on the historical role of the Grande Hotel in the development of business tourism in Cuiabá (MT) - BRAZIL was primarily motivated by the lack of scientific production on the hotel establishment, focusing on its importance for the development of business tourism during the period it was in operation in Cuiabá – Mato Grosso, a gap that still needs to be filled. The present investigation aims to analyze and interpret the historical role of the Grande Hotel in the development of business tourism in Cuiabá - Mato Grosso, in order to answer the question: how did the Grande Hotel contribute to the development of business tourism in Cuiabá (MT)? The Grande Hotel, inaugurated in the 1940s, was part of the political context of March to the West, embodying the Estado Novo policy of interiorization, modernization, and tourism development, addressing issues relevant to the political climate of Mato Grosso. Exploratory research employed a qualitative methodological approach anchored in the historical-hermeneutic method, integrating bibliographic and documentary research. As a result, it was proven that the Grande Hotel contributed, as a privileged space of commercial hospitality, to welcoming merchants and businessmen who came to Cuiabá, and was also the place where many deals were closed. Thus, this research aims to contribute to the scientific production on the historical role of the Grande Hotel in the development of business tourism in Cuiabá (MT), which can be accessed by public agents, members of the tourism and hospitality sector, researchers and academics interested in understanding the importance of the Grande Hotel and its connection with the development of business tourism, heritage preservation and the memory of the city. Given the importance of business tourism and commercial hospitality for the development of the municipality of Cuiabá (MT), the scientific production in question proves to be relevant, pertinent, and appropriate.

Keywords: Grande Hotel; Business tourism; Commercial hospitality; History; Cuiabá - Mato Grosso.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa da localização geográfica de Cuiabá	28
Figura 2 – Mapa do Município de Cuiabá	29
Figura 3 – Mapa da evolução urbana de Cuiabá	30
Figura 4 – Fotografia do relevo de Cuiabá	31
Figura 5 – Fotografia do Grande Hotel	35
Figura 6 – Mapa com a localização do Grande Hotel	36
Figura 7 – Cartão-postal do Grande Hotel	36
Figura 8 – Mapa de Mato Grosso em 1930	44
Figura 9 – Mapa do Estado de Mato Grosso em 1950	44
Figura 10 – Mapa atual do Estado de Mato Grosso	45
Figura 11 – Fotografia do Centro Histórico de Cuiabá	52
Figura 12 – Território de Mato Grosso em 1930	53
Figura 13 – Fotografia do Hotel Universal	56
Figura 14 – Fotografia do Hotel Esplanada em Cuiabá (MT)	57
Figura 15 – Fotografia da Praça da República	58
Figura 16 – Fotografia do desfile carnavalesco de 1927	59
Figura 17 – Fotografia do curso carnavalesco de 1938	59
Figura 18 – Fotografia da sede da agência dos Correios e Telégrafos	61
Figura 19 – Propaganda da Empresa Telephonica de Cuyabá	61
Figura 20 – Fotografia da Agência do Banco do Brasil na Avenida Getúlio Vargas	63
Figura 21 – Fotografia do Banco da Amazônia	63
Figura 22 – Fotografia de parte do Morro da Caixa D'Água Velha	64
Figura 23 – Fotografia da entrada do Museu do Morro da Caixa D'Água Velha	65
Figura 24 – Fotografia da parte interna do Museu do Morro da Caixa D'Água Velha	65
Figura 25 – Fotografia da Santa Casa de Misericórdia	66
Figura 26 – Fotografia do Centro de Saúde	67
Figura 27 – Mapa com propaganda para a Marcha para o Oeste	70
Figura 28 – Matéria jornalística O futuro do Brasil e a Marcha para Oeste	71
Figura 29 – Matéria jornalística Matto Grosso: na senda do progresso	74
Figura 30 – Fotografia de Archimedes Pereira Lima à esquerda e Cássio Veiga de Sá à direita	76
Figura 31 – Diploma de CIDADÃO CUIABANO	76

Figura 32 – Diploma de Comendador da Ordem do Mérito Mato Grosso	77
Figura 33 – Mapa do Serviço aéreo Condor	78
Figura 34 – Fotografia da aeronave Junker JU 52	80
Figura 35 – Fotografia do hidroavião Dornier Wall 34	82
Figura 36 – Fotografia da construção do Campo de Aviação de Cuiabá	83
Figura 37 – Matéria jornalística sobre o voo experimental no campo de aviação de Cuiabá	83
Figura 38 – Matéria jornalística do Início da linha regular de trimotores da Condor do Rio de Janeiro para Cuiabá	84
Figura 39 – Matéria jornalística sobre A Marcha para o Oeste via Condor	85
Figura 40 – Fotografia da Residência dos Governadores	87
Figura 41 – Fotografia do Grande Hotel no ano de sua inauguração em 1941	97
Figura 42 – Matéria jornalística sobre qual nome dar-se-iam ao Hotel	99
Figura 43 – Enquete que nome dar-se ao Hotel e ao Cinema de Cuiabá	99
Figura 44 – Fotografia do Grande Hotel em fase de construção	100
Figura 45 – Propaganda do Hotel Esplanada	109
Figura 46 – Fotografia do boi com a entrega de lenha	111
Figura 47 – Matéria jornalística sobre o banquete no Grande Hotel	115
Figura 48 – Impressões da festa no Grande Hotel	116
Figura 49 – Matéria jornalística sobre a inauguração do Grande Hotel	118
Figura 50 – Matéria propagandística da Inauguração do Grande Hotel em 07 de junho de 1941	121
Figura 51 – Destaque da matéria jornalística sobre O Grande Hotel e o Governo Júlio Müller	122
Figura 52 – Matéria jornalística sobre o Grande Hotel e o Governo de Júlio Müller	122
Figura 53 – Matéria jornalística sobre a Fundação do Rotary Clube de Cuiabá	123
Figura 54 – Documento do dossiê Grande Hotel	125
Figura 55 – Fotografia do avião da Panair do Brasil Lockheed Lodestar	128
Figura 56 – Fotografia de avião DC-3	128
Figura 57 – Fotografia do Jardim Alencastro	130
Figura 58 – Fotografia do Bar de Antônio Maria	132
Figura 59 – Fotografia da Praça Ipiranga	133
Figura 60 – Propaganda do Sindicato Condor	134
Figura 61 – Fotografia da Igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito	136

Figura 62 – Fotografia da escultura de Nossa Senhora do Rosário	136
Figura 63 – Fotografia da escultura de São Benedito	137
Figura 64 – Folder do baile de abertura da Festa de São Benedito de 2017	137
Figura 65 – Fotografia de bonde puxado por burros	141
Figura 66 – Fotografia do ônibus linha Cento para o bairro do Porto.	142
Figura 67 – Modelo de ônibus que passou a fazer as linhas em Cuiabá a partir do ano de 1940	143
Figura 68 – Modelo de Ônibus em 2026	144
Figura 69 – Fotografia da Estação Alencastro	144
Figura 70 – Fotografia da Jardineira Ford 34 da Empresa Sacadura	146
Figura 71 – Mapa do trajeto de automóvel de Campo Grande (MS) para Cuiabá (MT) em 2026	147
Figura 72 – Fotografia da Lancha Guaporé	150
Figura 73 – Propaganda da Empresa de Transporte Fluvial Miguéis	150
Figura 74 – Fotografia do Navio partindo do porto de Cuiabá	151
Figura 75 – Fotografia da Secretaria Geral e Tesouro do Estado	153
Figura 76 – Fotografia da Estação de Tratamento de Água	154
Figura 77 – Fotografia da construção do reservatório de água de Cuiabá	154
Figura 78 – Fotografia do Palácio da Justiça	155
Figura 79 – Fotografia do Cine Teatro Cuiabá	156
Figura 80 – Fotografia da Ponte Júlio Müller	157
Figura 81 – Fotografia da Maternidade	158
Figura 82 – Fotografia da Estação Elevatória de Água	159
Figura 83 – Fotografia Hotel de Águas Térmicas	160
Figura 84 – Fotografia com imagens de Cuiabá à esquerda e Várzea Grande à direita, separadas, somente, pelo rio Cuiabá, na enchente de 1974	161
Figura 85 – Fotografia da fachada do Colégio Estadual de Mato Grosso	162
Figura 86 – Fotografia da Avenida Getúlio Vargas em fase inicial de sua abertura	163
Figura 87 – Fotografia das Avenida Getúlio Vargas e Grande Hotel	163
Figura 88 – Mapa com traçado da Avenida Getúlio Vargas em Cuiabá – MT	164
Figura 89 – Fotografia do Clube Esportivo Feminino	165
Figura 90 – Fotografia de festa no Clube Feminino	165
Figura 91 – Fotografia da fachada do Abrigo Bom Jesus	166
Figura 92 – Fotografia do Hotel Centro América	171

Figura 93 – Mapa do Centro Histórico de Cuiabá e região do entorno	178
Figura 94 – Mapa da cidade de Cuiabá até 1850	179
Figura 95 – Ficha com informações sobre o Grande Hotel no dossiê do tombamento	180
Figura 96 – Portaria 61/83 de 15 de novembro de 1983	181
Figura 97 – Portaria nº 61/83 de tombamento do prédio do antigo Grande Hotel, como Patrimônio Histórico e Artístico do Estado de Mato Grosso	182
Figura 98 – Publicação da Portaria nº 64/84 de 15 de novembro de 1983 de tombamento do Grande Hotel	184
Figura 99 – Portaria nº 64/84 de 15 de novembro de 1983 com correção manual do ano	184
Figura 100 – Cartão bancário do BEMAT	185
Figura 101 – Escritura de doação do prédio do Grande Hotel para a Secretaria de Cultura	186
Figura 102 – Fotografia da fachada com o nome da Secretaria Estadual de Cultura	187
Figura 103 – Parecer 12/2001 de 6 de dezembro de 2001 contrário à alteração de nomenclatura	191
Figura 104 – Fotografia do Grande Hotel à Avenida Getúlio Vargas esquina com a Rua Joaquim Murtinho	192
Figura 105 – Fotografia da fachada do Grande Hotel em restauro/retrofit	192
Figura 106 – Placa de Restauro/Retrofit do Grande Hotel	193
Figura 107 – Fotografia com vista do Grande Hotel à partir da Avenida Getúlio Vargas	194
Figura 108 – Fotografia do saguão do hotel com perspectiva da parte interna para a Avenida Getúlio Vargas	194
Figura 109 – Fotografia da entrada do Grande Hotel	195
Figura 110 – Fotografia do salão de festas	195
Figura 111 – Fotografia da escada de acesso às unidades habitacionais	196
Figura 112 – Fotografia de um corredor	196
Figura 113 – Fotografia de antiga unidade habitacional ressignificada para outros usos	197
Figura 114 – Fotografias da ligação interna entre o Grande Hotel e o Cine Teatro Cuiabá	197

Figura 115 – Fotografia deu um lustre do Grande Hotel	198
Figura 116 – Fotografia do grande Hotel na calorosa noite cuiabana	198
Figura 117 – Linha de tempo sobre o desenvolvimento político de turismo de Mato Grosso	200
Figura 118 – Fotografia de construção do antigo Aeroporto de Cuiabá	202
Figura 119 – Fotografia da fachada e parte da lateral do Santa Rosa Palace Hotel	206
Figura 120 – Fotografia da fachada do Hotel Fenícia	207
Figura 121 – Fotografia do Hotel Excelsior	208
Figura 122 – Fotografia do Alvorada Hotel	208
Figura 123 – Fotografia do edifício Maria Joaquina	210
Figura 124 – Fotografia do Edifício da O.G.T.	211
Figura 125 – Mapa das rodovias de acesso a Cuiabá na década de 1970	212
Figura 126 – Fotografia do primeiro terminal rodoviário nas décadas de 1960/70	213
Figura 127 - Fotografia do Terminal Rodoviário de Cuiabá Engenheiro Cássio Veiga De Sá	213
Figura 128 – Fotografia da parte interna do Terminal Rodoviário de Cuiabá	214
Figura 129 – Fotografia Avenida Historiador Rubens de Mendonça (Avenida do CPA) recortada pela elevação da Avenida Miguel Sutil	218
Figura 130 – Fotografia de momento de vida noturna na Avenida Getúlio Vargas	219
Figura 131 – Fotografia da Praça Pascoal Moreira Cabral	221
Figura 132 – Fotografia do Seminário de Nossa Senhora da Conceição na colina do Bom Despacho ao lado da Igreja de Nossa Senhora do Bom Despacho	222
Figura 133 – Fotografia do Santuário de Nossa Senhora do Bom Despacho 1973	223
Figura 134 – Fotografia do Santuário de Nossa Senhora do Bom Despacho 2004	223
Figura 135 – Fotografia da Igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito	224
Figura 136 – Retábulos e Altar-mór pintado a ouro da Igreja de Nossa Senhora do Rosário	225
Figura 137 – Fotografia da Catedral Metropolitana antes de 1968	226
Figura 138 – Fotografia de Catedral Metropolitana depois de 1968	226
Figura 139 – Fotografia do Estádio Governador José Fragelli – Verdão	227
Figura 140 – Fotografia da Universidade Federal de Mato Grosso	228
Figura 141 – Fotografia da fachada do Museu de Pedras Ramis Bucair	229
Figura 142 – Fotografia do Museu Rondon	230

Figura 143 – Fotografia do acervo do Museu Rondon	230
Figura 144 – Fotografia do antigo prédio da Casa do Artesão	231
Figura 145 – Fotografia do SESC Arsenal	231
Figura 146 – Cartão-postal da praia do Rio Cuiabá em Santo Antônio de Leverger	232
Figura 147 – Fotografia do Balneário de Águas Quentes	233
Figura 148 – Fotografia da Salgadeira	234
Figura 149 – Fotografia da Cachoeira do Véu de Noiva	234
Figura 150 – Fotografia de paisagem natural da Chapada dos Guimarães	235
Figura 151 – Mapa de área do Pantanal mato-grossense	235
Figura 152 – Fotografia dos peixes Pacupeba, Piranha e Curimbatá	236
Figura 153 – Fotografia aérea do Pantanal mato-grossense e Rio Paraguai na divisa dos atuais estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul	236
Figura 154 – Fotografia do Centro de Cuiabá na década de 1970	238
Figura 155 – Fotografia do Centro Histórico de Cuiabá em 2002	238
Figura 156 – Praça Dr. Alberto Nobis no Centro Histórico de Cuiabá	239
Figura 157 – Fotografia da Igreja Nosso Senhor dos Passos. Janeiro/2026	239
Figura 158 – Fotografia do Interior da Igreja Nosso Senhor dos Passos	240
Figura 159 – Fotografia da Gruta de Nossa Senhora de Lourdes	240
Figura 160 – Secretaria Municipal de Turismo em Casarão histórico	241
Figura 161 – Fotografia com detalhe de busto encimado do arco da janela da edificação	241
Figura 162 – Fotografia de imóvel constante do casario do Centro Histórico de Cuiabá	242
Figura 163 – Fotografia com foco na inscrição “Cuiabá Antiga” em uma das laterais do imóvel tombado	242

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Evolução da população de Mato Grosso de 1900 a 1975	170
Gráfico 2 – Evolução da população de Cuiabá de 1817 a 1979	170

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Subcategorias analisadas

47

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABIH — Associação Brasileira da Indústria de Hotéis
ABNT — Associação Brasileira de Normas Técnicas
ALEPH — Editora Aleph
ANPAD — Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração
APMT — Arquivo Público do Estado de Mato Grosso
BID — Banco Interamericano de Desenvolvimento
BNB — Banco do Nordeste do Brasil
CADASTUR — Cadastro de Prestadores de Serviços Turísticos
CAPES — Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CDD — Classificação Decimal de Dewey
CEPEC — Centro de Pesquisas Econômicas
CEF — Caixa Econômica Federal
CNPq — Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
COHAB — Companhia de Habitação Popular
COMTUR — Conselho Municipal de Turismo
DOU — Diário Oficial da União
EdUFMT — Editora da Universidade Federal de Mato Grosso
EMBRATUR — Instituto Brasileiro de Turismo
FGV — Fundação Getúlio Vargas
FIENT — Federação das Indústrias do Estado de Mato Grosso
FUNAI — Fundação Nacional dos Povos Indígenas
IBGE — Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICHS — Instituto de Ciências Humanas e Sociais
ICOMOS — International Council on Monuments and Sites
IEAPM — Instituto de Estudos do Mar Almirante Paulo Moreira
IGC — Instituto de Geociências
IHGB — Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro
IHGMT — Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso
IPHAN — Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
JU — Junkers
MEC — Ministério da Educação

MS — Mato Grosso do Sul

MT — Mato Grosso

MTur — Ministério do Turismo

MUSEAR — Museu Rondon de Etnologia e Arqueologia da UFMT

OMT — Organização Mundial do Turismo

ONU — Organização das Nações Unidas

PAC — Programa de Aceleração do Crescimento

PCH — Programa de Cidades Históricas

PDF — Portable Document Format

PIB — Produto Interno Bruto

PNMT — Programa Nacional de Municipalização do Turismo

PRODETUR — Programa de Desenvolvimento do Turismo

SEC — Secretaria de Estado de Cultura

SEBRAE — Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

SEDEC-MT — Secretaria de Estado de Desenvolvimento Econômico de Mato Grosso

SENAC — Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial

SENAI — Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

SESC — Serviço Social do Comércio

SESI — Serviço Social da Indústria

SISBAM — Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade Anhembi Morumbi

SPHAN — Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

SUDECO — Superintendência de Desenvolvimento do Centro-Oeste

SUDAM — Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia

UFMG — Universidade Federal de Minas Gerais

UFMT — Universidade Federal de Mato Grosso

UNESCO — Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

USP — Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	20
2 O LOCUS DA PESQUISA TEÓRICA-EMPÍRICA	28
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	38
3.1 CARACTERIZAÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA	42
3.2 PROCEDIMENTO DE COLETA E ANÁLISE DE DADOS	45
4 A CONFIGURAÇÃO DO SETOR DE TURISMO DE CUIABÁ – MATO GROSSO NA DÉCADA DE 1930	49
4.1 RESIDÊNCIA DOS GOVERNADORES	87
5 A TRAJETÓRIA HISTÓRICA DO GRANDE HOTEL, SUAS FUNÇÕES TURÍSTICAS E DE HOSPITALIDADE COMERCIAL	89
5.1 A CONSTRUÇÃO DO GRANDE HOTEL	100
5.2 AS TELHAS DA COBERTURA DO GRANDE HOTEL	108
5.3 OS PRIMEIROS MOMENTOS DE CÁSSIO VEIGA DE SÁ EM CUIABÁ (MT)	108
5.4 UMA REPÚBLICA EM CUIABÁ	110
5.5 INAUGURAÇÃO DO GRANDE HOTEL E O TURISMO DE NEGÓCIOS	113
5.6 FESTA DE SÃO BENEDITO	134
5.7 OS TRANSPORTES NA CIDADE VERDE	140
5.8 A CONSTRUÇÃO DAS DEMAIS OBRAS OFICIAIS	152
5.9 SECRETARIA GERAL	153
5.10 ESTAÇÃO DE TRATAMENTO DE ÁGUA	153
5.11 PALÁCIO DA JUSTIÇA	154
5.12 CINE TEATRO CUIABÁ	155
5.13 PONTE SOBRE O RIO CUIABÁ	157
5.14 MATERNIDADE	158
5.15 ESTAÇÃO ELEVATÓRIA DE ÁGUA	158
5.16 HOTEL DAS ÁGUAS QUENTES	159
5.17 USINA DE PASTEURIZAÇÃO DE LEITE	160
5.18 COLÉGIO ESTADUAL	161
5.19 PAVILHÃO DE EXPOSIÇÃO AGROPECUÁRIA	162
5.20 AVENIDA PRESIDENTE GETÚLIO VARGAS	162
5.21 O CLUBE ESPORTIVO FEMININO	164
5.22 ABRIGO BOM JESUS	166
5.23 MATO GROSSO E CUIABÁ EM CRESCIMENTO	166
6 RELAÇÕES ENTRE O GRANDE HOTEL, MEMÓRIA DA CIDADE E AS POLÍTICAS PÚBLICAS DE PATRIMÔNIO	173
7 O TURISMO E O CRESCIMENTO DO SETOR HOTELEIRO PÓS OCASO DO GRANDE HOTEL	200
7.1 PRAÇA PASCOAL MOREIRA CABRAL	221
7.2 SEMINÁRIO DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO	222

7.3 SANTUÁRIO EUCARÍSTICO NOSSA SENHORA DO BOM DESPACHO	223
7.4 A IGREJA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO E SÃO BENEDITO	224
7.5 A BASÍLICA DO SENHOR BOM JESUS DE CUIABÁ	226
7.6 O ESTÁDIO GOVERNADOR JOSÉ FRAGELLI	227
7.7 A UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO (UFMT)	227
7.8 O MUSEU DE PEDRAS	228
7.9 MUSEU RONDON	229
7.10 A CASA DO ARTESÃO	231
7.11 AS PRAIAS DOS RIOS CUIABÁ E COXIPÓ	232
7.12 O BALNEÁRIO DE ÁGUAS QUENTES	233
7.13 A SALGADEIRA	233
7.14 CHAPADA DOS GUIMARÃES	234
7.15 PANTANAL	235
7.16 CENTRO HISTÓRICO DE CUIABÁ	237
8 RESULTADO E DISCUSSÕES	245
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS	249
REFERÊNCIAS	252
ANEXOS – PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE O GRANDE HOTEL E O TURISMO CUIABANO NO CATÁLOGO DA CAPES (2024)	265

1 INTRODUÇÃO

A presente tese sobre o papel histórico do Grande Hotel para o desenvolvimento do turismo de negócios de Cuiabá (MT) – BRASIL, analisa e interpreta o Grande Hotel como expoente que contribuiu para o desenvolvimento do turismo de negócios da capital bem como o processo de patrimonialização do equipamento turístico e sua importância para a memória da cidade.

A motivação para a pesquisa teve, como principal fundamentação, o problema referente à produção científica sobre o referido estabelecimento hoteleiro com enfoque em sua importância para o desenvolvimento do turismo de negócios, no período em que esteve em funcionamento em Cuiabá – Mato Grosso, de 1941 a 1960, e seus desdobramentos *à posteriori*, demonstrando ser lacuna ainda por ser preenchida. Soma-se a isso o fato de que desenvolvi pesquisa, em meu mestrado, sobre o Cine Teatro Cuiabá, obra contígua ao Grande Hotel com interconexão funcional dos estabelecimentos, não restando dúvidas da importância de analisar e interpretar o papel histórico do Grande Hotel, tombado como Patrimônio Histórico Estadual, para o desenvolvimento do segmento de turismo de negócios de Cuiabá (MT), por meio de produção documental advinda de pesquisa científica.

A fundamentação teórica sobre a definição de Turismo de Negócios ampara-se na Organização Mundial do Turismo (ONU Turismo) que define esse segmento como um “[...] tipo de atividade turística em que os visitantes viajam para um local fora de seu local de trabalho e residência com um propósito profissional e/ou comercial específico, visando participar de uma reunião, atividade ou evento” (ONU Turismo, 2026) e, em Goeldner e Ritchie (2006), para a conceituação de turistas de negócios.

Os autores consideram turistas de negócios as pessoas cujo motivo de viagem relaciona-se a alguma atividade profissional, incluindo os partícipes de conferências de negócios ou convenções. Esses profissionais que viajam a trabalho, utilizam, na maioria das vezes, dos meios de hospedagens nas localidades de destino, a exemplo do Grande Hotel que desempenhou essa função de hospitalidade comercial para os turistas de negócios nas décadas de 1940, 1950 e início dos anos 1960.

O Grande Hotel ocupa posição singular na história da cidade de Cuiabá, não apenas por sua arquitetura, mas por sua imbricação com a política; a sociedade; a cultura; seus valores simbólicos e suas funções de hospitalidade, turística e econômica. Hotéis, frequentemente, funcionam como espaços de sociabilidade,

representação social e de articulação entre modernidade, práticas culturais e fluxos turísticos, para além das suas funções precípuas de hospitalidade.

Apesar disso, há ausência de estudo científico sobre o papel histórico do Grande Hotel para o desenvolvimento do turismo de negócios da capital. A carência de pesquisa dessa natureza gera uma lacuna na compreensão desse segmento – Turismo de Negócios – na história da cidade.

Diante dessa realidade e considerando o Grande Hotel como um marco importante: do segmento do turismo de negócios e da hospitalidade comercial cuiabana; da consolidação de Cuiabá como capital do estado; da materialização da política de Marcha para o Oeste, implementada pelo Estado Novo, alvissareira da modernização da capital do Estado de Mato Grosso, e do desenvolvimento do turismo de negócios, a pergunta que orienta esta tese é:

De que maneira o Grande Hotel contribuiu para o desenvolvimento do turismo de negócios de Cuiabá (MT)? Este questionamento orienta o cerne da pesquisa sobre o papel histórico do Grande Hotel para o desenvolvimento do turismo de negócios de Cuiabá, onde busca-se analisar e interpretar como isso processou-se e suas contribuições para o setor de turismo e o desenvolvimento da cidade.

A presente investigação exprime como objetivo geral analisar e interpretar o papel histórico do Grande Hotel para o desenvolvimento do turismo de negócios de Cuiabá (MT). E, como objetivos específicos: apresentar a configuração do setor de turismo de Cuiabá (MT) na década de 1930; examinar a trajetória histórica do Grande Hotel, destacando suas funções de hospitalidade comercial e turísticas no contexto urbano de Cuiabá; investigar as relações entre o Grande Hotel, memória da cidade e as políticas públicas de patrimônio, incluindo ações de preservação, usos, ressignificações e narrativas oficiais; analisar as contribuições do legado do Grande Hotel para o setor de turismo e o desenvolvimento da cidade nas décadas de 1960 e 1970.

A pesquisa delimita-se no período de 1930 a 1970. Este recorte temporal deve-se por abranger a época anterior à da existência do Grande Hotel, que foi inaugurado em 1941, seu período de funcionamento de 1941 a 1960, e duas décadas posteriores ao encerramento de suas atividades hoteleiras.

A década de 1930 representa o período imediatamente anterior ao da inauguração do Grande Hotel, época em que as bases para que o hotel existisse, foram criadas.

O período de 1941 a 1960 marca o início da operacionalização efetiva do equipamento hoteleiro e do período em que tornou-se um dos símbolos de modernização da cidade; da consolidação de Cuiabá como capital do estado e polo político, administrativo e turístico de Mato Grosso; de referência em meio de hospedagem e, principalmente, de equipamento de hospitalidade para o desenvolvimento do turismo de negócios de Cuiabá (MT).

Em sequência, as décadas de 1960 e 1970 abrangem o período posterior ao fim das atividades de hospitalidade comercial, cujas consequências, de seu período de funcionamento, puderam ser observadas no desenvolvimento da cidade, mas, principalmente, do setor de turismo.

As análises concentraram-se no contexto histórico de Cuiabá, do Estado de Mato Grosso e do Brasil durante o período do recorte temporal da pesquisa; na relevância do Grande Hotel para a hospitalidade comercial e para o desenvolvimento do turismo de negócios da Cidade Verde, epíteto de Cuiabá; na patrimonialização do Grande Hotel como um dos expoentes para manter viva a memória da cidade e nos desdobramentos para o setor de turismo e para o crescimento da cidade do período em que o Grande Hotel esteve em funcionamento.

Em termos metodológicos, refere-se a uma pesquisa qualitativa, por tratar-se de abordagem que busca analisar o papel histórico do Grande Hotel no desenvolvimento do turismo de negócios de Cuiabá (MT), por meio de ações descritivas, analíticas e interpretativas do contexto histórico e das imbricações do Grande Hotel com o turismo de negócios da cidade.

A natureza desta pesquisa é básica por gerar novos conhecimentos teóricos e avanços na área de Ciências Sociais Aplicadas sem aplicação imediata, servindo de base para outras análises e novas perspectivas sobre o Grande Hotel e o Turismo de Negócios de Cuiabá – MT, questões patrimoniais e a memória da cidade a ele vinculadas.

O método é exploratório, pois tem como foco investigativo tema pouco compreendido, de formulação ainda imprecisa e com literatura com muitas lacunas, por meio do qual levantou-se informações advindas das fontes, analisaram-se e interpretaram-se os dados com espaço para que os resultados possam servir para futuras pesquisas. No que diz respeito aos procedimentos de pesquisa, caracteriza-se por ser bibliográfica e documental a fim de que pudesse juntar, sumariar, analisar e interpretar dados relevantes que embasaram a investigação para a consecução do

objetivo geral da tese.

A produção de conhecimento desta pesquisa valeu-se do método histórico-hermenêutico, ancorado nos pressupostos teóricos metodológicos de Michel de Certeau (1925-1986) em sua obra *A Escrita da História* (2011).

Assim, o Grande Hotel pode ser objeto de pesquisa uma vez que o conhecimento histórico do setor de turismo e hospitalidade representa potencial de negócios para a própria ampliação do turismo.

Pesquisar sobre o Grande Hotel, relacionando-o ao desenvolvimento do turismo de negócios, com imbricações políticas, sociais, culturais e demais setores da economia ancorado no método histórico-hermenêutico, mostra-se importante, pois, “[...] os espaços não podem ser estudados como se os objetos contidos na paisagem guardassem em si mesmos sua própria explicação, o que exige a consideração dos processos geradores das formas [...]” (Pereira, 2015, p. 511), de tal maneira que, esta pesquisa sobre o Grande Hotel e suas imbricações com desenvolvimento do turismo de negócios de Cuiabá (MT), manterá estreita ligação com questões pertinentes ao contexto histórico da cidade, inserida nas políticas de desenvolvimento urbano e do turismo.

A estrutura da tese foi organizada para apresentar, de maneira abrangente, o papel histórico do Grande Hotel para o desenvolvimento do turismo de negócios de Cuiabá (MT) – BRASIL. Encontra-se organizada em nove seções, desdobradas da seguinte forma:

Seção 1 — Introdução.

Seção 2 — O locus da pesquisa Teórico-empírica: Esta seção caracteriza o município de Cuiabá, Mato Grosso, tomado como *locus* teórico-empírico desta pesquisa. Para a consecução desta finalidade, fez-se a apresentação de aspectos geográficos, históricos, socioeconômicos e políticos, com introdução de análise das questões pertinentes ao turismo e à hospitalidade, em processo de localização e contextualização do objeto da pesquisa, que permitem a compreensão e a interpretação destes aspectos, tomados de maneira integrada na análise científica constante desta pesquisa.

Seção 3 — Procedimentos Metodológicos: Nesta seção inscreve-se o rigor metodológico da pesquisa, detalhados os caminhos trilhados da investigação científica na busca de resposta ao problema da pesquisa. Descrevem-se o objetivo geral e os objetivos específicos; a metodologia qualitativa; o método histórico-

hermenêutico; o problema de pesquisa; a tipologia das fontes; as técnicas de pesquisa empregadas; a caracterização do objeto de pesquisa; os instrumentos de coleta de dados e os procedimentos de análise.

Seção 4 — A configuração do setor de turismo de Cuiabá – Mato Grosso na década de 1930: Nesta seção procura-se apresentar a configuração do setor de turismo de Cuiabá (MT) na década de 1930, década imediatamente anterior à da construção do Grande Hotel. Embasa-se em fundamentação teórica, a partir dos estudos sobre o turismo com enfoque geográfico até consideração sobre turismo de negócios. Procede-se às pesquisas sobre a infraestrutura de acesso à capital; a infraestrutura básica da cidade; a infraestrutura de apoio ao turista na Cidade Verde bem como a infraestrutura turística local. Situadas no contexto histórico da década de 1930, foram iniciadas as discussões sobre as construções das Obras Oficiais, especialmente do Grande Hotel; a importância de Cássio Veiga de Sá como engenheiro responsável pela obra e a relevância de sua obra-prima como fonte primária de pesquisa sobre o objeto Grande Hotel e o turismo de negócios de Cuiabá (MT).

Seção 5 — A trajetória histórica do Grande Hotel, funções turísticas e de hospitalidade comercial: Nesta seção examina-se a trajetória histórica do Grande Hotel com ênfase em sua importância para o desenvolvimento do turismo de negócios da capital mato-grossense. Procura-se destacar sua posição singular na história da cidade em conexão com a política, a sociedade, a cultura, seus valores simbólicos e suas funções turísticas e de hospitalidade comercial, no contexto urbano de Cuiabá. Nesse processo, investiga-se o equipamento turístico como: parte do conjunto de Obras Oficiais do Governo do Estado de Mato Grosso, edificado com recursos federais, que contribuiu para o desenvolvimento do turismo de negócios com a construção do mesmo; integrante das obras construídas com o objetivo de modernizar Cuiabá, em alinhamento a política federal de desenvolvimento do interior por meio da Marcha para o Oeste promovida por Getúlio Vargas, e contribuinte para consolidação de Cuiabá como capital do Estado de Mato Grosso.

Seção 6 — Relações entre o Grande Hotel, memória da cidade e as políticas públicas de patrimônio: Nesta seção procura-se investigar as relações entre o Grande Hotel, a memória da cidade e as políticas públicas de patrimônio, incluindo ações de preservação, usos, ressignificações e narrativas oficiais. Para a consecução desse objetivo procede-se às análises e às interpretações dos dados

pesquisados na documentação relativa ao tombamento do Grande Hotel como Patrimônio Histórico e Artístico do Estado de Mato Grosso, por meio da Portaria 61/84, publicada no Diário Oficial do Estado de Mato Grosso dia 09 de janeiro de 1984 e demais documentos constantes no dossiê Grande Hotel.

Seção 7 — O TURISMO E O CRESCIMENTO DO SETOR HOTELEIRO PÓS OCASO DO GRANDE HOTEL — Nesta seção analisa-se as contribuições do legado do Grande Hotel para o setor de turismo e o desenvolvimento da cidade nas décadas de 1960 e 1970. Examina-se os investimentos governamentais e da iniciativa privada em infraestrutura urbana, infraestrutura de acesso, infraestrutura básica urbana, infraestrutura de apoio e infraestrutura turística e demonstra-se os principais atrativos naturais e culturais da cidade e do Estado de Mato Grosso no período.

8 Análises e discussões — Nesta seção analisa-se e interpreta-se o papel histórico do Grande Hotel para o desenvolvimento do turismo de negócios de Cuiabá. Em ação subsidiada pelo método histórico-hermenêutico e ancorada na fundamentação teórica da área de Turismo e Hospitalidade, para a análise e a interpretação das diversas fontes da pesquisa, busca-se responder à pergunta da pesquisa e a consecução do objetivo geral da tese.

9 Considerações Finais — Nesta seção textual apresentam-se reflexões sobre a produção decorrente das análises e interpretações dos dados da pesquisa, afirmando-se a validação do método histórico-hermenêutico para este trabalho da área de Ciências Sociais Aplicadas. Constan, também, as inferências que a pesquisa proporcionou, por meio de análise e interpretação das fontes, sobre o papel histórico do Grande Hotel para o desenvolvimento do turismo de negócios de Cuiabá (MT), sua patrimonialização e importância para a memória da cidade.

Para confirmar a relevância, a originalidade e o ineditismo desta pesquisa, buscou-se a produção científica sobre o Grande Hotel e o turismo cuiabano e mato-grossense junto ao Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES (2024), englobando todo o período e regiões que a base de consulta disponibiliza. O resultado desta busca consta do elemento pós-textual Anexos desta tese, contendo o título do trabalho, autor(a)/ano, nível, Instituição Superior vinculada, Unidade da Federação e área do conhecimento, sendo apresentado na ordem em que os trabalhos foram disponibilizados na plataforma. Ainda, foi consultada, *in loco*, a base de dados da hemeroteca da Biblioteca da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT, não encontrando trabalhos com os termos Grande Hotel e Turismo.

Apesar de haver publicações como as demonstradas nos anexos, que trazem importantes contribuições para à área de Turismo e Hospitalidade, verificou-se que a produção sobre o Grande Hotel, com enfoque no turismo de negócios na cidade de Cuiabá, nas décadas de 1930 a 1970, demonstra ser lacuna ainda por ser preenchida.

A importância do tema sublinha-se, pois, o Grande Hotel, inaugurado na década de 1940, veio a ser importante expoente da hospitalidade comercial e desenvolvimento do turismo de negócios na capital.

Inserido no contexto político do Estado Novo e sua política de Marcha para o Oeste, foi produto dessa política desenvolvimentista da região e das primeiras políticas federais voltadas para o desenvolvimento do turismo e, consequente, fomento ao progresso de Cuiabá, do Mato Grosso e do Brasil.

Como um dos expoentes dessa política em Mato Grosso contribuiu, também, para a consolidação de Cuiabá como a capital do estado, que estava sob severas críticas quanto à sua permanência como tal, proferidas pela elite política do sul do estado, os mudancistas.

Desse modo, a pesquisa sobre o Grande Hotel reveste-se de importância histórica e turística. Mostra-se relevante por tratar de um empreendimento turístico fundamental que se tornou um marco para a hotelaria e para o turismo de negócios da capital.

Dotara a cidade de meio de hospedagem forjado com o que de melhor se dispunha em equipamentos hoteleiros e condições técnicas e tecnológicas de conforto e luxuosidade, comparáveis aos padrões que se tinham no Rio de Janeiro e em São Paulo, este hotel tornaria-se indispensável para a recepção dos turistas, principalmente os de negócios, que aportaram em Cuiabá para firmar projetos de desenvolvimento não só da Capital, mas de todo o estado de Mato Grosso.

Assim, a pesquisa pretende contribuir com a produção científica sobre o papel histórico do Grande Hotel para o desenvolvimento do turismo de negócios de Cuiabá (MT) que poderá ser acessada por agentes públicos, empresários, integrantes do setor de turismo e hospitalidade, pesquisadores e acadêmicos interessados em compreender a importância do Grande Hotel e sua conexão com o desenvolvimento do turismo de negócios, a patrimonialização e a memória da cidade.

Em 2025 “Cuiabá passou a integrar a lista dos 50 destinos turísticos mais promissores do país no Índice de Viagem e Turismo Brasil (IVT) 2026 [...]” (Rojane, 2026, n.p.). Posicioná-la entre os 50 destinos turísticos reconhece “[...] a capital como

cidade estratégica e hub logístico para o turismo regional, leitura que tende a aumentar a visibilidade do destino para investidores, operadoras e viajantes” (Rojane, 2026, n.p.). De acordo com Maria Letícia Arruda (2026), Secretária Adjunta de Turismo da Secretaria de Estado de Desenvolvimento Econômico (SEDEC-MT), “O turismo de negócios e eventos é um dos grandes motores da economia, inclusive na capital” (Arruda, 2026, n.p.). Observada a dimensão do turismo e, especialmente, do turismo de negócios para o desenvolvimento do município de Cuiabá (MT), considera-se que a produção científica em questão mostra-se relevante, pertinente e adequada.

2 O LOCUS DA PESQUISA TEÓRICA-EMPÍRICA

Esta seção objetiva pormenorizar o município de Cuiabá, capital do Estado de Mato Grosso, tomado como *locus* teórico-empírico. Para a consecução desta finalidade fez-se a apresentação de aspectos geográficos, históricos, socioeconômicos e políticos, com introdução de análise às questões pertinentes ao turismo e a hospitalidade, em processo de localização e contextualização do objeto da pesquisa que permitem a compreensão e a interpretação destes aspectos, tomados de maneira integrada na análise científica. Abaixo, Figura 1, a localização de Cuiabá no atual mapa do Brasil.

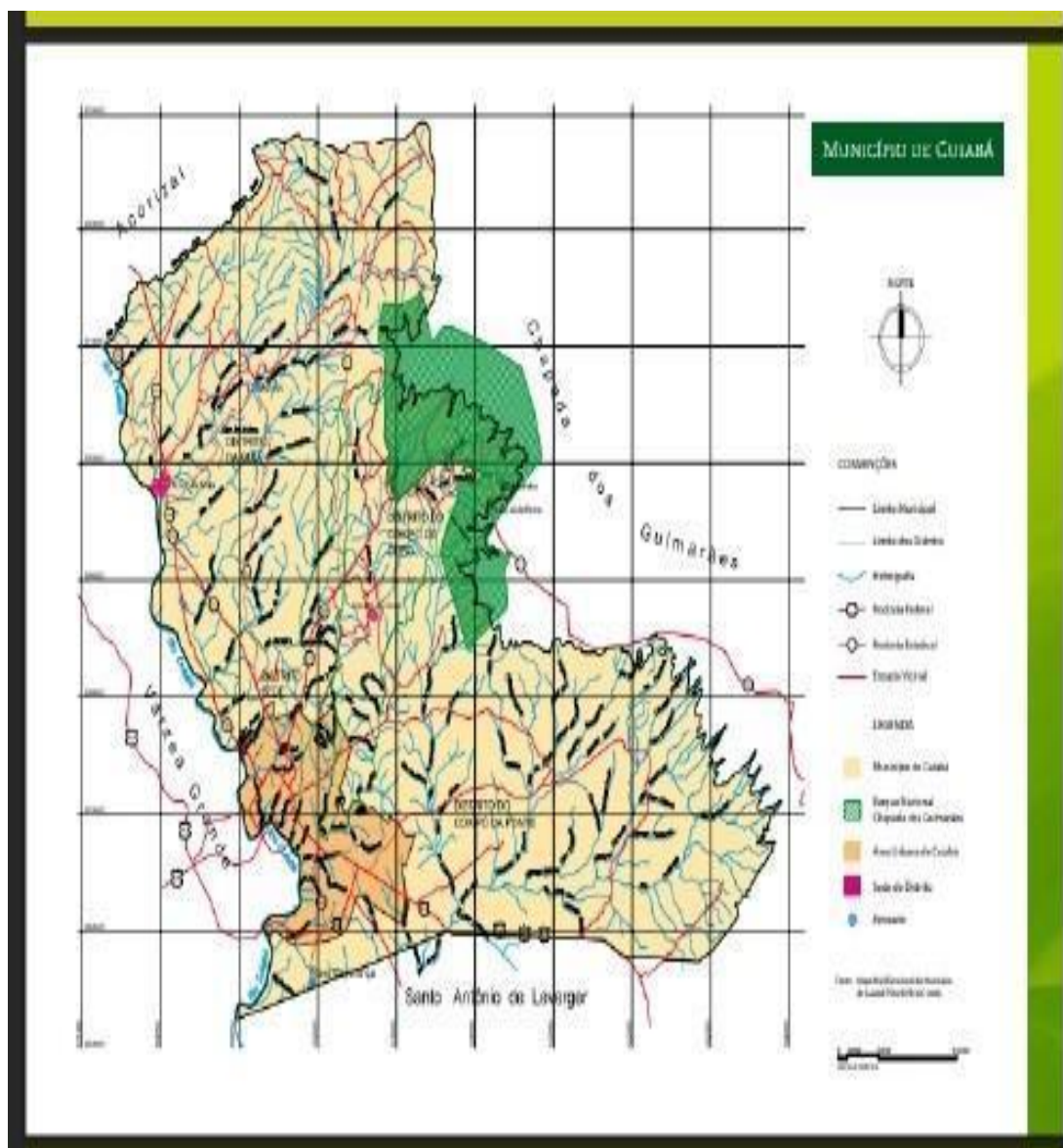
Figura 1 – Mapa da localização geográfica de Cuiabá



Fonte: Prefeitura Municipal de Cuiabá (2007).

No mapa a seguir, Figura 2, observa-se o município de Cuiabá; o limite municipal; limites dos distritos; hidrografia; rodovias federais e estaduais, estradas vicinais e a área urbana da capital.

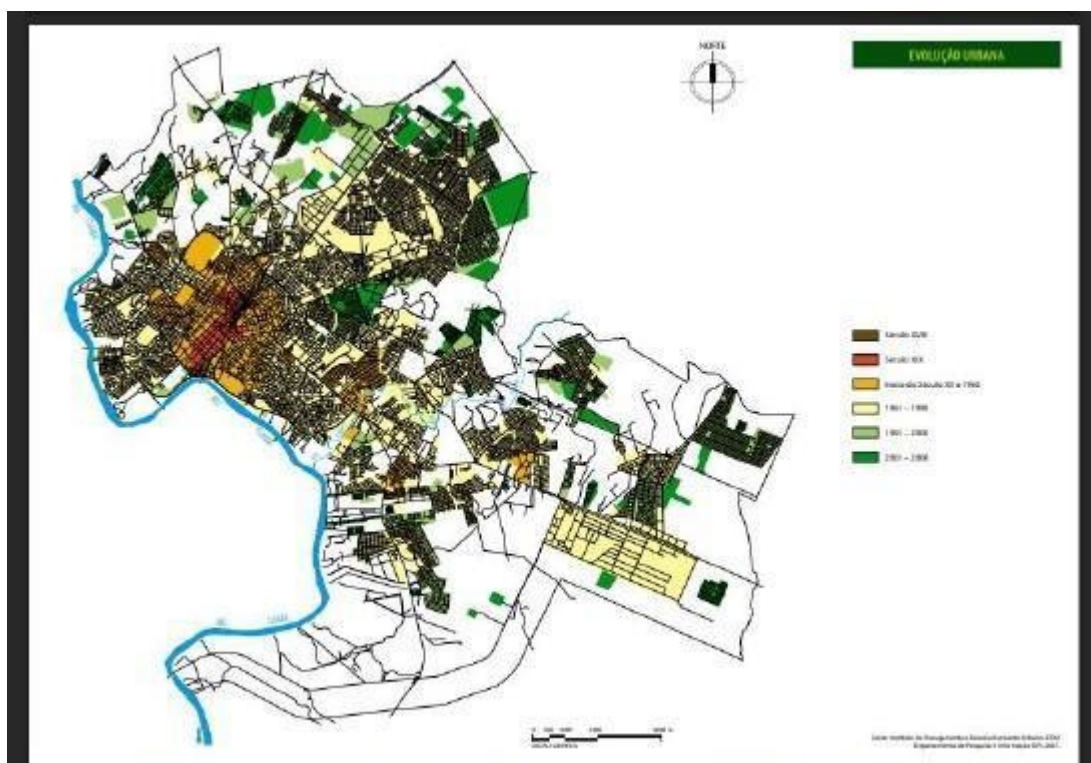
Figura 2 – Mapa do Município de Cuiabá



Fonte: Prefeitura Municipal de Cuiabá (2007).

Na ilustração 3, tem-se o mapa da evolução urbana de Cuiabá, onde observa-se a substancial expansão do tecido urbano, a partir dos anos 1960, resultante do aumento populacional e de todo o processo de desenvolvimento, que atingiu mais força, à partir do final dos anos 1930, com as Obras Oficiais e as políticas desenvolvimentistas do oeste brasileiro.

Figura 3 – Mapa da evolução urbana de Cuiabá

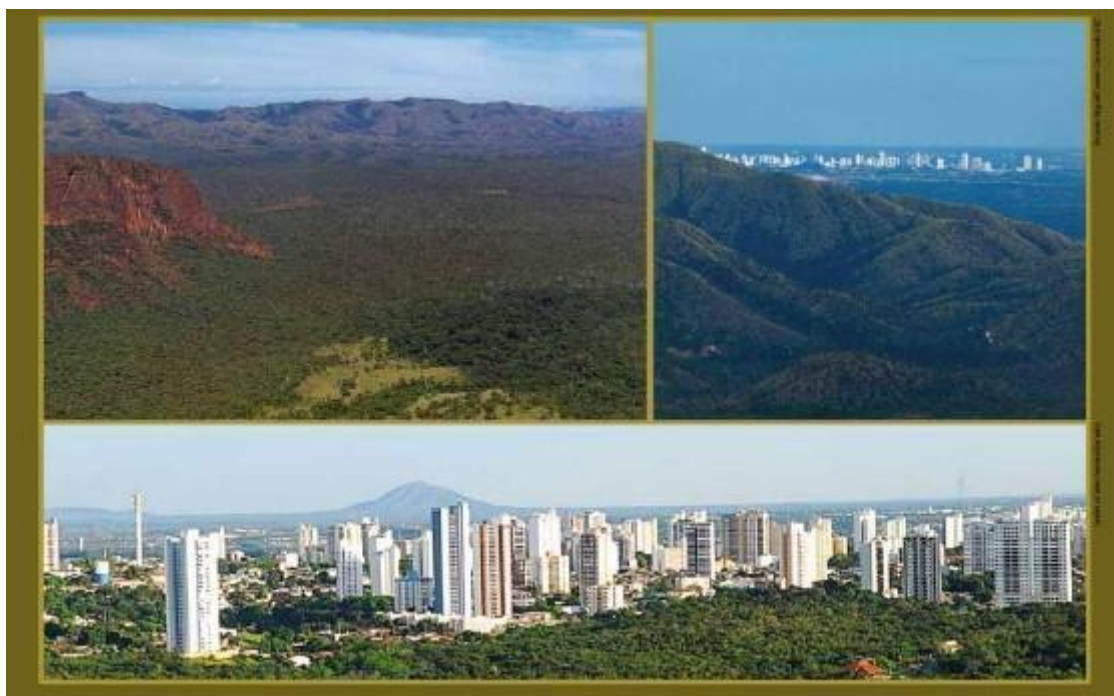


Fonte: Prefeitura Municipal de Cuiabá (2009).

Cuiabá localiza-se na região Centro-Oeste brasileira. Com coordenadas aproximadas de 15°35"S e 56°06"O, encontra-se no centro geodésico da América do Sul. Possui clima tropical com estações quentes e chuvosas (outubro a abril) e quentes e secas (maio a setembro), onde apresenta altas temperaturas ao longo do ano, que podem ultrapassar os 40°.

O relevo do município é caracterizado pela Depressão Cuiabana, como ilustrado na Figura 4, definida por áreas de baixa altitude (média de 200 a 259 metros, com mínima de 150 e máxima de 400 metros), apresentando formação plana ou suavemente ondulada. A maior parte do território compõe-se de vegetação típica do cerrado brasileiro com hidrografia preponderante da Bacia do Alto Paraguai, com rios perenes, como o Rio Cuiabá e o Rio Coxipó, que banham o perímetro urbano.

Figura 4 – Fotografia do relevo de Cuiabá



Fonte: Prefeitura Municipal de Cuiabá (2009).

A capital do Estado de Mato Grosso, cidade em que ergueu-se o Grande Hotel, teve sua fundação em 08 de abril de 1719, pelo bandeirante paulista Pascoal Moreira Cabral, quando aquelas terras ainda faziam parte da Capitania de São Paulo e Minas do Ouro, momento em que as fronteiras entre as Américas Portuguesa e Espanhola não eram consolidadas como na atualidade.

Descobertas auríferas na região do Cuiabá e de Vila Bela exigiram maior controle da arrecadação do ouro destinado à Coroa Portuguesa, o que ensejou o desmembramento territorial da Capitania de São Paulo e a criação da Capitania de Mato Grosso (1748 – 1822) em 09 de maio de 1748. Em 28 de agosto de 1835, Cuiabá foi alçada à condição de capital da Província de Mato Grosso (1822 – 1889).

O acesso à Capitania de Mato Grosso era eminentemente por via fluvial. Neste sentido, são esclarecedoras as palavras de Ricardo Silveira Castor:

Por mais de dois séculos, a navegação fluvial representou o principal meio de ligação dos mato-grossenses com o mundo exterior. Como que partindo esse mundo em dois, um extenso divisor de águas formado pelos Planaltos dos Parecis e dos Guimarães corta a região central do estado, entre afluentes da bacia Amazônica, ao norte, e da bacia Platina, ao sul. Das hidrovias platinas dependiam os contatos com os centros mais populosos do sudeste brasileiro, dos países do Cone Sul e além-mar. Pelos rios Paraná, Paraguai e Cuiabá [...] [tanto chegavam os bandeirantes e manufaturas como se escoava] sua produção aurífera (Castor, 2013, p. 9-10).

Desta feita, era por via fluvial que vinham os principais produtos alimentícios que abasteciam a região das minas. Monções traziam o que de mais necessário fazia-se para a manutenção dos que na Vila Real do Senhor Bom Jesus do Cuiabá tinham morada permanente ou temporária. Complementarmente à rota fluvial, Alcir Lenharo (1982, p. 9) esclarece que a partir de 1730 houve a abertura de um caminho por terra ligando Cuiabá a Goiás, “[...] que servia às zonas distantes de mineração e as punham em contato com o litoral”.

Apesar de a região sul do estado não possuir a riqueza fugaz das minas de ouro, que descobriram-se tanto na região da baixada cuiabana quanto de Vila Bela, ouro esse que trazia migrantes tanto para o trabalho na mineração, como em atividades necessárias para a manutenção do garimpo e sobrevivência dos arraiais, sua proximidade com São Paulo e boa qualidade do solo somados ao clima mais ameno, favoreceram a fixação dos migrantes e o desenvolvimento da economia local.

Como exemplo de sucesso das atividades da região sul do estado teve-se a Companhia Matte Laranjeira que monopolizou a extração da erva mate no estado em fins do século XIX. Possuía sua própria ferrovia; exportava para o exterior e possuía acionistas que iam desde bancos como o Banco Rio Branco até famílias endinheiradas do estado. A companhia enriqueceu tanto que chegou a emprestar dinheiro para o Estado de Mato Grosso.

Com o advento do Estado Novo e a política de centralização de poder, em 1943 cessaram as concessões territoriais à Companhia Matte Laranjeira no Brasil. Apesar dessa cessação; os negócios auferidos ao longo dos anos de funcionamento; somados às outras atividades comerciais; ao aumento das fazendas de gado; lavouras e a ligação pela Noroeste do Brasil entre Bauru e Corumbá, favoreceram o desenvolvimento tanto de Campo Grande como o de Corumbá.

Essa conjuntura ensejou o surgimento da elite político-econômica sulista que iniciou o movimento mudancista insuflado contra a permanência de Cuiabá como capital do Estado de Mato Grosso. Os mudancistas eram compostos por essa elite, muito mais ligada à própria região sul do estado e seus negócios com São Paulo do que com a capital.

Eles desejavam a mudança da capital para Campo Grande e criticavam a manutenção da Cidade Verde (Cuiabá) com este *status*. De acordo com Cássio Veiga de Sá, que esteve inserido na consecução das Obras Oficiais em Cuiabá:

Havia no início das Obras Oficiais um movimento mudancista provocado pelos Matogrossense [sic] do Sul que pretendiam mudar a capital do Estado para Campo Grande, alegando que Cuiabá não tinha condições básicas para ser a capital do Estado. Campo Grande, diziam os mudancistas, era ligada a São Paulo e Rio de Janeiro por estrada de ferro, enquanto que a Cidade Verde só podia valer-se da via fluvial para transporte de cargas e passageiros. Por falta de um campo de aviação só podia contar com um hidro-avião [sic] de quatro lugares enquanto que em Campo Grande pousava o JU de 18 lugares. Além dessa deficiência de ligações aos grandes centros, **não possuía edifícios para instalar o governo e nem mesmo um hotel para receber os visitantes.** Essas primeiras obras já deveriam suprir as deficiências então existentes relativas à construção e foi sem dúvida Julio [sic] Müller que na continuidade das Obras Oficiais realizadas em seu governo fez desaparecer o movimento mudancista, e os cuiabanos puderam dizer Cuiabá Capital eterna de Mato Grosso (Sá, 1980, p. 82, grifo nosso).

Portanto, para poder embasar um discurso de mudança da capital para Campo Grande, os defensores da causa sopesaram a questão de a cidade de Cuiabá não possuir nem **“mesmo um hotel para receber os visitantes”**. Essa marcação discursiva evidencia a importância que almejava-se destacar a um equipamento turístico fundamental: o hotel.

Não é verdade que Cuiabá não possuía hotéis no início dos anos 40, contudo, os meios de hospedagem apresentavam padrões muito aquém dos já praticados por alguns estabelecimentos hoteleiros em Campo Grande, em São Paulo e no Rio de Janeiro, vindo a ser um dos motivos para a negação da existência deste equipamento turístico na Cidade Verde.

Portanto, para os mudancistas, não possuir um hotel com padrões comparáveis aos de Campo Grande e outras capitais era mais uma condição que desqualificava Cuiabá como merecedora de ser a capital e, por outro lado, para os que defendiam a consolidação, construir o Grande Hotel, em lugar destacado na geografia da cidade, com arquitetura grandiosa e dotado do que de melhor se tinha em materiais de construção, inovação tecnológica e confortabilidade para os futuros hóspedes, para além de atender a política de desenvolvimento do turismo do Estado Novo, contribuiria para solapar o discurso mudancista sulista, transformando-se em empreitada *sine qua non* para a elite política cuiabana ligada a Getúlio Vargas.

Em contraposição a esse crescimento econômico do sul do estado, a região centro-norte de Mato Grosso não teve a mesma sorte, pois, o extrativismo mineral não fixava o garimpeiro à região como acontecia no sul com o modelo de desenvolvimento das fazendas de pecuária. Exauridas as jazidas de ouro, os garimpeiros buscavam outros veios em outras regiões, sejam no Mato Grosso ou fora dele como em Goiás,

restando aos poucos que ficavam a agricultura de subsistência ou a pecuária extensiva.

Cuiabá inseriu-se na região cuja mineração não reverberou no enriquecimento de grande parte da população e da cidade. No alvorecer do século XX mantinha, como firmação de seu passado colonial, um conjunto de casas simples de adobe entre ruas tortuosas e estreitas iluminadas por lampiões a querosene e cujo abastecimento de água dava-se por meio de tanques e chafarizes em suas praças (Siqueira *et al.*, 2006).

Com a ascensão de Getúlio Vargas ao poder nos anos 1930, mas principalmente com o advento do Estado Novo (1937 - 1945); a nomeação do governador Júlio Müller como Interventor Federal em Mato Grosso (1937 – 1945) e de seu irmão Filinto Müller para a chefia da Polícia Política do Governo Federal (1933-1942) os ventos de mudança começaram a soprar desfavoráveis a Campo Grande em suas pretensões para vir a ser a capital do estado em detrimento a Cuiabá.

O Interventor Federal Júlio Müller, dentre outras ações, conseguiu, junto ao Governo Federal no Rio de Janeiro, um empréstimo no Banco do Brasil para liquidação da dívida com a Companhia Erva Mate Laranjeira, que corroía os cofres públicos por meio da cobrança de juros da dívida; colocou os salários dos servidores do estado em dia, pagando os vencimentos atrasados e pleiteou e conseguiu o financiamento de obras estruturais (as Obras Oficiais) em Cuiabá que a consolidaram, definitivamente, como a capital do Estado de Mato Grosso (Jucá, 1998).

Continuadas suas ações em prol do desenvolvimento do Estado, o Interventor conseguiu junto ao Ministério da Agricultura 2.200 mudas enxertadas compostas de diversas espécies de plantas; inúmeras ferramentas agrícolas; reprodutores com a finalidade de melhoramento genético do rebanho bovino mato-grossense; máquinas agrícolas para quebrar o coco babaçu e caminhões-tratores para o transporte rural (Jucá, 1998) em demonstração clara, de ação estatal para a política desenvolvimentista do Estado de Mato Grosso, coadunada com a política federal de desenvolvimento do oeste brasileiro.

O Governo Vargas, por meio de sua política nacionalista; de integração nacional; centralização do poder; modernização das cidades e, mais especificamente, fomento ao turismo, implantadas pelo Estado Novo, favoreceu o governo de Mato Grosso que conseguiu, junto ao governo federal, as condições necessárias para a criação de infraestrutura urbana de Cuiabá que a consolidaria como capital e a tornaria o Portal da Amazônia.

A construção das obras ficou a cargo da firma construtora Coimbra Bueno, que mantinha sua sede na capital federal, o Rio de Janeiro. Segundo Castor (2013, p. 11) “As intervenções da era Vargas transformaram a fisionomia da cidade [...]”. Algumas das intervenções foram as construções da Avenida Getúlio Vargas e do Grande Hotel nessa mesma avenida. Na Figura 5, o Grande Hotel e o Cine Teatro Cuiabá, em sequência do prédio do hotel, ambos na avenida Getúlio Vargas.

Figura 5 – Fotografia do Grande Hotel



Fonte: IBGE (2025).

O equipamento hoteleiro rompeu com a hotelaria provinciana de hotéis com menor conforto, pequeno porte e quase exclusivamente, de administração familiar, vindo a ser um edifício de grandes dimensões para a época, construído com os melhores materiais, ostentava o estilo neocolonial em sua fachada e o requinte em suas instalações internas.

O Grande Hotel ocupou lugar de destaque no centro da capital, como observa-se por meio da Figura 6. Construído na esquina da Rua Joaquim Murtinho com a Avenida Getúlio Vargas, próximo aos órgãos do poder executivo, legislativo e judiciário; da Catedral Matriz do Senhor Bom Jesus de Cuiabá (aos fundos desta) e espaços de lazer, importantes da cidade, como o Jardim Alencastro.

Figura 6 – Mapa com a localização do Grande Hotel



Fonte: Araújo (2023).

Construído, portanto, junto ao centro de poder temporal, espiritual e ao principal espaço de lazer da capital, o Jardim Alencastro, o Grande Hotel possui arquitetura neocolonial avantajada para os padrões da época e instalações que dispunham de equipamentos hoteleiros que o habilitaram a receber os hóspedes mais exigentes em seus 38 quartos.

Na Figura 7, um cartão-postal colorido da década de 1940 com a localização do Grande Hotel à avenida Getúlio Vargas esquina com a Rua Joaquim Murinho.

Figura 7 – Cartão-postal do Grande Hotel



Fonte: Freitas (2011).

De propriedade pública e administração privada, advinda de concorrência de arrendamento e dotado de excelentes condições técnicas e de confortabilidade para receber empresários, comerciantes, grandes artistas e o próprio Presidente da República Getúlio Dornelles Vargas, ao Grande Hotel propunha-se ser expoente do desenvolvimento do turismo, principalmente o turismo de negócios da capital.

Dessa forma, o Grande Hotel foi uma das quatorze Obras Oficiais do Governo Estadual, destacando-se como o maior e mais moderno hotel da cidade na década de 1940. Sua construção coadunava-se com as políticas de incentivo ao desenvolvimento do turismo, interiorização e modernização do Brasil em sua Marcha para o Oeste, por meio, dentre outras ações, de obras públicas, executadas durante o Estado Novo.

Da motivação política de integração, interiorização, desenvolvimento, modernização do Brasil e fomento ao desenvolvimento do turismo em Cuiabá, fatores diversos como conjuntura política, socioeconômica e cultural tanto em nível local, regional quanto nacional foram forças centrípetas para a consecução da obra que se tornaria uma referência para o receptivo local e o turismo, especialmente o de negócios.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta seção inscreve-se o rigor metodológico da pesquisa, detalhados os caminhos trilhados da investigação científica na busca de resposta ao problema da pesquisa. Descrevem-se o objetivo geral e os objetivos específicos; a metodologia qualitativa; o método histórico-hermenêutico; o problema de pesquisa; a tipologia das fontes; as técnicas de pesquisa empregadas; caracterização do objeto de pesquisa; os instrumentos de coleta de dados e os procedimentos de análise.

Como forma de propiciar ao leitor acompanhamento dos passos metodológicos dessa pesquisa, expõem-se, a seguir, o objetivo geral e os objetivos específicos. Como **objetivo geral propõem-se analisar e interpretar o papel histórico do Grande Hotel para o desenvolvimento do turismo de negócios de Cuiabá – Mato Grosso**. E, como objetivos específicos:

- a) Localizar geograficamente e contextualizar historicamente Cuiabá (MT) no final dos anos 1930 e início dos anos 1940;
- b) Apresentar a configuração do setor de turismo de Cuiabá (MT) na década de 1930, década imediatamente anterior à da construção do Grande Hotel;
- c) Examinar a trajetória histórica do Grande Hotel com ênfase em sua importância para o desenvolvimento do turismo de negócios da capital mato-grossense em conexão com a política, a sociedade, a cultura, valores simbólicos e suas funções de hospitalidade e turísticas, no contexto urbano de Cuiabá,
- d) Investigar as relações entre o Grande Hotel, a memória da cidade e as políticas públicas estaduais de patrimônio, incluindo ações de preservação, usos, ressignificações e narrativas oficiais.
- e) Analisar as contribuições do legado do Grande Hotel para o setor de turismo e o desenvolvimento da cidade nas décadas de 1960 e 1970.

A metodologia percorreu caminhos de busca, seleção, estudo, análise, comparação, compreensão e interpretação dos documentos obtidos em diversas fontes primárias e secundárias que possuem dados significativos referentes ao objeto de pesquisa, como projetos; processo de tombamento; relatórios; mapas; iconografia; acervos hemerográficos e bibliográficos, para a produção de conhecimento e seus desdobramentos na produção da tese.

Ancorado por meio do método histórico-hermenêutico de análise e

interpretação dos dados pesquisados, buscou-se obter os subsídios necessários para a construção de uma narrativa histórica sobre o Grande Hotel e o desenvolvimento do turismo de negócios, questões patrimoniais e a memória da cidade de Cuiabá (MT).

A busca pela consecução do objetivo geral e dos objetivos específicos propostos foi imperativa, a fim de que luzes fossem lançadas sobre o problema de pesquisa: de que maneira o Grande Hotel contribuiu para o desenvolvimento do turismo de negócios de Cuiabá (MT)?, por meio de construções de respostas embasadas cientificamente e, por conseguinte, novas perguntas possam ser suscitadas sobre o tema proposto. Toda esta metodologia embasa-se no método histórico-hermenêutico, com validação cruzada das fontes, por meio das operações heurísticas, crítica e de interpretação (Caldas, 2012).

Assim, “Esta unidade do conhecimento histórico, dada no método [...] é uma unidade na forma de se produzir o conhecimento [...] em operações comuns, fundamentais, na maneira de operar, trabalhar e criar o conhecimento histórico” (Caldas, 2012, p. 20).

Para que a pesquisa se validasse neste método, a produção de conhecimento valeu-se das diretrizes do método histórico-hermenêutico, ancorada nos pressupostos teóricos metodológicos de Michel de Certeau (1925-1986) em sua obra *A Escrita da História* (2011) que foi publicada originalmente em francês com o título *L'écriture de l'histoire* (1975).

Enquanto intelectual francês, Certeau é considerado um dos mais importantes historiadores em seu tempo, dedicando-se aos estudos das áreas de teoria da história; ciências sociais; filosofia; psicanálise; antropologia e teologia. Na obra *Escrita da História*, o autor “[...] articula diferentes questões relacionadas ao teor reflexivo e questionador do autor, problematizando o ofício do historiador e seus modos de fazer e produzir história” (Lacerda; Ipiranga, 2022, p. 4).

Essa problematização do ofício do historiador e dos modos de fazer e construir o conhecimento histórico, que permeiam as discussões certoneanas, foi importante contribuição metodológica, pois permitiu articular diferentes saberes das Ciências Sociais Aplicadas, das Ciências Humanas e das Ciências Sociais em diálogos interdisciplinares na produção desta tese. Para Certeau (2011, p. 64) “[...] fazer história é uma prática [...]” ou seja, uma operação em que o fazer do historiador, o processo da escrita da história se constrói em pesquisa realizada sobre pesquisa ou na escritura de textos sobre textos (Vilhagra, 2017).

Diante do exposto, é importante considerar a assertiva de Le Goff (1992) que pondera a existência da dualidade histórica, compreendendo a história tanto como fato acontecido, bem como o estudo deste, situado no tempo, no espaço e articulado em seu contexto existencial. Questões teóricas e metodológicas sobre o método histórico, para a prática da pesquisa, discutidas por Costa e Silva (2019, p. 101) foram importantes para o alicerçamento da escolha do método de procedimento histórico para esta pesquisa. Segundo Costa e Silva (2019, p.101):

(a) o fato histórico, compreendido como acontecimentos que deram origens às diferentes interpretações históricas acerca do ocorrido; (b) o documento e a fonte histórica, ou seja, qualquer vestígio do passado que foi conservado e serve para compreender sua época; e (c) a análise ou operação histórica, isto é, o processo crítico pelo qual é submetida uma fonte de modo que possa suportar o pesquisador a responder suas inquietações (Costa.; Silva, 2019, p. 101).

Deste modo, os autores constroem a narrativa de que os acontecimentos, os documentos e as fontes, bem como às análises destas, mantêm relações com o próprio ofício do historiador no posicionamento metodológico da análise, interpretação e compreensão do objeto de estudo.

Esses posicionamentos de Le Goff (1982); Vilhagra (2017); e Costa e Silva (2019) são importantes e mantêm aproximações com Certeau (2011) para quem o termo história traz em si uma significação entre a realidade a que o historiador se propõe analisar e a operação científica. Nesse entendimento, os discursos só podem ser compreendidos de acordo com as práticas que deles resultam. Assim, a escrita da história para constituir-se precisa entender a história “[...] como um texto que organiza unidades de compreensão e nela opera transformações [...] na medida em que constitui um relato ou um discurso próprio [...]” (Certeau, 2011, p. 50).

Assim, por meio do método histórico, busca-se situar e refletir o documento, a fonte de pesquisa, demonstrando sua origem, a datação, o contexto em que inseriu-se o acontecimento, etc., os arquivos e as relações de poder internas imbricadas por forças políticas, interesses econômicos, influências culturais contemporâneas da produção documental, ao mesmo tempo em que se problematiza as perspectivas metodológicas que embasam a pesquisa, o processo de coleta, a seleção e a análise dos documentos (Sousa, 2011).

O método de procedimento histórico é uma ferramenta que profissionais empenhados na pesquisa histórica utilizam para a compreensão do passado, a

análise de acontecimentos e processos, bem como sinalizações ao longo do tempo. Este método está profundamente vinculado à análise de fontes primárias, mas não somente destas. Por meio da análise dos documentos, historiadores e outros profissionais dedicados à pesquisa em Ciências Humanas, Ciências Sociais e Ciências Sociais Aplicadas podem produzir suas interpretações e inferir suas conclusões.

Outra importante característica do método histórico é a contextualização dos acontecimentos históricos. Esses são analisados e compreendidos em relação ao contexto político, socioeconômico e cultural em que se processaram os eventos históricos inscritos nos documentos e pesquisados pelo historiador, a fim de que a compreensão da história, objeto da pesquisa, seja feita, analisando os mais diferentes aspectos humanos e sociais ao longo do tempo.

De acordo com Martins (2012), o método histórico é uma importante ferramenta para a pesquisa de acontecimentos históricos, pois proporciona a reconstrução dos fatos históricos a fim de o pesquisador compreender, interpretar e deduzir o objeto da pesquisa.

Para Lakatos e Marconi (2022), o método histórico compreende a investigação dos acontecimentos, processos e instituições do passado para examinar sua influência no mundo em que vivemos, pois a forma como as instituições se configuram na atualidade é o resultado dos processos históricos do passado, relacionados com a conjuntura sociocultural da época. Desta forma, os estudos sob o método histórico devem reportar-se aos períodos iniciais de formação do acontecimento, bem como de suas modificações e desdobramentos.

A pesquisa em tela vale-se do método histórico-hermenêutico e caracteriza-se como exploratória de abordagem qualitativa, de natureza básica, gerando conhecimento específico sobre o Grande Hotel, o turismo de negócios da capital de Mato Grosso, questões patrimoniais e memória da cidade à ele vinculadas que podem contribuir para o entendimento do desenvolvimento do setor, servindo de subsídio às pesquisas futuras.

Em relação ao método de procedimento histórico-hermenêutico, embasa-se em fontes bibliográficas e documentais. As pesquisas bibliográficas dizem respeito a “[...] artigos, teses, dissertações e livros já existentes sobre o período [...] [e a documental em] documentos oficiais documentos oficiais, hemerográficos, revistas, cartas, fotografias [...] e outros vestígios iconográficos [...]” (Araujo, 2023, p. 56).

A despeito de todas as dificuldades encontradas, como dispersão de documentos e exiguidade de textos produzidos sobre o turismo de negócios em Cuiabá, para o período de estudo que se propôs a teste, esta pesquisa exploratória de natureza qualitativa que utiliza-se do método histórico-hermenêutico à luz dos preceitos teórico-metodológicos de Michel Certeau (2011), propõem-se analisar e interpretar o papel histórico do Grande Hotel para o desenvolvimento do turismo de negócios de Cuiabá – Mato Grosso.

3.1 CARACTERIZAÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA

O objeto de pesquisa da tese trata-se de Obra Oficial edificada na década de 1940 pelo Governo do Estado de Mato Grosso com recursos federais: O Grande Hotel.

Refere-se ao edifício localizado na Avenida Getúlio Vargas, número 247 no centro da cidade de Cuiabá (MT). Construído em estilo neocolonial, apresenta “[...] cobertura cobertura de telhas cerâmicas aparente, frontão curvo marcando o acesso principal e a varanda de arcada de berço no térreo” (Araújo, 2020, p. 159). O imóvel foi tombado pela Fundação Cultural de Mato Grosso, como Patrimônio Histórico e Artístico do Estado de Mato Grosso, por meio da Portaria 61/84, de 15 de novembro de 1983, publicada no Diário Oficial do Estado de Mato Grosso em 09 de janeiro de 1984.

A abrangência espacial, *in loco*, desta pesquisa limitou-se às cidades de Cuiabá, São Paulo e Caxias do Sul, por meio de pesquisa bibliográfica e documental para o período de 1930 a 1970. Esse recorte temporal deve-se por abranger a época anterior à da existência do Grande Hotel, inaugurado em 1941, seu período de funcionamento de 1941 a 1960 e duas décadas posteriores ao encerramento de suas atividades hoteleiras.

Por meio desse entendimento, efetuou-se levantamento documental, sob o imperativo do método de pesquisa histórico-hermenêutico, em arquivos eletrônicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES); da Biblioteca Nacional (BN); do Arquivo Público do Estado de Mato Grosso (APMT); do Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional (NDIHR); do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso (IHGMT) e da Secretaria Adjunta de Turismo junto à Secretaria de Estado de Desenvolvimento Econômico de Mato Grosso. *In loco* pesquisou-se na Hemeroteca da Biblioteca da Universidade Federal de Mato Grosso

(UFMT); na Biblioteca da Universidade de Caxias do Sul (UCS); na Hemeroteca da Biblioteca da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP); na Biblioteca Manoel Cavalcante Proença da Secretaria Municipal de Cultura de Cuiabá; na Secretaria Municipal de Turismo de Cuiabá; na Superintendência de Preservação do Patrimônio Histórico e Museológico da Secretaria Estadual de Cultura, Esporte e Lazer do Estado de Mato Grosso (SECEL) e no Arquivo Público do Estado de Mato Grosso (APMT) a fim de subsidiar-se de fontes primárias e secundárias para proceder às análises, cotejamentos e interpretação dos dados na produção da tese.

Quando nas pesquisas levantaram-se dados relativos ao objeto de pesquisa no início dos anos 1930, a área do Estado de Mato Grosso englobava os territórios atuais dos estados de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Rondônia.

Com o desmembramento de parte de seu área, para a criação do Território Federal do Guaporé, ocorrida em 13 de setembro de 1943, por meio do Decreto-Lei nº 5.812, Mato Grosso abrangia terras dos atuais estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, até o desmembramento de outra parte de seu território para a criação do Estado do Mato Grosso do Sul em 1977, por meio da Lei Complementar nº 31, de 11 de outubro de 1977.

A seguir, na Figura 8, observar-se o mapa do território do Estado de Mato Grosso em 1930, quando ainda era composto pelas terras dos atuais Estados de Rondônia, Mato Grosso do Sul e Mato Grosso. Em seguida, na Figura 9, o mapa do estado em 1950, com Mato Grosso formado pelos atuais Mato Grosso e Mato Grosso do Sul e, por último, na Figura 9, sua configuração em 1980 com o território do Estado de Mato Grosso do Sul já desmembrado, e, portanto, sua configuração atual.

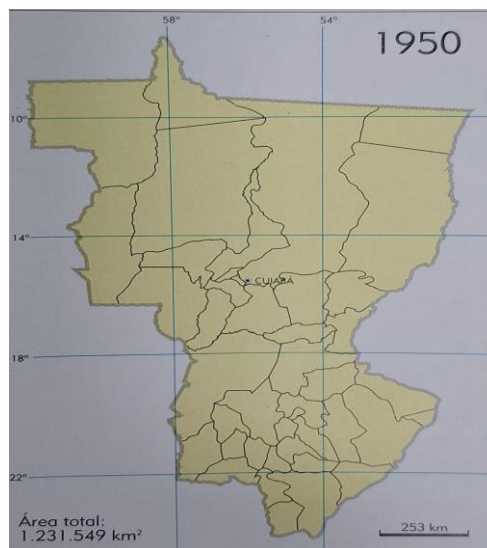
Figura 8 – Mapa de Mato Grosso em 1930



Fonte: Fundação Getúlio Vargas (2023).

Na Figura 9, o mapa do Estado de Mato Grosso em 1950, cujo território compreendia as terras dos atuais Estados de Mato Grosso do Sul e Mato Grosso.

Figura 9 – Mapa do Estado de Mato Grosso em 1950



Fonte: Miranda (2000).

Na Figura 10, o mapa do Estado de Mato Grosso em 1980 já com a configuração atual, depois da criação do Estado de Mato Grosso do Sul em 1977.

Figura 10 – Mapa atual do Estado de Mato Grosso



Fonte: Miranda (2000).

E, para concluir esta etapa de caracterização do objeto de pesquisa, assevera-se que Grande Hotel foi construído com o que de melhor tinha-se em materiais e tecnologias de construção à época. Como espaço privilegiado de hospedagem, que contribuiu para o desenvolvimento do turismo de negócios, caracterizou-se por ser edificação construída com esmero e grandiosidade. Enquanto manteve-se em funcionamento, dotou Cuiabá e Mato Grosso de meio de hospedagem à altura dos melhores hotéis do Rio de Janeiro e São Paulo, pronto para receber autoridades, políticos, empresários, comerciantes, artistas nacionais e estrangeiros, e demais turistas, tanto do Estado de Mato Grosso como de outros estados e do exterior.

3.2 PROCEDIMENTO DE COLETA E ANÁLISE DE DADOS

Quanto aos procedimentos de coleta e análise de dados, elucida-se que a pesquisa foi precedida por estudos iniciais sobre o corpus e espaços dedicados à ciência e a memória na capital de Mato Grosso. Para a coleta de dados e, posterior análise, fez-se levantamento preliminar de fontes bibliográficas e documentais sobre o tema. Como espaço geográfico de consecução da pesquisa, esta processou-se principalmente em Cuiabá, mas não somente nesta cidade.

Na Universidade de São Paulo (USP) junto à biblioteca da Escola de Comunicações e Artes (ECA-USP), procedeu-se a pesquisa *in loco* da dissertação *Home away from home – Evolução, caracterização e perspectivas da hotelaria: um estudo compreensivo*, de Célia Maria de Moraes Dias, do ano 1990, que não encontrasse digitalizada.

Nessa dissertação a autora analisa a evolução da atividade hoteleira utilizando-se do método histórico-prospectivo-evolutivo. Foram feitas pesquisas, também, na Biblioteca da Universidade de Caxias do Sul (UCS), quanto às mais diversas fontes bibliográficas sobre turismo, turismo de negócios, hospitalidade, hospitalidade comercial e questões metodológicas.

O processo inicial de coleta dos dados da pesquisa e posterior desenvolvimento das análises e interpretações, foi precedido pela identificação, separação e formação de grupo de fontes aglutinadas de acordo com as informações contidas por períodos cronológicos: décadas de 1930, 1940, 1950, 1960 e 1970 do século XX sobre Cuiabá, o Estado de Mato Grosso e o Brasil.

A partir daí, procedeu-se às análises, comparações, interpretações e contextualizações dos dados contidos nas fontes primárias e secundárias, relativas às questões de hospitalidade, hospitalidade comercial, turismo, turismo de negócios, patrimonialização, memória, memória da cidade e contexto histórico, centradas no Grande Hotel e no desenvolvimento do turismo de negócios de Cuiabá (MT) ancorado no método histórico-hermenêutico.

Uma das operações fundamentais da pesquisa histórico-hermenêutica é a etapa heurística. Por heurística entende-se:

[...] a operação metódica da pesquisa que relaciona questões históricas [...] a testemunhos empíricos do passado, que reúne, examina e classifica as informações das fontes relevantes para responder às questões e que avalia o conteúdo informativo das fontes (Rüsen, 2007, p. 118).

Portanto, a etapa eurística foi um momento de descobrimentos e imersão, onde pude dialogar com o objeto de estudo e as fontes pesquisadas. Para a consecução desta etapa recorreu-se às fontes que são fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa (Caldas, 2012).

A próxima etapa da pesquisa histórica hermenêutica é a crítica, entendida como “[...] a operação metódica que extrai [...] informações das manifestações do passado humano acerca do que foi o caso. O conteúdo dessas informações são fatos ou dados;

algo ocorreu em determinado lugar e em determinado tempo” (Rüsen, 20017, p. 123). É nessa etapa que procede-se às análises dos dados levantados e às críticas das fontes.

Com cruzamento de dados das mais diversas fontes, o que busca-se é a autenticidade dos dados pesquisados. (Caldas, 2012). Dessa forma, é na etapa crítica que se “[...] distingue entre informações das fontes corretas ou incorretas, ou melhor: mais ou menos corretas e mais ou menos incorretas” (Rüsen, 2007, p. 125-126).

Em consequente as fontes foram interpretadas dando sentido ao que foi buscado, selecionado, estudado, analisado, comparado e compreendido, a fim de que se procedesse à análise e interpretação histórico-hermenêutica das fontes documentais e bibliográficas sobre o objeto da pesquisa. Para tanto, foram analisados os dados pesquisados que inserem-se na categoria Turismo e nas subcategorias elencadas no Quadro 1:

Quadro 1 – Subcategorias analisadas

Infraestrutura de acesso	Estruturas fundamentais para a ligação do local de residência ao destino turístico. Indispensável para o autóctone. Estradas, viadutos, portos, aeroportos, metrô, trens, rodovias.
Infraestrutura básica urbana	Estruturas fundamentais para o autóctone. Ruas, sarjetas, guias, saneamento, pavimentação, revitalização e urbanização de ruas, pontos de ônibus, praças públicas, mobiliário urbano.
Infraestrutura de apoio	Estrutura fundamental para um município e de grande utilidade do turista, sendo indispensável para o turismo (autóctone + turista). Postos de gasolina, farmácias, hospitais, bancos, loja de souvenirs, mercados, restaurantes, parque de exposição, centro de eventos, portais, equipamentos Desportivos.
Infraestrutura turística	Estruturas que foram motivadas pelo interesse do turismo (turista). Hotéis, agências, trens turísticos, posto de informações turísticas, sinalização turística padronizada.
Atrativo natural	Atrativos naturais. Monumento, revitalização. Podem ser classificados como bosques, orlas, rios, lagos, cachoeiras, represas.
Atrativo cultural	Atrativos culturais. Monumento, revitalização, revitalização de patrimônio edificado para outra função. Podem ser classificados centros culturais, galerias, museus, obras de valor cultural local, arquitetura religiosa, arquitetura militar, exposições, festivais, planetários, parques temáticos.

Fonte: RIGOLDI *et al.* (2023).

Essas subcategorias, detalhadas acima, permitiram uma análise mais profunda e fundamentada, orientando a seleção de fontes, a interpretação histórica e a

elaboração da narrativa crítica proposta.

“Na interpretação [...], o que interessa é sintetizar as perspectivas, elaboradas heurísticamente, que questionam a experiência do passado a partir de conjecturas acerca de seu sentido, com os fatos do passado obtidos pela crítica das fontes (Rüsen, 2007, p. 127). Assim, foram percorridas as etapas heurística, crítica e interpretativa para análise e interpretação dos dados nesta pesquisa exploratória, de natureza qualitativa que se valeu do método histórico-hermenêutico na produção desta tese.

Em síntese, para sustentar a análise crítica do objeto teórico-empírico Grande Hotel e sua conexão com o desenvolvimento do turismo de negócios, adotou-se como categorias analíticas principais:

1. **Turismo como política pública:** a análise concentrou-se em como o turismo foi incorporado ao projeto de Marcha para o Oeste do Estado Novo, avaliando o papel do Grande Hotel enquanto equipamento turístico estatal como agente estruturante da política nacional de turismo em Cuiabá – Mato Grosso.
2. **Equipamento turístico estruturador:** considerou-se o Grande Hotel não apenas como meio de hospedagem, mas como estrutura estratégica que organiza fluxos, concentra serviços e simboliza a modernização urbana e a hospitalidade institucionalizada.
3. **Memória e patrimônio:** a pesquisa também abordou o hotel enquanto objeto de memória da cidade e patrimônio, investigando os processos de reconhecimento e ressignificação cultural após seu fechamento.
4. **Turismo de negócios:** examinou a tipologia dos hóspedes e as conexões do hotel com elites políticas, visitantes oficiais e agentes econômicos, como forma de entender seu papel no turismo no desenvolvimento do turismo de negócios de Cuiabá (MT)

Assim, essas abordagens contemporâneas complementam a análise histórica ao permitir compreender o Grande Hotel não apenas como equipamento físico, mas como expressão de um projeto político de modernização da cidade e investimento estatal na área de turismo e hospitalidade comercial que consolidou Cuiabá como capital, construindo memória da cidade e tornando-se um marco para o desenvolvimento do turismo de negócios de Cuiabá - Mato Grosso.

4 A CONFIGURAÇÃO DO SETOR DE TURISMO DE CUIABÁ – MATO GROSSO NA DÉCADA DE 1930

Nesta seção procura-se apresentar a configuração do setor de turismo de Cuiabá (MT) na década de 1930, década imediatamente anterior à da construção do Grande Hotel. Embasa-se em fundamentação teórica, a partir dos estudos sobre o turismo com enfoque geográfico até as teorias sobre turismo de negócios. Procede-se às pesquisas sobre a infraestrutura de acesso à capital, a infraestrutura básica da cidade, a infraestrutura de apoio ao turista da Cidade Verde, bem como a infraestrutura turística local. Situadas no contexto histórico da década de 1930, foram iniciadas as discussões sobre a construção das Obras Oficiais, especialmente do Grande Hotel; a importância de Cássio Veiga de Sá como engenheiro responsável pela obra e a relevância de sua obra-prima como fonte primária de pesquisa sobre o objeto Grande Hotel e o turismo de negócios de Cuiabá – Mato Grosso.

Rejowski (2000, p. 15) observa que Wolf e Jorckzek (1906) asseveraram que os primeiros estudos sobre a evolução do turismo com enfoque geográfico expressaram-se em trabalhos como

Die Bedeutung des Fremdenverkehrs em 1902 e *Der Fremdenverkehrs* [O Turismo] de Stradner, em 1905, sendo este último autor que introduziu o tema geografia do turismo na terminologia científica da atividade. [Esses] Continuam citando Sputz, em 1919, com *Die Geographischen Bedingungen and Wirkungem des Fremdenverkehrs* (Condiçõens geográficas e efeitos do turismo), como um dos primeiros autores a relacionar as viagens turísticas ao deslocamento espacial (Rejowski, 2000, p.15)

Em sequência aos importantes estudos pioneiros, que abordavam a geografia do turismo; a relação das viagens turísticas e os deslocamentos espaciais, o final dos anos 1920 assistiu à criação na Alemanha do *Forchshungsinstituts* [Centro de Pesquisa Turística] na Universidade de Berlim (Rejowski, 2000).

O Centro de Pesquisa Turística teve suas atividades em funcionamento até o início da Segunda Guerra Mundial e, no tempo de sua vigência, seus membros preocuparam-se "[...] principalmente em estudar os aspectos econômicos do turismo" (Rejowski, 2000, p. 16). Desta feita, dos estudos com interesse maior na geografia do turismo do final do século XIX e do início do século XX, tem-se uma mudança de enfoque que passa a privilegiar os aspectos econômicos do turismo em suas produções (Rejowski, 2000).

Dentro deste contexto, o ano de 1942 viu surgir,

uma obra considerada fundamental para o estudo científico do turismo, intitulada *Grundriss der Allgemeinen Fremdenverkehrslehre* [Fundamentos gerais do ensino de turismo], escrita por dois professores suíços, W. Hunziker e K. Krapf, que teve continuidade em outras obras como a do austríaco P. Bernecker em 1955, intitulada *Der Moderne Fremdenverkehr* [O moderno turismo]. Esses pesquisadores da área das ciências econômicas e financeiras criaram o *Institut für Fremdenverkehr* [Instituto de Turismo] na Universidade de Berna, o *Seminar für Fremdenverkehr und Verkehrspolitik* [Seminário de turismo e Política Turística] na Escola Superior de Comércio em Saint-Gallen, e o *Institut für Fremdenverkehrsforschung* [Instituto de Pesquisa Turística] na Escola de Comércio Internacional de Viena. Como participante desses centros de pesquisas, desenvolveram estudos importantes sobre turismo, bem como influenciaram outros estudos em todo o mundo. Além disso, Hunziker e Krapf introduziram as primeiras idéias e o primeiro pensamento sobre uma *ciência integral do turismo*, com a tão chamada *definição universal*, na qual o turismo é o conjunto de relações e fenômenos resultantes do deslocamento e da permanência de pessoas em localidades diferentes daquelas nas quais residem ou trabalham, contanto que tais deslocamentos e permanências não sejam motivados por uma atividade lucrativa, permanente ou temporária (Rejowski, 2000, p.16).

Assim, o surgimento da obra “Fundamentos gerais do ensino de turismo” se torna referência para os estudos sobre turismo contemporâneos. Observa-se que os espaços, onde o turismo passa a ser pensado cientificamente, se ampliaram, fomentando a elaboração conceitual, como a definição universal de turismo que aborda, em sua estrutura discursiva, temas como relações e fenômenos, deslocamento, permanência e pessoas em lugares outros que não o de sua morada/trabalho habitual.

Deslocando-se no tempo, nas décadas de 1960 e 1970, as pesquisas sobre o turismo ganharam paulatinamente mais espaço nas produções científicas advindas dos Estados Unidos da América e de outros países do mundo.

Para além da geografia e da economia, outras áreas passaram a se interessar pelos estudos turísticos, como a sociologia, a antropologia e a administração (Rejowski, 2000). Assim, “[...] o conceito de turismo pode ser estudado de diversas perspectivas e disciplinas, dada a complexidade das relações entre os elementos que o formam [...]” (OMT, 1998, p. 37).

Diante desses novos horizontes e possibilidades, novas conceituações sobre turismo foram exaradas. Dentre elas, pode-se mencionar as conceituações proferidas por Burkart e Medlik (1981, p. 32) que definem turismo como “[...] os deslocamentos curtos e temporais das pessoas para destinos fora do lugar de residência e de trabalho e as atividades compreendidas durante a estadia nesses destinos”.

Pondera-se, ao deparar-se com essa conceituação, que há a conotação de viagem, férias e lazer em contraposição ao trabalho e à residência, obliterando viagens por motivos de negócios (OMT, 2001) que são fundamentais para a análise e compreensão do *corpus* desta pesquisa.

Em sequência, é importante ponderar a definição de turismo proposta por Mathieson e Wall (1982, p. 15).

Para eles, “Turismo é o movimento provisório das pessoas [...] para destinos fora do lugar de residência e trabalho [e] as atividades empreendidas durante a estada [bem como] as facilidades [que] são criadas para satisfazer [...] [os] turistas” Mathieson e Wall (1982, p. 15). Desse modo, os teóricos colocam em relevo o movimento das pessoas para destinos fora do seu espaço habitual e as atividades desenvolvidas para a satisfação do consumidor turista.

Ainda, o turismo é “[...] essencialmente movimento de pessoas e atendimento a suas necessidades [...] é o fenômeno de interação entre o turista e o núcleo receptor e de todas as atividades [...] de interação [...]” (Barreto, 1995, p. 43). A autora pondera que na atividade turística há a necessidade do atendimento às demandas do turista, havendo interação entre os turistas, os autóctones e o receptivo local, nesse movimento que promove a troca de experiências culturais.

Nesse sentido, o atendimento de “suas necessidades”, pode vir a ser resultado de ações de inovação do setor. A introdução de inovações coloca de um lado a perspectiva da oferta e do outro a satisfação dos turistas (OMT, 2001). Nessa esteira, a Organização Mundial do Turismo elaborou sua conceituação de turismo. Para a ONU Turismo, o turismo: compreende as atividades que realizam as pessoas durante suas viagens e estadas em lugares diferentes ao seu entorno habitual, por um período consecutivo inferior a um ano, com finalidade de lazer, negócios ou outras (OMT, 2001, p. 38).

Importante definição para os profissionais da área e, principalmente, para os que debruçam-se sobre a pesquisa científica sobre o turismo. A ONU Turismo coloca em plano central as atividades realizadas nas viagens fora do que seria o entorno habitual, por onde a pessoa tem o costume de circular, demarcando a temporalidade inferior a um ano com o objetivo de lazer e negócios, mas não somente estes.

Como explicitado, muitos foram os autores que se propuseram a definir turismo, contudo, não é tarefa fácil, pois “O turismo é um complexo processo que não só envolve o propósito da viagem, mas também a infraestrutura e os custos necessários

[...]. Ele envolve uma infinidade de setores [...] (Sousa, 2015, p. 32).

Panosso Netto (2005, p. 30) define turismo como “[...] um fenômeno de experiências vividas de maneira e desejos diferentes por parte dos seres envolvidos, tanto pelos ditos turistas quanto pelos empreendedores do setor envolvido”. Esse envolvimento de vários atores abarca os profissionais do setor hoteleiro como parte fundamental da cadeia produtiva do turismo.

Por último, faz-se importante a assertiva de Beltrão (2001, p. 17), segundo o qual “[...] podemos analisar o turismo por diversos ângulos desde um simples contato social entre duas ou mais culturas até assinaturas de contratos comerciais ou de negócios em que haja um deslocamento entre dois pontos distintos”. Essa definição de turismo proposta por Beltrão, demonstra a importância do turismo de negócios como fator relevante para o desenvolvimento da atividade turística, transformou-se em mais um lastro teórico de compreensão do Grande Hotel como lugar de hospitalidade comercial que contribuiu para o desenvolvimento do turismo de negócios de Cuiabá (MT).

Para entender o papel histórico do Grande Hotel, nesse processo de desenvolvimento do turismo de negócios da Cidade Verde, faz-se necessário proceder às pesquisas sobre a década de 1930, na qual encontra-se o contexto histórico, as estruturas e as causas que consubstanciaram-se para que o hotel pudesse emergir.

Na Figura 11, observa-se belíssima ilustração do Centro Histórico da capital no ano de 1930.

Figura 11 – Fotografia do Centro Histórico de Cuiabá



Fonte: Freitas (2011).

Na década de 1930, a área geográfica de Mato Grosso correspondia aos territórios dos atuais estados de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Rondônia. Na Figura 12, tem-se a configuração do estado nessa década.

Figura 12 – Território de Mato Grosso em 1930



Fonte: Cigolini (2014).

O Estado de Mato Grosso registrou em 1900 a população de 118.025 habitantes (Póvoas, 1982, p.22). O censo da capital trouxera os dados de que essa cidade possuía 34.393 pessoas (Conte; Freire, 2005, p. 27). Para o ano de 1920, o estado apresentara população de 246.612 pessoas (Póvoas, 1982, p. 22) e Cuiabá 33.678 habitantes (Conte; Freire, 2005, p. 27). Na década de 1930 não houve recenseamento, sendo a população estimada entre 250.000 e 300.000 habitantes (IBGE, 2026). Para Cuiabá em 1930, de acordo com os dados do IBGE, a população estimada era de 42.041 pessoas (IBGE, 2026).

Ao analisar estes dados e contextualizá-los com fatores socioeconômicos e políticas governamentais, pode-se inferir que houve aumento populacional significativo de 1900 para 1930 no estado, quando iniciou-se, em Mato Grosso, a “era da ferrovia, que desde 1914 atingira Porto Esperança [...]” (Póvoas, 1977, p. 21).

O aumento populacional concentrou-se na região sul do antigo Estado de Mato Grosso, hoje área pertencente ao Estado de Mato Grosso do Sul, cuja fundação remonta ao ano de 1977, impulsionado, dentre outros fatores, pela estrada de ferro que facilitou o acesso de pessoas e capital.

Essa dinâmica populacional advinda, em muito, da Estrada de Ferro Noroeste

do Brasil não foi observada em Cuiabá, que não lograra êxito na obtenção de acesso ferroviário, permanecendo a via fluvial como o principal meio de transporte para o acesso e a saída da capital no período.

No início dos anos 1900, mais precisamente em 1903, o Governo Federal assinou decreto “[...] autorizando a Companhia Noroeste do Brasil a iniciar estudos para a construção de uma ferrovia ligando São Paulo a Cuiabá” (Póvoas, 41, 1977). Essa obra, quando concretizada, propiciaria transporte mais ágil, em uma viagem que, até então, demorava trinta dias por via fluvial. Esse modal ferroviário seria de extrema importância para a aproximação de Cuiabá aos grandes centros do país, em processo promissor de desenvolvimento socioeconômico.

Apesar disso, o trajeto que dar-se-ia para Cuiabá foi modificado para Corumbá, justificado [...] por motivos de política internacional, visando a uma ligação ferroviária com a Bolívia e a transformação da Noroeste numa estrada transcontinental, ligando o Atlântico ao Pacífico, através de Corumbá e Santa Cruz de La Sierra (Póvoas, 1977, p. 42).

Essa mudança de percurso da ferrovia viria a ser um dos elementos propulsores da dinâmica socioeconômica sulista em detrimento de Cuiabá.

O início das obras da ferrovia, na cidade de Bauru, aconteceu no ano de 1905, “[...] avançando os trilhos em direção às matas do vale do rio Tietê, [...] progredia em direção às barrancas do rio Paraná, lançando povoações que se tornaram cidades” (Póvoas, 1977, p. 42), com o correr dos anos. Avançou-se com a Noroeste do Brasil ao mesmo tempo que se criaram núcleos urbanos que transformaram a paisagem e trouxeram o progresso por onde os trilhos palmilharam.

Ao longo da ferrovia, no Estado de São Paulo, as matas foram transformadas em cafezais, cujos trilhos transportaram essa riqueza e permitiram o escoamento da produção que enriqueceu muitas das famílias da região.

Na região sul de Mato Grosso, o trajeto que a ferrovia cortava não foi o café, mas sim, a pecuária, que dinamizou a economia. Essa não dava-se com a mesma pujança e velocidade da região do café, mas acontecia de maneira mais lenta, mas constante rumo ao progresso.

Simultaneamente às obras iniciadas em Bauru, começaram os trabalhos construtivos em Porto Esperança, localidade do sul do Estado de Mato Grosso, hoje região pertencente ao Estado de Mato Grosso do Sul. Esse trecho encontrar-se-ia “[...] com o outro trecho na então vila de Campo Grande, situada no planalto de

Maracaju, em meio aos ricos Campos de Vacaria” (Póvoas, 1977, p. 42).

A inauguração da ferrovia Noroeste do Brasil, ligando Bauru a Porto Esperança, à beira do rio Paraguai, aconteceu em 1915.

Assim, “Tempos depois a Noroeste do Brasil cruzou o rio Paraguai, em Porto Esperança, chegando a Corumbá, onde ligou seus trilhos a estrada de ferro Brasil-Bolívia e lançou o seu ramal para Ponta Porã [...]” (Póvoas, 1977, p. 42).

A partir da ferrovia, a comunicação entre as cidades do Estado de Mato Grosso e as do Rio de Janeiro e de São Paulo foi encurtada, aumentando o fluxo de passageiros e mercadorias, principalmente na região sul do estado.

Dessa forma: “De 1915 em diante, eram pelo menos, 15 dias de viagem, de trem, do Rio a São Paulo, a Bauru, a Campo Grande, a Porto Esperança [...] e daí em lentas embarcações subindo os rios Paraguai, São Lourenço e Cuiabá” (Póvoas, 1977, p. 55).

O período anterior ao da abertura de ferrovias em Mato Grosso, quando as vias terrestres de acesso ao estado eram poucas, precárias e o transporte efetivo era majoritariamente fluvial, não demonstrara a mesma dinâmica de crescimento populacional.

Desse modo, por via fluvial,

Para se ir do Rio de Janeiro a Cuiabá o mais cômodo era tomar-se um navio e, partindo em demanda do rio da Prata, com escalas em Montevideu e Buenos Aires, subir-se o rio Paraguai, com escala em Assunção, chegar-se a Corumbá e, finalmente, a Cuiabá, após um percurso de 30 dias (Póvoas, p. 41, 1977).

Esse sistema de transporte aquaviário de cargas e passageiros foi perdendo sua força à medida que a ferrovia consolidava-se e as rodovias instalavam-se. Esses dois modais ganharam força no transporte de passageiros e cargas à partir dos anos 1950. Outro fator importante, para o declínio da demanda pelo transporte fluvial para Cuiabá, foi a crescente ampliação dos serviços do transporte aéreo para Mato Grosso.

O transporte aéreo passou a funcionar a partir de 1929.

Em 28 de março de 1929, chegou o primeiro avião em Cuiabá (Jucá, 1998), pousando “[...] no local hoje conhecido como Campo Velho. [...] a partir de 1932, Cuiabá passou a ser servida regularmente pela empresa alemã Sindicato Condor Ltda. na rota Cuiabá-Corumbá com um voo semanal” (Brandão, 1991, p. 149).

Quanto à hospitalidade comercial na década de 1930, verifica-se que os meios

de hospedagem integrantes da infraestrutura turística da capital, caracterizavam-se, majoritariamente, por pensões e pequenas hospedarias familiares. Nesse sentido são esclarecedoras as palavras de Araújo:

Anteriormente à construção do Grande Hotel Cuiabá possui apenas pequenos estabelecimentos para recepcionar pessoas que viessem de fora, mas nenhum que tivesse instalações sofisticadas para acolher autoridades, e por isso essa obra foi uma das maiores prioridades dentre as Obras Oficiais (Araújo, 2013, p. 160-161).

Esses pequenos meios de hospedagem atendiam à demanda de turistas em uma cidade que crescia lentamente e possuía infraestruturas de acesso, básicas, de apoio e turísticas insuficientes. Durante as pesquisas, sobressaiu-se a figura do Hotel Esplanada como expoente da hotelaria cuiabana no final dos anos 1930.

O Hotel Esplanada era o melhor da cidade. Localizava-se em frente à Praça da República e tinha como proprietário Francisco Jorge. Antes de chamar-se por tal denominação, chamava-se Hotel Universal, Figura 13. Enquanto Hotel Universal, teve como proprietário o pai de Chico Jorge, Felipe Jorge.

Figura 13 – Fotografia do Hotel Universal



Fonte: Mendonça (1978).

Logo, no final dos anos 1930, como opção às pensões e às pequenas hospedarias, em termos de hospitalidade comercial, havia o Hotel Esplanada, de

propriedade de Francisco Jorge que,

Herdara do seu pai Felipe [sic] Jorge o Hotel Universal, mudando o nome para Hotel Esplanada. Apesar da instalação já naquela época não satisfazer ao hóspede mais exigente, [situação que dava subsídios às críticas sulistas sobre a hotelaria cuiabana dos anos 1930 e embasavam o Movimento Mudancista da capital do Estado] era contudo o melhor hotel da cidade. Ali hospedou-se D. Pedro de Orleans e Bragança, o explorador inglês Fawcet, que desapareceu no interior de Mato Grosso em busca da Atlântida, Monteiro Lobato, Cel. Jaguaribe de Mattos, da Comissão Rondon [...] (SÁ, 1980, p. 54).

Dessa forma, pode-se inferir que Cuiabá na década de 1930 possuía hotel que, por mais que não satisfizesse às expectativas da elite política mudancista, demonstrou condições de hospitalidade comercial capazes de acolher hóspede ilustre como o Imperador D. Pedro de Orleans e Bragança. Na Figura 14, a fachada do Hotel Esplanada no início do século XX.

Figura 14 – Fotografia do Hotel Esplanada em Cuiabá (MT)



Fonte: Borges (2006).

Os hóspedes do Hotel Esplanada podiam contar com o serviço de táxi, serviço de apoio ao turismo, que ficava a poucos metros do estabelecimento comercial. No final dos anos 1930, mais precisamente em 1938, “[...] havia um único ponto de carros de praça em Cuiabá, ao lado da Igreja Matriz, atendendo com seus oito carros também a chamadas telefônicas” (SÁ, 1980, p. 67). Na Figura 15, a Praça da República, antigo Largo da Matriz, onde, em sua lateral, havia o ponto de táxi da capital.

Figura 15 – Fotografia da Praça da República



Fonte: Mendonça (1978).

Somado ao serviço de táxi, que poderia ser utilizado por toda a população e turistas em Cuiabá, já existiam, na década de 1930, os serviços de garagem de carros de aluguel “[...] na Avenida 15 de Novembro, no Porto, [...] que atendiam por chamadas telefônicas. Eram bem conservados e tinham bons motoristas” (Sá, 1980, p. 67).

A garagem de carros de aluguel era um serviço de qualidade onde não só os carros eram mantidos bem conservados, mas também o cliente, dentre eles o turista, podia contar com o serviço de bons motoristas para a consecução de suas necessidades.

A dinâmica do preço da corrida do carro de aluguel convergia com a disponibilidade tecnológica do momento. Devido à ausência de taxímetro, as corridas variavam de acordo com o destino final ou poderiam também ser cobradas por hora (SÁ, 1980).

Naquela época não havia posto de combustível na capital, e a gasolina disponibilizada para os automóveis chegava em Cuiabá acondicionada em latas de 20 litros vendidas no comércio. E por falar em automóveis em Cuiabá nos anos 1930, estes eram usados nos desfiles de carnaval pelas ruas centrais da cidade.

O carnaval era um importante evento, que acontecia em Cuiabá, na década de 1930. Esse importante atrativo turístico cultural contava com o desfile dos foliões em

automóveis que percorriam algumas ruas da capital, inclusive na década anterior.

Os carros saíam [...] pelas ruas [...], formando o curso carnavalesco que era feito pelas ruas 13 de Junho, Praça da República, começo da Pres. Vargas, descendo pela rua Joaquim Murtinho [...] e retornando pela 13 de Junho (Corrêa, 1999, p. 110).

Como forma de ilustrar essa passagem, na Figura 16, o desfile carnavalesco em Cuiabá nos anos de 1927 e na Figura 17 o carnaval de 1938 com o uso de automóveis.

Figura 16 – Fotografia do desfile carnavalesco de 1927



Fonte: Corrêa (1999).

Figura 17 – Fotografia do curso carnavalesco de 1938



Fonte: Corrêa (1999).

Nesses desfiles, os foliões mantinham as capotas dos carros abaixadas onde podiam jogar serpentina e confetes ao longo do percurso. “Os caminhões também tomavam parte, com a carroceria lotada por grupos familiares ou grupos dos bairros” (Corrêa, 1999, p. 110).

Observa-se que “[...] alguns caminhões conduziam conjuntos musicais (Corrêa, 1999, p. 110)”, o que pode-se considerar como os precursores dos trios elétricos de Cuiabá na atualidade.

As festas agitavam a vida sociocultural cuiabana. Em 19 de julho de 1938, em evento que contou com o apoio da Interventoria Federal, elegeu-se a primeira Miss Cuiabá, a srta. Azélia Ribeiro, então candidata do Comércio Esporte Clube. A jovem Azélia Ribeiro também logrou êxito no primeiro concurso de Miss Mato Grosso, realizado em 23 de agosto de 1938, representando a cidade de Cuiabá. Em segundo lugar ficou a jovem Vênina Martins, que concorreu por Campo Grande (Jucá, 1980).

Outro evento importante do ano de 1938 foi a comemoração à Semana de Pátria, onde “[...] os alunos do Liceu Salesiano São Gonçalo, com os acordes da Banda de Música da Força Pública do Estado, desfilaram em frente ao Palácio Alencastro” (Jucá, 1980, p. 108). Houve, também, desfile das alunas do Asilo Santa Rita, seguido de fala do Governador para que todos “[...] rezassem pelo futuro do Brasil” (Jucá, 1980, p. 109).

Como serviço e infraestrutura de apoio ao turismo, no final dos anos 1930, encontrava-se em fase de finalização de obra a construção do edifício-sede da agência dos Correios e Telégrafos de Mato Grosso. Situada à Praça da República – antigo Largo da Matriz, 101 - Centro, Cuiabá (MT). Essa obra contribuiu com a dinâmica de comunicação entre o estado de Mato Grosso, o Distrito Federal e os demais estados da federação, em um momento em que “[...] a antiga sede na praça Alencastro, já não atendia satisfatoriamente ao crescente movimento que Cuiabá começava a tomar” (Sá, 1980, p. 53). Na Figura 18, o prédio da sede da agência dos Correios e Telégrafos, inaugurado em 1939.

Figura 18 – Fotografia da sede da agência dos Correios e Telégrafos



Fonte: Araújo (2023).

Continuadas as pesquisas, a infraestrutura de apoio ao turismo da capital registra que “A primeira linha telefônica instalada em Cuiabá foi em 1890 pela comissão de construção da linha telegráfica. [...] Nas ‘guias de importação’ de 1.897 consta um aparelho telefônico importado pela firma Palma & Irmão de Cuiabá” (Brandão, 1999, p. 144).

Na Figura 19, tem-se propaganda da Empresa Telephonica de Cuyabá de João Pedro Dias, concessionário e proprietário. Afirmara que o serviço da central já contava com 200 assinantes cujo novo receptor, que ampliaria a capacidade para 350 assinantes, viria de Nova York. A sede da empresa ficava na Rua 13 de Junho, 20 – Cuiabá (MT).

Figura 19 – Propaganda da Empresa Telephonica de Cuyabá



Fonte: Brandão (1999).

Durante décadas as linhas telefônicas foram privilégios de poucos na Cidade Verde.

Em 1950 tem-se o registro de que a Associação Comercial de Cuiabá (ACC) instalou a primeira linha telefônica automática da cidade. Possuir uma linha telefônica era um privilégio para os mais abastados. Dos anos 1950 até o final dos anos 1990, conseguir uma linha telefônica fixa demandava muito dinheiro, empenho e longo tempo de espera.

A partir do ano de 1990, Cuiabá passou a contar com os serviços da Telefonia de Mato Grosso (TELEMAT), com melhoria da infraestrutura, aumento da distribuição de linhas, implantação dos orelhões e o uso do sistema de cartões nestes aparelhos.

Havia uma nova estação de rádio em 1938 que funcionava no Palácio Alencastro com potência para atingir toda a América do Sul e a Europa com aparelhagem adquirida com ajuda do Governo Federal para também operar em apoio à comunicação do Estado Novo com a região Norte brasileira (Jucá, 1998).

Quanto ao sistema bancário de Cuiabá na década de 1930, a capital contava com a agência do Banco do Brasil fundada em 15 de março de 1922. Naquela época o Banco do Brasil consolidava-se como o principal braço financeiro do Estado, cujas funções abrangiam as que hoje encontram-se distribuídas entre o Banco Central, o Tesouro Nacional e os bancos comerciais.

Cuiabá possuir o Banco do Brasil desde o ano de 1922 era importante, pois, oferecia serviços de depósitos e descontos, facilitava o crédito, entre outras funções que contribuíram para o desenvolvimento dos negócios da capital e podiam ser usufruídas pelos turistas.

Na Figura 20, a fachada do prédio do Banco do Brasil, na década de 1950, cuja obra foi construída pela empreiteira Pederneiras à Avenida Getúlio Vargas em frente ao Grande Hotel. Durante o período das Obras Oficiais, não só a Coimbra Bueno atuou na capital, outras empreiteiras passaram a atuar e continuaram fazendo negócios na capital nos anos 40 e 50, movimentando diversos setores da economia, inclusive o de serviços, como o turismo de negócios.

Figura 20 – Fotografia da Agência do Banco do Brasil na Avenida Getúlio Vargas



Fonte: Conte (2006).

Ainda sobre o sistema bancário, em "[...] 26 de agosto de 1943 foi instalada em Cuiabá uma agência do Banco de Crédito da Borracha, antecessor do atual Banco da Amazônia S.A." [...] Brandão, 1999, p. 147) que, na atualidade, possui uma agência na Avenida Getúlio Vargas, logo acima do Grande Hotel, Figura 21:

Figura 21 – Fotografia do Banco da Amazônia



Fonte: OLivre (2019)

Quanto à infraestrutura básica urbana, a energia elétrica já era uma realidade aos cidadãos e turistas, às residências e ao comércio local desde "[...] o primeiro Governo Mário Corrêa (1926-1929). [Cuiabá] era iluminada pela pequena Usina do Rio da Casca [...]" (Póvoas, 145, 1977) e, posteriormente, foram construídas as Usinas Casca II e III nas décadas de 1950 e 1960, respectivamente, a fim de atender a crescente demanda energética da capital que advinda do crescimento populacional,

comercial e industrial da cidade.

O abastecimento de água não atingia toda a cidade nos anos 1930. Residências e comércio estavam à mercê de um serviço “[...] precário [sic] com frequentes [sic] interrupções no seu fornecimento em virtude de defeitos nas máquinas [sic] e das cheias do rio Cuiabá cujas águas invadiam a estação adutora” (Brandão, 1999, p. 143).

Os primeiros bairros a receberem o abastecimento de água em Cuiabá foram o Bairro do Baú e o Bairro Areão, em 1º de setembro de 1938, inaugurados pelo Interventor Federal Júlio Müller e o Prefeito Isác Póvoas.

Para além dessas questões de que o abastecimento de água estava sujeito aos ciclos do rio Cuiabá, outra questão merece destaque: a de que “A água distribuída não era tratada, o que só ocorreu muito tempo após, na administração do interventor Julio [sic] Muller [sic] que construiu uma moderna estação de tratamento [...]” (Brandão, 1999, p. 143).

Cuiabá contava com “[...] um reservatório de alvenaria com capacidade para 1 milhão de litros na colina [...] conhecida por ‘Caixa d’Água Velha’ [...]” (Brandão, 1999, p. 142). Este equipamento passou a ser incorporado à memória da cidade, ressignificado, a partir de 2007, como Museu do Morro da Caixa D’Água Velha, um importante ponto turístico da capital, cujas imagens constam das Figuras 22, 23 e 24.

Figura 22 – Fotografia de parte do Morro da Caixa D’Água Velha



Fonte: Prefeitura Municipal de Cuiabá (2025).

Figura 23 – Fotografia da entrada do Museu do Morro da Caixa D'Água Velha



Fonte: Prefeitura Municipal de Cuiabá (2025).

Figura 24 – Fotografia da parte interna do Museu do Morro da Caixa D'Água Velha



Fonte: Prefeitura Municipal de Cuiabá (2025).

Como parte da infraestrutura de apoio ao turismo de Cuiabá na década de 1930, contava-se, em termos de atendimento à saúde da população e dos turistas, com a Santa Casa de Misericórdia.

A Santa Casa de Misericórdias foi construída com a doação avultada de

dinheiro deixada em testamento pelo português Manuel Fernandes Guimarães em 1775, para que fosse construído um hospital dedicado aos cuidados das pessoas acometidas por hanseníase (denominados leprosos à época).

Na gestão do Capitão-General João Carlos Oeynhausen de Gravemberg, em 1814, iniciaram-se as tratativas para a consecução da obra da Casa Pia dos Lázaros, concluída em 07 de dezembro de 1811. No decorrer de sua existência essa obra recebeu outras denominações. Passou a chamar-se Hospital de São João dos Lázaros e Hospital de Nossa Senhora da Conceição, que, após ampliações e aquisição de outra construção, denominaram-na Santa Casa de Misericórdia de Cuiabá, Figura 25:

Figura 25 – Fotografia da Santa Casa de Misericórdia



Fonte: Siqueira (2006).

Diante de cenário deficitário, em atendimento à saúde, em cidade que crescia, a Interventoria Federal, coadunada com a política desenvolvimentista do oeste, do Brasil promovida por Vargas, resolveu “[...] estruturar um sistema de Assistência à saúde abrangendo todo o estado” (Sá, 1980, p. 98) com a implantação do Centro de Saúde, situado à esquina da rua 13 de Junho com a Avenida Dom Bosco na década de 1940, Figura 26.

Figura 26 – Fotografia do Centro de Saúde



Fonte: Mato Grosso (entre 1941 e 1942).

A organização do sistema de saúde deveria suprir não só as necessidades da capital, mas também contribuir com a assistência sanitária de todo o estado de Mato Grosso. Essa obra era de suma importância “[...] se considerarmos o papel social que devia desempenhar o Centro de Saúde [...] e atinarmos [...] que naquela época Cuiabá tinha atendimento médico-hospitalar [...] apenas a Santa Casa [...]” (SÁ, 1980, p. 99).

Em análise mais acurada, pelo prisma do turismo, a construção do Centro de Saúde significou um elemento na configuração da estruturação da Capital para o segmento do que hoje chamamos turismo de saúde. Cuiabá preparava-se para um novo tempo!

Dessa forma, o Centro de Saúde veio a somar aos esforços da Santa Casa de Misericórdia quanto à assistência em saúde, tornando-se mais uma ação que contribuiu para a melhoria na estrutura de apoio ao turismo na capital.

Cuiabá, mesmo que já possuísse nos anos 1930 infraestruturas seminais de acesso, básicas, de apoio e turísticas, essas eram incipientes e insuficientes para atender a capital que crescia, mesmo que lentamente, em contraste com a região sul do estado, que sobressaía-se economicamente, em função da ferrovia e do desenvolvimento da pecuária, entre outros fatores, e crescia de maneira acelerada.

O desenvolvimento do estado de Mato Grosso não ficava adstrito à região sul, com forte presença da pecuária, outras regiões e atividades econômicas também recebiam incentivos do governo estadual para seu desenvolvimento. As usinas

açucareiras às margens do Rio Cuiabá e a mineração foram uma delas. Em 1938 reiniciaram-se os trabalhos de mineração [de ouro] ao longo do histórico Rio Coxipó-Mirim [...]. Essa concessão era da Companhia de Mineração em Mato Grosso” (Jucá, 1998, p. 126).

E não foi só nessa região que houve a retomada do garimpo. Outras regiões continuaram a extração de diamantes e ouro, principalmente em Diamantino, Poconé e Cuiabá. Outros minerais, como o ferro e o manganês, também passaram a ter um olhar mais acurado por parte do Estado como estratégicos para o desenvolvimento do Estado, como as reservas do Maciço de Urucum em Corumbá.

Cuiabá, no final dos anos 1930, lutava para continuar sendo a capital e, portanto, a cidade mais importante do Estado de Mato Grosso, por meio da dotação de infraestrutura urbana com a construção das Obras Oficiais. Em relação à essa situação em particular:

Havia no início das Obras Oficiais um movimento mudancista provocado pelos Mato-grossenses do Sul que pretendiam mudar a capital do Estado para Campo Grande, alegando que Cuiabá não tinha condições básicas para ser a capital do Estado. Campo Grande, diziam os mudancistas, era ligada a São Paulo e Rio de Janeiro por estrada de ferro, enquanto a Cidade Verde só podia valer-se da via fluvial para transporte de cargas e passageiros. Por falta de um campo de aviação só podia contar com um hidro-avião de quatro lugares enquanto que em Campo Grande pousava o JU de 18 lugares. Além dessa deficiência de ligações aos grandes centros, **não possuía** edifícios para instalar o governo e **nem mesmo um hotel para receber os visitantes** (Sá, 1980, p. 82, grifo nosso).

Logo, “Com os anos decorridos do Governo Júlio Müller, muitos eram os que aqui vinham, e fazia-se sentir a necessidade de um hotel para receber aqueles que buscavam a capital mato-grossense para tratar de seus interesses junto ao governo” (Sá, 1980, p. 110).

Nesse contexto político delicado, onde forças políticas do norte e do sul do estado, divergiam quanto à manutenção da capital do estado ser Cuiabá, a Cidade Verde, receber recursos federais para a construção do Grande Hotel foi prova da força das elites políticas pró-Cuiabá que lutavam para que o movimento mudancista não tivesse êxito.

A partir do momento em que decidiu-se pela construção do Grande Hotel em Cuiabá, chancelou-se a capital como “cidade importante”, palavras que o Presidente da República usava para designar cidades que deveriam ter esse equipamento turístico, denotando a força política e simbólica significativa da construção do Grande

Hotel, para a permanência de Cuiabá como capital, enfraquecendo o capital político e simbólico dos mudancistas.

Cuiabá justificava estar no rol das cidades importantes, principalmente para Mato Grosso. Para além de ser a primeira cidade do estado, fundada em 1719, quando esse ainda nem existia e era parte integrante da Capitania de São Paulo e Minas do Ouro, portanto, em data anterior à da criação do próprio Estado de Mato Grosso que se deu em 1748.

A cidade tornou-se, no decorrer de sua história, centro político, administrativo, cultural, educacional e turístico que embasou os discursos de sua permanência enquanto capital, mesmo que Campo Grande estivesse tomando protagonismo econômico na região sul do estado.

No momento em que o discurso mudancista fazia-se ouvir em Mato Grosso, Júlio Müller assumiu a Interventoria Federal do estado, procurando, em seu governo, melhorar a infraestrutura; quitar a dívida pública; colocar o salário do funcionalismo em dia e investir em outras frentes na capital, como a construção do Grande Hotel, iniciando um novo momento na história do desenvolvimento socioeconômico da Cidade Verde, alinhando-se com a política federal de Marcha para o Oeste.

Sobre a Marcha para o Oeste, em Mato Grosso, o jornal carioca Gazeta de Notícias publicou, em 10 de setembro de 1938, uma entrevista com o engenheiro Abelardo Coimbra Bueno, um dos proprietários da construtora Coimbra Bueno, entrevista em que ele manifestou-se sobre a Marcha para o Oeste e as obras públicas que seriam construídas, em contratos com o Governo do Estado de Mato Grosso, para remodelação da capital.

Para Abelardo,

O verdadeiro sentido da “Marcha para o Oeste” na phrase [sic] feliz do Chefe do Governo, não está na invasão de territórios pertencentes aos nossos índios [...]. Precisamos de realizações práticas que vizem [sic] o progresso de nosso “hinterland”, com um fundo real de interesse nacional. Não basta explorar os sertões e ingressar em terras desconhecidas, é necessário um pouco mais que isto ... É preciso trabalhar como estão fazendo os governadores dos Estados de Goyas [sic] e Matto [sic] Grosso [...] pensando apenas no futuro do Brasil (Gazeta de Notícias, 1938, p.1).

Neste sentido, percebe-se perfeitamente um alinhamento de discurso do proprietário da Coimbra Bueno com o do Presidente Getúlio Vargas em sua política de marchar para o Oeste. Em sequência, na Figura 27, tem-se o mapa em que a

Empresa Coimbra Bueno fazia propaganda do porquê da importância da Marcha para o Oeste.

Figura 27 – Mapa com propaganda para a Marcha para o Oeste



Fonte: Araujo (2023).

Como observa-se, a maior parte do Estado de Mato Grosso era retratada como “Terra de Ninguém”, justificando todas as ações do Governo Federal por meio de sua política de Marcha para o Oeste. Contudo, as ações não dar-se-iam mais, como outrora, com embates com os habitantes originários. Seriam colocadas em prática, por meio das obras da política desenvolvimentista e de integração nacional, alinhavadas em acordos firmados com os governadores, no caso de Mato Grosso, com Júlio Müller.

Em prosseguimento da entrevista, assim se expressou:

- Vou à Cuyabá [sic], entrar em entendimentos com o interventor, para a remodelação da capital de Matto [sic] Grosso. O governo do estado tem grandes planos em vista, como sejam: dotar a cidade de águas e esgoto; remodelar e construir edifícios públicos; remodelar a cidade em geral, dotando-a de modernos melhoramentos, piscina pública e um “stadio”[sic], construir um hotel modelar: enfim fazer de Cuyabá [sic] uma cidade moderna, confortável e progressista (Gazeta de Notícias, 1938, p. 1 e 12).

A viagem para Cuiabá seria o momento de Abelardo Coimbra, dono da empresa Coimbra Bueno, entender-se com o governador de Mato Grosso referente ao processo de inicialização das obras oficiais e todas as demais tratativas necessárias para a execução dos projetos.

Estes tinham como pedra de toque a remodelação de Cuiabá, para vir a ser “moderna, confortável e progressista” e, portanto, representativa dos ideais do Estado

Novo de integração do Oeste ao restante do país e modernização do estado brasileiro. No escopo destes objetivos estava a construção de um hotel modelo: o Grande Hotel.

Na Figura 28, têm-se as páginas do Jornal Gazeta de Notícias do dia 10 de setembro de 1938, onde consta o início da entrevista com Abelardo Coimbra, cujo excerto expôs-se acima, em primeira página, na parte inferior direita e segue na página 12 do jornal.

Figura 28 – Matéria jornalística O futuro do Brasil e a Marcha para Oeste



Fonte: Jornal Gazeta de Notícias (1938).

O Secretário de Agricultura do Estado de São Paulo, Mariano de Oliveira Wendel, no encontro com o Interventor Federal no Estado de São Paulo Ademar de Barros e com o Interventor Federal em Mato Grosso Júlio Müller, no dia 12 de julho de 1938, em visita à estação da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, na cidade de Três Lagoas – MT (atualmente pertencente ao Estado do Mato Grosso do Sul), assim pronunciou-se sobre a Marcha para Oeste:

Agora juntos, vamos encarar a sistematização dos planos de trabalho; vamos à construção das comunicações, à assistência técnica, à lavoura e à pecuária, ao povoamento, ao estudo e aproveitamento do solo e do subsolo, cumprindo para o Brasil o imperativo inexorável da Raça e da História, na marcha para o Oeste (Sá, 1998, p. 96).

Essa política desenvolvimentista do Oeste brasileiro fez-se conhecida pelo vice-cônsul dos Estados Unidos da América no Brasil senhor John Hubner que externalizou suas impressões sobre o Mato Grosso e as possibilidades de negócios, em entrevista concedida ao jornal Diário da Noite com sede no Estado de São Paulo em 1938

Nesses ambientes, a paisagem ainda não foi tocada pela mão do homem. Está à espera de que o homem forte, legal e empreendedor da terra aproveite, um dia, as energias em potencial. A riqueza potencial de Mato Grosso é qualquer coisa de grandiosa, impossível de explicar a alguém que não teve a ventura de ir até lá. No dia em que isso tudo for explorado racionalmente – a agricultura, a pecuária, a mineração, etc, - o Brasil terá em Mato Grosso uma fonte fabulosa de riqueza (Jornal Diário da Noite, 1938 *apud* Jucá, 1998, p. 119).

Suas impressões sobre as possibilidades de negócios futuras em Mato Grosso demonstraram um estado com grande potencial de crescimento e contribuição para a nação, mas suas impressões não cessaram. Sobre o povo ele também teceu considerações, afirmando que o mato-grossense é “[...] de uma hospitalidade incrível” (Jornal Diário da Noite, 1938 *apud* Jucá, 1998, p. 119).

O General Cândido Mariano da Silva Rondon também expressou suas impressões sobre a política desenvolvimentista Brasileira, em sua Marcha para o Oeste, promovida por Getúlio Vargas, capitaneada em Mato Grosso pela interventoria Federal. Em telegrama datado de janeiro de 1939, endereçado ao Interventor Júlio Müller, assim expressou-se:

A ligação militar aérea da sede da Nona Região Militar à Capital do Estado é outro melhoramento que fala bem alto do interesse que sua Excelência o Sr. Presidente da República manifesta pelo progresso de Mato Grosso, confirmando o seu vibrante postulado Rumo ao Oeste, para o engrandecimento do Brasil. Mato Grosso [...]. Congratulo-me com V. Excia, [Interventor Federal] e com o povo mato-grossense pela inauguração da era nova que o Estado Novo traçou para a Unidade da Federação [...] (Jucá, 1998, p. 133).

Em acordo com as assertivas do Marechal Rondon, que postularam sobre o progresso do Estado de Mato Grosso, por meio da política do Estado Novo de desenvolvimento do oeste brasileiro, o Jornal Gazeta de Notícias, da capital federal à época, publicou em 28 de fevereiro de 1939 as entrevistas do Jornalista Archimedes Pereira Lima, que ocupava o cargo de Diretor da Imprensa Oficial do Estado de Mato Grosso; do Diretor de Terras e Obras Públicas do Estado o Arquiteto Edgar Guimarães

do Vale e, também, do Tisiólogo-radiologista do Departamento de Saúde Pública do Estado, Hélio Ponce de Arruda.

Com o título: MATTO GROSSO na senda do progresso assim iniciou-se o preâmbulo da entrevista:

MUITO embora distante da Capital Federal, e com uma vasta área territorial [...] Matto [sic] Grosso offerece-nos [sic] hoje aspectos bem diversos de alguns anos atraz [sic]. O surto de desenvolvimento que de alguns annos [sic] a esta parte, domina todo o importante Estado central, fel-o [sic] um dos mais progressistas da União. Sem dúvida alguma, muitos problemas ainda não foram resolvidos completamente, mas a sua grande maioria já foi totalmente solucionada (Gazeta de Notícias, 1939, p. 1).

Percebe-se que o jornalista iniciou a matéria situando o estado de Mato Grosso na região central do Brasil, demonstrando que a configuração socioeconômica do final dos anos 1930 era muito diferente dos anos anteriores. Ao aludir que muitos problemas já haviam sido resolvidos fez-se referências às inúmeras ações do Governo Júlio Müller, de melhoria não só da capital como de todo o estado de Mato Grosso, dentre elas: questões administrativas, econômicas e financeiras do estado; transportes; abastecimento de água; energia; saúde; educação; comunicação; pecuária; mineração; agricultura, entre outros.

De toda sorte que essas ações já demonstravam melhorias advindas da política estadual do Governador. Ainda havia o que ser feito na área do turismo e, em muitas outras frentes, em consonância com a política desenvolvimentista do Governo Federal por meio da Marcha para o Oeste.

Ao iniciar a entrevista com o Diretor da Imprensa Oficial do Estado, este declarou:

- Um surto de grande progresso domina todo o Estado de Matto [sic] Grosso. Grandes actividades [sic] existem, quer na administração pública, quer nas diferentes [sic] esferas [sic] das actividades [sic] particulares. Em Cuyabá,[sic] batalha-se, no momento, febrilmente. A firma Coimbra Bueno & Cia. Ltda., já iniciou as construcções [sic] contractadas [sic] como Governo do Estado, dos edifícios destinados à residência dos Governadores, dos Hotel [sic] e Cinema, do Centro de Saúde e do Quartel do 16º B. C., devendo dentro em breve, iniciar a construção dos que se destinam a Secretaria Geral, Directoria [sic] de Estatística e Palácio da Justiça (Gazeta de Notícias, 1939, p. 1).

Archimedes Pereira Lima comunicava dessa forma para todo o Brasil, por meio de periódico da capital federal, a nova dinâmica desenvolvimentista do Estado de Mato

Grosso e o surto de progresso de sua capital Cuiabá por meio de inúmeras obras públicas e também de iniciativas advindas da esfera particular. Elencou algumas obras contratadas com a empresa Coimbra Bueno destacando-se, dentre outras, o Grande Hotel e o Cine Teatro Cuiabá.

Na Figura 29, a matéria jornalística Matto Grosso: na senda do progresso publicada pelo Jornal Gazeta de Notícias em 1939 em matéria de primeira página.

Figura 29 – Matéria jornalística Matto Grosso: na senda do progresso



Fonte: Jornal Gazeta de Notícias (1939).

Dessa forma, criaram-se as bases para a justificação da construção do Grande Hotel: contribuir para a permanência de Cuiabá como capital do Estado de Mato Grosso; ser um dos expoentes significativos da Marcha para o Oeste por meio da modernização da cidade; corporificação da política Getulista de interiorização e urbanização; e e, em alinhamento com a política federal de desenvolvimento do turismo no Brasil, ser o espaço de hospitalidade privilegiado para o desenvolvimento do turismo da cidade, especialmente o de negócios.

Caso de especial destaque nesse novo contexto histórico da cidade, foi a vinda do engenheiro Cássio Veiga de Sá “[...] no dia 19 de novembro de [1938] e sua equipe técnica na primeira quinzena de dezembro” (Jucá, 1998, p. 129). Cássio era o engenheiro contratado pela empresa Coimbra Bueno & Cia LTDA para a construção do Grande Hotel e demais Obras Oficiais, sob a interventoria federal do Sr. Júlio Müller, “[...] a quem se deve a consolidação de Cuiabá como capital eterna de Mato Grosso [...]” (Archimedes Pereira Lima, 1980 *apud* Sá, 1980, p. 17-18).

No prefácio da obra *Memórias de Um Cuiabano Honorário 1939-1945*, de Cássio Veiga de Sá, publicada em 1980, Archimedes Pereira Lima (1910-1993), importante jornalista fundador do Jornal O Estado de Mato Grosso, escreveu:

[...] chegado a Cuiabá no fim da década de trinta, quando tudo aqui era quietude, convidando os indivíduos, na placidez da Cidade Verde, mais às tertúlias, naquele tom melancólico de evocativas paisagens, que propriamente à ação, em ritmo até então desconhecido que assinalaria uma época, coube a Cássio, incontestavelmente papel dos mais preponderantes no surto de obras que se seguiu à sua chegada, como detonador de um processo que revolucionou o meio [...] (Archimedes Pereira Lima, 1980 *apud* Sá, 1980, p. 16).

Quando Cássio chegou à cidade em 1938 “[...] contava apenas 27 anos, [e] já trazia em sua bagagem um título de professor livre-docente da Escola Politécnica do Rio de Janeiro [...]” (Archimedes Pereira Lima Sá, 1980 *apud* Sá, 1980, p. 16] sua cidade natal.

Em Cuiabá, fundou o Instituto de Engenharia do qual é patrono e mantém,

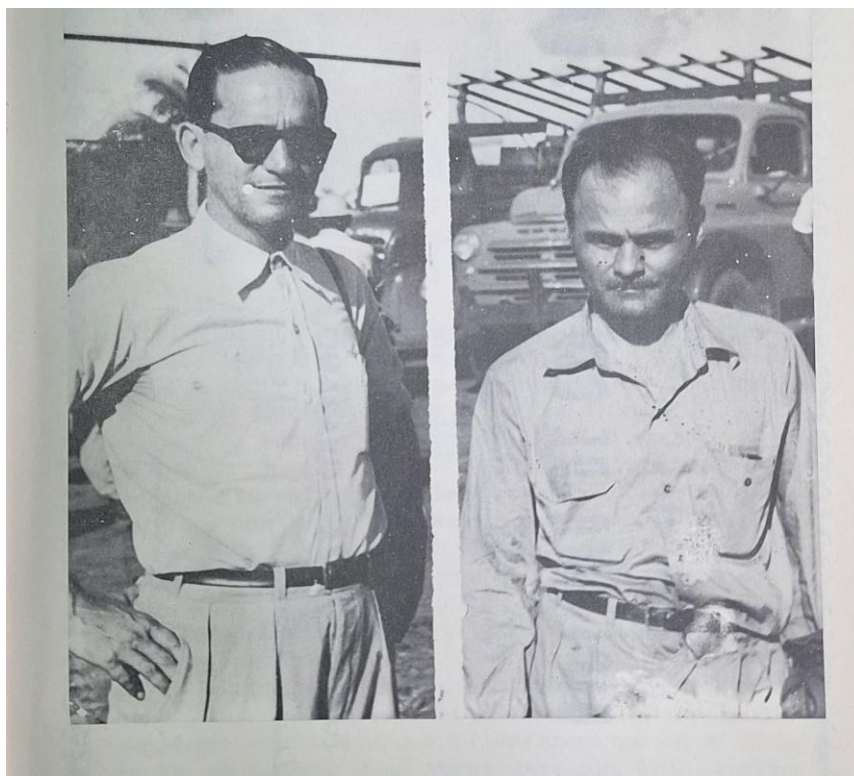
seu nome ligado a todas as grandes obras de engenharia realizadas a partir de sua chegada ao Estado como a ponte Júlio Müller, sobre o rio Cuiabá, substituindo a centenária balsa, o Palácio Alencastro, o Palácio da Justiça, o Edifício Maria Joaquina, o Grande Hotel, os Cinemas Cuiabá e Bandeirantes, a Secretaria Geral, o Clube Feminino, o Abrigo Bom Jesus, a residência dos Governadores, a Cervejaria Cuiabana, os Hotéis[sic] Santa Rosa Palace e Fenícia, o Palácio Filinto Müller, os Quartéis do 16º BC, a ponte sobre o rio Araguaia, ligando Goiás a Mato Grosso, o Colégio Estadual, são algumas das obras que pode Cássio arrolar ao seu notável Curriculum quando se aproxima da data de seu jubileu profissional (Archimedes Pereira Lima, 1980 *apud* Sá, 1980, p. 19).

Archimedes Pereira Lima, desta forma, assinalara a importância que Cássio viria a ter para a memória da cidade por meio da consecução das Obras Oficiais, obras particulares e outras obras fora do escopo das Obras Oficiais. Essas obras impactaram a capital de maneira indelével e contribuíram para seu desenvolvimento

à partir do final dos anos 1930. Seu legado lhe rendeu em 1965, por parte da Câmara Municipal de Cuiabá, o título de CIDADÃO CUIABANO pelos seus relevantes serviços prestados à coletividade da capital mato-grossense.

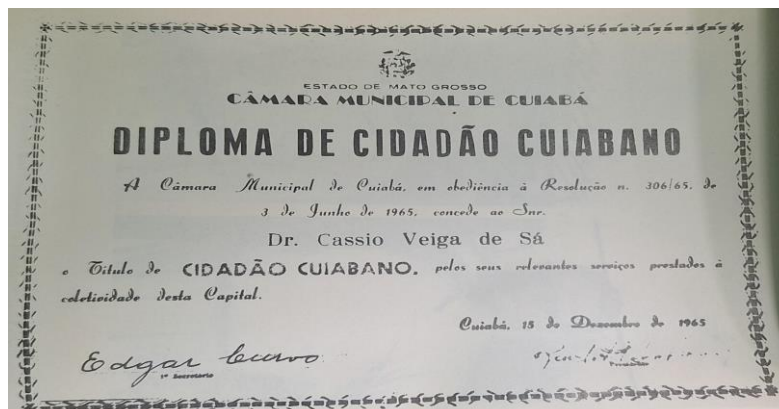
Na Figura 30, momento em que encontraram-se juntos Archimedes Pereira Lima e Cássio Veiga de Sá, e na Figura 31, o Diploma de Cidadão Cuiabano outorgado pela Câmara Municipal de Cuiabá a Cássio Veiga de Sá em 1965.

Figura 30 – Fotografia de Archimedes Pereira Lima à esquerda e Cássio Veiga de Sá à direita



Fonte: Sá (1980).

Figura 31 – Diploma de CIDADÃO CUIABANO



Fonte: Sá (1980).

O Governo do Estado de Mato Grosso também reconheceu a importância do Engenheiro Cássio Veiga de Sá para o desenvolvimento do estado, conferindo ao Engenheiro o Diploma de Comendador da Ordem do Mérito Mato Grosso em 19 de novembro de 1980, Figura 32.

Figura 32 – Diploma de Comendador da Ordem do Mérito Mato Grosso



Fonte: Sá (1980).

Sua obra: *Memórias de Um Cuiabano Honorário, 1939–1945*, publicada em 1980, foi tomada nesta pesquisa como fonte primária, por tratar-se de material original produzido por Cássio Veiga de Sá com evidências diretas sobre o objeto da pesquisa.

Cassio partiu do Rio de Janeiro em voo com escalas para Cuiabá. Seu relato da viagem, em forma narrativa, constante do livro, torna-se de suma importância por tratar-se de evidência com a descrição de toda a viagem: do embarque no Rio de Janeiro ao desembarque em Cuiabá; do trajeto até o hotel; das primeiras impressões da cidade, bem como da hospitalidade dispensada no Hotel Esplanada.

Suas informações serviram para análise de como processava-se a viagem de um turista de negócios, que partia do Rio rumo a Cuiabá, na mesma época.

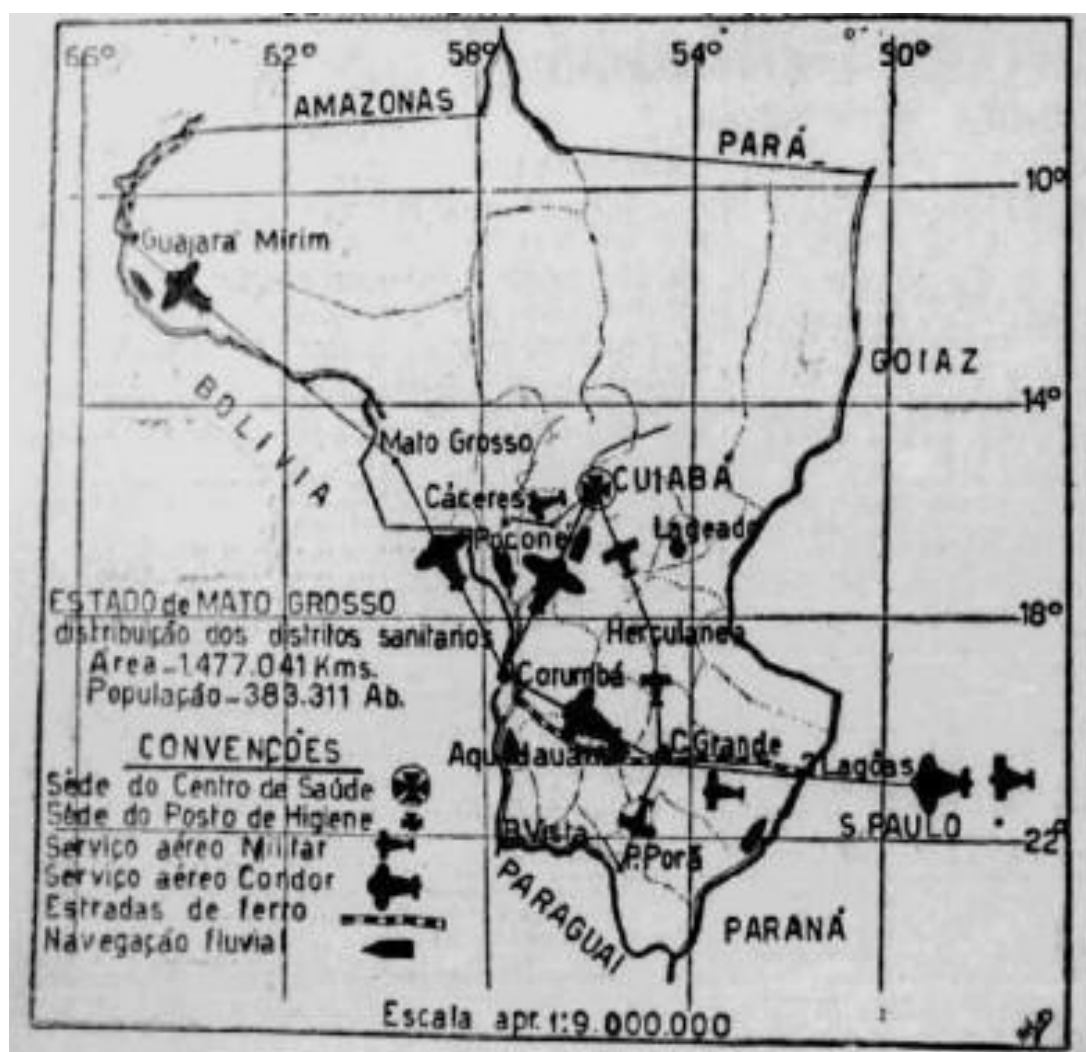
Em termos de viagens aéreas, “A Condor, que foi a primeira empresa aérea a realizar vôos [sic] comerciais para Cuiabá, anunciou no início de 1938 que ia realizar

duas viagens semanais entre a Capital do Estado e Corumbá” (Jucá, 1998, p. 65).

Para essa programação, da nova linha aérea, a empresa Condor informou que o voo às segundas-feiras, partindo de Cuiabá, iriam até São Paulo com troca de aeronave em Corumbá. No trecho entre Cuiabá-Corumbá o hidroavião era do modelo Dornier Wall 34, monomotor de quatro lugares e, na sequência, entre Corumbá e São Paulo, utilizava-se o avião Junker JU 52 que possuía três motores, com capacidade máxima para 18 passageiros, somada à tripulação, composta por piloto, copiloto, rádio-telegrafista e comissário de bordo, em voo com velocidade de 200 km/h. Nas quintas-feiras, a empresa também disponibilizou voo, contudo, a linha do hidroavião finalizava em Corumbá sem prosseguimento (Jucá, 1998).

Figura 33, as aerovias da empresa aérea Sindicato Condor à época da viagem de Cássio Veiga de Sá.

Figura 33 – Mapa do Serviço aéreo Condor



Fonte: Jornal O Estado de Mato Grosso (1939).

Utilizando-se dessa linha, Cássio, ao dirigir-se à Agência do Sindicato Condor à Avenida Rio Branco no Rio de Janeiro, recebeu “[...] a passagem [...] o mapa da viagem com a rota do voo, as escalas e a duração de cada etapa [...]” (Sá, 1980, p. 31). Como tratava-se de um voo com pernoite, recebeu “[...] o cartão de pernoite em Corumbá, com direito a jantar, uma garrafa de água mineral e café da manhã” (Sá, 1980, p. 31).

Seu bilhete aéreo, denominado passagem pelo funcionário da “[...] agência de passagens do Sindicato Condor, à avenida Rio Branco, no Rio [...]” (Sá, 1980, p. 31) lhe foi entregue com recomendação de comparecer ao campo de aviação 30 minutos antes do horário de decolagem que dar-se-ia às seis horas da manhã (Sá, 1980, p. 31).

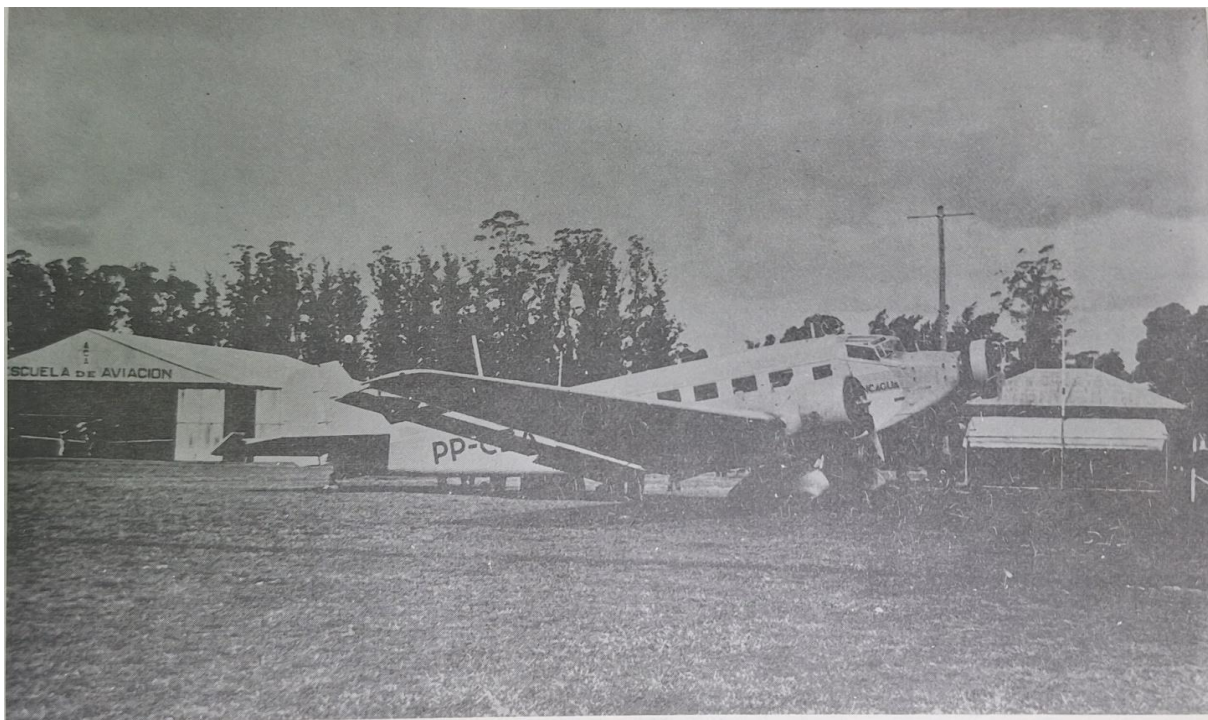
A designação “campo de aviação” era como se designava o aeroporto que tinha uma estrutura simples, “[...] sem qualquer conforto ou pavimentação” (Sá, 1980, p. 31). Para a viagem, com destino final em Cuiabá, o bilhete aéreo permitia vinte quilos de bagagem e, caso excedesse esse limite, taxas de excesso de bagagem deveriam ser pagas (Sá, 1980).

Ao relatar o primeiro contato com a empresa, por meio da agência no Rio de Janeiro, houve manifestação explícita sobre a percepção de “confiança no voo”, advinda da qualidade do atendimento em terra, pela equipe da empresa do Sindicato Condor. Dessa forma, “Aquela maneira precisa de atender impressionou-me e saí da agência do Sindicato Condor acreditando que a confiança no voo começa com o atendimento em terra” (Sá, 1980, p. 32).

Confiante na segurança do voo, resultante desse primeiro contato com o funcionário da agência de passagens do Sindicato Condor, o embarque no Rio de Janeiro aconteceu em um avião “[...] Junker JU 52, de 18 lugares, cuja tripulação se compunha de um piloto, um co-piloto [sic], um radio-telegrafista [sic] e um comissário [...] [em voo cuja velocidade alcançaria] 200 km/h” (Sá, 1980, p. 32).

O modelo de aeronave Junker JU 52, Figura 34, era o que operava o trecho até Corumbá da linha aérea Rio de Janeiro - Cuiabá do Sindicato Condor.

Figura 34 – Fotografia da aeronave Junker JU 52



Fonte: SÁ (1980).

Denominado Jacy, o Junker decolou do Rio de Janeiro, fez sua primeira escala em São Paulo capital e seguiu para Araçatuba. Após a decolagem em Araçatuba, o comissário de voo iniciou os serviços de bordo e serviu aos passageiros “[...] um lanche, em pequenas caixetas, consistindo de galinha frita, sanduíches de patê, ovo cozido e maçã” (Sá, 1980, p. 32).

A próxima escala efetuou-se em Três Lagoas, no Mato Grosso, em terras que hoje pertencem ao estado de Mato Grosso do Sul. Naquela cidade procederam-se às trocas postais e o avião seguiu viagem para Campo Grande e, de lá, para Corumbá. A aeronave entrou no hangar às 17 horas, fuso horário local, uma hora a menos que o fuso horário do Rio de Janeiro (Sá, 1980).

Nessa cidade havia o pernoite, dos turistas e demais passageiros, em hotel da Companhia Condor. A diária estava inclusa em voucher do qual o viajante poderia usufruir dos serviços de jantar e café da manhã, bem como desfrutar de uma garrafa de água disponibilizada pelo hotel. Era a materialização de parte dos direitos aos serviços adquiridos com a compra do bilhete aéreo.

Dissertando sobre as características do meio de hospedagem e condições de confortabilidade, informa-se que aquele:

hotelzinho tinha as janelas teladas, de modo que era completamente isolada de mosquitos, e dormia-se confortavelmente. Um casal alemão administrava o hotel e fornecia uma comida muito agradável, na qual predominava a salsicha com batatas (Sá, 1980, p. 35).

Nota-se que, por mais que o destino fosse atingido em dois dias, em voo com várias escalas e troca de aeronave, a questão da qualidade do atendimento inicial, somada à assistência às necessidades de uma pernoite com o mínimo de conforto, livre dos mosquitos, e ao serviço de restauração agradável, não permitiu ao viajante exarar manifestações negativas quanto à viagem do Rio de Janeiro para Corumbá – Mato Grosso.

A viagem dos passageiros de Corumbá até Cuiabá acontecia em um hidroavião, com capacidade para 04 passageiros, modelo “[...] Dornier Wall 34, monomotor [...]. A tripulação era composta de um piloto e um rádio-telegrafista” (Sá, 1980, p 39). Para embarcar, os passageiros dirigiram-se à barranca do rio Paraguai, na cidade de Corumbá, e a aerovia era sob o rio da rota até chegar à primeira escala, que era Porto Jofre [localidade distante 252 km da capital Cuiabá] (Sá, 1980).

Feito o abastecimento do hidroavião em Porto Jofre, a aeronave seguia viagem até Cuiabá, pousando no rio de mesmo nome. Após a aterrissagem, ao passageiro foi oferecido o serviço de *transfer* até o hotel por meio de táxi, [Sá, 1980], demonstrando, desta maneira, uma conexão entre os serviços de transporte aéreo, transporte terrestre urbano e serviços de meios de hospedagem para os viajantes que aterrissaram em Cuiabá.

Aquele modelo de avião Dornier Wall 34, que trouxera os passageiros de Corumbá para Cuiabá, fazia parte da frota da Subsidiária Sindicato Condor beneficiada pela política de desenvolvimentista e de interiorização do Brasil, propugnada pelo Governo Vargas, que investiu na “[...] construção de campos de aviação nas rotas do interior, chamadas domésticas [...],” (Sá, 1980, p. 36) como forma de colocar em ação a política de conquistar grandes distâncias em curto prazo (Sá, 1980). “Os hidroaviões da Condor foram utilizados na linha Corumbá-Cuiabá até outubro de 1940” (Jucá, 1998, p. 152). Em sequência, Figura 35, o hidroavião Dornier Wall 34 que fazia a linha aérea Corumbá-Cuiabá-Corumbá.

Figura 35 – Fotografia do hidroavião Dornier Wall 34



Fonte: Sá (1980).

Como ação da política de investimento no transporte aeroviário, o presidente Getúlio Vargas concebeu o Departamento de Aeronáutica Civil (DAC) em 22 de abril de 1931 e, dez anos depois, “[...] criou o Ministério da Aeronáutica [20 de janeiro de 1941] nomeando seu titular o Ministro Salgado Filho que deu grande apoio à aviação comercial, abrindo novas rotas e estabelecendo comunicação como o interior distante (Sá, 1980, p. 37).

A construção de campos de aviação (aeroportos) e a abertura de novas rotas permitira que a comunicação com a capital do Brasil, então o Rio de Janeiro, acontecesse de maneira mais célere com as cidades localizadas em áreas distantes do litoral.

Para melhorar as comunicações, em ação sintonizada com o governo federal, a prefeitura de Cuiabá “[...] cedeu ao Ministério da Aeronáutica uma área de terreno para a abertura de um campo de aviação, cujo início foi feito pelo Estado, [...] mas depois passou para o Departamento de Aeronáutica Civil – DAC [...]” (Sá, 1980, p. 105).

Havia a necessidade de que o campo de aviação tivesse oitocentos metros, a fim de receber o Junker JU 52 trimotor com capacidade para 18 passageiros, o alvissareiro da modernidade aeronáutica em uma cidade onde só pousava hidroavião de quatro lugares. Este campo de aviação “[...] possibilitou a vinda de Getúlio Vargas em 1941, chegando a Cuiabá com uma comitiva de dois aviões DC-3 e um Fokker

Wult” (Sá, 1980, p. 107). Figura 36, construção do aeroporto (campo de aviação ou aeródromo).

Figura 36 – Fotografia da construção do Campo de Aviação de Cuiabá



Fonte: Mato Grosso (entre 1939 e 1940).

O Jornal o Estado de Mato Grosso, Figura 37, em edição do dia 12 de setembro de 1939, publicara que o primeiro vôo experimental em Cuiabá, de um avião trimotor, denominado Moré da Sindicato Condor, efetivou-se em 11 de setembro de 1939 e contou com a presença do Interventor Federal Júlio Müller, do Secretário-Geral João Ponce de Arruda e do Prefeito Isac Póvoas (O Estado de Mato Grosso, 1939, p. 5).

Construído com os esforços do Governo Estadual, da prefeitura e do engenheiro Cássio Veiga de Sá, a inauguração do campo de aviação, em 1940, (Jucá, 1998) com o Junker do Sindicato Condor foi um momento festivo para a Cidade.

Figura 37 – Matéria jornalística sobre o voo experimental no campo de aviação de Cuiabá



Fonte: Jornal O Estado de Mato Grosso (1939).

Continuado esse momento de expansão da comunicação aérea, no ensejo de dar suporte e fomentar o setor aeronáutico e o turismo aéreo, foi fundado o aeroclube da cidade de Cuiabá “[...] donde saíram pilotos brevetados” (Sá, 1980, p. 106). Esse aeroclube foi o primeiro aeroclube de Mato Grosso, vindo a chamar-se Aeroclube Mato-Grossense (Jucá, 1998).

Em 15 de outubro de 1940, o Jornal O Estado de Mato Grosso publicou matéria, vide Figura 38, onde informou aos leitores que mais um avanço em termos de transporte aéreo consolidava-se em Cuiabá. De acordo com o periódico, em 14 de outubro de 1940, iniciara-se a linha aérea da Condor ligando o Rio de Janeiro a Cuiabá, em linha regular com aviões trimotores.

Era mais uma ação da Interventoria Federal colocando em prática a política desenvolvimentista do Oeste do Brasil que reverberaria, de maneira positiva, para o turismo de negócios de Cuiabá e o consequente desenvolvimento desta cidade e de todo o Estado de Mato Grosso.

Figura 38 – Matéria jornalística do Início da linha regular de trimotores da Condor do Rio de Janeiro para Cuiabá



Fonte: Jornal O Estado de Mato Grosso (1940).

Cuiabá, cuja ligação com a capital federal no início dos anos 1930 dava-se quase que exclusivamente por via fluvial, em viagem que levava até 40 dias para ser finalizada, com essa linha regular de voo do Sindicato Condor do Rio de Janeiro para

Cuiabá, que concretizou-se à partir de janeiro de 1940, encurtou esse tempo para apenas dois dias. A aviação unia as cidades, encurtava distâncias e materializava a política varguista de investimento na aviação civil e no turismo, em um avanço enorme nos meios de transporte e na comunicação da cidade de Cuiabá com a capital federal e algumas das principais cidades do Brasil. Na Figura 39, tem-se propaganda da empresa Sindicato Condor alinhada à política de Marcha para o Oeste.

Figura 39 – Matéria jornalística sobre A Marcha para o Oeste via Condor



Fonte: Jornal O Estado de Mato Grosso (1939).

Esse sinal dos novos tempos propugnados pela Marcha para o Oeste, de progresso da capital que iniciava seu processo de modernização com as políticas do Estado Novo, contribuiu para o desenvolvimento socioeconômico e cultural, e, especialmente, para o turismo de negócios da cuiabá e de todo o estado de Mato Grosso.

Isso deveu-se à aproximação das cidades; à diminuição do tempo de viagem e a facilitação para que os interessados em turismo de negócios, lazer ou por outros motivos de deslocamento, pudessem, partindo do Rio, aterrissar em Cuiabá em apenas dois dias de viagem.

Voltando à chegada de Cássio à cidade, a percepção da cidade no trajeto até o hotel foi de uma cidade limpa e calçada de paralelepípedos. Observara, também, que os quintais apresentavam muitas árvores cuja presença justificava o epíteto de Cidade Verde.

O hotel, ao qual se dirigiu, foi o Esplanada, de propriedade de Artur Jorge, conhecido como Chico Jorge. Conversou-se com o dono do hotel e foi verificado que havia disponibilidade de quarto; suas malas foram levadas para a unidade habitacional por um funcionário do estabelecimento, enquanto ele deslocou-se para a Secretaria Geral (Sá, 1980).

No caminho do hotel para a Secretaria Geral, revelara que, além da existência de um bar, o “Bar do Bugre”, já havia placas indicativas dos nomes das ruas, por exemplo, Ricardo Franco e Galdino Pimentel, (Sá, 1980) demonstrado, por parte da administração da cidade, ao que parece, práticas públicas de ordenamento urbano que poderiam ser utilizadas tanto pelo cidadão como pelo turista que por lá aportasse.

Outra questão importante levantada foi a da hospitalidade demonstrada neste pequeno percurso. Ao olhar para dentro do Bar do Bugre avistou um antigo colega do Instituto Lafayette, quando estudara no Rio de Janeiro. Esse conhecido estava bebendo cerveja com mais dois amigos, que, tão logo foram feitas às apresentações, já lhe foi oferecido um copo de cerveja, na intenção de fazê-lo sentir-se parte do grupo (Sá, 1980).

Estava à frente da Secretaria Geral em Cuiabá, João Ponce de Arruda, que, ao receber o Engenheiro Cássio Veiga de Sá, o incumbiu de iniciar as Obras Oficiais. A primeira seria a “[...] Residência dos Governadores, e depois [...]” o “Grande Hotel”. A residência dos governadores seria construída na Rua Barão de Melgaço e o Grande Hotel, na esquina da Avenida Getúlio Vargas com a Rua Joaquim Murtinho [...]” (Sá, 1980, p. 40).

O Jornal O Estado de Mato Grosso em 27 de agosto de 1939 publicou entrevista feita no dia 23 de agosto de 1939 com o engenheiro Cássio Veiga de Sá, então chefe das construções das Obras Oficiais em Cuiabá.

A matéria foi publicada na página 8 com o título: **“Fala ao ‘O Estado de Mato Grosso’ o Eng. Cássio Veiga de Sá, Chefe das obras da firma Coimbra Buêno & Cia. nesta Capital”** (O Estado de Mato Grosso, 1939, p. 8). O objetivo da entrevista era verificar o andamento das obras na cidade.

Recepcionados no Palácio da Instrução, após questionamentos sobre a

Residência dos Governadores e o Centro de Saúde, indagaram sobre o hotel e o cinema. Cássio respondeu que o Grande Hotel “[...] está iniciado. Já se acham prontas as fundações. O levantamento das paredes já começou [...]. [Quanto ao cinema, disse que] Terminadas as fundações do Hotel, iniciaremos as do Cinema”(O Estado de Mato Grosso, 1939, p. 8).

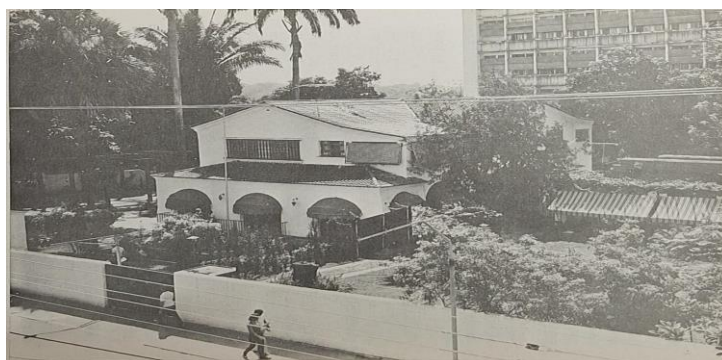
Após informar que havia finalizado as fundações e iniciado o levantamento das paredes, seguido das explicações sobre o Cine Teatro Cuiabá, foi-lhe perguntado quais prédios seriam os primeiros a ficarem prontos. Cássio respondeu que a Residência dos Governadores seria a primeira obra a ser entregue, seguida do Grande Hotel, pois “[...] de acordo com o pensamento do Governo, o Hotel, sendo de maior necessidade [do que o cinema], será concluído em primeiro lugar” (O Estado de Mato Grosso, 1939, p. 8).

4.1 RESIDÊNCIA DOS GOVERNADORES

A Residência dos Governadores foi a primeira Obra Oficial a ser construída. Teve seu processo inicial em 1939 e sua conclusão em 1940. Localizada à rua Barão de Melgaço, 3565 – Centro Norte, Cuiabá (MT), sua função precípua foi a de servir como a Residência Oficial dos Governadores do Estado de Mato Grosso, ressignificada na atualidade como Museu Residência dos Governadores.

O imóvel em estilo neocolonial foi tombado como Patrimônio Histórico e Artístico do Estado por meio da Portaria nº 53/83 de 09 de janeiro de 1984. A Figura 40 traz o panorama da fachada e parte da lateral da Residência dos Governadores, onde observa-se o pátio arborizado com jardim.

Figura 40 – Fotografia da Residência dos Governadores



Fonte: Sá (1980).

De acordo com Sá (1980, p. 110), “[...] Antes da residência dos governadores, não havia em Cuiabá onde hospedar condignamente um presidente da República”. Essa afirmação se coaduna com a crítica auferida pelos mudancistas quando voltada para a análise da hotelaria cuiabana ao exarar que “não havia nem mesmo um hotel para receber os visitantes” (Sá, 1980, p. 82).

Deixada esta querela e voltando para o processo construtivo da Residência dos Governadores, tem-se que a pintura dessa obra deu-se por meio de contrato com a Empreiteira Germano Wouther em acordo assinado pelo escritório da Firma Coimbra Bueno em São Paulo. Para tanto, veio o mestre pintor Filibert em equipe formada por mais quatro pintores (Sá, 1980). Entregue a obra da Residência dos Governadores, “A segunda obra a ser entregue foi o Grande Hotel” (Sá, 1980, p. 110).

Assim, “Essas primeiras obras já deveriam suprir as deficiências [...] que na continuidade das Obras Oficiais [...] [fariam] desaparecer o movimento mudancista, e os cuiabanos puderam dizer “Cuiabá, Capital eterna de Mato Grosso” (Sá, 1980, p. 82).

Enfim, no final dos anos 1930, Cuiabá iniciava um momento de transformação das estruturas coloniais oitocentistas, em muito propulsionadas pelas Obras Oficiais que, naquele momento, modernizaram-na por meio da dotação da infraestrutura de que a capital tanto necessitava.

Não pode-se afirmar que havia um setor de turismo estruturado na capital após o levantamento de dados, contidos nas fontes, nesta pesquisa sobre o período; contudo, deduz-se que, a partir do final dos anos 1930, com os investimentos feitos na capital, criavam-se as bases para a estruturação do setor.

Enfim, dava-se um novo passo. Iniciava-se um novo momento histórico. Cuiabá preparava-se para o porvir, para um novo tempo e, mesmo que o turismo de negócios e a hospitalidade comercial não estivessem consolidados não pode-se negar que um olhar para o turismo e a hospitalidade vicejava na capital, advindo da uma política nacional de incentivo ao turismo propugnada por Vargas e executada pela Interventoria Federal de Mato Grosso com a construção do Hotel das Águas Quentes, voltado do turismo de lazer, e, o Grande Hotel, para o desenvolvimento do turismo de negócios da capital.

5 A TRAJETÓRIA HISTÓRICA DO GRANDE HOTEL, SUAS FUNÇÕES TURÍSTICAS E DE HOSPITALIDADE COMERCIAL

Nesta seção examina-se a trajetória histórica do Grande Hotel com ênfase em sua importância para o desenvolvimento do turismo de negócios da capital mato-grossense. Procura-se destacar sua posição singular na história da cidade em conexão com a política, a sociedade, a cultura, seus valores simbólicos e suas funções turísticas e de hospitalidade comercial, no contexto urbano de Cuiabá. Nesse processo, investiga-se o equipamento turístico como: parte do conjunto de Obras Oficiais do Governo do Estado de Mato Grosso, edificado com recursos federais, que contribuiu para o desenvolvimento do turismo de negócios com a construção do mesmo; integrante das obras construídas com o objetivo de modernizar Cuiabá, em alinhamento a política federal de desenvolvimento do interior por meio da Marcha para o Oeste promovida por Getúlio Vargas, e contribuinte para consolidação de Cuiabá como capital do Estado de Mato Grosso.

Pesquisar sobre o papel histórico do Grande Hotel para o desenvolvimento do turismo de negócios é atestar sua importância para a atividade e para o desenvolvimento socioeconômico e cultural da capital. Cooper *et al.* (2001, p. 361) discutiram sobre a função estratégica dos hotéis para o desenvolvimento do turismo. Assim, “[...] a hospedagem tem sido uma necessidade de viagem desde que as primeiras rotas comerciais, missionárias e pioneiras foram estabelecidas na Ásia e na Europa em épocas anteriores ao Cristianismo”.

De acordo com Davidson (1994), pode-se compreender o turismo de negócios como a concretização das viagens em que a finalidade dessas se relaciona com o mundo do trabalho. A importância do turismo de negócios tem se mostrado crescente nas últimas décadas. Em estudo divulgado por Walker (2002), constatou-se que 50% ou mais das viagens aéreas foram realizadas a trabalho. Segundo o autor Walker (2002), o perfil dos turistas de negócios, quando comparado com o dos turistas de lazer, demonstrou ser mais jovem, com frequência maior no número de viagens, em estadas em que gastam mais dinheiro e permanecem menos tempo.

Para Walker (2002, p. 61) “[...] as pessoas que viajam a negócios deram um grande impulso aos hotéis, restaurantes e locadoras de veículos”. No caso específico do Grande Hotel, houve uma relação simbiótica entre o hotel e o turismo de negócios, pois, o crescimento do turismo de negócios em Cuiabá, foi, em muito, devido à

existência de meio de hospedagem em que os turistas pudessem hospedar-se e, ao mesmo tempo, a demanda destes garantiu o sucesso do próprio hotel e o desenvolvimento do turismo de negócios.

De acordo com Swarbrooke (2000), o turismo de negócios cresce em todo o mundo. Com características peculiares, os turistas de negócios mostram-se mais exigente em comparação com os turistas de lazer. Em contrapartida, são mais dispendiosos no ticket médio dos gastos durante as atividades, em viagens individuais ou em grupo de negócios; participação em exposições; cursos; conferências e reuniões comerciais ou administrativas e demais atividades de negócios.

Para Swarbrooke e Horner (2001) há uma diferenciação entre turismo de negócios e viagens de negócios. De acordo com o entendimento dos autores, para conceituar-se como turista de negócios, a pessoa deverá pernoitar no meio de hospedagem. Considerará como viagem de negócios e não turismo de negócios a estada em que a ação de chegada e de saída de localidade aconteça no mesmo dia.

De acordo com o Ministério do Turismo do Brasil (2006), o turismo de negócios refere-se às atividades turísticas resultantes de confluências de motivações profissionais, associativas e institucionais que possuam feição comercial, social, entre outras (Brasil, 2006).

Goeldner e Ritchie (2006) consideram turistas de negócios as pessoas cujo motivo de viagem relaciona-se a alguma atividade profissional, incluindo os partícipes de conferências de negócios ou convenções. Esses profissionais, que viajam a trabalho, utilizam, na maioria das vezes, meios de hospedagem nas localidades de destino, como no caso do Grande Hotel, em Cuiabá (MT).

Wada (2009) trouxe importantes contribuições para a pesquisa em turismo. Dentre elas, pode-se destacar a subdivisão do turismo de negócios em três tipos que estão intrinsecamente vinculados aos objetivos da viagem, classificando-os da maneira que se segue:

1. Viagens corporativas: são viagens em que uma pessoa (e não um grupo), com certa regularidade, varia os motivos, os destinos e a duração.
2. Eventos comerciais: ainda que possa haver a viagem individual, há datas e finalidades comuns com um grupo de pessoas.
3. Viagens de incentivo: são as viagens que a empresa custeia para os colaboradores como forma de atendimento às políticas do departamento de Gestão de Pessoas.

Como não dispôs-se de dados, ao longo da pesquisa sobre o Grande Hotel, que se especificasse o turismo de negócio de acordo com a tese dos autores Swarbrooke e Horner (2001) e Wada (2009), optou-se por enunciar somente turismo de negócios sem divisões ou subdivisões classificatórias.

De acordo com a Organização Mundial do Turismo (ONU Turismo) o turismo de negócios refere-se a um “[...] tipo de atividade turística em que os visitantes viajam para um local fora de seu local de trabalho e residência com um propósito profissional e/ou comercial específico, visando participar de uma reunião, atividade ou evento” (ONU Turismo, 2026).

A compreensão sobre a conceituação/definição de turismo de negócios é importante, pois o Grande Hotel valeu-se, de maneira proeminente, do turismo de negócios para a manutenção e desenvolvimento da atividade hoteleira.

Para Castelli, “hotel é um estabelecimento comercial de hospedagem, que oferece aposentos mobiliados, com banheiro privativo, para ocupação iminente ou temporária, [...] além dos demais serviços inerentes à atividade hoteleira” Castelli (1992, p. 38).

Discorrendo sobre o tema, pode-se ter como referência o trabalho de Beni (2000). De acordo com o autor hotel é:

uma empresa de prestação de serviços e diferencia-se de outros estabelecimentos industriais ou comerciais. Enquanto na indústria pode-se planejar o número certo de equipamentos, instalações e pessoal para um determinado tipo de produção, o mesmo não acontece com a hotelaria, que fica no aguardo dos clientes para pôr em funcionamento seu esquema de produção (Beni, 2000, p. 195).

Essa diferenciação, proposta pelo autor, entre hotel e outros estabelecimentos industriais e comerciais, demonstra que o estabelecimento hoteleiro tem características muito específicas, em que o consumidor se desloca até o hotel para usufruir de sua hospitalidade, em um processo dinâmico em que a demanda flutua, não podendo a prestadora de serviços de meios de hospedagem valer-se da mesma logística de estabelecimentos industriais e comerciais *lato sensu*.

Quando se pesquisa sobre a hospitalidade ao longo do processo civilizatório, compreende-se que “A ideia de hospitalidade é tão antiga quanto a própria civilização. Seu desenvolvimento, desde o antigo costume de dividir o pão [...] até [os] [...] conglomerados de hospitalidade de nossos dias, constitui-se [...]” (Walker, 2002, p.

4) um campo vasto para a pesquisa científica.

Para Walker (2002, p. 4), não indo tão longe na origem latina de hospitalidade que advém de *hospitalitas*, que alude à qualidade de ser hospitaleiro, ensina que “A palavra hospitalidade deriva de *hospice* (asilo, albergue), uma antiga palavra francesa que significa ‘dar ajuda/abrigo aos viajantes’”, como a proposta do Grande Hotel de abrigar os turistas na cidade de Cuiabá.

Por mais que a hospitalidade seja quase tão antiga como a humanidade, os estudos científicos sobre este fascinante campo de investigação são relativamente recentes, como atesta Camargo (2004, p. 49) ao afirmar que “a hospitalidade, enquanto objeto de estudo acadêmico, é bastante recente”.

Há autores que debruçaram-se sobre a hospitalidade enquanto dádiva; outros voltaram-se para a hospitalidade nos meios de hospedagem, a hospitalidade comercial.

Para os autores que trabalham com a hospitalidade enquanto dádiva, não há questões financeiras envolvidas no processo de dar-receber-retribuir. Para Jacques Godbout (1997), a hospitalidade, enquanto dádiva, vai muito além do ato do anfitrião receber bem, ela envolveria relações interpessoais advindas desse encontro, alteridade, abertura para o outro em um ato de dom.

Para Godbout (1997) e Camargo (2004), a dádiva caracteriza-se por atitudes que: a) exprimem um ato desvinculado de interesse monetário, exteriorizando atitude gratuita e retorno; b) sobrelevam questões relativas ao ato hospitaleiro eivado de interesse/desinteresse; c) expõem elementos da dádiva que trabalham liberdade e obrigação em ser hospitaleiro; d) demonstram que há desigualdade nas trocas; e) evidenciam que a hospitalidade, enquanto dádiva, traz prazer no ato de dar-receber-retribuir de maneira despretensiosa.

Nesse sentido de dar-receber-retribuir, (Lashley, 2015, p. 3) defende a hospitalidade “como uma característica fundamental, onipresente na vida humana e a hospitalidade, em si, indicaria a disposição das pessoas de serem genuinamente hospitaleiras, sem qualquer expectativa de recompensa ou de reciprocidade”.

Para Guimarães (2019), a hospitalidade é motivada por fatores interiores e exteriores à pessoa hospitaleira pelo simples gosto do encontro, não sendo possível definir um padrão de pessoas hospitaleiras, pois fatores como traços de personalidade entram nessa composição.

Essas conceituações são importantes para tentar compreender a hospitalidade

dos cuiabanos (as), contudo, por não ser o foco da tese, para a construção da mesa, ancora-se em fundamentação teórica que trabalha a hospitalidade comercial.

Segundo Abreu (2003), a maneira como uma empresa se organiza internamente e conversa com o cliente define o sucesso do seu atendimento. Em termos simples, a estrutura e a comunicação funcionam como a "personalidade" da empresa, e o cliente vai perceber e julgar o serviço com base nisso.

Na hospitalidade comercial, não trata-se apenas de ser gentil, mas de como a empresa se prepara estruturalmente para receber o cliente no mercado atual. Assim, os processos internos (organização) e as interações (comunicação) criam a identidade e a cultura da marca.

Nesse sentido, se a estrutura falha ou a comunicação é ruim, a imagem que o cliente guarda da empresa será negativa, pois o cliente julga a qualidade do serviço com base na experiência gerada por essa identidade organizacional.

Para Lashley e Morrison (2004): a presença do dinheiro e de limites comerciais altera profundamente a pureza da relação de acolhimento. Em vez de um ato puramente espontâneo ou cultural, a hospitalidade no ambiente de negócios vira um contrato com regras e expectativas de ambos os lados.

Neste sentido, no âmbito das relações advindas da hospitalidade comercial, esta só existe em função do pagamento. O hóspede é entendido como cliente e o anfitrião como prestador de serviços. O acolhimento deixa de ser um dever moral ou altruísta para se tornar uma obrigação econômica.

Camargo (2004) pondera que foi a evolução do mercado e as transformações sociais, ao longo dos tempos, que deslocaram o conceito de hospitalidade do âmbito puramente da dádiva para ser aplicado nos negócios. Nesse sentido, a hospitalidade comporta, também, as relações advindas dos contratos jurídicos entre o cliente e o prestador de serviços.

Para CASTELLI (2010), hospitalidade vai muito além de uma habilidade profissional ou simples cordialidade; ela é uma filosofia de trabalho e uma vantagem competitiva nas organizações prestadoras de serviços.

Para o este autor, a hospitalidade comercial é a aplicação técnica, metodológica e estratégica das atitudes hospitaleiras em ambientes como hotéis, restaurantes e empresas de turismo. Ela baseia-se na percepção do que significa excelência em serviços e na motivação para promover a interação social e a troca simbólica entre o prestador (anfitrião/colaborador) e o cliente (hóspede/visitante)

(Castelli, 2010).

Nesse processo o objetivo é surpreender o visitante, oferecendo um serviço que transcende o básico por meio do planejamento estratégico de fatores de surpresa. O autor alerta que ser hospitaleiro não significa ser subserviente. O ato de servir é visto como algo nobre e profissional que engloba a excelência nos padrões de recepção, abrigamento, alimentação e bem-estar do cliente CASTELLI (2010) dos meios de hospedagem.

Entende-se por meio de hospedagem, de acordo com o artigo 23 da Lei nº 11.771/2008:

os empreendimentos ou estabelecimentos, independentemente de sua forma de constituição, destinados a prestar serviços de alojamento temporário, ofertados em unidades de frequência individual e de uso exclusivo do hóspede, bem como outros serviços necessários aos usuários, denominados de serviços de hospedagem, mediante adoção de instrumento contratual, tácito ou expresso, e cobrança de diária (Brasil, 2008, n.p.).

Como observa-se, a definição de meio de hospedagem pela Lei nº 11.771/2008 procurou enunciar um conceito em que os serviços de hospedagens estivessem amplamente abarcados.

Para o MTur hotel é “Estabelecimento com serviço de recepção, alojamento temporário, com ou sem alimentação, ofertados em unidades individuais e de uso exclusivo do hóspede, mediante cobrança de diária” (Brasil, 2011). São definições que procuram expressar um caráter personalíssimo à definição de meios de hospedagem, com uso de termos diferentes mas não com sentidos contrários, demarcando sentidos sem, contudo, fugir da definição legal.

O Sistema Brasileiro de Classificação de Meios de Hospedagem do Ministério do Turismo estabeleceu sete tipos de Meios de Hospedagem, para atender a diversidade da oferta hoteleira nacional, quais sejam: Hotel, Resort, Hotel Fazenda, Cama & Café, Hotel Histórico, Pousada e Flat/Apart-Hotel (Brasil, 2011).

No Brasil, o desenvolvimento da hotelaria foi impulsionado pela vinda da família real portuguesa para as terras da Colônia em 1808. “Os hotéis de melhor categoria começaram a surgir em antigas mansões, como o Hotel Ravot (antiga residência do Visconde de Cachoeira, na rua do Ouvidor), ou fora do centro do Rio” (Confederação Nacional do Comércio, 2005, p.22).

Grande importância para a hotelaria brasileira foi a criação da Associação

Brasileira da Indústria de Hotéis (ABIH) em 19 de novembro de 1936, quando da realização do 1º CONOTEL - Congresso Nacional de Hotéis na cidade do Rio de Janeiro (RJ). Segundo o estatuto da ABIH, dentre as suas finalidades e objetivos está:

I _ Congregar e coordenar nacionalmente os meios de hospedagem, defendendo os seus direitos e interesses como órgão de colaboração com os poderes públicos no plano técnico, consultivo, deliberativo e educação profissional, em formação, treinamento, estudos e buscas de soluções para os assuntos relacionados com a hotelaria e atividades correlatas como gastronomia e turismo, que são afetas à atividade empresarial congregada, e também de interesse da Nação, podendo para isso disponibilizar recursos próprios e/ou receber recursos públicos ou de outras instituições privadas, firmando convênios e estabelecendo outras formas de parcerias (ABIH, [19--]. [n.p.]).

Como constata-se do excerto acima, a ABIH passou a representar o setor hoteleiro, atuando de maneira firme na defesa de seus representados, em constante diálogo com os setores públicos e a sociedade, promovendo o desenvolvimento da hotelaria e do turismo em todo o território nacional.

Da criação da ABIH à entrada do Brasil no processo de globalização, destaca-se que “[...] as redes internacionais de hotéis começaram a entrar no Brasil [...] [na] década de 1970 [...] [coincidindo] com uma fase de disponibilidade de financiamento [...] e de incentivos fiscais para construção de hotéis” (Pereira, 2015, p. 511). Da década de setenta para cá verifica-se que organizações hoteleiras, vêm sofrendo diversas transformações [...] devido a mudança sofrida no mercado turístico e no tipo de demanda da clientela” (Porto, 2002, p. 12).

Como exposto acima, a atividade hoteleira está em constante processo de atualização e adequação aos “[...] novos princípios de qualidade e competitividade, flexibilização [...] da produção de serviços, diversificação, foco no cliente, parcerias, capacidade de inovação, capital humano [...] e competitividade” (Porto, 2002, p. 13-14) não só para manter-se no mercado, mas, também, fidelizar e atrair novos clientes.

Assim, de simples meios de hospedagem, com oferta de serviços básicos, aos luxuosos hotéis, essas transformações trouxeram para os hotéis: piscina, sauna, salão de jogos e festas, restaurantes que se tornaram premiados, ou seja, toda uma gama de serviços à disposição dos clientes, turistas ou não.

Ao pesquisar, analisar e interpretar a trajetória histórica do Grande Hotel, como expoente do desenvolvimento do turismo de negócios da capital, observa-se que “[...] a importância da história para o turismo implica necessariamente estabelecê-lo como

fenômeno historicamente localizado” (Camargo, 2001, p. 37), neste caso, a cidade de Cuiabá (MT).

Essa abordagem histórica não encontra “[...] grandes dificuldades [...] na Europa [...] [contudo] não se pode dizer que haja facilidades para isso no Brasil. Mas não é possível abdicar de construí-la, a despeito das nossas peculiaridades”. (Camargo, 2001, p. 67). Nesse sentido, foram motivadoras, principalmente as leituras dos trabalhos *Raízes do Turismo no Brasil*, de Mário Jorge Pires (2002) que aborda os primórdios da hotelaria, a prestação de serviço e as viagens durante o século XIX e de Célia Maria de Moraes Dias com em *Home Away From Home: Evolução, caracterização e perspectivas da hotelaria em estudo* que analisou a evolução da atividade hoteleira, abordadas questões relacionadas ao turismo e a hotelaria (Dias, 1990).

Por meio dessa abordagem histórico-hermenêutica, verificou-se que há controvérsia quanto à autoria do projeto arquitetônico do Grande Hotel.

De acordo com Sá (1980) o projeto arquitetônico do Grande Hotel, datado de 1940, é de autoria de Carlos Henrique Porto ficando para Humberto Kaulino a responsabilidade pelo projeto do Cine-Teatro.

Araújo (2023, p. 158) diverge quanto a esta questão, e afirma que “[...] não foram encontradas evidências além do relato do engenheiro Sá, de que a autoria dos projetos fosse conforme esta distinção e que pudessem validar tal fato”. Para Araújo (2023, p. 158), de acordo com as evidências “Têm-se documentos que se referem aos dois arquitetos como tendo trabalhado juntos [...]”. Como as evidências tratam-se da análise do projeto arquitetônico do Grande Hotel optou-se por adotar a posição de Araújo (2023) e atribuir autoria do projeto aos Arquitetos Carlos Henrique Porto e Humberto Kaulino.

Construído sob a Gestão do Interventor Federal Júlio Strübing Müller (1937-1945), contou com aporte federal para sua consecução sob a responsabilidade do Engenheiro Cássio Veiga de Sá, da Construtora Coimbra Bueno & Cia LTDA em atenção à execução do projeto elaborado pelos Arquitetos Carlos Henrique Porto e Humberto Kaulino. Dentre as Obras Oficiais construídas, o Grande Hotel foi a segunda em ordem de prioridades de construção.

Localizado em espaço privilegiado da capital à Avenida Getúlio Vargas esquina com a rua Joaquim Murtinho, nº 247 - Centro, Cuiabá (MT), teve sua construção iniciada em 1940 e a conclusão e inauguração da obra em 1941. Para Anjos (2004)

os hotéis que voltam-se para o público advindo do turismo de negócios, localização e rapidez, são fatores essenciais para se pensar quando da escolha do lugar da edificação. Na Figura 41, observa-se o Grande Hotel no ano de sua inauguração:

Figura 41 – Fotografia do Grande Hotel no ano de sua inauguração em 1941



Fonte: SÁ,(1980).

O equipamento hoteleiro localizava-se, portanto, no centro da cidade próximo a Prefeitura de Cuiabá, a Residência dos Governadores, ao Palácio da Justiça, a Secretaria Geral, a Catedral Matriz do Senhor Jesus do Cuiabá e ao Jardim Alencastro, “[...] o primeiro de Cuiabá. [...] Inaugurado em 28 de setembro de 1882, pelo então presidente José Maria de Alencastro [...]” (Jucá, 1998, p. 41). O Jardim destacava-se como importante espaço de sociabilidade e lazer da cuiabania para além de ser um local onde muitos negócios eram realizados (Sá, 1980).

Possui sua fachada principal voltada para a Avenida Getúlio Vargas, área do antigo Beco Largo (Jucá, 1998) da rua Poconé, sua lateral direita contígua ao Cine Teatro Cuiabá e a lateral esquerda voltada para a rua Joaquim Murinho.

Durante o mandato do Governador José Manoel Fontanillas Fragelli (1970-1974), o prédio do Grande Hotel foi denominado Edifício Júlio Müller em homenagem ao governador em cuja gestão a edificação foi erigida (Sá, 1980).

A escolha do nome “Grande Hotel” para essa obra vinculada, à área de Turismo e Hospitalidade, vincula-se a uma recomendação, advinda do Presidente Getúlio

Vargas, de que “[...] toda cidade importante tivesse um Grande Hotel. Goiânia já tinha inaugurado o seu e, por essa razão, desde o início da obra ele foi assim chamado” (Sá, 2008, p. 74). Essa recomendação fundamentava-se na política varguista que visava “[...] a implantação de uma estrutura turística” (Jucá, 1998, p. 174), não só em Cuiabá, mas em diversas cidades brasileiras.

Para além desse fato, o jornal O Estado de Mato Grosso lançou, em 27 de agosto de 1940, uma enquete junto aos seus leitores, para que respondessem com sugestões de nome para o futuro hotel e também para o cinema.

As enquetes: “O novo Hotel de Cuiabá deverá chamar-se ... e o novo Cinema de Cuiabá deverá chamar-se ...” tiveram matéria jornalística intitulada “**Que nome dar-se ao Hotel e Cinema de Cuiabá?**” publicada em 12 de setembro de 1940. Nessa mesma edição, o periódico trouxe algumas respostas (O Estado de Mato Grosso, 1940, p. 4).

A reportagem expôs que, até aquele momento, os nomes mais votados eram: **Grande Hotel de Mato Grosso**, Bandeirantes Hotel, Palace Hotel, Hotel do Oeste e que não eram somente esses, mas havia outras sugestões de nominação com menor número de recorrência. Sobre o cinema, os nomes mais votados eram Cinema Cuiabá, Cine-Teatro América, Cine Alhambra. Cine-Teatro Central, Cine Bandeirante. Cine Tupi entre outros (O Estado de Mato Grosso, 1940). Em sequência da matéria, publicou-se a resposta do Prefeito de Cuiabá, à época, Isác Póvoas.

Indagado sobre que nome dar ao hotel, ele deu resposta justificada.

Seu voto foi para que o equipamento turístico deveria ser denominado: “Renascença”, porque nada mais oportuno, me parece, do que sintetizar e estereotipar essa notável fase de renascimento que perpassa pela Cidade Verde. Esse, portanto, é o meu voto, caro jornalista” (O Estado de Mato Grosso, 1940, p. 4).

A justificativa do prefeito, para o nome Renascença seria que o nome para o hotel deveria vir carregado de simbologia. Pois a própria obra representava, de maneira sintética, todo o processo de modernização da cidade e de “renascimento” da capital setecentista.

O Grande Hotel, portanto, já nasceria configurado a tornar-se monumento carregado de simbolismo, guardando parte da história da cidade e a corporificação da política do Estado Novo não só para o turismo, mas de maneira que abrangesse todas as áreas em que o Interventor Federal debruçou-se sobre o desenvolvimento da Cidade Verde. Figura 42 com o destaque da matéria jornalística sobre que nome dar

ao hotel e, Figura 43, a enquete sobre o tema.

Figura 42 – Matéria jornalística sobre qual nome dar-se-iam ao Hotel



Fonte: Jornal O Estado de Mato Grosso (1940).

Figura 43 – Enquete que nome dar-se ao Hotel e ao Cinema de Cuiabá

Fonte: Jornal O Estado de Mato Grosso (1940).

Em nova matéria sobre esse assunto, o jornal O Estado de Mato Grosso, em

sua edição nº 305 de 24 de setembro de 1940, manteve o título da matéria publicada em 12 de setembro de 1940 “Que nomes dar-se ao Hotel e Cinema de Cuiabá?” e informou que “Chega ao ponto máximo a *enquête* [...], a propósito dos nomes que se devem dar aos novos Hotel e Cinema desta Capital, porquanto aproxima-se o dia em que o Sr. Interventor Federal dará o seu *placet* [aprovado] ao nome do vencedor” (O Estado de Mato Grosso, 1940, p. 3).

A enquete trouxera que para o hotel o nome mais votado foi Grande Hotel de Mato Grosso e, para o cinema, Cinema Cuiabá. A história mostra que o Interventor acolheu o nome Grande Hotel de Mato Grosso para o hotel, mas não foi o caso para o cinema, que foi denominado Cine Teatro Cuiabá.

Para esta pesquisa, toma-se o Grande Hotel como o nome do objeto da pesquisa, pois é esta a nomenclatura que encontra-se na Portaria Nº 63/84, de 09 de janeiro de 1984, quando houve o processo de publicização do tombamento do Grande Hotel como Patrimônio Histórico e Artístico do Estado de Mato Grosso e, também, por ser esta a designação por meio da qual o hotel ficou conhecido ao longo dos anos.

5.1 A CONSTRUÇÃO DO GRANDE HOTEL

Figura 44 – Fotografia do Grande Hotel em fase de construção



Fonte: Mato Grosso (entre 1939 e 1940).

A construção da edificação Grande Hotel ficou a cargo da Empresa Coimbra Bueno & Cia LTDA de propriedade do engenheiro Abelardo Coimbra Bueno, cuja sede

era mantida na cidade do Rio de Janeiro (Jucá, 1998). Essa empresa já havia sido responsável por obras em Goiânia. Segundo Jucá (1998, p.116):

[...] o engenheiro Edgar Guimarães do Vale, diretor do Departamento de Terras e Obras Públicas, anunciou a assinatura de um contrato com a firma Coimbra Bueno & Cia Ltd.,[sic] de Goiânia, de aproximadamente 3.000 contos de réis, para a construção dos seguintes prédios em Cuiabá: Cine Teatro Cuiabá, Grande Hotel de Mato Grosso, Diretoria de Estatísticas e Publicidade, além de obras de reforma nos prédios da Imprensa Oficial do Estado, Tesouro do Estado e Palácio da Instrução (Jucá, 1998, p. 116).

Jucá (1998, p. 129) observou que “Nas últimas semanas de 1938 Cuiabá apresentava os primeiros sinais da grande mudança que todos sonhavam. [...] Além de novos empregos, essas obras proporcionaram um maior movimento do comércio local”.

Como o número de Obras Oficiais era significativo em termos de quantidade (14) mas também em importância: Residência dos Governadores; Grande Hotel; Secretaria Geral e Tesouro do Estado; Estação de Tratamento de Água; Palácio da Justiça; Cine Teatro Cuiabá; Ponte sobre o Rio Cuiabá; Maternidade; Estação Elevatória de Água; Hotel de Águas Térmicas; Usina de Pasteurização do Leite; Colégio Estadual; Pavilhão de Exposição Agropecuária e Avenida Getúlio Vargas, era de se esperar que essa nova dinâmica de obras e afluxo de profissionais movimentasse a cidade e impactasse a situação econômica, social, cultural e turística da capital setecentista.

Iniciadas as obras da construção da Residência dos Governadores em 1939, a próxima edificação que teria sua inicialização seria o Grande Hotel em 1940. O local escolhido para sua construção foi o terreno da esquina da Avenida Getúlio Vargas com a Rua Joaquim Murtinho, esta denominação em homenagem ao “[...] engenheiro civil, professor da Escola Politécnica e médico homeopata, tendo também se destacado na política do Estado” (Jesus, 2023, p. 116).

Quando Cássio deslocou-se até o terreno onde seria construído o Grande Hotel, deparou-se com “[...] um barracão de zinco [...], chamado em outros tempos folhas de Flandres, donde era importado. Cobertura e paredes de zinco e também na testada, à guisa de muro, uma fiada de zinco colocada na posição vertical” (Sá, 1980, p. 73).

Denominado popularmente de Amor à Arte, esse espaço para as artes cênicas foi criado pela Sociedade de Dramática Popular Amor à Arte.

Essa agremiação “[...] foi instalada a 23 de maio de 1877. [...] O primeiro espetáculo dessa sociedade realizou-se no dia 1º de julho seguinte, levando à cena as comédias A Torre e o Novo Otelo” (Mendonça, 1975, p. 33).

À entrada, desse espaço dedicado às artes, onde mais tarde construiria-se o Grande Hotel, constavam “Minerva e a legenda – Ridendo castigat mores – Sic transit glória mundi – E assim se esvai a glória do mundo” (Alencastro, 1996, p. 22). Em tradução, usando a ferramenta Google Tradutor (2026), do latim para o português, tem-se Ridendo castigat mores como O riso castiga a moral.

Com o passar dos anos, a Sociedade Amor à Arte criou o Teatro São João que “[...] possuía acomodações para 400 espectadores sendo 120 camarotes e 280 cadeiras [...]” (Brandão, 1991, p. 95) e que “[...] ruiu em 1884 e por muitos anos ficaram os seus escombros, substituído por um barracão de zinco que [...] abrigaram companhias teatrais itinerantes, teatros de amadores [...]” (Müller; Rodrigues, 1994, p. 70) onde podia-se experienciar dons para as artes cênicas. De acordo com Dorilêo:

A sociedade Amor à Arte constituía-se no ponto de encontro da sociedade cuiabana. O Cinema ao ar livre, com chão batido, tinha no filme mudo a atração comovente, desde 1912 [...]. As bandas militares eram convocadas e enfeitavam musicalmente as sessões; já na década de 20 [1920] organizou-se uma orquestra com participação ativa [...] em época em que famosos compositores [...] escreviam partituras especiais para o cinema sem som (Dorilêo, 1981, p. 32).

Em Cuiabá, no barracão de zinco, popularmente conhecido como Teatro Amor à Arte, “[...] funcionou o Cine Parisien, de Manuel Bodstein, depois passou a ter o nome de Cine Teatro República, [...], que inaugurou no dia 30 de março de 1933 os aparelhos falantes” (Dorilêo, 1981, p. 33).

A estrutura do espaço onde aconteciam as exibições cinematográficas era simples e rústica.

Dorilêo conta que “A montagem-ambiente assemelhava-se à estrutura de um circo, com camarotes, cadeiras e poleiros [...]. Instalou-se ali um bar, o Bar Moderno. Ficou de 1920 a 1922, quando transferiu-se para a Praça da República” (Dorilêo, 1981, p. 33). Esse bar Moderno era popularmente conhecido como o Bar do Bugre.

A inauguração dos alto-falantes em 1933, proporcionando a exibição de filmes falados em detrimento do cinema mudo, que caía em desuso, transformou-se, em Cuiabá, em “[...] acontecimento importante para a sociedade cuiabana. O dia da apresentação, do primeiro filme falado, trouxe grande expectativa [...]” (Funck, 2011,

p. 54) para a população da capital mato-grossense.

O primeiro filme falado exibido na cidade foi no dia 21 de abril de 1933. A película chamada Marrocos tinha Gary Cooper, Adolphe Menjou, Marlene Dietrich e Eve Southern nos papéis principais (Dorilêo, 1981).

A chegada do cinema falado a Cuiabá teve um valor simbólico muito grande. “As inovações cinematográficas, chegadas à capital, propiciaram uma sensação de pertencimento às novas tecnologias; [...] como cidade em movimento, progressista!” (Funck, 2011, p. 54).

O Amor à Arte era um espaço cultural da capital que mantinha um valor afetivo para parcela da população, como pôde ser observado por Cássio. Quando este iniciou o processo de demolição, foi interpelado por transeunte que lhe disse que ele não poderia demolir aquele lugar pois era “o nosso teatro” (Sá, 1980) numa perfeita demonstração de pertencimento daquele espaço de cultura à vida sociocultural cuiabana.

Em sinal de respeito a esse sentimento de deferimento, ao antigo espaço de representação de peças teatrais e apresentação de filmes, sua demolição foi postergada para depois do *réveillon* de 1939.

Assim: “Em vez de iniciar a demolição, iniciou-se a preparação do “Amor à Arte” para sua despedida, sendo ornamentado o salão [...]” (Sá, 1980, p. 75). Dar-se-ia à população a oportunidade de que fizessem a despedida antes de sua destruição.

Por ocasião daquele *gran finale* do espaço cultural Amor à Arte, “[...] as moças da sociedade apresentaram número de dança clássica e declamação [...] que [...] encerrava com chave de ouro [...]” (Sá, 1980, p. 74) este templo das Musas Tália [Comédia] e Melpômene [Tragédia] que foi palco de “[...] tantas comemorações e festas das quais [as pessoas] tinham muito o que recordar” (Sá, 1980, p. 74).

A demolição do “Amor à Arte” iniciou-se em 02 de janeiro de 1939. Naquele processo, todo o zinco foi devidamente retirado para o aproveitamento em outra(s) obra(s). Das partes que formavam o camarim e o palco, por serem de taipa, foram aproveitadas para aplainar o terreno (Sá, 1980).

Dessa forma, guardado no coração e na memória dos que frequentaram ou se apresentaram naquele espaço cultural, parte dele ainda se mantivera sendo transplantada de lugar e ressignificado.

Feitas a demolição e as intervenções no terreno, o Engenheiro Cássio Veiga de Sá da Empresa Coimbra Bueno deu início à obra de construção do Grande Hotel

em 1940.

De uma cidade que não havia emprego para todos os trabalhadores braçais, onde muitos permaneciam desempregados, as Obras Oficiais proporcionaram a empregabilidade de cerca de 1 mil trabalhadores, de onde parcela adveio do Rio de Janeiro e São Paulo e outra parte do contingente humano foi contratada localmente (Sá, 1980).

No trabalho de construção das obras somente os trabalhadores que eram contratados no Rio de Janeiro e em São Paulo possuíam “[...] carteira profissional do Ministério do Trabalho e do Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Industriários” (Sá, 1980, p. 170). Os contratados na capital Cuiabá, inicialmente, não possuíam tal direito. Eles foram aos poucos sendo regularizados para adequar-se aos novos tempos da política e das Leis Trabalhistas do Governo Vargas (Sá, 1980).

Por meio da utilização de novos materiais, das melhores técnicas construtivas e sob a gestão de profissionais qualificados, “a influência das obras Oficiais fez-se sentir na qualidade da mão de obra que se adaptou aos modernos processos de construção e aprendeu a utilizar os novos materiais industrializados” (Sá, 1980, p. 201). Essas obras foram, em grande, construídas em “[...] alvenaria de tijolos e concreto armado, telhado cerâmico sustentado por estruturas de madeira [...]” (Araujo, 2023, p. 368).

Essa escolha de materiais forjou-se em função da dificuldade e onerosidade da aquisição de alguns materiais de construção inexistentes em Cuiabá e em outras localidades próximas. O Grande Hotel apresenta “Algumas esquadrias [...] [em] aço e vidro, outras em madeira e vidro e algumas portas apenas em madeira. Nos guarda-corpos das sacadas foram empregados [...] cogobós” (Araujo, 2023, p. 368-369).

Esses elementos cerâmicos vazados (cobogós) presentes nas sacadas do edifício,

Possui três pavimentos, telhado de várias águas e volumetria composta por planta em formato de “E”, com varanda frontal no pavimento térreo composta por arcos plenos que conformam um volume avançado em relação ao restante da fachada principal. A edificação encontra-se em um lote de esquina, apresentando características da arquitetura neocolonial como o frontão curvo que marca a entrada principal e as sacadas isoladas sustentadas por cachorros geometrizados. Apresenta pouca ornamentação ou motivo decorativo, sendo os mais evidentes o frontão da entrada principal e as grades da porta e do cercado (Araujo, 2023, p. 368).

Devido a grandiosidade da obra em estilo neocolonial tradicionalista (Araújo,

2023) construída em três pavimentos, escreveu-se que “O Grande Hotel logo despertou interesse popular por que era visto do jardim [Alencastro] e seus arcos chamavam a atenção dos transeuntes” (Sá, 1980, p. 74).

A obra destacava-se em localização, proporções e número de quartos: 38, sendo 4 suítes. Em uma cidade onde a arquitetura colonial ainda era majoritária e erigida, em grande parte, por construções baixas ou de dois pavimentos, as dimensões do Grande Hotel e sua quantidade de unidades habitacionais ensejavam aos menos crédulos no progresso, indagação, como a registrada sobre o empreendimento hoteleiro e feita a Cássio Veiga de Sá.

Ele assim foi interpelado: “ — Onde é que Júlio Müller [Interventor Federal] vai arranjar hóspedes para esse hotel?” (Sá, 2008, p. 74). Não sabia ele dos planos do Governo Federal e Estadual, com apoio da municipalidade, para as transformações que viriam e suas consequências no desenvolvimento socioeconômico da capital.

A construção do Grande Hotel, que proporcionaria “[...] hospedagem de primeira categoria [...]” (Jucá, 1998, p. 174) fazia parte da política nacional de incentivo ao turismo promovida pelo Governo Vargas e implementada no estado de Mato Grosso pela interventoria federal.

Durante o Estado Novo o governo de Vargas criou a Divisão de Turismo como parte da estrutura do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), que dentre outras funções, organizava e fiscalizava os serviços de turismo, interno e externo. Segundo o Decreto-Lei nº 1.915 de 27 de dezembro de 1939 em seu Artigo 2º o DIP tem por fim:

- a) centralizar, coordenar, orientar e superintender a propaganda nacional, interna ou externa, e servir, permanentemente, como elemento auxiliar de informação dos ministérios e entidades públicas e privadas, na parte que interessa à propaganda nacional; b) **superintender, organizar e fiscalizar os serviços de turismo interno e externo** (Brasil, 1939, [n.p.], grifo nosso).

Dessa forma, ficava a cargo do DIP as atividades relativas às questões dos serviços de turismo no Brasil. Quanto à estrutura do DIP, estava clara a constituição da Divisão de Turismo, como observa-se no Artigo 3º do supracitado decreto-lei. Assim, o DIP era constituído de:

- a) Divisão de Divulgação;
- b) Divisão de Rádio-difusão [sic];

- c) Divisão de Cinema e Teatro;
- d) Divisão de Turismo;**
- e) Serviços Auxiliares, que são os de Comunicações, Contabilidade e Tesouraria Material, Filmoteca, Discoteca e Biblioteca (Brasil, 1939, grifo nosso).

As atividades do DIP e suas futuras ações foram registradas na Revista Cultura Política, que foi publicação oficial do Governo Brasileiro, editada pelo próprio Departamento de Imprensa e Propaganda entre os anos de 1941 e 1945.

A finalidade principal da Divisão de Turismo do DIP era a

[...] coordenar as iniciativas e empreendimentos das administrações públicas e entidades privadas, tutelando-as, suprimindo-as e estimulando-as para que possam prosperar e produzir os resultados desejados, vencendo dificuldades [...] (DIP, 1944, p. 173).

Dentre as atividades previstas para a Divisão de Turismo estava a organização de um bom arquivo com fotografias e gravuras panorâmicas de atrativos naturais em estado primitivo do estado de Goiás, Mato Grosso e Amazonas que pudessem vir a ser de interesse de outros países. Demandava, também, que os técnicos compusessem arquivos com fotografias das cidades, seus atrativos e infraestrutura contendo descrições e esclarecimentos gerais em três idiomas: inglês, francês e espanhol, ao menos, a serem enviadas à Divisão de Turismo (DIP, 1944).

Outras atividades importantes que a Divisão de Turismo deveria incumbir-se eram:

[...] - **distribuir cartazes**, cartões postais, folhetos e pequenos livros, acêrca [sic] do Brasil, nas estradas de ferro internacionais, nos centros de cultura, **nos hotéis**, bibliotecas, lugares públicos idôneos das cidades americanas (do Sul, do Norte e do Centro);- **promover a construção de hotéis**, em lugares pitorescos (praias, montanhas, estações de águas, etc.) mediante favores legais seguirão concedidos às iniciativas particulares, que queiram seguir os planos aprovados pelo govêrno [sic] nesse sentido;

- **estimular a visita de companhias teatrais**, de conferencistas, de músicos e orquestras, de acôrdo [sic] com os demais órgãos administrativos que disto se ocupam; [...]

- **manter serviços de coordenação quotidiana** e cordial com as outras direções do D.I.P., delas obtendo apoio, afim de que os outros **assuntos relativos às expectativas do turismo** atual, próximo e futuro, possam ser completadas a tempo;

- **provocar idêntica cooperação dos serviços de turismo** da Prefeitura do Distrito Federal, assim como dos das demais Municipais dades brasileiras;

- **instituir serviços permanentes de informações sobre a atualidade nacional**, dos pontos de vista materiais, intelectuais e culturais, afim de que compreendam os objetivos em que se inspiram todos os órgãos do Govêrno [sic]. Essas informações, traduzidas em inglês, francês e espanhol, terão distribuição espontânea ou solicitada, conforme as circunstâncias (DIP, 1944, p. 175-176, grifo nosso).

Essas eram algumas das diretrizes das ações que deveriam ser executadas no âmbito da Divisão de Turismo, mas não somente estas, muitas outras faziam parte do escopo de funções dos que compunham tal divisão.

Para além da função de distribuir uma série de elementos propagandísticos do Brasil em hotéis e em outros lugares, **a promoção da construção de hotéis era uma das atribuições da divisão.**

Por meio desse entendimento fica cristalino o motivo pelo qual o Governo Federal subvencionou o Governo do Estado de Mato Grosso, com apoio da Prefeitura da Capital, a construção do Grande Hotel em Cuiabá, em ordem segunda de prioridade quais sejam: modernizar a infraestrutura da Capital; promover o turismo nacional e consolidar a Imagem de Vargas e do Estado Novo, dentro outros.

Como pode ser observado, era função da Divisão de Turismo “estimular a visita de companhias teatrais, de conferencistas, de músicos e orquestras” (DIP, 1944, p. 175). Para tanto, era necessário que Cuiabá tivesse um teatro, onde os artistas pudessem apresentar-se, como um hotel em condições de hospedá-los.

Dessa forma os projetos do Grande Hotel e do Cine Teatro Cuiabá complementam-se a ponto de, no relatório de 1939-1940 do Governo do Estado de Mato Grosso enviado para Getúlio Vargas, o Interventor Federal usar o termo “**Cine-Hotel**” quando se refere às obras (Mato Grosso, entre 1939 e 1940, p. 27).

Outro flanco importante para o Governo Federal e que mostrou-se necessário em Mato Grosso foi o de transporte. Desde o início do Governo Vargas, juntamente com o Governo do Estado de Mato Grosso, paulatinamente, apresentaram-se melhorias, progressos e avanços nos modais aquaviário, ferroviário, rodoviário e aeroaviário, demonstrando ser uma matéria sensível para as políticas públicas da Marcha para o Oeste.

Segundo a Divisão de Turismo, “[...] um programa de turismo deve envolver tôdas [sic as companhias de transporte (ferroviários, marítimos e aéreos), com elas manter-se-ão métodos permanentes de propaganda, mediante reciprocidade [...] (DIP, 1944, p. 176). Essas ações de reciprocidade não deveriam ficar adstritas ao Brasil, mas sim procurar manter contato com outros países.

Como forma de estimular o turismo internacional era direcionado que se fizesse contato permanente com a imprensa de outros países por meio de intercâmbio de fotografias e dados escritos com o objetivo de retomar o turismo internacional, divulgar

o estado de Mato Grosso para aumentar a demanda turística, logo após o fim da Segunda Guerra Mundial.

5.2 AS TELHAS DA COBERTURA DO GRANDE HOTEL

Em 1940 na cidade de Cuiabá houve uma campanha para a construção de instituição sanitária destinada a abrigar e tratar preventivamente pessoas expostas a doenças contagiosas graves como tuberculose e hanseníase, à época chamada de lepra.

Para o angariamento de fundos para a construção do preventório, um evento aconteceria na Praça Alencastro, onde ter-se-iam barracas com as mais diversas atividades arrecadatórias. Para a construção destas, Cássio Veiga de Sá foi encarregado de confeccioná-las.

Como muito dava-se, ainda, à base da improvisação, ele pensou em utilizar, como coberturas das barracas, as telhas que seriam destinadas ao Grande Hotel. Essas telhas sequer tinham sido utilizadas para a edificação porque a construção não chegara naquele ponto.

Assim, “[...] como as telhas do hotel haviam chegado, vermelhas, coloniais, ocorreu-me construir as barraquinhas em tábuas pintadas de branco e cobri-las com as telhas de cerâmica vermelha dando ao ambiente um aspecto colonial” (Sá, 1980, p. 90). Desse modo simbólico já anunciava o estilo neocolonial em que edificaria o Grande Hotel.

Desse modo, antes mesmo de servir de cobertura ao Grande Hotel, que hospedaria milhares de pessoas em suas unidades habitacionais, as telhas contribuíram para a construção de espaço de hospitalidade hospitalar tão necessária na capital de Mato Grosso dos anos 1940.

5.3 OS PRIMEIROS MOMENTOS DE CÁSSIO VEIGA DE SÁ EM CUIABÁ (MT)

Durante os primeiros momentos em 1938 de Cássio em Cuiabá, além de Edgar Valle, arquiteto alçado ao cargo de Diretor das Obras do Estado, o primeiro foi apresentado ao médico federal Doutor Marcelo Silva Júnior, então contratado pelo governo estadual de Júlio Müller para “[...] uma transformação no serviço médico do Estado” (Sá, 1980, p. 53). Essa política, direcionada ao serviço de saúde do Estado

no fim dos anos 1930, demonstra, por parte do poder público, uma atenção à saúde da população que poderia ser usufruída, também, pelos turistas na capital.

Ao dirigir-se para o hotel para almoçar, encontrou-se com outros profissionais que tinham vindo dedicar-se às obras do Estado. Durante o almoço, o engenheiro pode desfrutar de uma parcela do cardápio da comida cuiabana, servindo-se de pacu, ao qual descreve como prato de que gostou muito (SÀ, 1980). O Hotel Esplanada, para além de oferecer o serviço de mensageiro, também oferecia aos interessados serviços de alimentos e bebidas. Abaixo, na Figura 45, tem-se propaganda do Hotel Esplanada, no jornal O Estado de Mato Grosso, em 21 de abril de 1940.

Figura 45 – Propaganda do Hotel Esplanada



Fonte: Jornal O Estado de Mato Grosso (1940).

O proprietário do Hotel Esplanada vendia, em peça publicitária, seu hotel como de elite a preços módicos!? Em processo de comparação de fontes, contrasta-se a propaganda do proprietário, de que o hotel dispunha de “quartos ótimos” e “excelentes apartamentos”, com o relato de um viajante comercial que esteve hospedado no Hotel Esplanada e “[...] ao se retirar disse ao Chico Jorge: ‘— Olha, Chico, quando eu encontrar um Hotel pior que o seu, lhe telegrafarei’” (Mendonça, 1969, p. 109).

Por esse feedback do hóspede, pode-se inferir que o divulgado no jornal, como peça de propaganda do hotel, poderia não corresponder totalmente à verdade quanto à realidade da hospedagem, ensejando certa verdade às críticas dos sulistas quanto à hotelaria cuiabana.

Fato interessante é que o cliente cumpriu o que prometeu, pois “Meses depois recebeu o Chico um telegrama duma cidade do interior do Piauí: ‘Chico Jorge. - Cuiabá. - MT. Parabéns, encontrei hotel pior que o seu’” (Mendonça, 1969, p. 109).

O hoteleiro tornara-se amigo de Cássio. Aquele tinha o hábito de sentar-se à mesa dos hóspedes durante o almoço: Chico Jorge sentava-se tanto à mesa dos homens dedicados às Obras Oficiais como, também, à mesa dos demais hóspedes

do hotel, procurando sempre iniciar uma conversação (Sá, 1980).O proprietário do hotel “[...] residia no andar térreo com sua família. Embora bem informado e esclarecido, tinha o seu mundo muito pequeno, mas vivia feliz” (Sá, 1980, p. 54)..

Dessume-se dessa maneira que o Hotel Esplanada era um hotel familiar, onde o dono e demais membros da família residiam no próprio estabelecimento, numa imbricação entre atividade comercial e vida privada que produzia esses elos sociais de amizade entre o proprietário e seu hóspede.

A casa era parte do hotel e o hotel era parte da casa! Nessa interdependência, era naquele espaço de hospitalidade comercial familiar que se constituíam laços sociais, cruzavam-se histórias de vida e construía-se amizades entre hóspedes e o hoteleiro.

5.4 UMA REPÚBLICA EM CUIABÁ

Após o período no Hotel Esplanada, Cássio, Harvey e Edgar Vale mudaram-se para uma casa e resolveram montar uma república denominada Canil. O nome da república “[...] justificava o nome do nosso viver. Ficava situada na Rua Comandante Costa, mas nunca soubemos o número” (SÁ, 1980, p.55).

Durante esse período inicial do Canil, Cássio deixou um relato interessantíssimo de parte da dinâmica da vida comercial de Cuiabá de uma época que já não existe mais. Como parece que a parte gastronômica era muito importante, fez questão de registrar que, a despeito de algumas dificuldades, “Tínhamos, como compensação, a melhor cozinheira de Cuiabá, a Venância” (SÁ, 1980, p. 55).

Ao registrar suas crônicas, descreveu parte da dinâmica socioeconômica, política, cultural e turística da cidade viva em suas memórias. Segundo a fonte, o leiteiro trazia todas as manhãs o leite de que necessitavam num pequeno caminhão Ford-29. Para a compra de peixe, adquiria-se do vendedor que passava com carrinho de mão ainda de madrugada seguido pelo verdureiro. O preparo era feito em fogão a lenha com chapa de ferro e três furos. A lenha era adquirida do vendedor que a trazia em axas em bruacas (grandes bolsas de couro cru) no lombo de um boi (Sá, 1980), como observa-se na Figura 46.

Figura 46 – Fotografia do boi com a entrega de lenha



Fonte: SÁ (1980)

Naquela época, havia também o vendedor de leite de cabras que passava com seus animais com sininhos no pescoço para que os interessados pudessem ouvir e a venda fosse efetivada. Nessa modalidade, o leite era tirado ali mesmo, em frente da casa, na hora! Os demais mantimentos da casa eram obtidos de fornecedor que anotava em caderneta (Sá, 1980). Dessa forma, eram adquiridos alguns dos alimentos que seriam preparados pela cozinheira habilidosa que tantos elogios recebeu do dono do Canil. Sobre a cozinheira Venância registrou que:

Nossa cozinheira ficou tão famosa que mais tarde quando foi inaugurado o Grande Hotel e desmanchamos o Canil, o arrendatário do hotel, Chico Jorge, contratou a Venância, organizando muito bem o restaurante e mandou imprimir o menu no qual constava, em certo dia da semana, “sopa canil”, a célebre sopa que aquela excelente cozinheira fazia e que nós assim batizamos (Sá 1980, p. 57)

Estavam assim descritos os serviços oferecidos pelo leiteiro, peixeiro, verdureiro, lenheiro e demais entregadores que, em uma análise mais acurada, parecem ser o alvorecer dos serviços de delivery oferecidos em Cuiabá atualmente. Ao receber leite, peixe, verduras, carne e demais mantimentos em casa, pode-se sopesar como um processo inicial de serviços de alimentos em domicílio já no final

dos anos 1930.

O serviço de entrega de lenha, apesar de já existir o serviço de entregas de remédio pelas de farmácias em Cuiabá, pode ser comparado aos serviços prestados nos dias atuais de entrega de objetos por meio das mais variadas empresas e, em uma elasticidade maior de pensamento, será que não pode-se considerar como um proto-fast-food o leite de cabra tirado na frente do comprador para consumo imediato? São questões que ficam em aberto para os futuros pesquisadores que interessam-se pelo tema de alimentos e bebidas.

Outro dado importante, fornecido pela fonte, é a questão da cozinheira do Canil vir a ser a cozinheira do Grande Hotel, em cujo cardápio passou a constar o prato “Sopa Canil” advindo da república de mesmo nome. Isso, mais uma vez, demonstra que a hospitalidade comercial e a vida privada acabaram por ter porosidades e criar laços de amizade. Estes laços foram externalizados em ações concretas, como a inscrição, no cardápio, de opção de prato advinda de outro meio de hospedagem em sinal de reconhecimento de amizade.

Nessa época, no final dos anos 1930 e durante a década de 1940, para a gastronomia cuiabana, utilizava-se, predominantemente, o fogão à lenha, com o uso do fogão à gás iniciado na década de 1950 e consolidado na década de 1960.

Sobre os hábitos alimentares do cuiabano no período, Maria Müller escreveu que “O cuiabano não é muito dos legumes, das verduras, dos tubérculos comestíveis. A não ser o uso culinário da mandioca, do mamão verde, da abóbora, da moranga, da couve, do quiabo, muito pouco se consome das outras espécies vegetais” (Müller; Rodrigues, 1994, p. 60).

Por mais que não houvesse uma variedade muito grande de ingredientes, a expertise no uso dos temperos, para realçar o sabor dos alimentos, fazia com que a comida cuiabana fosse elogiada pela fonte e se tornasse um dos grandes atrativos culturais do turismo cuiabano na atualidade.

Quanto à utilização das carnes, para o preparo dos pratos, quase sempre acompanhados de arroz e feijão, revela-se que a carne suína e a de aves eram muito apreciadas e utilizadas na culinária cuiabana. “O peixe, principalmente o pacú, o pintado, o caxara, a piraputanga, a piaba, [e a] piranha [...]” (Müller; Rodrigues, 1994, p. 60) muito abundante em diversos rios da baixada cuiabana, era, e ainda o é, muito apreciado.

Nos anos 1940 e 1950 “[...] os ‘pitéus’ [eram] preparados sob o lume das achas

queimadas, preparados com gordura de porco, ou mistura de banha e gordura de animais bovinos [...]” (Müller; Rodrigues, 1994, p. 60-61). Eram alimentos preparados com calma, em uma época em que o ritmo frenético dos tempos modernos não era a lógica do dia. Refeições que coziavam ao sabor do fogo nos fogões à lenha que encardiam a cozinha mas iluminavam o paladar tanto dos cuiabanos como dos turistas.

Em Cuiabá, eram “As [...] cozinheiras do passado que [...] refinavam o açúcar e faziam doces deliciosos. As [...] banqueteiras das festas tradicionais as boleiras, as que faziam ‘puxa-puxas’, ‘bolos de arroz’ [...] francisquitos” (Müller; Rodrigues, 1994, p. 61) que, com o passar dos anos, tornaram-se parte da culinária tradicional cuiabana, disponibilizadas nas mesas de café da manhã do Grande Hotel e dos demais meios de hospedagem que foram surgindo em Cuiabá ao longo dos tempos. Todos esses doces continuam a fazer parte da culinária cuiabana, sendo que os francisquitos (biscoitos amanteigados) uma especialidade da mãe do autor da tese e por este muito apreciada.

Nas sobremesas destacavam-se os doces. Não há como não mencionar os tradicionais feitos de goiaba, de caju, de mangaba, de coco, de abóbora e o furrundu ((Müller; Rodrigues, 1994), este último um doce feito de mamão verde ralado, rapadura, cravo, canela e gengibre, que se perpetuaram com o tempo e são possíveis de ser encontrados em espaços turísticos e, também, servidos pelo setor de A&B por alguns hotéis existentes.

Nos tempos do Canil em Cuiabá não havia cinema e a diversão da rapaziada e das moças era passear no Jardim Alencastro à noite até as 21 horas, quando, a partir daí, a cidade caía em completo silêncio (Sá, 1980).

5.5 INAUGURAÇÃO DO GRANDE HOTEL E O TURISMO DE NEGÓCIOS

Construído o Grande Hotel,

Não era função do governo explorar o hotel, por isso tratou logo de adquirir mobiliário e promover uma concorrência de arrendamento. O primeiro arrendatário foi o tradicional hoteleiro Artur Jorge, [...] e logo que o hotel ficou pronto, abriu a portaria, mas de início não havia hóspedes para os trinta e oito quartos e apartamentos (Sá, 1980, p. 110).

Nessa época ainda existia o Canil, mas também existia a amizade entre Chico

Jorge e Cássio e “[...] para prestigiar o hotel [o Grande Hotel] fechámo-lo, e cada um de nós [eram quatro] ocupou um quarto no terceiro andar do hotel, onde tínhamos boas acomodações, boa refeição [...]” (Sá, 1980, p. 110).

O antigo Hotel Esplanada, de propriedade do senhor Artur Jorge, também lhe servia de residência numa imbricação entre a vida privada e a comercial que enredava, no caso de Cássio e Chico, uma amizade demonstrada ao sentarem-se à mesa para a comensalidade e fazerem constar do cardápio do hotel a famosa sopa Canil. Encerrar o canil foi um ato nobre e sensível da parte de Cassio, mesmo que, no Grande Hotel, não houvesse a “[...] vida jocosa do Canil” (Sá, 1980, p. 110).

Em 4 de outubro de 1940, o jornal O Estado de Mato Grosso noticiou que o Grande Hotel seria inaugurado nesta data com grande banquete oferecido ao Interventor Júlio Müller e ao Secretário-Geral do Estado João Ponce de Arruda. Esse evento contaria com a presença da alta sociedade e das maiores autoridades do estado em comemoração ao 3º aniversário do governo do estado.

Em manchete, o noticioso trouxe que “No Novo Hotel de Cuiabá realiza-se hoje, às 19 horas, o grande banquete com que as altas esferas sociais da Capital homenageiam os Exmos. Srs. Interventor Federal e Secretário Geral do Estado” (O Estado de Mato Grosso, 1940, p. 1).

Logo abaixo desta chamada, estampou-se uma imagem do Grande Hotel, com a seguinte subscrição: “O magestoso [*sic*] edifício, de três andares, mandado construir pela atual administração, para Hotel, e que hoje se inaugura com o grande banquete que no seu principal salão se realiza, oferecido [...]” (O Estado de Mato Grosso, 1940, p. 1).

A notícia segue com box informativo de que havia “[...] grande ansiedade em nossos altos círculos sociais, pelo grande baile que será realizado logo à noite nos luxuosos salões do Novo Hotel [...]” (O Estado de Mato Grosso, 1940, p. 1).

Para homenagear as figuras ilustres e a alta sociedade preparar-se melhor para o evento, o prefeito de Cuiabá, por meio do Decreto-Lei 375, declarou feriado municipal o dia 4 de outubro de 1939 naquele ano.

A matéria trouxe ainda a imagem do “Belo Edifício do Cinema”, em mais um ato simbólico de conexão entre as obras Cine Teatro Cuiabá e Grande Hotel, onde informou à população de que na noite do dia 4 de outubro dar-se-ia a festa da cumieira do Cine Teatro com a presença de autoridades.

Na Figura 47, matéria de capa do Jornal O Estado de Mato Grosso de 4 de

outubro de 1940 noticiando o evento no Grande Hotel.

Figura 47 – Matéria jornalística sobre o banquete no Grande Hotel



Fonte: Jornal O Estado de Mato Grosso (1940).

Após o evento, o jornal O Estado de Mato Grosso, em sua edição seguinte, dia 6 de outubro de 1940, noticiou, mais uma vez em primeira página, o banquete e o baile realizados no Grande Hotel no dia 4 de outubro de 1940. Em seu texto da chamada de capa inscreveu:

Constituiu acontecimento memorável, um dos mais importantes e significativos a que já temos assistido ultimamente, o grande banquete, de 115 talheres, oferecido ontem, [sic] nos luxuosos salões do Grande Hotel de Mato Grosso [...]. Fato marcante da nossa vida social e política [...]. Às [sic] 19 horas e 10, precisamente, dava-se a chegada, ao novo Hotel, dos homenageados e suas exmas. esposas, dando-se, a seguir, início, ao grande ágape [banquete] ao som do magnífico jazz do 16º B. C. [Batalhão de Caçadores]. As 21 horas e meia, terminou, sob a melhor impressão dos seus participantes, o grande banquete [...]. [Toda essa comensalidade teve a] [...] cargo do Sr. Artur Jorge, proprietário do Hotel Esplanada (O Estado de Mato Grosso, 1940, p. 1).

O Grande Hotel inseriu-se na sociedade e na política cuiabana mesmo antes de sua inauguração. A partir do momento em que o governo do estado entendeu que ele estava apto a ser espaço de hospitalidade para grandes festas, banquetes e eventos com finalidades diversas, o estabelecimento hoteleiro passou a integrar-se à vida social e servir de espaço privilegiado desses acontecimentos.

Na Figura 48, imagem da capa do Jornal O Estado de Mato Grosso do dia 6 de outubro de 1940 com as impressões da festa ocorrida no Grande Hotel

Figura 48 – Impressões da festa no Grande Hotel



Fonte: Jornal O Estado de Mato Grosso (1940).

Sobre o baile realizado no Grande Hotel, no mesmo dia 4, o jornal O Estado de Mato Grosso teceu comentários não só ao baile em si, mas destacou sua impressão do equipamento turístico, considerando-o como “amplo e confortável salão de festas do nosso luxuoso Hotel” (O Estado de Mato Grosso, 1940, p.1). Quando analisa-se e interpreta-se esse discurso, percebe-se uma externalidade do sentimento de pertencimento do enunciante em relação à maneira como exprime o direcionamento ao hotel como “do nosso” hotel.

Dessa forma, o Grande Hotel não pertencia somente ao Estado ou ao seu arrendatário Chico Jorge mas era tido como bem da sociedade cuiabana, como parte de um todo. Mesmo antes de sua inauguração oficial, já era pertencente à história da cidade, justificando seu tombamento a posteriori.

Em trabalho de confrontações de dados e fontes afirma-se que o Grande Hotel não foi inaugurado em 04 de outubro de 1940 como publicado no jornal O Estado de Mato Grosso na mesma data.

No dia 06 de junho de 1941, o referido jornal anunciou: “Afiml, temos um Hotel! Como subtítulo, inscreveu: “‘O Grande Hotel de Mato Grosso’ abre amanhã as suas portas” (O Estado de Mato Grosso, 1941, p. 4). Ao escrever Hotel com letra maiúscula e usar o termo “afiml”, o jornalístico corroborou com os críticos a Cuiabá quanto à inexistência de equipamento hoteleiro, o que não se provou na pesquisa.

Cuiabá possuía o Hotel Esplanada e contava, também, com algumas pousadas e pensões familiares de pequeno porte. A marcação discursiva de hotel com H maiúsculo talvez deva-se ao fato de Cuiabá, até a inauguração do Grande Hotel, não

dispor de estabelecimento hoteleiro de altos padrões de conforto como se almejava.

A matéria publicada enaltecia a grandiosidade e luxuosidade do Grande Hotel de Mato Grosso. De acordo com o Jornal O Estado de Mato Grosso de 6 de junho de 1941:

Afinal, podemos dizer: temos um Hotel! E que Hotel! Instalado em luxuoso edifício, [...] será o “Grande Hotel de Mato Grosso” um dos mais completos e luxuosos do interior do Brasil. Dotado de todo o conforto, luxuosamente mobiliado [...] contendo quartos e apartamentos que rivalizam, na orientação moderna de conforto de que foram dotados, com os dos melhores hotéis da Capital da República (O Estado de Mato Grosso, 1941, p. 4).

Ao comunicar sobre o Grande Hotel com entusiasmo e grande exclamação, o jornalístico explorara a suntuosidade da edificação construída em três pavimentos, em cidade onde a maioria das residências era de rés-do-chão, sobrelevando o contraste e valorizando a obra.

Outro destaque do excerto diz respeito ao conforto, à luxuosidade do equipamento turístico que estava em pé de igualdade com o que de melhor se tinha no Rio de Janeiro, deixando claro ao leitor que Cuiabá, a partir daquele momento, em sintonia com as políticas modernizadoras do Brasil, promovidas pelo Estado Novo, definitivamente, inseria-se neste contexto e poderia ufanar-se de possuir um Grande Hotel.

Em sequência a matéria jornalística informou que:

o “Grande Hotel de Mato Grosso” veio preencher a grande lacuna contra a qual clamavam os foros de cultura da nossa capital. Já podemos **com orgulho receber os turistas** e os hóspedes ilustres do Estado [...]. Abrindo, amanhã, as suas portas, sob a direção de seu arrendatário, Sr. Artur Jorge, [...] [o hotel] será o orgulho da vossa Capital e vosso, [...] o suntuoso “Grande Hotel de Mato Grosso”...Pelo Acontecimento, congratulamo-nos com o Governo do Estado e o povo cuiabano (O Estado de Mato Grosso, 1941, p. 4, grifo nosso).

Desse modo, a matéria do dia 6 de junho de 1941 manifestara à população a data em que dar-se-ia a inauguração do Grande Hotel; seu proprietário fez loas ao empreendimento que seria motivo de orgulho da cidade. Ainda afirmara que, a partir daquele momento, Cuiabá poderia receber turistas e pessoas notáveis em seu espaço de hospitalidade comercial grandioso.

Outra consideração importante contida na fonte, sobre as dificuldade de receber turistas em Cuiabá, pelo reduzido número de unidades habitacionais

disponíveis na capital, revela que “Já não se repetirão os espetáculos tristes, como daquele desavisado turista, distinto médico militar, que vindo, ha [sic] pouco, à nossa Capital, dormiu uma noite no banco do jardim, por falta de hotel!” (O Estado de Mato Grosso, 1941, p. 4).

Por meio de análise e interpretação dos dados da fonte, Figura 49, que informou, publicamente, que houve caso de turista que teve que dormir na praça, por falta de hotel onde pernoitar, pondera-se que essas informações espalhavam-se e rompiam os limites da capital.

Dessa forma, há que se pensar quantos negócios deixaram de ser efetivados e quanto progresso da Cidade Verde e do Estado de Mato Grosso foi obstaculizado e postergado porque empresários e outros agentes vinculados ao setor de negócios deixaram de ir a Cuiabá por receio de não terem onde hospedar-se? Somadas as questões relativas aos meios de hospedagem, pode-se juntar as dificuldades de acesso e tempo prolongado da viagem. Feitas estas considerações, análises e interpretações, fica claro que as palavras de entusiasmo pela inauguração do Grande Hotel, estampadas no jornal O Estado de Mato Grosso, eram mais que justificadas.

Figura 49 – Matéria jornalística sobre a inauguração do Grande Hotel



Fonte: Jornal O Estado de Mato Grosso (1941).

Chegado o dia da inauguração, dia 7 de junho de 1941, o jornal O Estado de Mato Grosso publicou, em primeira página e em caixa alta: GRANDE HOTEL DE MATO GROSSO, deixando claro tratar-se de imóvel próprio do Governo do Estado

com a frase por extenso: Inaugurado em 7 de junho de 1941 (O Estado de Mato Grosso, 1941).

Com fotografia do Grande Hotel à direita superior da página, legendando-se tratar-se de “O belo edifício do GRANDE HOTEL DE MATO GROSSO, um hotel para turismo e pessoas de tratamento” (O Estado de Mato Grosso, 1941, p. 1).

O hotel foi apresentado à sociedade com muitas descrições de suas instalações: CONFORTÁVEIS APARTAMENTOS, LUXUOSAMENTE MOBILIADO – QUARTOS PARA SOLTEIROS E CASAL – BANHEIROS DE LUXO- ÁGUA QUENTE E FRIA EM TODOS OS QUARTOS APARTAMENTOS – COZINHA DE 1ª ORDEM (O Estado de Mato Grosso, 1941, p. 1).

Essa apresentação do hotel, em forma de propaganda de suas qualidades, buscou cravar tratar-se de um hotel de luxo, desde o mobiliário até os *toilettes*. O turista que procurasse os serviços de hospitalidade comercial do grande hotel contaria com unidades habitacionais confortáveis, disponibilização de água quente e fria para os banhos e o cuidado com o corpo, para além de atendimento de A & B de primeiríssima qualidade. Nesse sentido, estampou-se em primeira página que o Grande Hotel de Mato Grosso possuía “**ALIMENTAÇÃO SADIA, FARTA E VARIADA**”(O Estado de Mato Grosso, 1941, p. 1).

Propagandeara, também, que havia “ANEXO: BEM MONTADO BAR, COM COMPLETO SORTIMENTO DE BEBIDAS NACIONAIS E ESTRANGEIRAS, E SERVIÇO ESPECIAL DE “LUNCHS” LIGEIOS, FRIOS, SALGADOS, ETC., [...]”, (O Estado de Mato Grosso, 1941, p. 1) em mensagem clara ao público (turistas) que almejava-se: empresários e comerciantes do Brasil e do exterior, políticos e funcionários Públicos das mais diferentes esferas governamentais, artistas tanto nacionais como estrangeiros entre outros viajantes que estivessem interessados em hospedar-se, no que de melhor dispunha em termos de hospitalidade comercial, da capital.

Na peça propagandística, logo abaixo da foto do Grande Hotel, encontra-se a informação de que “O belo edifício do **Grande Hotel de Mato Grosso**, um hotel para **turistas e pessoas** [sic] de tratamento” (O Estado de Mato Grosso, 1941, p. 1). Essa informação revela que dentre o público-alvo estavam os turistas, mas também indivíduos que, devido ao seu alto status social, cargo elevado, nobreza ou distinção cerimonial, mereciam ser tratados com formalidade, respeito e títulos específicos. Ao analisar as fontes sobre o turismo de negócios e os turistas de negócios dos anos

1940 e 1950 em Cuiabá (MT) como a citada acima, não há a menção da segmentação explícita turismo de negócios nem de turistas de negócios sendo tratadas, genericamente, de turismo e turistas, nos documentos encontrados.

Quanto à administração, o jornal O Estado de Mato Grosso (1941) trouxe que os serviços seriam liderados pelo próprio gerente e arrendatário do negócio e fiscalizados pelo Governo do Estado de Mato Grosso, utilizando logo abaixo dessas informações as palavras HIGIENE, MORALIDADE E CONFORTO, todas em caixa alta e negrito.

Como forma de convidar os turistas para virem para Cuiabá e hospedarem-se no Grande Hotel, escreveu-se no jornal em letras maiores, em negrito e sublinhado, quando citado o nome do Grande Hotel de Mato Grosso, a frase: “**Visitem Cuiabá, hospedando-se no Grande Hotel de Mato Grosso, o mais completo e luxuoso do interior do Brasil**” (O Estado de Mato Grosso, 1941, p. 1), demarcando que o meio de hospedagem possuía instalações luxuosas e serviços completos para suprir as necessidade dos seus hóspedes.

Encerrara-se a matéria de capa com o convite para que o leitor “SEJA UM ‘HABITUÉ’ DO JANTAR ELEGANTE DOS DOMINGOS DO ‘GRANDE HOTEL DE MATO GROSSO’, ORGANIZADO EM HOMENAGEM À SOCIEDADE CUIABANA” (O Estado de Mato Grosso, 1941, p. 1). Esse jantar aos domingos, oferecido à sociedade cuiabana, demonstrara ser a maneira de Artur Jorge manter os laços e vínculos do hotel com a sociedade, vínculo esse iniciado em sua construção e nos eventos acontecidos, em suas dependências, mesmo antes de sua inauguração.

Por fim, “assinava” a matéria propagandística, Figura 50, com o nome do gerente e arrendatário Artur Jorge na cidade de Cuiabá – Mato Grosso.

Figura 50 – Matéria propagandística da Inauguração do Grande Hotel em 07 de junho de 1941

Figura 51 – Destaque da matéria jornalística sobre O Grande Hotel e o Governo Júlio Müller



Fonte: Jornal O Estado de Mato Grosso (1941).

Figura 52 – Matéria jornalística sobre o Grande Hotel e o Governo de Júlio Müller



Fonte: Jornal O Estado de Mato Grosso (1941).

Em 08 de julho de 1941, em evento solene, deu-se a fundação do Rotary Clube Cuiabá, tendo o “Grande Hotel como sede onde se reuniam semanalmente todas às sextas-feiras”[...] para jantar no salão do Grande Hotel” (Sá, 1980, p. 111). Campo Grande e Corumbá já possuíam o Rotary Clube, faltava à capital, que queria manter-se como tal, ter importante agremiação.

Em 08 de julho de 1941 houve a primeira reunião e a eleição de Júlio Müller para a presidência, Figura 53. Esta solenidade contou com a presença de James Rot, enviado do Rotary Internacional, e do jornalista Archimedes Lima (Sá, 1980, p. 111). A inauguração do Rotary foi noticiada pelo jornal O Estado de Mato Grosso em edição do dia 09 de julho de 1941, como atesta a Figura 44.

Figura 53 – Matéria jornalística sobre a Fundação do Rotary Clube de Cuiabá



Fonte: Jornal O Estado de Mato Grosso (1941).

Na construção da obra foi utilizado o que de melhor se tinha em termos de materiais e tecnologias de construção.

O Grande Hotel “[...] preencheu uma lacuna na cidade representando na vida social um relevante papel, pois homens de negócios que aqui vinham, ali se instalavam [...] e] discutiam negócios, transacionavam terras [...]” (Sá, 1980, p. 110 -111, grifo nosso).

Assim, nas palavras do construtor e hóspede do Grande Hotel, Cássio Veiga de Sá, confirma-se que o Grande Hotel representou relevante papel à sociedade cuiabana; ao desenvolvimento da Capital e do interior do estado de Mato Grosso e, preponderantemente, ao desenvolvimento do turismo de negócios da capital.

Dessa forma, fica demonstrado o papel histórico do Grande Hotel para o desenvolvimento do turismo de negócios da capital, qual seja, ser O espaço de hospitalidade comercial, onde os homens de negócio encontravam acolhida e segurança, conforto e praticidade, alimentos e bebidas, em ambiente propício para discutirem seus objetivos comerciais ou acordos a serem firmados com o ente público; compra e venda de terras, entre outros.

Cuiabá crescia e, por meio dos negócios firmados no Grande Hotel, outras obras, outras empreiteiras e outros contratos com o setor público passaram a ser firmados. Lojas e estabelecimentos comerciais tiveram nas dependências do Grande Hotel espaço onde foram discutidas, ajustadas e fechadas suas transações comerciais.

Quanto à questão do Grande Hotel contribuir com o desenvolvimento do estado como um todo, ancora-se no fato de que, quando Sá (1980) fala em transacionar terras, essas terras não estão adstritas a Cuiabá, mas a todo o estado de Mato Grosso,

principalmente porque o forte da economia nas décadas de 1940 e 1950 era a pecuária, a agricultura e o extrativismo vegetal e mineral.

Era ali no Grande Hotel que se transacionavam terras em negócios que seriam efetivados no interior com a compra e venda de terras; compra e venda de fazendas; arrendamentos; compra e venda de animais; insumos e maquinários agrícolas; investimentos de toda ordem na mineração; na agropecuária e na silvicultura e questões relativas à contratação de mão de obra e outras demandas contábeis, administrativas e jurídicas.

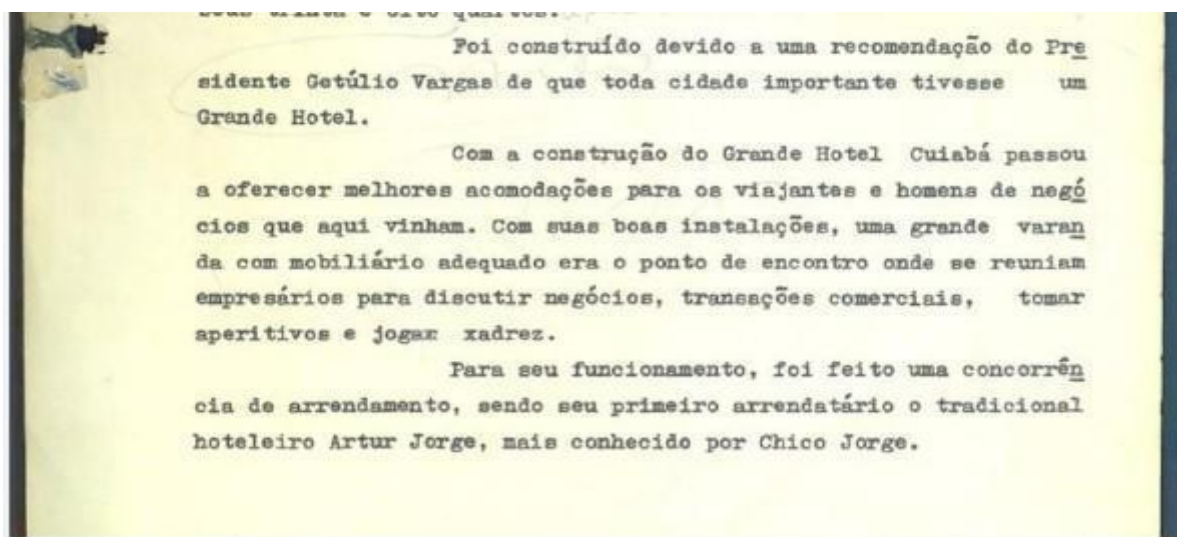
Portanto, quando analisam-se os dados relativos ao desenvolvimento socioeconômico de Cuiabá e à arrecadação do Estado de Mato Grosso, no período abrangido pela pesquisa, considera-se que uma parcela desses números teve o Grande Hotel como locus gerador dos processos que resultaram em arrecadação municipal, estadual e federal por meio de impostos, taxas e tributos advindos dos negócios firmados.

Na mesma linha da afirmação de Sá (1980), em processo de comparação de fontes, o dossiê Grande Hotel (2006), da Secretaria de Estado de Cultura, Esporte e Lazer de Mato Grosso (SECEL), confirma o que disse o autor. **Na documentação datilografada constante do Dossiê Grande Hotel, é clara a assertiva afirmada de que o Grande Hotel serviu para os homens de negócios que se destinavam à capital mato-grossense para discutir negócios e efetuar transações comerciais** como se atesta o excerto fac-símile abaixo.

Com construção do **Grande Hotel Cuiabá** passou a oferecer melhores acomodações para os viajantes e homens de negócio que aqui vinham. Com suas boas localizações [sic], uma grande varanda com mobiliário adequado era o ponto de encontro onde se reuniam empresários para **discutir negócios, transações comerciais**, tomar aperitivos e jogar xadrez (Mato Grosso, 2025, pg 42, grifo nosso).

A Figura 54 com trecho do dossiê do Grande Hotel onde consta que este servia para empresários discutir negócios e transações comerciais.

Figura 54 – Documento do dossiê Grande Hotel



Fonte: Mato Grosso(2025).

São duas evidências advindas de fontes primárias que afirmam tacitamente o papel histórico do Grande Hotel para o desenvolvimento do turismo de negócios de Cuiabá. O Dossiê (2006), assim como Sá (1980), são claros ao sustentar que o Grande Hotel serviu de espaço privilegiado de hospitalidade aos homens de negócio que vinham a Cuiabá para discutir e efetuar transações comerciais.

Os registros de Sá (1980) demonstraram que não eram só hóspedes nacionais interessados em negociar que procuravam o Grande Hotel, mas, também, havia estrangeiros em suas unidades habitacionais, que poderiam usufruir de seu conforto, seus serviços de A&B e se distrair jogando xadrez. Vou mais longe: por que não pensar que parcela desses hóspedes internacionais estava a negócios? Haja vista que Cuiabá é a capital e a porta de entrada do estado para o contato com as autoridades municipais e estaduais empenhadas no desenvolvimento da capital (prefeito e governador) e do interior (governador).

Assim,

Certa vez, estando hospedado no hotel um inglês que poucas palavras falava em português, após o jantar desejava tomar wiskei,[sic] mas não tinha relações na cidade e pedira ao Chico Jorge que lhe apresentasse alguém com conhecimento de inglês para aceitar um convite pois não estava habituado a tomar seu wiskei sozinho. Com espírito que sempre tive, de procurar honrar as nossas tradições de povo hospitaleiro, partilhei do seu bom wiskei. Entretanto, apreciei mais sua conversação (Sá, 1980, p. 111).

Como não fica claro qual foi o motivo da viagem do inglês, não pode-se afirmar tratar-se de um turista de negócios. O certo é que tanto a capital como o Estado de Mato Grosso passavam por um processo de desenvolvimento econômico. Funcionava em Cuiabá o escritório da Rubber Development Corporation que cuidava dos negócios relativos ao fornecimento de borracha, extraída no interior, para os trabalhos na Segunda Guerra Mundial.

Poderia ser um representante deste escritório que estava em Cuiabá ou algum interessado na aquisição de terras? na mineração de diamantes, ouro e outros metais? na pecuária? na agricultura? fechar negócios com o governo? investir na capital? São muitas possibilidades. De toda forma, esteve hospedado no Grande Hotel usufruindo dos serviços de hospitalidade daquele espaço e de seu ilustre hóspede, Cássio Veiga de Sá.

Cuiabá manteve-se distante dos acontecimentos iniciais da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), o que não significa dizer que a população ficou alijada dos principais acontecimentos decorrentes da grande guerra, pois o Jornal O Estado de Mato Grosso produziu constantes matérias com atualizações sobre o desenrolar daquele conflito bélico (Sá, 1980).

Com o avanço do conflito mundial, o Brasil declarou guerra ao Eixo formado por Alemanha, Itália e Japão. Ficou ao lado dos “Aliados”, que eram uma coalizão liderada pelo Reino Unido, pelos Estados Unidos da América, pela antiga União Soviética e pela China.

Essa decisão federal ocasionou reflexos diretos a Cuiabá e ao Estado de Mato Grosso: cuiabanos e mato-grossenses foram recrutados para fazer parte da Força Expedicionária Brasileira (FEB) em campanhas na Itália entre 1944 e 1945 e reativou-se a produção de borracha com o cultivo da seringueira (*Hevea brasiliensis*) com consequentes implicações socioeconômicas para a capital e todo o estado.

Ao desenrolar da guerra, os japoneses bloquearam o acesso dos aliados à borracha da Malásia. A borracha era “[...] considerada como matéria-prima para suprimentos necessários à fabricação de unidades de combate que dependiam de pneus [...]” (Sá, 1980, p.134). Diante daquela configuração, o Brasil e os Estados Unidos assinaram o Tratado de Washington no ano de 1942.

De acordo com o tratado, o Brasil forneceria borracha e minérios para os países aliados e, em contrapartida, no que tange ao Mato Grosso, os seringalistas receberiam orientação e financiamento para a extração do látex e confecção da borracha.

Esse acordo entre o Brasil e os Estados Unidos trouxe esperança aos velhos seringueiros que viram nesse novo cenário geopolítico mundial e econômico local uma oportunidade de negócios imprescindível.

Para a consecução do projeto do ressurgimento da extração da borracha e financiamento e orientação dos seringalistas, para o fornecimento das lâminas defumadas de borracha para os Estados Unidos, “Reuniões de cúpula foram feitas e resultou na instalação em Cuiabá do escritório Rubber Reserve Company, depois Rubber Development [sic] Corporation [...]” (Sá, 1980, p. 135) que teria a responsabilidade das funções de orientação e financiamento aos seringalistas extratores do látex e o direito do recebimento da borracha advindo dessa atividade.

Logo, ao mobiliza-se as forças políticas e econômicas para a consecução do fornecimento da borracha, tendo como uma de suas consequências diretas a criação do escritório da Rubber Reserve Company em Cuiabá, e outras ações, já mencionadas neste trabalho, advindas da política desenvolvimentista do oeste brasileiro, estimulou-se, também, diversos setores econômicos da capital, dentre eles o setor do turismo, em seu segmento de turismo de negócios, que aumentou a demanda por transportes aéreo e urbano; meios de hospedagem, movimentou restaurantes, bares, etc., impactando positivamente o comércio local.

Na contramão desse reflexo econômico positivo para Cuiabá, advindo do Pacto de Washington, houve a ação do Governo Federal que “[...] confiscou o Sindicato Condor, de origem germânica, que interrompeu seus vôos [sic] para Cuiabá, ficando esta capital sem ligação aérea [...]” (Sá, 1980, p. 135). Essa ação, em 1942, de confisco da Empresa Aérea Sindicato Condor Ltda, subsidiária da Lufthansa (Deutsche Luft Hansa), mostrou-se prejudicial para o setor de transportes aéreos da capital que passou a não contar mais com este tipo de serviço para o fluxo de embarque e desembarque de passageiros e cargas no aeroporto da capital.

O transporte aéreo retornou para Cuiabá nas asas da Panair do Brasil ainda em 1942 com a aeronave Lockheed Lodestar, cuja imagem de modelo similar de aeronave, que realiza voos para Cuiabá, observa-se na Figura 55.

Figura 55 – Fotografia do avião da Panair do Brasil Lockheed Lodestar



Fonte: Desastresaereosnews (2025).

Os voos da empresa Panair do Brasil, em 1943, aos poucos foram sendo substituídos pelos aviões da empresa Sindicato Condor, que foi nacionalizada com o nome de Serviços Aéreos Condor e redenominada Serviços Aéreos Cruzeiro do Sul, até a Panair se retirar totalmente. A Cruzeiro do Sul passou a operar voos para Cuiabá com a aeronave DC-3 bimotores que não mais pernoitava em Corumbá (Sá, 1980). Na Figura 56, imagem de avião DC-3 similar ao que fazia voos para Cuiabá em 1943.

Figura 56 – Fotografia de avião DC-3



Fonte: Passageirodeprimeira (2019).

Operando em Cuiabá, a empresa Serviços Aéreos Cruzeiro do Sul, por meio de um de seus integrantes denominado Otto Breyer, confiante no desenvolvimento que Cuiabá e na política de incentivo ao turismo no Brasil, promovida pelo Estado Novo, veio a contribuir com o desenvolvimento do socioeconômico e cultural ao instalar uma agência da empresa na capital.

A empresa contribuiu para o desenvolvimento do turismo de negócios ao dispor de linha que conectava Cuiabá às principais cidades do Brasil por meio de suas escalas e conexões. Essa logística facilitara as viagens daqueles que propunham-se investir na indústria, no comércio ou nos serviços em Cuiabá e no Estado de Mato Grosso.

Essas transações consolidaram-se em parcerias com o setor público ou privado da capital ou, à partir de Cuiabá e sua hospedagem no Grande Hotel, principalmente, fechar negócios que seriam implementados no interior, como compra de terras; aquisição de gado; compra de fazendas; investimento em mineração; em agronegócio; na silvicultura (cultivo da *Hevea brasiliensis* para extração do látex e produção da borracha) entre outros, como pode ser atestado ao afirmar que “[...] os Serviços Aéreos Cruzeiro do Sul prestaram uma inestimável contribuição ao desenvolvimento que tomava a cidade” (Sá, 1980, p. 139) por meio das Obras Oficiais.

Ao chegar à cidade, os turistas poderiam usufruir do serviço de táxi ou de carros de aluguel e se dirigir ao Grande Hotel, que possuía as melhores condições de hospitalidade comercial somadas à tradicional simpatia do senhor Chico Jorge.

Bem acomodados, poderiam, depois de fechar negócios no hotel, dar uma volta no Jardim Alencastro, tomar uma cerveja nos bares do entorno e usufruir da hospitalidade cuiabana. Por tudo isso, pode-se deduzir que, a partir da inauguração do Grande Hotel, assentaram-se as bases para o desenvolvimento do turismo de negócios em Cuiabá e, por consequência, no Mato Grosso.

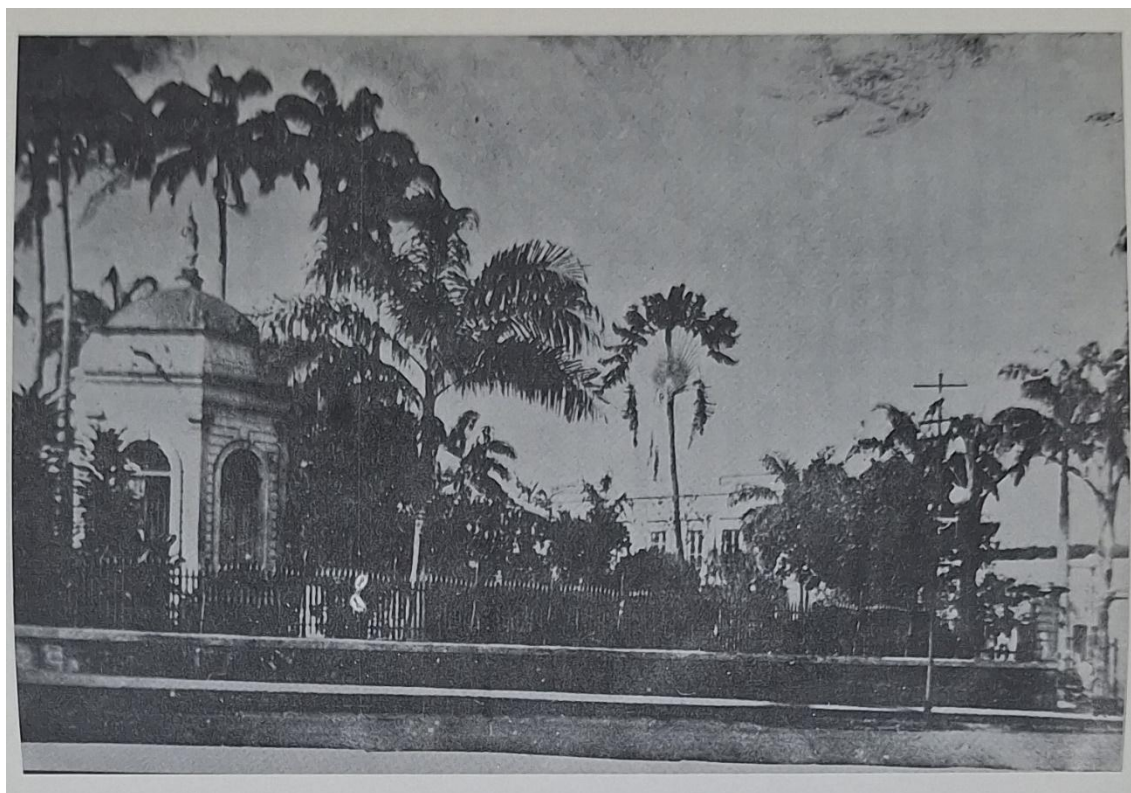
O Jardim Alencastro, nome oficializado em homenagem ao Coronel José Maria de Alencastro, presidente da Província de Mato Grosso de 24 de março de 1881 a 10 de março de 1883, anteriormente chamava-se Largo do Palácio.

Foi tombado como patrimônio histórico estadual com publicação no Diário Oficial do Estado de Mato Grosso em 30 de maio de 1939, sendo um espaço importante para a cidade de Cuiabá desde a sua inauguração em 1882. O tombamento da Praça Alencastro inaugura a política estadual de proteção ao patrimônio histórico mato-grossense com a criação do Serviço de Tombamento pelo

governador Júlio Müller (Jucá, 1980), alinhado à política preservacionista federal que criou o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) em 13 de janeiro de 1937.

No período em que na capital não havia cinema e que o Clube Feminino não possuía sede, o Jardim Alencastro para a família cuiabana era o “[...] ponto principal de suas horas de lazer e comunicação” (Sá, 1980, p. 92). Na Figura 57, o Jardim Alencastro, voltado para a atual Avenida Getúlio Vargas.

Figura 57 – Fotografia do Jardim Alencastro



Fonte: Sá (1980).

O Jardim Alencastro era frequentado pela elite cuiabana. Advindos desse segmento social, encontravam-se as moças e os rapazes que tinham o hábito de passear pelo Jardim das 19:00h às 21:00h, sendo essa a hora limite para o *footing* (Sá, 1980), não como uma obrigação legal, mas como uma regra social.

Frequentavam também este espaço pais de família, visitantes; turistas e o famoso pau-rodado, epíteto impingido pejorativamente ao moço que chegava em Cuiabá, ficava por algum tempo, mas não tinha a intenção de permanecer na capital.

Essa expressão resultara de uma comparação com as enchentes “[...] [onde] os troncos [...] vinham na enchente flutuando rio abaixo” (Sá, 1980, p. 84) e, portanto, passando pelo rio e seguindo seu curso.

No Jardim Alencastro aconteciam às quintas-feiras e aos domingos retretas das sete às nove horas. As bandas responsáveis por estas apresentações musicais gratuitas eram as da Polícia Militar e do 16º Batalhão de Caçadores de Cuiabá (Sá, 1980). Esses eventos eram momentos de lazer para a família cuiabana, turistas de negócios e demais visitantes da Cidade Verde.

Nesse sentido são expressivas as palavras de Sá (1980, p. 85, grifo nosso):

Não eram só as moças e os rapazes que todas as noites passeavam no jardim, mas, também homens de negócios que aqui vinham, geralmente ali rematavam seus entendimentos com encontros à noite. **Era então o ponto mais importante da cidade.**

Esse importante local da cidade “[...] sempre teve a sua importância política, pois ficava entre as sedes do governo estadual e da Prefeitura Municipal de Cuiabá” (Sá, 1980, p. 42). Nesse sentido, a construção do Grande Hotel, quase em frente ao principal espaço de sociabilidade da capital, que também se mostrava ser espaço público para negociações comerciais, ganha relevância ainda maior.

Ao redor da Praça Alencastro tinha-se o antigo Palácio Alencastro [sede do Governo do Estado de Mato Grosso]; a Igreja Matriz; um cartório e alguns bares, dentre outras edificações públicas e privadas.

Sobre alguns estabelecimentos comerciais no entorno da Praça Alencastro, relata-se a existência do “[...] ‘Bar do Bugre’ onde se reuniam apreciadores de cerveja; [...] o Bar Jardim de São João [...] [com] pérgola com uma trepadeira sob a qual diversas mesas eram arrumadas [...]” (Sá, 1980, p. 85). Havia, também, um estabelecimento que vendia sorvetes, refrigerantes e champagne Clicquot (Sá, 1980).

Aos turistas e autóctones havia outra opção. No centro da cidade existia outro bar localizado na esquina da rua Cândido Mariano, o Molinari, antigo bar de Sargentini, porém, pouco frequentado, devido ao atendimento “sem muito interesse”.

Na rua Pedro Celestino vendia-se o melhor sorvete da cidade (Sá, 1980) que poderia ser perfeitamente acessado por quem estivesse no Grande Hotel. Havia, ainda, na Rua Ricardo Franco, no centro e próximo ao Jardim Alencastro o Bar de Antônio Maria, Ilustração 58.

Figura 58 – Fotografia do Bar de Antônio Maria



Fonte: Mendonça (1978).

Se a construção do Jardim não foi pensada como um espaço para o turismo de negócios, a construção do Hotel, quase ao lado da praça, não deixa dúvidas de que ele já estava inserido em um projeto maior de apropriação dos espaços públicos para uso turístico. Outra opção à Praça Alencastro era a Praça da República, sendo essa mais visitada por gente menos abastada (Sá, 1980).

No bairro do Porto encontrava-se a Praça Corumbá, que “[...] aos domingos tinha animação, mas muitos rapazes do Porto vinham passear no Jardim Alencastro valendo-se de ônibus que circulava ‘Porto-Cidade’” (Sá, 1980, p. 89), sendo, portanto, mais duas opções de passeio disponíveis para turistas e cidadãos.

Havia, também, outra praça importante, a Praça Ipiranga. No período colonial serviu de palco para os enforcamentos dos condenados em Cuiabá. Essa função lhe rendera a denominação popular Largo da Cruz das Almas.

Atualmente chamada de Praça Ipiranga por todos, situa-se entre a antiga Rua da Prainha [Avenida Tenente Coronel Duarte] e o caminho do Porto [Trecho da Rua 13 de Junho]. Era palco de apresentações culturais e artísticas para a alegria da população. Abaixo, Figura 59, a Praça Ipiranga em Cuiabá (MT).

Figura 59 – Fotografia da Praça Ipiranga



Fonte: Mato Grosso (entre 1939 e 1940).

O turista de negócios, ao hospedar-se no Grande Hotel, construído em linha diagonal ao Jardim Alencastro, poderia desfrutar desse espaço de lazer e voltar para o estabelecimento hoteleiro para proceder às suas transações comerciais ou fechar contratos com a administração pública. Esses negócios particulares e/ou contratos com o setor público contribuíram decisivamente para o desenvolvimento não só de Cuiabá, mas de todo o estado de Mato Grosso.

Os turistas de negócios, que à noite desfilavam pelo Jardim Alencastro, muitas vezes, tinham suas chegadas já sabidas antes mesmo de pisarem no solo da Capital, devido à lista de passageiros do hidroavião do Sindicato Condor, que decolava de Corumbá e, via rádio, transmitia-se à cidade (Sá, 1980) de Cuiabá mesmo antes do desembarque no "[...] antigo cais do Porto, no prolongamento da Avenida 15 de Novembro" (Jucá, 1998, p. 141).

Na Figura 60, propaganda da Empresa Sindicato Condor Ltda no Jornal O Estado de Mato Grosso do dia 16 de setembro de 1939.

Figura 60 – Propaganda do Sindicato Condor



Fonte: Jornal O Estado de Mato Grosso (1939).

Desde 1938, a prefeitura de Cuiabá havia feito trabalhos urbanísticos na faixa do Porto, “[...] que eram utilizados pelas embarcações fluviais e hidroaviões, construindo uma rampa no final da Avenida 15 de Novembro, para cargas, além de dois lances de escada, no lado esquerdo, para maior conforto da população” (Jucá, 1998, p. 167).

Por ocasião das festas juninas, aumentava-se deveras o número de pessoas que circulavam pelo Jardim Alencastro. Os festeiros, que levavam o Santo até a beira do rio para ser lavado, por ali passavam entoando cânticos ao santo de devoção.

5.6 FESTA DE SÃO BENEDITO

Em se tratando de festa religiosa, a partir do final dos anos 1930 até a atualidade, a maior festa religiosa católica da capital é a Festa de São Benedito, que acontece no 1º domingo do mês de julho, precedida por uma semana de missa (Sá, 1980) na Igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito.

As missas aconteciam às cinco horas da madrugada, como mandava a tradição, acompanhadas de “[...] chá, chocolate, ou café com leite, acompanhado do

famoso bolo de arroz e biscoito de queijo, que era servido à vontade na casa do festeiro com as portas abertas para quem quisesse visitar o festeiro” (Sá, 1980, p. 89).

No domingo, dia da festa inúmeros pratos eram servidos pelas senhoras da sociedade como “[...] perus, frangos, macarronadas, cabritos, arroz de forno, carne [...] pacu, e na sobremesa [...] doce de leite, doce de caju [...]” (Sá, 1980, p. 89) servidos para cada partícipe de maneira farta em homenagem ao Santo Benedito.

A construção de espaços sagrados em Cuiabá, e, mais especificamente, a Igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, efetuou-se nos tempos iniciais das descobertas de ouro.

De acordo com Abreu (2007, p. 224), “A devoção a Nossa Senhora do Rosário [...] na América Portuguesa [...] ganhou força com as Irmandades principalmente [...] de cor que ocorreram em Cuiabá”. Depreende-se que o início do culto a Nossa Senhora do Rosário e São Benedito se imbrica cronologicamente, religiosamente e culturalmente com a gênese da cidade de Cuiabá. Do culto, em princípio reservado a membros da irmandade, à festa de São Benedito, tem-se o marco temporal do ano de 1787. De acordo com Jesus (2003 apud Mendes, 2012):

[...] são realizadas festas em homenagem a São Benedito desde o século XVIII. Promovida pela irmandade [...] na Igreja do Rosário e celebrada com o título de “Festa do Glorioso São Benedito”, o qual ostenta, até hoje, a referência mais antiga a essa festividade remonta a 1787 Jesus (2003 apud Mendes, 2012, p. 2):

A festa de São Benedito teve calendário variável até o ano de 1897, quando a Irmandade decidiu fixar a data do festejo para o primeiro domingo do mês de julho.

Essa manifestação da devoção ao Santo Benedito, ou seja, esse festejo com possibilidade de os devotos compartilharem de comidas e bebidas ofertadas pelo festeiro do ano, ensina muito sobre a realidade sociocultural de Cuiabá, principalmente para o período abrangido nesta pesquisa.

Naquela época, a população era predominantemente católica. Esta festa não era/é adstrita aos membros da paróquia de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, mas o convite estendia-se/estende-se a todos da cidade e, portanto, aos turistas de negócios e demais turistas de ontem e de hoje.

Para ilustrar essas informações, seguem algumas imagens. Na Figura 61, observa-se a imagem da Igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, no Centro Histórico de Cuiabá, com vista para o pátio da frente da Igreja, onde se realiza

a festa; na Figura 62, a escultura de Nossa Senhora do Rosário; na Figura 63, imagem de São Benedito e, por último, na Figura 64, folder do baile de abertura da festa de São Benedito.

Figura 61 – Fotografia da Igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito



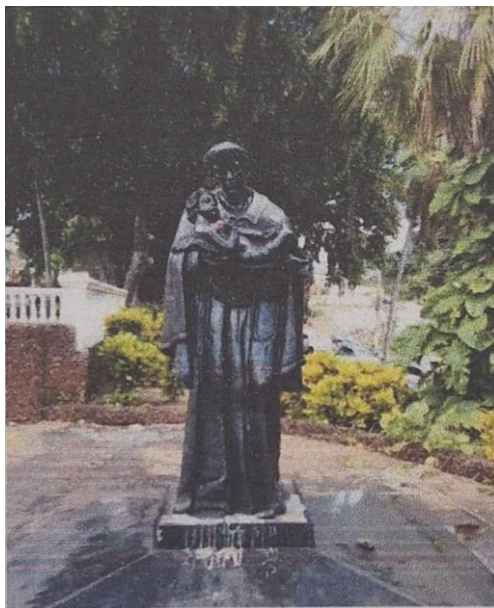
Fonte: Autoria própria (2018).

Figura 62 – Fotografia da escultura de Nossa Senhora do Rosário



Fonte: Autoria própria (2018).

Figura 63 – Fotografia da escultura de São Benedito



Fonte: Autoria própria (2018).

E, por último, o folder do baile de abertura da Festa de São Benedito de 2017 (Figura 64).

Figura 64 – Folder do baile de abertura da Festa de São Benedito de 2017



Fonte: Autoria própria (2018).

Como a festa acontecia no adro da igreja, era facilmente acessível aos turistas do Grande Hotel, pois as edificações ficam relativamente perto.

O prédio do Grande Hotel foi construído em diagonal com o que um dia foi o principal ponto de lazer da cidade, a Praça Alencastro. O estabelecimento passou a ser também, um espaço para eventos, não só para os hóspedes, mas para toda a sociedade cuiabana e, principalmente, para os frequentadores d'O Jardim. Assim, “[...] oferecia à nossa sociedade, aos domingos, no bem decorado salão do hotel, uma **soirée** dançante [espetáculo que acontece à noite], contratando para isso uma orquestra” (Sá, 1980, p. 110), em demonstração de que “[...] o Grande Hotel foi incorporado à vida social de Cuiabá” (Jucá, 1998, p. 174).

O Grande Hotel, com toda sua grandiosidade; status por ser considerado o melhor hotel da cidade; qualidade no atendimento, deslumbrada tanto pelas loas à comida da cozinheira Venância quanto pela hospitalidade de Chico Jorge, atrairia as moças e os rapazes abastados que frequentavam O Jardim e poderiam facilmente deslocar-se num simples atravessar a rua para prestigiar e divertir-se nas reuniões dançantes promovidas por Chico Jorge.

Do processo de vinda de profissionais para trabalhar nas Obras Oficiais e, posteriormente, tornarem-se empresários na capital, temos o caso de funcionário da Companhia Pederneiras.

Essa empresa atuou em Mato Grosso e, mais especificamente, em Cuiabá, à época do Estado Novo. Foi a Companhia Pederneiras, que ficou responsável pelo contrato com o Banco do Brasil para “[...] a execução da agência local que foi construída na Avenida Getúlio Vargas, esquina com o Jardim Alencastro” (Sá, 1980, p. 202). Para essa e outras obras como a da complementação do 16º Batalhão de Caçadores de Cuiabá, vieram arquitetos e engenheiros do Rio de Janeiro, sendo que um deles tornou-se empreiteiro de obras em Cuiabá, contribuindo com o progresso da cidade (Sá, 1980).

Na esteira dessas transformações na capital, em muito resultado das Obras Oficiais, o poder municipal instituído contratou a empresa Coimbra Bueno para a construção do plano de expansão e urbanização da cidade (Sá, 1980). A abertura da Avenida Getúlio Vargas e as novas construções mostravam “[...] modernos processos de construção e [...] novos materiais utilizados” (Sá, 1980, p. 201).

A cidade crescia, modernizava-se, aumentava o contingente populacional e novos negócios eram abertos na capital. Seria imperioso que esse crescimento estivesse em harmonia com o ordenamento da cidade e ao mesmo tempo não permitisse que se desse de maneira desordenada como outrora.

Como exemplificador do aumento de estabelecimentos do comércio local, em muito advindo da nova dinâmica socioeconômica iniciada no final dos anos 1930, houve a abertura de lojas de presentes, perfumaria, tecidos, etc. Cuiabá passou a ter um representante para a venda de carros Kaiser, então fabricados pelo “[...] famoso construtor norte-americano de navios mercantes [...]” (Sá, 1980, p. 201). Era tão grande a demanda que o empresário não conseguia deixar um carro em exposição na cidade, pois todos já chegavam com destino certo.

Para o desenvolvimento e a estruturação da cidade, houve um aporte substancial de recursos públicos federais nas Obras Oficiais do Estado, que também contava com uma elite econômica e política capaz de contribuir com a dinâmica econômica cuiabana e do Estado de Mato Grosso.

O conjunto das Obras Oficiais realizadas no Governo Júlio Müller alterou o aspecto da cidade, quer pelas edificações que na verdade constituíram uma fase de renovação, quer pela finalidade a que se destinavam tais edificações, pelo seu papel na vida da cidade e pelo seu despertar de uma longa fase de paralisação. Na verdade foi expressivo o volume de Obras Oficiais realizadas pelo governo, levando-se em consideração que até então a iniciativa particular permanecia alheia a novas construções [...] (Sá, 1980, p. 177).

Todo esse processo de estruturação, investimento na infraestrutura, comunicações, turismo e demais setores, forjado durante o Governo de Júlio Muller, contribuiu para a ampliação das bases para o desenvolvimento que a capital teria nas décadas posteriores e que processou-se ao longo dos anos 1940 e 1950, 1960 e 1970 décadas em que o Grande Hotel esteve em funcionamento e posteriores. Nessa linha de pensamento, coaduna-se com Sá (1980, p. 202) que afirmara que:

Muito embora com o fim do Governo Júlio Müller [em 07 de novembro de 1945 com o fim do Governo Vargas] tenham cessado as Obras Oficiais, o período em que elas se desenvolveram foi de alto significado para a evolução de uma cidade destinada pela sua posição geográfica a tornar-se um grande centro de irradiação e desenvolvimento do Estado.

Com o fim do Estado Novo em novembro de 1945, houve a cessação das Obras Oficiais, sendo continuadas, contudo, as contratações com a Coimbra Bueno para a prefeitura e as construções advindas da iniciativa privada (Sá, 1980). Nesse sentido:

Não foi só na mão de obra que as Obras Oficiais influíram, mas também acarretaram mudanças de orientação nas construções particulares que se iniciaram. Acompanhando esse surto de progresso provocado pelo governo, particulares resolveram edificar novas residências construindo a firma

Coimbra Bueno onze novas casas acentuando-se a mudança do projeto, todas construídas com afastamento da testada da rua e em centro do terreno. O secular costume de edificar residências no alinhamento da rua e nas confrontações laterais cedeu lugar a essa nova orientação, iniciando-se na cidade uma mutação da arquitetura e consequentemente na construção de novas residências (Sá, 1980, p.180).

Dessa forma, após a cessação das construções das obras oficiais, as obras municipais continuaram em curso e, senão o mais importante, a partir desse momento, as iniciativas privadas, tanto de pessoas físicas quanto de pessoas jurídicas, passaram a investir na cidade.

Seria um crescimento lento, mas constante, ao longo dos anos 1940 e 1950, acelerado a partir dos anos 1960, com a ampliação da malha rodoviária e o asfaltamento da maioria dos trechos nos anos 1970. Somados aos fatores já trabalhados na tese, como a pecuária e a mineração, o comércio, a indústria e os serviços na capital, iniciou-se a partir dos anos 1960 um processo migratório intenso, principalmente na região sul para o Estado de Mato Grosso.

Enfim, a iniciativa privada viu com bons olhos as transformações advindas do poder público, alvissareiras de uma dinâmica socioeconômica que passou a ser acreditada pelos comerciantes locais e de outros estados que resolveram também investir na cidade por meio da abertura de novos negócios, dinamizando cada vez mais o turismo de negócios de Cuiabá.

5.7 OS TRANSPORTES NA CIDADE VERDE

Em Cuiabá, havia transporte para o Coxipó, região afastada do centro de Cuiabá, “[...] Desde 5 de maio de 1875 [...], [ela] contava com uma linha de coletivo, feita com uma ‘diligência’ puxada por 4 burros [...]” (Corrêa, 1999, p.112). Entre o centro de Cuiabá e o bairro do Porto trafegava bonde puxado, também, por burros, cuja operação, com este tipo de equipamento sob trilhos puxado por tração animal, cessou no Governo de Dom Francisco de Aquino Corrêa (1885–1956). Este esteve à frente do executivo de Mato Grosso entre os anos de 1918 e 1922. Na Figura 65, a visualização de bonde a tração animal idêntico ao que existia em Cuiabá.

Figura 65 – Fotografia de bonde puxado por burros



Fonte: Corrêa (1999).

Na década de 1930 os ônibus já circulavam pela cidade. A ligação, por automóvel, entre o centro da cidade e o bairro do Porto se deu em 8 de abril de 1919. Com o crescimento da cidade surgiram os ônibus com “[...] 4 ou 5 bancos, todos abertos, no estilo dos antigos bondes” (Corrêa, 1999, p. 110).

O cobrador trabalhava pendurado sobre os estribos, recebendo o pagamento da passagem, que custava 300 réis” (Corrêa, 1999, p. 110). Não havia ponto certo nem para embarque nem para desembarque, bastando o passageiro fazer a solicitação ao motorista e efetuar seu intento (Sá, 1980). Na Figura 66, ônibus que fazia a linha da Praça da República no centro da cidade até o bairro do Porto.

Figura 66 – Fotografia do ônibus linha Cento para o bairro do Porto.



Fonte: Corrêa (1999).

Esses ônibus “saíam do ponto junto à Igreja Matriz e seguiam pela rua 13 de Junho até o porto, onde paravam junto ao jardim”. (Corrêa, 1999, p. 112). Segundo o depoimento do senhor José Bertides (Corrêa, 1999), havia a circulação de ônibus inclusive aos domingos até as 21 horas para atender os usuários que acompanhavam a retreta que acontecia no Jardim Alencastro e tinha sua apresentação encerrada por volta deste horário.

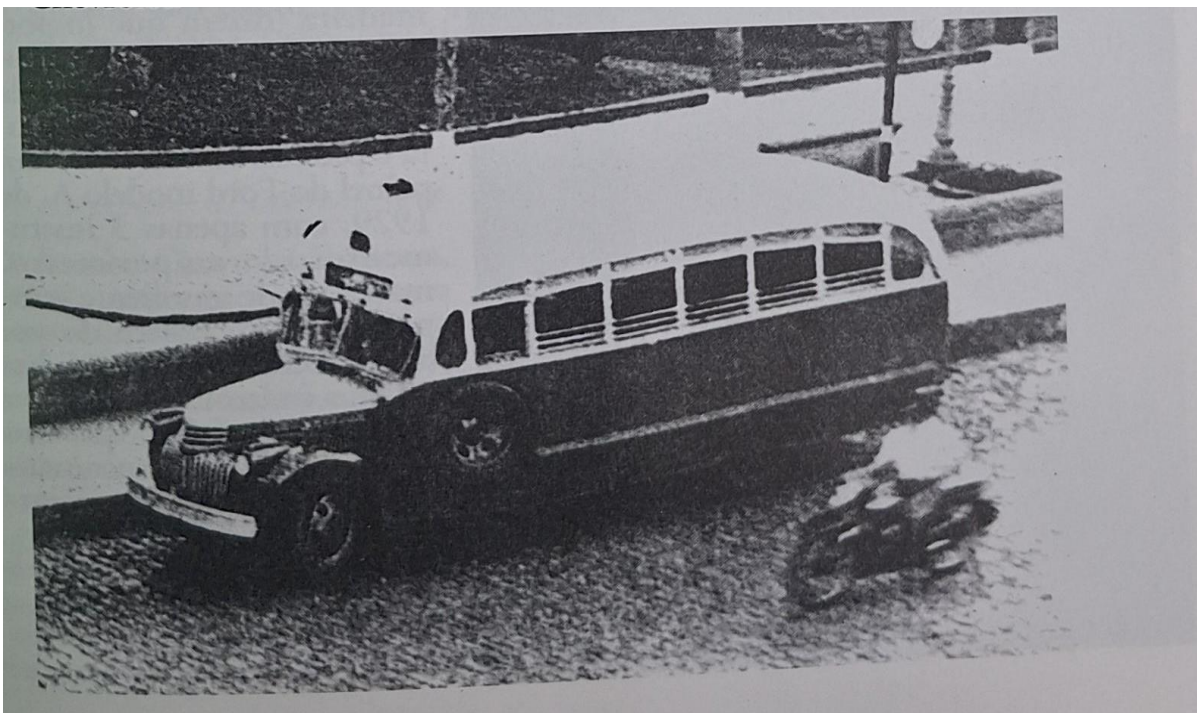
Os ônibus motorizados da década de 1930 “[...] tinham horários certos para começar a circular, mas, principalmente, para parar à noite. Havia sempre o ‘último ônibus’, [...] do Porto para a cidade às 21 horas e da cidade para o Porto, também” (Corrêa, 1999, p.112). Importante salientar que o Porto não tratava-se de outra cidade, mas sim do 2º distrito da capital, cujos moradores frequentavam o Jardim Alencastro aos domingos e usufruíam do transporte coletivo para voltar para suas casas.

Da década de 1940 em diante, os ônibus foram cada vez mais se modernizando, ampliando suas linhas e horários de atendimento aos cidadãos e aos

turistas, bem como melhorando o conforto térmico, alguns veículos contando com ar-condicionado [chamados Frescão], principalmente a partir do final da década de 1990 e do início dos anos 2000, em uma cidade cujos termômetros marcam mais de 40° nos dias mais quentes.

Atualmente também há a presença de alguns pontos de ônibus climatizados no centro da capital e com disponibilização de acesso à internet por meio de Wi-Fi. Na Figura 67, o modelo de ônibus que rodava em Cuiabá nos anos 1940 quando da chegada de Cássio à cidade e da construção do Grande Hotel.

Figura 67 – Modelo de ônibus que passou a fazer as linhas em Cuiabá a partir do ano de 1940



Fonte: Corrêa (1999).

A seguir, Figura 68, um dos modelos de ônibus usados no transporte coletivo da cidade no ano de 2026, equipados com ar-condicionado; acessibilidade por meio de piso baixo e rampa; câmera de segurança e catraca com reconhecimento facial e tecnologia europeia Euro VI que emite menos poluentes na atmosfera.

Figura 68 – Modelo de Ônibus em 2026



Fonte: Oliveira (2026).

Os pontos de ônibus também se modernizaram. Figura 69, ponto de ônibus Estação Alencastro na Praça Alencastro, antigo Jardim Alencastro, na Avenida Getúlio Vargas em diagonal com o prédio do Grande Hotel.

Figura 69 – Fotografia da Estação Alencastro



Fonte: Oliveira (2026).

As linhas intermunicipais de ônibus “[...] começaram a surgir, a partir de 1929, quando Manuel Bento iniciou o transporte de passageiros e encomendas entre Cuiabá e Campo Grande, com a Auto Viação Mato-Grossense, que recebeu subvenção estadual” (Corrêa, 1999, p. 99).

Sobre o ano de 1933, encontra-se informação de que a Prefeitura de Cuiabá subvencionou as linhas que ligavam Cuiabá a outras localidades do interior. Destacam-se as linhas Cuiabá - Poxoréu, Cuiabá - Rosário, Cuiabá - Várzea Grande e Cuiabá - Coxipó da Ponte. Afora essas linhas, em que se encontra explícita a informação de subvenção estatal, iniciaram outras linhas ligando a capital a cidades do interior, como as de Cuiabá - Poconé, Cuiabá - Cáceres, Cuiabá - Rondonópolis e Cuiabá - Leverger (Corrêa, 1999).

Outra empresa em que há registro de transporte rodoviário interestadual chamava-se Sacadura, de propriedade de Albino Augusto Pereira. A empresa Sacadura começou a funcionar a partir de 1938 e fazia as linhas que ligavam Cuiabá – Campo Grande e Campo Grande - Cuiabá.

Para atendimento aos clientes, a empresa Sacadura mantinha em Cuiabá um agente “[...] que atendia a todos com urbanidade e paciência [...]” (Sá, 1980, p. 65). Esta constatação reveste-se de importância quando, na atualidade, os profissionais que trabalham com o setor de turismo sobrealham a importância da qualidade no atendimento para a perenidade do negócio.

Cássio fez questão de registrar a urbanidade e a paciência como qualidades do profissional da empresa Sacadura no trato com os clientes, demonstrando que, mesmo de forma embrionária e sem cursos de qualificação profissional de qualidade no atendimento para o sucesso do empreendimento turístico, como os que temos na atualidade, essa era a característica atestada à recepção dos que se dirigiam ao funcionário da empresa Sacadura em Cuiabá.

O tempo de percurso da jardineira, nome dado àquele tipo de ônibus à época, de Campo Grande variava muito. Fatores como estado de conservação da estrada e épocas do ano entram nesta conta. A viagem poderia durar três dias no período da seca, mas também prolongar-se por oito ou dez dias no período de chuvas. Durante a viagem, os pernoites aconteciam na maioria das vezes dentro da jardineira.

As refeições eram por conta dos passageiros que procuravam levar consigo a tradicional “Matula” (Sá, 1980). Quanto ao preço da passagem da viagem terrestre de Campo Grande para Cuiabá, era de “[...] Oitenta Mil Réis [...]” (Sá, 1980, p. 66-67). A título de comparação, a passagem por via fluvial de Corumbá para Cuiabá saía por cento e vinte mil réis.

Na viagem de Cuiabá para Campo Grande, com a Empresa Sacadura, havia pernoite em Rondonópolis e Coxim. Dessa forma:

O **chauffeur Sacadura**, excelente pessoa, **fazia o papel de um guia de turismo** competente. Ia explicando os tópicos importantes ao longo daquela pequena trilha de chão batido. Em Coxim, levou-nos a uma festa de aniversário, puxada por foguetório. [...] Em Rondonópolis, ainda um vilarejo, duas senhoras ofereciam aos hóspedes **redes limpíssimas para dormir**. O **café da manhã, de uma fartura**: Mate, ovos fritos, queijo, leite puxado e um bife de reforço. O preço, baratíssimo (Sá, 1980, p. 136, grifo nosso).

Dessa forma, por mais que a viagem fosse cansativa, as experiências de viagem, proporcionadas pelo motorista da empresa Sacadura em festas, somadas à limpeza das redes para dormir, à fartura do café da manhã e ao preço convidativo contribuíram para amenizar o cansaço, construir um repertório de viagem positivo e avaliar os serviços oferecidos pela empresa de maneira satisfatória, positiva.

Na Figura 70, a imagem da “Jardineira Ford 34 da empresa Sacadura, com capacidade para 4 passageiros, que fazia a linha Cuiabá-Campo Grande em três dias. [...] Os passageiros usavam paletó, gravata e chapéu de feltro” (Corrêa, 1999, p.154).

Em análise da data da foto, Corrêa (1999) afirma ter sido tirada no ano de 1937, não condizente com a informação trazida pelo mesmo autor em outra passagem da fonte (livro) onde o autor assevera que a empresa Sacadura iniciou suas atividades no ano de 1938. Apesar dessa inconsistência, o valor iconográfico da Figura 69 para a construção da tese permanece inalterado.

Figura 70 – Fotografia da Jardineira Ford 34 da Empresa Sacadura



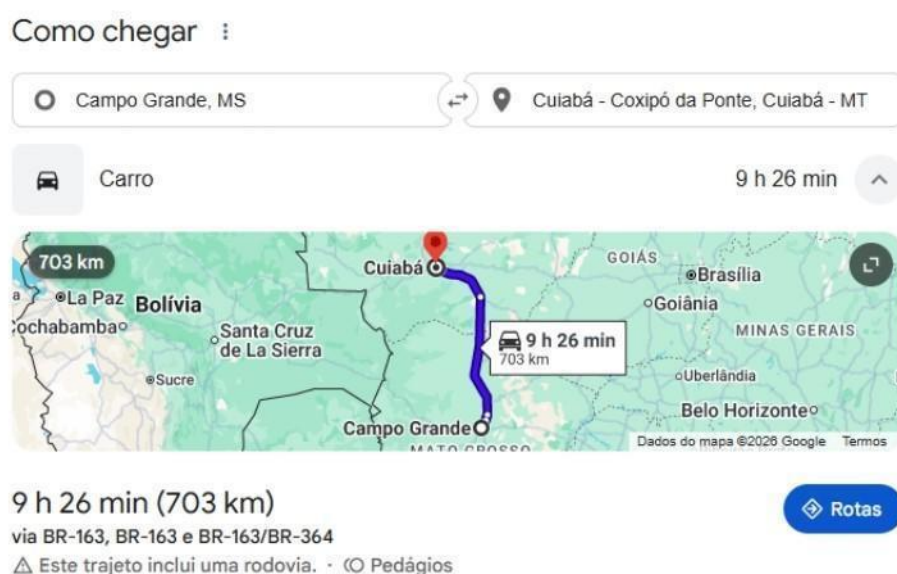
Fonte: Corrêa (1999).

As viagens de automóvel foram tornando-se cada vez mais frequentes entre Cuiabá e Campo Grande a partir de 1929. Em uma viagem de Campo Grande para Cuiabá, no mês de setembro de 1929, portanto, no período da seca, o percurso foi efetuado em um Ford Modelo A. Constavam como passageiros o agente da empresa Ford, o representante da Companhia Frigorífica Anglo e o engenheiro da Prefeitura de Campo Grande, para além do motorista. (Corrêa, 1999).

Esta informação toma relevo, pois demonstra que desde o início das viagens de automóvel de Campo Grande para Cuiabá, o motivo da viagem ser negócios esteve presente, o que evidencia a importância do turismo de negócios para as atividades comerciais, contratos e acordos para o desenvolvimento da capital mato-grossense.

Sobre a viagem de automóvel de Campo Grande para Cuiabá, relata-se que o percurso terrestre de “[...] 930 km foi feito em 30 horas de marcha, com a média horária de 81 km, gastando 102 litros de gasolina, ou seja, 5 latas”. (Corrêa, 1999, p. 103). Ao fazer uma comparação da mesma viagem no ano de 2026, tem-se que de Campo Grande para Cuiabá a distância foi encurtada para 708 km pelas BR-163/BR-364, com tempo estimado de 9h26min e consumo médio de gasolina entre 70 e 75 litros, respeitados os limites de velocidade ao longo de todo o trecho. Na Figura 71, tem-se a ilustração do trajeto de Campo Grande para Cuiabá na atualidade.

Figura 71 – Mapa do trajeto de automóvel de Campo Grande (MS) para Cuiabá (MT) em 2026



Fonte: Google maps (2026).

Dessa forma, com os avanços da infraestrutura de transporte terrestre na modernidade, somados às das tecnologias automotivas e ao melhoramento dos combustíveis, encurtaram-se não só o percurso em si, mas o tempo médio gasto para fazê-lo.

Isto revela-se de fundamental importância para o desenvolvimento do turismo de negócios da atualidade onde a distância, tempo de deslocamento e gastos com transporte e alimentação, ao longo do percurso, são fatores de relevância quando se pretende fazer o encontro presencialmente.

Na época do planejamento das Obras Oficiais, nos anos finais da década de 1930, o Governo do Estado de Mato Grosso e a empreiteira contratada estavam cientes da situação dos transportes em Mato Grosso; da dificuldade em se transportar os materiais que não existiam na capital ou em áreas da Baixada Cuiabana e da indisponibilidade certos materiais por meio do comércio local.

Até o final dos anos 1930 “Não havia estradas de rodagem que estabelecessem ligação com São Paulo [...]” (Sá, 1980, p.63). Diante deste limitador nos transportes rodoviários, a solução para a aquisição de materiais e seu transbordo, para Cuiabá, eram as vias férreas e fluviais.

Assim, o planejamento da empresa Coimbra Bueno para a construção das Obras Oficiais em Cuiabá, e dentre elas, o Grande Hotel,

levou em conta que o conceito das obras a realizar era bem diverso das raras e pequenas construções que surgiram em Cuiabá, considerando que numa construção se distinguem os materiais básicos e os materiais de acabamento. Eles não eram, de modo algum, encontrados na praça de Cuiabá, nem na qualidade nem na quantidade [...] (Sá, 1980, p. 60).

Para solucionar este problema e iniciar a construção do Grande Hotel, a aquisição dos materiais de acabamento deu-se em São Paulo, ficando a cargo de um almoxarifado criado no bairro do Porto para a estocagem do material assim que fosse desembarcado no cais do porto. Em Cuiabá a construtora podia “[...] contar com tijolos, areia, cal e pau roliço para andaimes e escoramento” (Sá, 1980, p. 61) , assim como pedra para utilização do concreto.

Quanto à madeira serrada e seca, para a confecção da cobertura, não dispunha Cuiabá e região de serraria de porte que pudesse fornecer peças serradas para a construção do Grande Hotel. A solução foi a aquisição deste material na região nordeste de São Paulo (Sá, 1980).

Apesar da administração da compra dos materiais ser otimizada pela empresa Coimbra Bueno, que já tinha o *know how* por meio da construção de Goiânia, agilizada por seu escritório em São Paulo, situações fora do percurso previsto poderiam acontecer, como os atrasos na entrega de material por parte de fornecedores.

A solução buscada seria o comércio local de Cuiabá. Desse modo, muitas casas comerciais foram beneficiadas e contribuíram para a construção das Obras Oficiais em geral e do Grande Hotel em particular. Dentre elas pode-se citar “a Casa Gabriel de Mattos [...], a Casa Orlando [...], Oriente Tenuta, fornecedor e colocador de vidros e Tuffic Affi” (Sá, 1980, p. 62)

Para a construção do Grande Hotel, “Os materiais eram despachados na Estrada de Ferro Paulista até Bauru, para baldeação em vagões da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil [...], que conduzia as cargas com tração locomotiva a vapor [...]” (Sá, 1980, p.63).

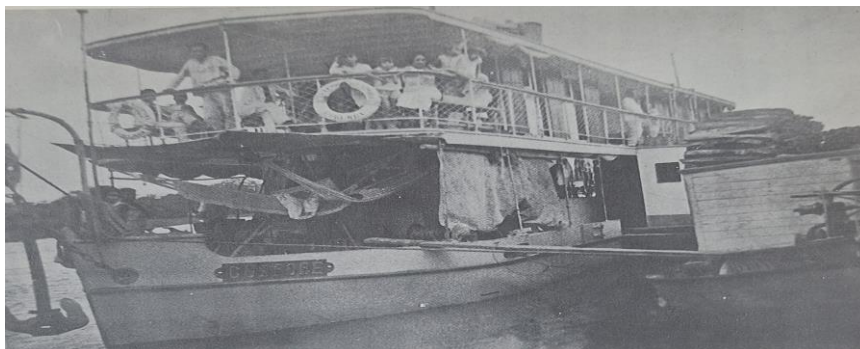
Em viagem morosa, o percurso de São Paulo até Cuiabá durava, geralmente, três meses. Os trens que traziam os materiais para a construção do Grande Hotel e outras Obras Oficiais chegavam em Porto Esperança, onde não encontravam as melhores condições para transbordo. Sem a presença de galpões, onde a carga pudesse ser armazenada, ao final do processo de descarregamento, esta era descarregada na barranca do rio (Sá, 1980).

Carga descarregada, esta devia seguir seu caminho rumo ao centro de Cuiabá. No rio elas eram embarcadas em lanchas que eram colocadas “[...] no meio de duas chatas, uma de cada lado, que conduziam a carga” (Sá, 1980, p.63) até o porto do rio Cuiabá na cidade de mesmo nome.

Os trens traziam, também, passageiros que se destinavam a Cuiabá. Esses viajantes partiam de Porto Esperança para Corumbá “no navio Fernandes Vieira e em Corumbá embarcavam nas lanchas de Miguéis, na “Guaporé” [...] [que] podia conduzir até cinquenta passageiros [...]” (SÁ, 1980, p. 63). E

Essas lanchas, que saíam de Corumbá, “[...] se encarregavam de trazer as cargas pesadas que abasteciam o comércio de Cuiabá, como gêneros, máquinas, automóveis, gasolina” (Corrêa, 1999, pg. 100). Na Figura 72, tem-se ilustração da lancha Guaporé cujo transporte hidroviário transportava bens e passageiros de Corumbá para Cuiabá e de Cuiabá para Corumbá.

Figura 72 – Fotografia da Lancha Guaporé



Fonte: Sá (1980).

O embarque dos passageiros era acompanhado por inúmeros familiares e amigos, regado pela banda de música, o que tornava esse momento muito alegre e festivo. Sobre o preço da passagem, Sá (1980) relata que o bilhete de Corumbá com destino a Cuiabá era de cento e vinte mil réis e, além do transporte, incluía a alimentação que era servida a bordo, conforme Figura 73.

Figura 73 – Propaganda da Empresa de Transporte Fluvial Miguéis

DESEJA VIAJAR COMODAMENTE?
 Utilize os serviços da EMPRESA DE NAVEGAÇÃO FLUVIAL DE "MIGUEIS & CIA. LTDA.", que mantém as seguintes rotas de navegação:

Cuiabá—Corumbá
 Saídas os vapores do porto de Cuiabá, em combinação com o vapor FERNANDES VIEIRA e com o trem direto que parte de Porto Esperança.

Corumbá—Cuiabá
 Saídas os vapores do porto de Corumbá todas as Segundas-feiras. Os vapores aguardam a chegada do FERNANDES VIEIRA que traz os passageiros chegados sábado a Porto Esperança.

Corumbá-Porto Esperança—com o ótimo vapor "Fernandes Vieira"
 Saídas de Corumbá todos os domingos, levando os passageiros, chegados de Cuiabá e que viajarão pelo trem que parte segunda-feira de Porto Esperança; e todas as quintas-feiras levando passageiros para o trem de sexta-feira.

Porto Esperança — Corumbá
 O "Fernandes Vieira" sai de Porto Esperança todas as terças-feiras e sábados, recebendo os passageiros que chegam em Porto Esperança nesses mesmos dias.

Vapor a sair no dia 17: "Sala"

CORUMBA — PORTO MURTINHO E VICE-VERSA
 duas viagens mensais.

AGENCIA: — Rua 15 de Novembro N.º 1
 — Telefone Tel. MIGUEIS

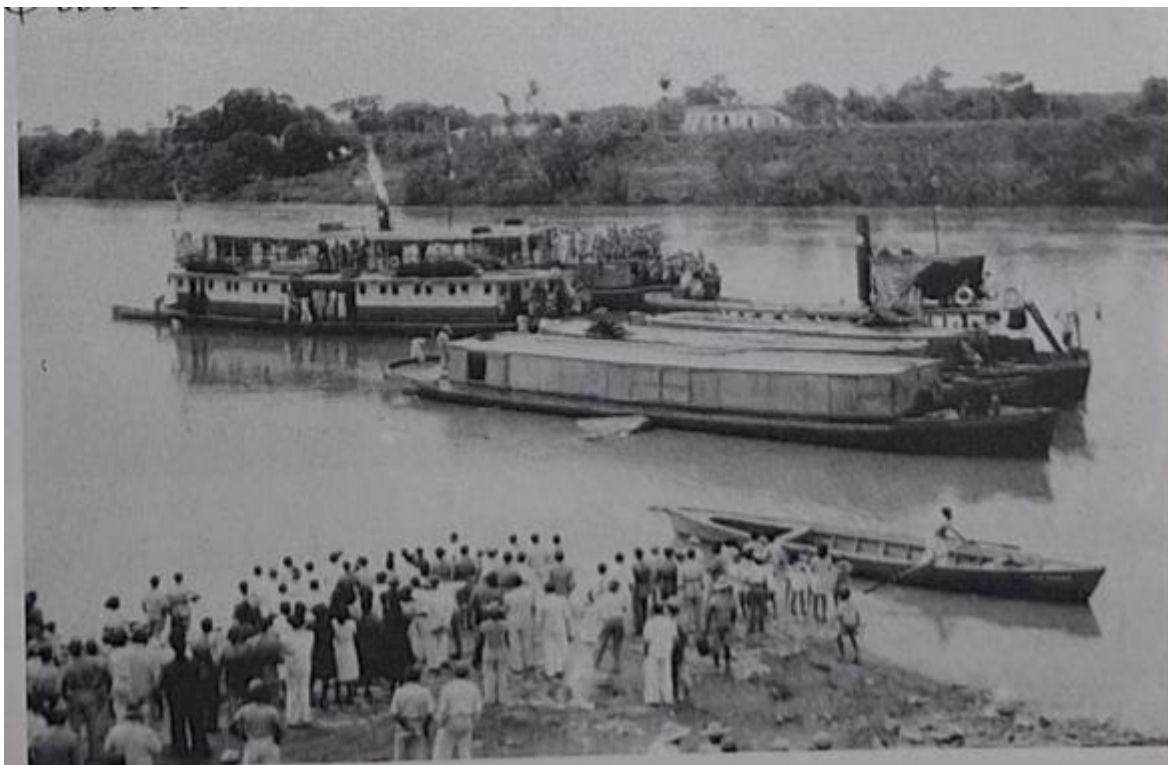
MATRIZ: — Rua do Comércio n.º 28
 — Telefone Tel. MIGUEIS

CUIABA
CORUMBA

Fonte: Jornal O Estado de Mato Grosso (1940).

Em 1938, com a evolução da indústria naval, a viagem do porto de Cuiabá até o porto da cidade de Corumbá durava três dias (Corrêa, 1999). Na Figura 74, um grande número de pessoas em meio à partida de navio no rio Cuiabá rumo a Corumbá.

Figura 74 – Fotografia do Navio partindo do porto de Cuiabá



Fonte: Corrêa (1999).

Para os turistas que não queriam fazer o percurso por via fluvial, havia uma alternativa por via terrestre, somente para o transporte de passageiros. Ainda que a estrada não fosse asfaltada e suas condições de trafegabilidade dependessem do estado de conservação e das estações do ano, era uma alternativa para aqueles que desejassem uma viagem em período mais curto do que o que era despendido por via fluvial. Desse modo:

A alternativa de viagem por via terrestre consistia, para os passageiros, em valer-se da Emoresa [sic] Sacadura que mantinha viagens interurbanas de Campo Grande a Cuiabá. Albino Augusto Pereira, conhecido por Sacadura, mantinha viagens para Ponta Porã e empreendeu com Micro-ônibus uma linha para Cuiabá, o que na época foi um pioneirismo arrojado, uma vez que a estrada não tinha condições para um tráfego regular de coletivos de passageiros (Sá, 1980, p. 65).

Este empreendimento de transporte coletivo da empresa Sacadura, que

começou a funcionar “A partir de 1938 [...]” (Corrêa 1999, p. 100), com a histórica perua Ford Modelo A (Corrêa, 1999), foi muito importante. Ele proporcionava, aos viajantes não afeitos às viagens fluviais ou que necessitavam se deslocar com maior rapidez para chegar a Cuiabá ou desta para Campo Grande e outras conexões, uma boa alternativa.

Em análise de outra fonte, o autor (Corrêa, 1999) em livro intitulado “Os automóveis de Cuiabá: décadas de 20 e 30” publicado em 1999, portanto, posterior à publicação de Sá em 1980, atribui o pioneirismo no transporte coletivo intermunicipal de passageiros a empresa Auto Viação Mato-Grossense em 1929 e não à Sacadura em 1938 como inscrito anteriormente, contudo, em pesquisas em jornais e outras fontes da década de 1920 não consegui confirmar esta informação de Corrêa.

5.8 A CONSTRUÇÃO DAS DEMAIS OBRAS OFICIAIS

Após a construção do Grande Hotel, “[...] os trabalhadores [...] passaram para a construção do Cine-Teatro Cuiabá” (Sá, 1980, p. 111-112). Apesar de a próxima Obra Oficial citada ser o Cine Teatro Cuiabá, trabalhar-se-á com a ordem das Obras Oficiais, obras estruturantes que firmaram definitivamente Cuiabá como a capital, inscritas no documento da fonte primária Cássio Veiga de Sá (1980, p. 179). São elas, respectivamente:

1. Residência dos Governadores
2. Grande Hotel
3. Secretaria Geral
4. Estação de Tratamento de Água
5. Palácio da Justiça
6. Cine-Teatro Cuiabá
7. Ponte sobre o Rio Cuiabá
8. Maternidade
9. Estação elevatória de água
10. Hotel das Águas Quentes
11. Usina de Pasteurização de Leite
12. Colégio Estadual
13. Pavilhão de Exposição Agro-Pecuária
14. Avenida Getúlio Vargas

Após ter-se trabalhado a construção da Residência dos Governadores; a configuração do setor de turismo de Cuiabá (MT) na década de 1930 e o Grande Hotel, passa-se a trabalhar a edificação da Secretaria-Geral e Tesouro do Estado e as demais, subsequentemente.

5.9 SECRETARIA GERAL

A Secretaria-Geral e Tesouro do Estado tiveram seu processo construtivo com obra concluída em 1940. Localizada à Av. Presidente Getúlio Vargas, 451 – Centro, Cuiabá (MT). A edificação foi tombada como Patrimônio Histórico e Artístico de Mato Grosso por meio da Portaria nº 07/00, de 28 de abril de 2000. Em suas funções originais abrigava a Sede da Secretaria-Geral e Tesouro do Estado de Mato Grosso, sendo ressignificada para abrigar a Superintendência de Arquivo Público de Mato Grosso na atualidade. Em sequência, na Figura 75, a fotografia da Secretaria-Geral e do Tesouro do Estado.

Figura 75 – Fotografia da Secretaria Geral e Tesouro do Estado



Fonte: Mato Grosso (entre 1939 e 1940).

5.10 ESTAÇÃO DE TRATAMENTO DE ÁGUA

A construção da Estação de Tratamento de Água (ETA) foi um grande avanço no processo de modernização de Cuiabá; atenção ao saneamento básico e distribuição de água potável para a população. A obra ficou pronta no ano de 1942. Localizada à Avenida Presidente Marques, 585-653 – Santa Helena, Cuiabá (MT). Não possui processo de tombamento. A obra mantém suas funções originais como estação de tratamento de água e distribuição para a capital. Na Figura 76, há a

ilustração da Estação de Tratamento e o Reservatório de Água e Figura 77 a Fotografia da construção do reservatório de água da capital.

Figura 76 – Fotografia da Estação de Tratamento de Água



Fonte: Mato Grosso (entre 1941 e 1942).

Figura 77 – Fotografia da construção do reservatório de água de Cuiabá



Fonte: Mato Grosso (entre 1939 e 1940).

5.11 PALÁCIO DA JUSTIÇA

O Palácio da Justiça foi entregue como obra concluída em 1941. Localizado à Avenida Presidente Getúlio Vargas, 450 – Centro, Cuiabá (MT). A edificação foi

tombada como Patrimônio Histórico e Artístico de Mato Grosso por meio da Portaria nº05/00, de 28 de abril de 2000. Foi construída para ser a sede do Poder Judiciário do Estado de Mato Grosso com funções atuais de Juizado Especial Criminal. Na Figura 78, a imagem do Palácio da Justiça na década de 1940.

Figura 78 – Fotografia do Palácio da Justiça



Fonte: Mato Grosso (ente 1941 e 1942).

5.12 CINE TEATRO CUIABÁ

O processo de construção do Cine Teatro iniciou-se em 1940, sendo entregue em 1942. Localiza-se na Avenida Getúlio Vargas, 250 – Centro, Cuiabá (MT). A edificação foi tombada como Patrimônio Histórico e Artístico do Estado por meio da Portaria nº 31/84, de 10 de setembro de 1984. Na atualidade, mantém suas funções de teatro, cinema e abriga a MT Escola de Teatro, conforme Figura 79.

Figura 79 – Fotografia do Cine Teatro Cuiabá



Fonte: Sá (1980).

O Cine Teatro teve como seu primeiro arrendatário o senhor Francisco Laraia, que adquiriu a aparelhagem cinematográfica e fechou, em contrato com a Warner Brothers, a programação dos filmes para o ano de 1942. Para a inauguração do cinema, escolheu o filme “A noiva veio como encomenda”, que tinha a artista Betty Davis como protagonista, sendo sua primeira exibição em Cuiabá no dia 23 de maio de 1942 (Sá, 1980).

Na imagem abaixo, observa-se a fachada do Cine Teatro Cuiabá, localizado na Avenida Getúlio Vargas, em construção, contígua ao prédio do Grande Hotel, que pode ser visto parcialmente à esquerda na foto. Para a programação teatral de estreia do Cine Teatro Cuiabá foi escolhida a peça “Cala Boca, Etelvina”, de Ademar de Barros com elenco formado por atores amadores locais e direção de Gervásio Leite. A peça foi um sucesso de público, sendo apresentada por três noites consecutivas (Sá, 1980).

Construído ao lado do Grande Hotel, com ligação entre as edificações por meio de acesso no primeiro andar dos prédios, tornou-se um espaço dedicado às artes e a cultura de grande prestígio em Cuiabá.

Em uma época em que a cidade crescia e se estruturava para consolidar-se

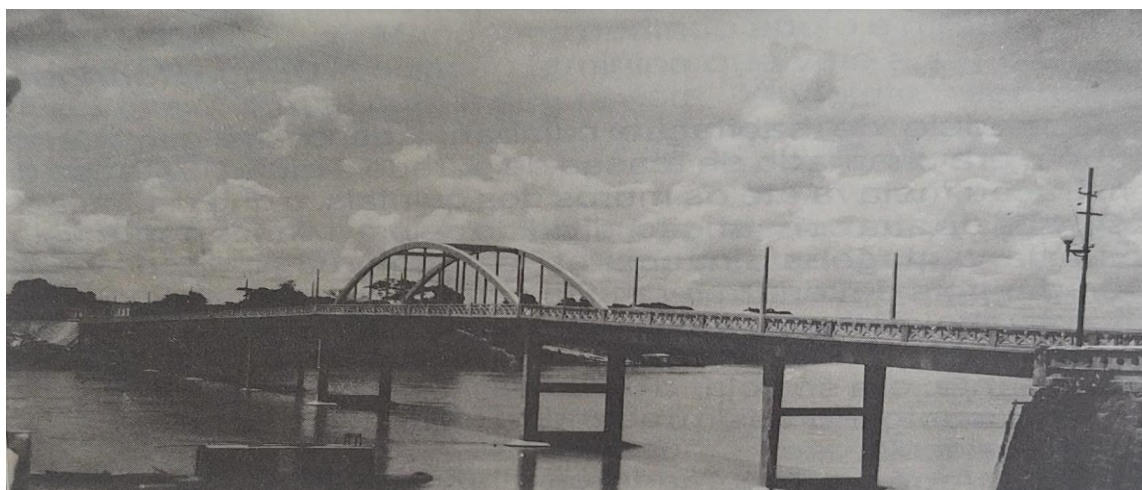
enquanto capital, o Cine Teatro “[para o cuiabano] representou uma grande evolução nos costumes e, mais uma vez, Júlio Müller cumpria o seu programa de governo, dotando a capital das necessidades primordiais que não tinha” (Sá, 1980, p. 166).

Assim, para além de ser um espaço de arte destinado ao lazer e ao entretenimento da população cuiabana e dos turistas, o Cine Teatro Cuiabá, assim como o Grande Hotel e as demais Obras Oficiais, se revestiam de um valor simbólico muito maior: garantir a permanência de Cuiabá como a capital do estado de Mato Grosso alinhada à política federal de desenvolvimento do interior do Brasil em sua Marcha para o Oeste.

5.13 PONTE SOBRE O RIO CUIABÁ

A Ponte Júlio Müller, conhecida como Ponte Velha, se estende sobre o rio Cuiabá fazendo a ligação da capital à cidade de Várzea Grande. Sua obra foi concluída em 1942. Não possui processo de tombamento. A obra mantém suas funções originais de ligação entre as cidades facilitando o acesso à capital e aumentando a comunicação desta com o restante do país, segundo a Figura 80

Figura 80 – Fotografia da Ponte Júlio Müller



Fonte: Müller; Rodrigues (1994).

Em continuidade às Obras Oficiais, que impulsionaram o crescimento da cidade e, por conseguinte, o do turismo, o governo construiu a ponte de concreto armado sobre o rio Cuiabá que liga as cidades de Cuiabá e Várzea Grande e, a partir desta,

para outras cidades do interior do estado.

Essa ponte veio em “[...] em substituição à precária balsa (barca-pêndulo) que não mais atendida ao crescente movimento de avanço para o Norte, com a formação de novas fazendas [...]” (Sá, 1980, p. 114) e o fluxo de cidadãos que iam e vinham de outras cidades mato-grossenses, vindo a somar à política de abertura e ampliação de vias de comunicação com a capital e desta com as demais cidades do norte do Mato Grosso e do Brasil.

5.14 MATERNIDADE

A Maternidade de Cuiabá teve seu processo construtivo com obra concluída entre os anos de 1943 e 1945. Localizada à Rua 13 de junho , 2101– Centro Norte, Cuiabá – (MT). A edificação não tem proteção legal de tombamento. Em suas funções originais abrigava a Maternidade de Cuiabá/Centro de Puericultura, sendo ressignificada para abrigar o Hospital Geral e Maternidade na atualidade. Em sequência tem-se, na Figura 81, a Maternidade na década de 1940.

Figura 81 – Fotografia da Maternidade



Fonte: Araujo (2023).

5.15 ESTAÇÃO ELEVATÓRIA DE ÁGUA

A Estação Elevatória de Água foi construída na década de 1940. Localizada à margem esquerda do Rio Cuiabá no lado que banha a cidade de mesmo nome, não

encontra-se mais em funcionamento, pois foi demolida.

Como parte das Obras Oficiais, de modernização de Cuiabá e dotação de infraestrutura que melhorasse a qualidade de vida da população, e, por conseguinte, propiciasse estruturas que seriam também usufruídas pelos turistas, o governo “[...] determinou a construção de uma estação de captação e recalque da água do rio Cuiabá para a estação de tratamento” (Sá, 1980, p. 175).

Por meio dessa obra garantir-se-ia que a captação da água fosse efetiva tanto no período de seca e baixa do rio quanto no período em que este estivesse cheio. Na Figura 82, é possível observar parte da estrutura da Estação Elevatória de Água no rio Cuiabá.

Figura 82 – Fotografia da Estação Elevatória de Água



Fonte: Araujo (2023).

5.16 HOTEL DAS ÁGUAS QUENTES

O Hotel das Águas Térmicas, conhecido atualmente como Hotel das Águas Quentes, possui fontes termais com temperaturas de 42°C. Encontra-se situado na Serra de São Vicente, a 80 km de Cuiabá, sendo 72 km rodados pela BR-163. Seu endereço é BR-364, Km 77, Serra de São Vicente, Santo Antônio de Leverger (MT). Nesse lugar pitoresco foi construído o Hotel das Águas Térmicas, constando a finalização da obra no ano de 1945. Como uma das quatorze Obras Oficiais do

governo, sua construção foi mais uma ação de materialização da política de fomento ao desenvolvimento do turismo em Mato Grosso. Para Póvoas (1977, p. 34) trata-se de um “Ponto ideal de descanso e excelente estância de férias, a pouco mais de uma hora, de automóvel, da capital”. A seguir, na Figura 83, a fachada principal do Hotel de Águas Térmicas.

Figura 83 – Fotografia Hotel de Águas Térmicas



Fonte: Araujo (2023).

5.17 USINA DE PASTEURIZAÇÃO DE LEITE

A Usina de Pasteurização de Leite teve sua inauguração em 1953. Localizava-se na Alameda Júlio Müller em Várzea Grande (MT). A edificação encontra-se demolida. Durante as pesquisas não foi possível encontrar elemento iconográfico. A Usina de Pasteurização de Leite foi mais uma obra do ano de 1944 (Sá, 1980) resultante da política de modernização e dotação da cidade de Cuiabá de estruturas primordiais ainda inexistentes. Foi construída em Várzea Grande, então 3º Distrito de Cuiabá até sua emancipação política em 1948, separada apenas pelo rio Cuiabá, como observa-se na Figura 84.

Figura 84 – Fotografia com imagens de Cuiabá à esquerda e Várzea Grande à direita, separadas, somente, pelo rio Cuiabá, na enchente de 1974



Fonte: Circuito Mato Grosso (2018).

5.18 COLÉGIO ESTADUAL

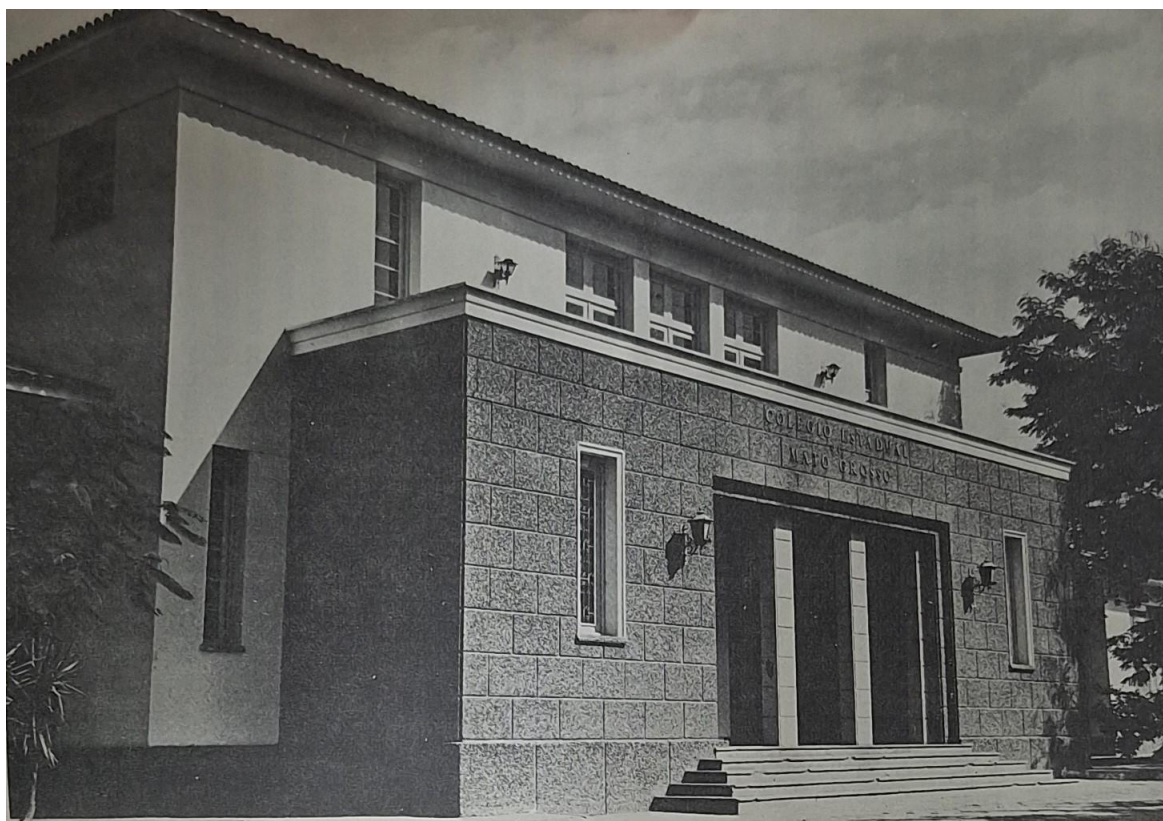
A construção do Colégio Estadual, inaugurado em 4 de outubro de 1944, localiza-se à Praça General Malet, 150 – Quilombo, Cuiabá (MT). O complexo foi tombado como Patrimônio Histórico e Artístico do Estado por meio da Portaria nº53/83 de 9 de janeiro de 1984.

Para sua concepção contou com a aprovação do Ministério da Educação e Saúde Pública, que fez a exigência de que a obra deveria ocupar um quarteirão inteiro para evitar confrontações com outras construções ou mesmo com outros terrenos. O colégio seria um completo educacional que contaria com espaços destinados às salas de aula, à administração educacional, ginásio coberto, praça de esportes atléticos e um campo de futebol (Sá, 1980).

Da ordem de maior interesse por parte desta pesquisa constatou-se que o anfiteatro do Colégio Estadual “[...] durante muitos anos foi utilizado para Conferências, Convenções, encontros de classe [...]” (Sá, 1980, p. 176), contribuindo

para o desenvolvimento do turismo, por meio de eventos que movimentaram a cidade e geraram fluxos de partícipes desses acontecimentos organizados, conforme Figura 85.

Figura 85 – Fotografia da fachada do Colégio Estadual de Mato Grosso



Fonte: Sá (1980).

5.19 PAVILHÃO DE EXPOSIÇÃO AGROPECUÁRIA

O Pavilhão de Exposição Agropecuária teve sua inauguração na década de 1940. Localizava-se na Alameda Júlio Müller em Várzea Grande (MT). A edificação encontra-se demolida. Durante as pesquisas não foi possível encontrar elemento iconográfico.

5.20 AVENIDA PRESIDENTE GETÚLIO VARGAS

A avenida Getúlio Vargas é uma das principais Obras Oficiais do Governo do Estado na capital mato-grossense. “Tornou-se a principal rua da cidade, destinada a

desfiles cívicos e militares” (Conte, 2006, p. 104). Observa-se na Figura 86, a Avenida Getúlio Vargas em momento em que encontrava-se em fase inicial de sua abertura.

Figura 86 – Fotografia da Avenida Getúlio Vargas em fase inicial de sua abertura



Fonte: Mato Grosso (entre 1939 e 1940).

Ao longo da avenida foram construídas outras edificações desse período, dentre elas, o Grande Hotel. Para sua consecução efetuou-se a demolição de casario para sua ligação com a Avenida da Prainha. Em sentido oposto houve o alargamento do lugar conhecido como Beco Largo e a abertura de caminho em direção noroeste para o prosseguimento da obra. Na Figura 87, a Avenida Getúlio Vargas enfeitada para a festa de carnaval, podendo ser visto o prédio do Grande Hotel no centro da imagem.

Figura 87 – Fotografia das Avenida Getúlio Vargas e Grande Hotel



Fonte: Póvoas (1977).

Na sequência, na Figura 88, tem-se um recorte de mapa da cidade de Cuiabá com marcação da Avenida Getúlio Vargas no tecido urbano da capital.

Figura 88 – Mapa com traçado da Avenida Getúlio Vargas em Cuiabá – MT



Fonte: Araujo (2023).

No final dos anos 1930 e início dos anos 1940, houve outras obras que não faziam parte das Obras Oficiais, mas que foram importantes tanto para o turismo como para o desenvolvimento, a estruturação, a modernização e a consolidação da capital. Dentre elas têm-se o Clube Esportivo Feminino e o Abrigo Bom Jesus, cujas funções detalhar-se-á a seguir. Também foram importantes as contribuições advindas das construções da Sede dos Correios e Telégrafos e do Centro de Saúde, ambas já trabalhadas nesta pesquisa.

5.21 O CLUBE ESPORTIVO FEMININO

O Clube Feminino, Figura 89, construído à rua Barão de Melgaço, 3.677 esquina com a rua Campo Grande, Centro, Cuiabá – MT, foi uma obra construída no início dos anos 1940, inaugurada em 1941. Contou com o apoio do Governo Estadual e da Empresa Coimbra Bueno para o projeto e a assistência técnica com isenção de honorários (Sá, 1980).

Figura 89 – Fotografia do Clube Esportivo Feminino



Fonte: Araujo (2023).

Construído para ser um espaço de lazer, o clube feminino agitava a vida social da capital. Contava o Clube feminino “[...] com uma varanda, com um salão, com bar, dependências [...]” (Sá, 1980, p. 113) com o detalhe de não haver portaria, pois à época, segundo os costumes locais, não era elegante barrar as pessoas à entrada.

Por se tratar de espaço de lazer, teve especial relevância para o turismo e a hospitalidade, usufruído tanto pela sociedade cuiabana quanto pelos viajantes convidados. O Clube Feminino, com suas festas e seu salão de jogos (Figura 90), contribuiu para as transformações sociais da capital. Na atualidade encontra-se ressignificado como a sede da Secretaria Municipal de Cultura de Cuiabá.

Figura 90 – Fotografia de festa no Clube Feminino



Fonte: Müller; Rodrigues (1994).

5.22 ABRIGO BOM JESUS

Outra obra importante para a sociedade cuiabana foi a construção do Abrigo Bom Jesus. Localizado à Avenida Bom Bosco, 10, Dom Aquino, Cuiabá – MT, inaugurado em 1945. Sua fundação possui como finalidade precípua o abrigo de crianças, albergando, também, alguns idosos. Teve na figura da primeira-dama, Dona Maria de Arruda Müller, a honra de ser a fundadora. Com o passar dos anos, a instituição passou a se dedicar exclusivamente no acolhimento de idosos em situação de vulnerabilidade. Na Figura 91, a imagem da fachada do Abrigo Bom Jesus.

Figura 91 – Fotografia da fachada do Abrigo Bom Jesus



Fonte: Araujo (2023).

5.23 MATO GROSSO E CUIABÁ EM CRESCIMENTO

Em análise do panorama socioeconômico de Cuiabá e Mato Grosso à partir de 1940 até fins da década de 1960, explicita-se que o investimento na rede ferroviária; a melhoria e abertura de estradas com aumento do fluxo de viajantes e mercadorias; o incentivo ao transporte aéreo com a facilitação de acesso à capital e a iniciativa pública de construção de hotéis reverberando no número de turistas, principalmente os de negócio no caso do Grande Hotel; os investimentos estatais em infraestrutura tanto no interior como na capital, com negócios fechados entre o ente público e a iniciativa privada, atraíram muitos empresários e comerciantes para a região.

Ainda, as contratações de empreiteiras para a construção civil; a facilitação de

acesso às terras no interior do estado com a criação de grandes fazendas; o incentivo à mineração, à indústria silvícola, ao desenvolvimento da indústria, comércio e serviços, dentre eles o turismo; o fortalecimento do funcionalismo público da capital; incentivo a vinda imigrantes, principalmente da região Sul do Brasil (para o interior do Estado de Mato Grosso) bem como o afluxo de profissionais liberais, comerciantes, negociantes, investidores, empresários, estudantes e profissionais da cultura para a capital, forjaram a conjuntura de Cuiabá vir-a-ser, na década de 1960, o pólo político e administrativo de Mato Grosso, que desenvolveu-se e buscou melhorar seu sistema de transportes, principalmente o rodoviário.

Antes da era das rodovias nacionais, mais precisamente em 1940, quando da construção do Grande Hotel, por meio do censo do ano de 1940, demonstrou-se que a população do estado era de 432.265 habitantes (Rondon, 1972), sendo os habitantes da capital 54.394 pessoas (Conte; Freire, 2005).

Cuiabá caracteriza-se por uma economia tradicional, comércio local, serviços e algumas indústrias, significativamente movimentada pelo salário do funcionalismo público federal, estadual e municipal.

A população de Mato Grosso que era de 522.044 habitantes no ano de 1950 (Póvoas, 1977) ascendeu para 910.262 habitantes em 1960 (Póvoas, 1977) com um aumento absoluto de 388.218 pessoas.

Esse aumento populacional significativo tornou-se mais evidente na região sul do estado, onde a pecuária desenvolveu-se de maneira lenta mas constante e o comércio, a indústria e os serviços colhiam os frutos da intensificação dos fluxos de pessoas e produtos por meio de modal aquaviário, ferroviário; ampliação dos serviços aéreos e abertura de novas estradas e melhorias das existentes, por meio de programas federais de incentivos às rodovias a cargo do DNER e das políticas da Marcha para o Oeste que tinham em Cuiabá, capital do Estado, participação privilegiada nas decisões sobre o desenvolvimento por ser a sede do executivo sob interventoria federal.

Nessa região a economia era alavancada, principalmente, pela pecuária e o extrativismo. Mas não era só. A agricultura, em muitas cidades do interior, o comércio, a indústria e os serviços em cidades como Campo Grande e Corumbá somaram-se os números positivos da região no período.

Verificou-se no Estado de Mato Grosso, também, a abertura de novos núcleos urbanos no interior do estado, motivados pela agropecuária, indústria extrativista e

mineração, facilitados pelas vias de acesso ferroviário e pelas rodovias que ganhavam força.

Esse afluxo de pessoas, migrantes, principalmente, da região Sul do país foi incentivado pelos baixos preços e facilidades no acesso à terra por meio de políticas públicas voltadas para a privatização de terras devolutas, gerando uma nova fronteira agrícola do Brasil no Estado de Mato Grosso.

Ao deparar-se com estes dados e fazer um comparativo em nível nacional, observa-se que “Enquanto o incremento percentual da população, em todo o país, foi da ordem de 36,62% [...], em Mato Grosso esse índice atingiu a nada menos de 74,36%” (Póvoas, 1977, p. 21).

Quanto aos dados de Cuiabá para o período em tela de 1950 e 1960, verifica-se que a cidade passou de 56.204 para 56.828 habitantes (Conte; Freire, 2005) não demonstrando a pujança de crescimento populacional demonstrada pelos dados gerais do Estado de Mato Grosso.

Cuiabá, na década de 1950, vivia um período de transição iniciado no final dos anos 1930 e intensificado nos anos 1940, quando a cidade passou pelo processo de modernização e estruturação por meio das Obras Oficiais e do incentivo ao turismo, por meio da construção do Grande Hotel como um ícone do turismo de negócios e do Hotel de Águas Térmicas para o lazer.

Por mais que os dados do censo populacional não refletissem aumento populacional, a grandiosidade das transformações socioeconômicas e culturais por que a cidade passava, entende-se que este período foi de estruturação e criação de bases para o progresso que se construía nesse período e se colheria mais à frente.

No censo de 1970 registrou-se para o Estado de Mato Grosso uma população de 1.623.618 habitantes (Póvoas, 1977), sendo 100.269 (Conte; Freire, 2005) a parcela referente aos habitantes de Cuiabá. Foi uma década de aumento populacional significativo. A capital passou de 56.828 habitantes, em 1960, para 100.269 em 1970 e, o estado, de 910.262 habitantes para 1.623.618 almas.

Foi um período marcado por grande crescimento populacional tanto no estado como na capital. Os dados são o resultado das políticas públicas de incentivo à ocupação e ao desenvolvimento do oeste do Brasil (Marcha para o Oeste), da política de investimento nas rodovias dos anos 1950 e dos incentivos à migração para a nova fronteira agrícola na década de 1960.

Destaca-se que “[...] em 1945, com a sanção da chamada *Lei Jopper* [sic]

[Decreto-Lei nº 8.463/1945], que criou o Fundo Rodoviário Nacional [...]” (Póvoas, 21, 1977) e reorganizou o Departamento Nacional de Estradas e Rodagem - DNER, “[...] o país inaugurou uma política rodoviária firme e decidida, realmente em âmbito nacional” (Póvoas, 21, 1977). Essa política de investimento em rodovias, encurtou caminhos; ligou cidades; facilitou as viagens e as trocas comerciais, entre outros.

Pode-se analisar essa política de investimento nas rodovias, como importante ação governamental, em termos de políticas públicas, que impactaram diretamente o setor de turismo em todo o território nacional e, em caso particular, o turismo no Estado de Mato Grosso e em sua capital, Cuiabá.

Dessa forma, a partir da década de 1950, a política de transportes de passageiros e cargas intensificou a mudança do modal ferroviário para o rodoviário, consolidando a era das rodovias no Brasil, em detrimento do sistema ferroviário que foi sendo abandonado, sucateado e perdendo, significativamente, sua importância para o transporte de passageiros tanto em Mato Grosso como no restante do país.

Era pensamento na época que “A política de turismo depende da política de transporte ferroviário, rodoviário, marítimo, aéreo e fluvial. Para organização desse serviço são necessários hotéis e outras hospedagens, agências de viagens” (Mendonça, 1983, p. 92).

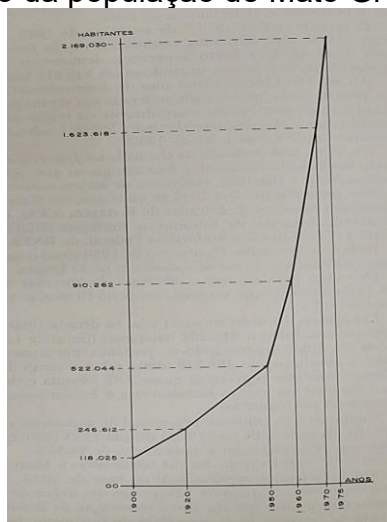
Na sequência de ações, para a consecução da política de construção de rodovias em Mato Grosso, instalou-se, no estado, a Comissão Estadual de Estradas e Rodagens (CER) que, posteriormente, foi renomeada para Departamento Estadual de Estradas e Rodagens (DERMAT) e, em 1951, implantou-se o 11º Distrito Rodoviário Federal do Departamento Nacional de Estradas e Rodagens (DNER) (Póvoas, 1977). A partir de 2001, o DNER passou a chamar-se Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes (DNIT) com, dentre outras funções, às de planejamento, construção e monitoramento de estradas e pontes nacionais.

De 1960 a 1970, Gráficos 1 e 2, teve-se em Cuiabá e em Mato Grosso um aumento populacional substancial, que, me parece, pode ser lido como o período em que, realmente, começaram a ser colhidos os frutos da Marcha para o Oeste e das políticas desenvolvimentistas do Estado de Mato Grosso e de sua capital.

Dessa forma, ao deparar-se com essa nova realidade dos anos 1970, é honroso demonstrar que o Grande Hotel, contribuiu para o desenvolvimento de Cuiabá e do estado, por meio de sua hospitalidade comercial que proporcionou ambiente ideal para ações do turismo de negócios de empresários e comerciantes, cujos resultados

positivos começaram a concretizar-se.

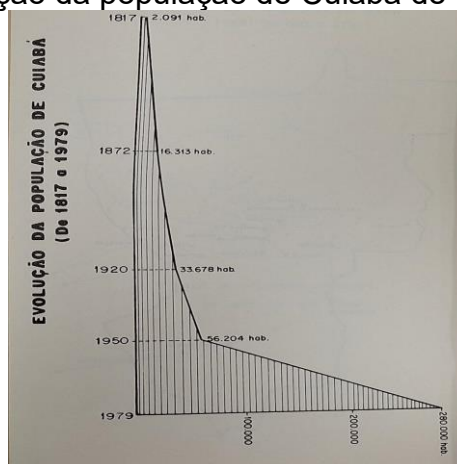
Gráfico 1 – Evolução da população de Mato Grosso de 1900 a 1975



Fonte: Póvoas (1977).

Quanto à evolução do efetivo populacional de Cuiabá de 1817 a 1979, inserem-se os dados no Gráfico 2.

Gráfico 2 – Evolução da população de Cuiabá de 1817 a 1979



Fonte: Póvoas (1954).

Como observa-se, no Gráfico 2 acima, o crescimento populacional de Cuiabá foi lento e gradual até 1960, demonstrando processo de aceleração a partir de 1970. No último censo de 2022, registrou-se 650.877 habitantes, em configuração socioeconômica que passou por transformação profunda, deixando de focar-se na pecuária e na mineração para tornar-se metrópole setecentista com grande atuação

no setor de serviços, comércio e indústria e no maior polo estratégico para apoiar o agronegócio de Mato Grosso.

O Governo Estadual, alinhado à política desenvolvimentista do Governo Federal, a partir do final dos anos 1930, passou a ser a grande mola propulsora do desenvolvimento socioeconômico do Estado, incluída a Cidade Verde, e da consolidação de Cuiabá como a capital.

Com habilidade política e, em momento propício, quando as forças políticas federais voltaram-se para o desenvolvimento do oeste brasileiro, as Obras Oficiais foram o início de uma transformação real que passou a operar na capital mato-grossense e que contribuiu com o desenvolvimento do turismo de negócios e consolidou-se com as políticas de colonização e incentivo à imigração para o Mato Grosso, principalmente a partir dos anos 1960.

Tratando-se de turismo, na década de 1950, Cuiabá assistiu à construção de outro importante hotel, o Hotel Centro América (Figura 92).

Figura 92 – Fotografia do Hotel Centro América



Fonte: Mendonça (1975).

Localizado na Avenida Getúlio Vargas, em frente à Praça da República e a poucos metros do Jardim Alencastro e do Grande Hotel, o hotel teve sua obra finalizada nos anos 1950.

Construído no estilo Art Déco pelo engenheiro Cássio Veiga de Sá, o prédio contava com um avanço na cidade: o elevador. Foi no prédio do Hotel Centro América

que Cuiabá recebeu, pela primeira vez, esse meio de transporte que simbolizava inovação e modernidade.

Construído sobre o que um dia foi o Hotel Universal e o Hotel Esplanada, o Hotel Centro América também era de propriedade de Chico Jorge, que fez mais este investimento na hotelaria da capital, após o arrendamento do Grande Hotel. Foi o sucesso do empreendimento do Grande Hotel, um dos motivadores para a ampliação dos negócios e a construção do Centro América.

Em 1991, para tristeza do escritor e de muitos cuiabanos, o belíssimo hotel foi demolido à revelia do processo de tombamento, que já estava em curso, para instalação de um grande magazine. O patrimônio, mais uma vez, perdeu para a especulação imobiliária.

Enfim, a construção do Grande Hotel foi de suma importância para o turismo de Cuiabá. Nas dependências do hotel discutiram-se projetos a serem executados na capital, mas não só nela, no interior também. Negociava-se a aquisição de terras no estado; compra e venda de fazendas; negócios voltados para a agropecuária; para a área da mineração e silvicultura (com os seringais para o fornecimento do látex no período Segunda-Guerra Mundial) e, principalmente, fechava-se negócios com os poderes constituídos para estruturar a capital e, entre a iniciativa privada, negociações que refletiram, no alvorecer dos anos 1970, uma mudança significativa do panorama político, socioeconômico, cultural e turístico da capital e de todo o Estado de Mato Grosso.

6 RELAÇÕES ENTRE O GRANDE HOTEL, MEMÓRIA DA CIDADE E AS POLÍTICAS PÚBLICAS DE PATRIMÔNIO

Nesta seção procura-se investigar as relações entre o Grande Hotel, a memória da cidade e as políticas públicas de patrimônio, incluindo ações de preservação, usos, ressignificações e narrativas oficiais. Para a consecução desse objetivo, procede-se às análises e às interpretações dos dados pesquisados na documentação relativa ao tombamento do Grande Hotel como Patrimônio Histórico e Artístico do Estado de Mato Grosso, por meio da Portaria 61/83, publicada no Diário Oficial do Estado de Mato Grosso, dia 09 de janeiro de 1984, e demais documentos constantes no Dossiê Grande Hotel.

O Grande Hotel foi construído em terreno onde funcionou o Teatro Amor à Arte, considerado o principal espaço destinado à cultura da capital na década de 1930. Das cinzas do Teatro Amor à Arte, nasceu o Hotel, ressignificando-se em Banco do Estado de Mato Grosso, Sede da Secretaria Estadual de Cultura para, na atualidade, como parte construtiva da história da cidade, vir a ser o Centro de Referência da Economia Criativa de Mato Grosso.

Como bem tombado, o Grande Hotel insere-se na história da cidade sendo parte da materialização da memória de Cuiabá cuja significação, a partir dos seus usos e ressignificações, do tempo decorrido e do espaço construído, em um processo imbricado com as políticas públicas, o desenvolvimento econômico, as transformações sociais e as mudanças e permanências culturais da capital, constrói novas memórias ao mesmo tempo em que cristaliza memórias localizadas em diversas fases da sua história.

Valorizar-se a memória, por meio do tombamento de edificações representativas de um tempo e de um espaço determinados, é significativo, pois “[...] a memória onde cresce a história, que por vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro [...]” (LE GOFF, 1996, p. 471).

Na esteira desse pensamento pode-se evidenciar que “[...] o passado acompanhou *pari passu* o processo de desenvolvimento da sociedade; ele sempre fez parte do presente e da idéia [sic] de futuro” (Abreu, 1998, p. 8-9). Por meio dessa assertiva pondera-se que o passado não encontra-se desconectado do presente e do futuro. Na realidade, os processos de desenvolvimento da cidade de Cuiabá inserem-se nessa tri-temporalidade que pode ser analisada, por meio da memória da cidade,

contida no bem Grande Hotel.

Em esforço de conceituação da memória, Le Goff (2003, p. 419) expõe que a memória é:

Fenômeno individual e psicológico, a memória liga-se também à vida social. Esta varia em função da presença ou ausência da escrita e é objeto de atenção do Estado, que, para conservar os traços de qualquer acontecimento do passado, produz diversos tipos de documentos/monumentos, faz apreensão da memória, depende desse modo do ambiente social e político: trata-se da aquisição de regras de retórica e, também, da posse de imagens e textos que falam do passado, em suma, de um certo modo de apropriação do tempo (LE GOFF, 2003, p. 419).

Nesse sentido, o Grande Hotel pode ser lido como um documento que cristaliza memórias coletivas, apropriadas no tempo e no espaço, que foram se construindo e se reconstruindo por meio da dinâmica de seus usos e ressignificações, inseridos na história da cidade. Refletindo sobre essa afirmação, pondera-se que, memória individual e coletiva, respectivamente:

[...] em primeiro lugar, são os acontecimentos vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos que eu chamaria vividos por tabela, ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou, mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no final das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não [...]. Além desses acontecimentos, a memória é constituída por *pessoas*, *personagens*. Aqui também podemos aplicar o mesmo esquema, falar de personagens realmente encontrados no decorrer da vida, de personagens frequentados por tabela, indiretamente, mas que, por assim dizer, se transformam quase que em conhecidos, e ainda de personagens que não pertencem necessariamente ao espaço-tempo dessa pessoa. [...] Além dos acontecimentos e das personagens, podemos finalmente arrolar os lugares. Existem lugares de memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança[...] Pollak (1992, p. 2-3).

Esta definição reveste-se de importância ao asseverar que existem lugares de memória. Estes lugares podem estar ligados à memória individual, mas, também, à memória da cidade.

A memória da cidade é constituída por elementos da cultura, dos modos de vida, das maneiras de comerciar, dos fluxos turísticos, da hospitalidade, dos modos de ser e estar na cidade bem como suas permanências e mudanças ao longo da história.

Para Polak (1992, p. 204), a memória é:

[...] um elemento constituinte do sentido de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade de coerência de uma pessoa de um grupo em sua reconstrução de si.

Nesse sentido, o Grande Hotel constitui-se como lugar de memória coletiva, como espaço de memória da cidade constituída em diferentes momentos e fases de sua própria história, imbricadas com a dinâmica política, econômica, social, cultural e turística da capital, do Estado de Mato Grosso e do Brasil, e, portanto, consubstanciada com a memória da cidade em si.

Nesse sentido, “A relação da memória com a história está na preservação e retenção do tempo, dando suporte para a construção do saber histórico” (Rodrigues; Machado, 210, p. 25). O Grande Hotel, como lugar de memória da cidade, pode ser visto como suporte “[...] da identidade histórica, contribuindo consideravelmente para evitar o esquecimento e do desprendimento do passado [...]” (Rodrigues; Machado, 210, p. 25) em uma cidade em que o ritmo e o modo de vida mudam de acordo com as contingências do seu tempo.

Nota-se que “O compartilhamento da memória, principalmente diversificado culturalmente, conduz a relações interpessoais mais próximas, levando essa sociedade a ser mais cidadã e solidária” (Rodrigues; Machado, 210, p. 25). Por meio desse processo de compartilhamento da memória da cidade, a sociedade se conhece e se reconhece como parte da construção sociocultural, permitindo uma análise do momento presente por meio de reflexões sobre o processo histórico de construção social presentificado nas memórias do lugar.

Logo:

[...] a memória não aprisiona o indivíduo ao passado, mas o liberta de preconceitos e da padronização [...], conduzindo ao enfrentamento dos problemas atuais [...], tornando o grupo social [...] mais politizado e comprometido com o bem público” (Rodrigues; Machado, 210, p. 25).

Nesse sentido, a memória da cidade contribui para que o grupo social possa entrar em contato com manifestações culturais e maneiras de ser e estar no mundo, que, em alguns aspectos, são completamente diferentes dos que impõem-se contemporaneamente, contribuindo para a reflexão sobre as mudanças e

permanências socioculturais da cidade; a construção da memória de seu tempo e a análise da diversidade cultural constitutiva do lugar, visto que “[...] é a diversidade cultural que forma a memória e a identidade local e constrói o patrimônio histórico [...]” (Rodrigues; Machado, 210, p. 25).

Em relação a patrimônio, Paoli (1992, p. 1) elucida que:

A noção de ‘patrimônio histórico’ deveria evocar estas dimensões múltiplas da cultura como imagens de um passado vivo: acontecimentos e coisas que merecem ser preservadas porque são coletivamente significativas em sua diversidade (Paoli, 1992, p. 1)

Dessa forma, os bens/monumentos patrimoniais contêm não só a história de si; de sua constituição; trajetória de uso e ressignificação mas de memória da cidade, da significação da cidade e da cultura desta enquanto código simbólico. O patrimônio passa a fazer parte “[...] da cultura de diferentes sociedades , considerado como um elemento unificador e identitário das mesmas, o patrimônio histórico compõe parte de uma cultura [...]” de um povo (Lopis, 2017, p. 11).

Assim:

A Cultura, como código simbólico, apresenta-se como dinâmica viva. Todas as culturas estão em constante processo de reelaboração, introduzindo novos símbolos, atualizando valores, adaptando seu acervo tradicional às novas condições historicamente construídas pela sociedade. A cultura pode assumir sentido de sobrevivência, estímulo e resistência. Quando valorizada, reconhecida como parte indispensável das identidades individuais e sociais, apresenta-se como componente do pluralismo próprio da vida democrática. Por isso, fortalecer a cultura de cada grupo social, cultural e étnico que compõe a sociedade brasileira, promover seu reconhecimento, valorização e conhecimento mútuo, é fortalecer a igualdade, a justiça, a liberdade, o diálogo e, portanto, a democracia (Brasil, 1998. p.132).

Dessa forma, “A Constituição dos patrimônios históricos e artísticos é uma prática [...]” (Lopis, 2017, p. 11) que busca preservar traços culturais identificadores de uma sociedade, do tempo e do espaço de um lugar em uma determinada cidade.

Eles simbolizam e representam parte da cultura da sociedade em que inserem-se. Seus usos e ressignificação, bem como o sentido, a maneira como comunicam e o que comunicam podem variar em função do tempo e das dinâmicas políticas, econômicas, sociais, culturais, dos avanços da educação, das pesquisas científicas e dos usos turísticos do lugar em que são encontrados. Dessa forma:

A especificidade do monumento deve-se precisamente ao seu modo de atuação sobre a memória. Não apenas ele a trabalha e a mobiliza pela mediação da afetividade, de forma que lembre o passado fazendo-o vibrar como se fosse presente. Mas esse passado qualquer: ele é localizado e selecionado para fins vitais, na medida em que pode, de forma direta, contribuir para manter e preservar a identidade de uma comunidade. [...] Para aqueles que edificam, assim como os destinatários das lembranças que veiculam, o monumento é uma defesa contra o traumatismo da existência, um dispositivo de segurança (Choay, 1996, p.18).

Essa busca, pela preservação dos traços culturais e do direito à preservação da memória da cidade, encontra respaldo no documento divulgado pelo Conselho Internacional de Monumentos e Sítios (ICOMOS), órgão da UNESCO, sobre o direito ao patrimônio cultural como parte integrante dos direitos humanos. Assim:

Todo homem tem direito ao respeito aos testemunhos autênticos que expressam sua identidade cultural no conjunto da grande família humana; tem direito a conhecer seu patrimônio e o dos outros; tem direito a uma boa utilização do patrimônio; tem direito de participar das decisões que afetam o patrimônio e os valores culturais nele representados; tem direito de se associar para a defesa e pela valorização do patrimônio (Rodrigues, 2003, p. 23)

Portanto, “A utilização do elemento patrimonial como um elemento de presentificação de uma identidade [...], enfatizando sua importância histórica e o seu lugar na memória de um povo [...]” (Lopis, 2017, p. 12) se torna indispensável para a coesão social e preservação da memória da cidade.

Nesse sentido entende-se que patrimônio histórico cultural é:

o símbolo de uma vivência que é temporária, mas que se torna eterna através de seus bens/monumentos, traz em si um elemento identitário muito forte, construindo um conjunto de imaginários que nos diz quem somos, de onde viemos e para onde queremos ir. Faz-se necessário perceber que o patrimônio não é só um bem em si, mas também o uso que aquele bem tem para a perpetuação da memória de uma coletividade, pois o patrimônio histórico não é algo concreto somente, é algo também subjetivo, cheio de significado (Lopis, 2017, p. 12) .

Ancorados nessa premissa sobre o significado do que seja patrimônio e cientes da importância do Grande Hotel como bem a ser preservado, deu-se o tombamento como Patrimônio Histórico e Artístico do Estado de Mato Grosso por meio da extinta Fundação Cultural de Mato Grosso, passando a integrar o Patrimônio Histórico e Artístico Estadual, por meio da portaria nº 61/1983, publicada no Diário Oficial do Estado de Mato Grosso no dia 09 de janeiro de 1984.

Essa fundação foi o órgão estadual responsável pela formulação e gestão de

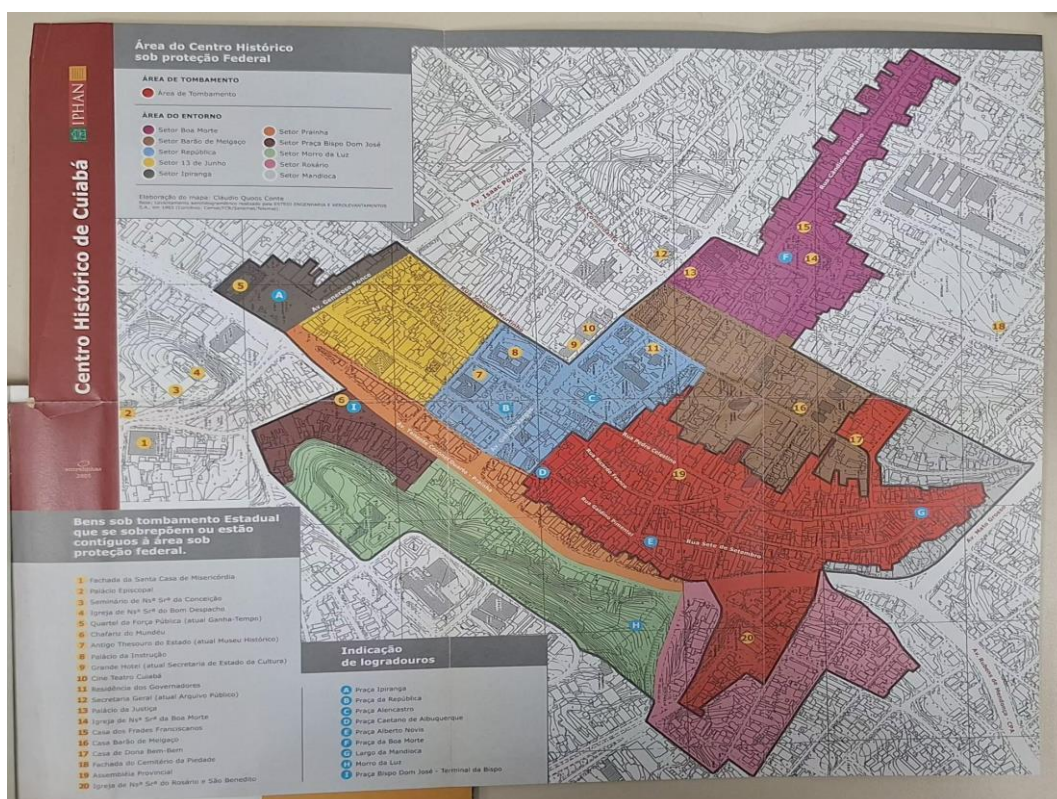
políticas culturais, artísticas e de preservação do patrimônio histórico do estado.

A Portaria nº 60 exarada em Cuiabá, pela Fundação Cultural de Mato Grosso, no dia 15 de novembro de 1983, teve as assinaturas da Presidente da Fundação Prof.^a Joacira Bulhões Perrupato e do Governador Dr. Júlio José de Campo, constando, ainda, do documento, o nome do prefeito Anildo Lima Barros, contudo, sem inscrição da assinatura.

Por meio desta portaria determinou-se a inscrição do Grande Hotel no Livro de Tombo Histórico do Estado de Mato Grosso. Naquela época, segundo o documento Portaria 60/83, funcionava no prédio do Grande Hotel o Banco do Estado de Mato Grosso (BEMAT S/A), constando o endereço em que o imóvel a ser tombado se situava na cidade: Avenida Presidente Getúlio Vargas, fazendo esquina com a Rua Joaquim Murtinho, localizada no centro de Cuiabá.

No mapa, na Figura 93, é possível localizar o Grande Hotel sob o número 9 ladeado pela Rua Joaquim Murtinho, que se encontra nominada no mapa, e o prédio do Cine Teatro Cuiabá sob o número 10. Pode ser observada, mas não se encontra nominada, a Avenida Getúlio Vargas, que passa em frente dos dois prédios.

Figura 93 – Mapa do Centro Histórico de Cuiabá e região do entorno

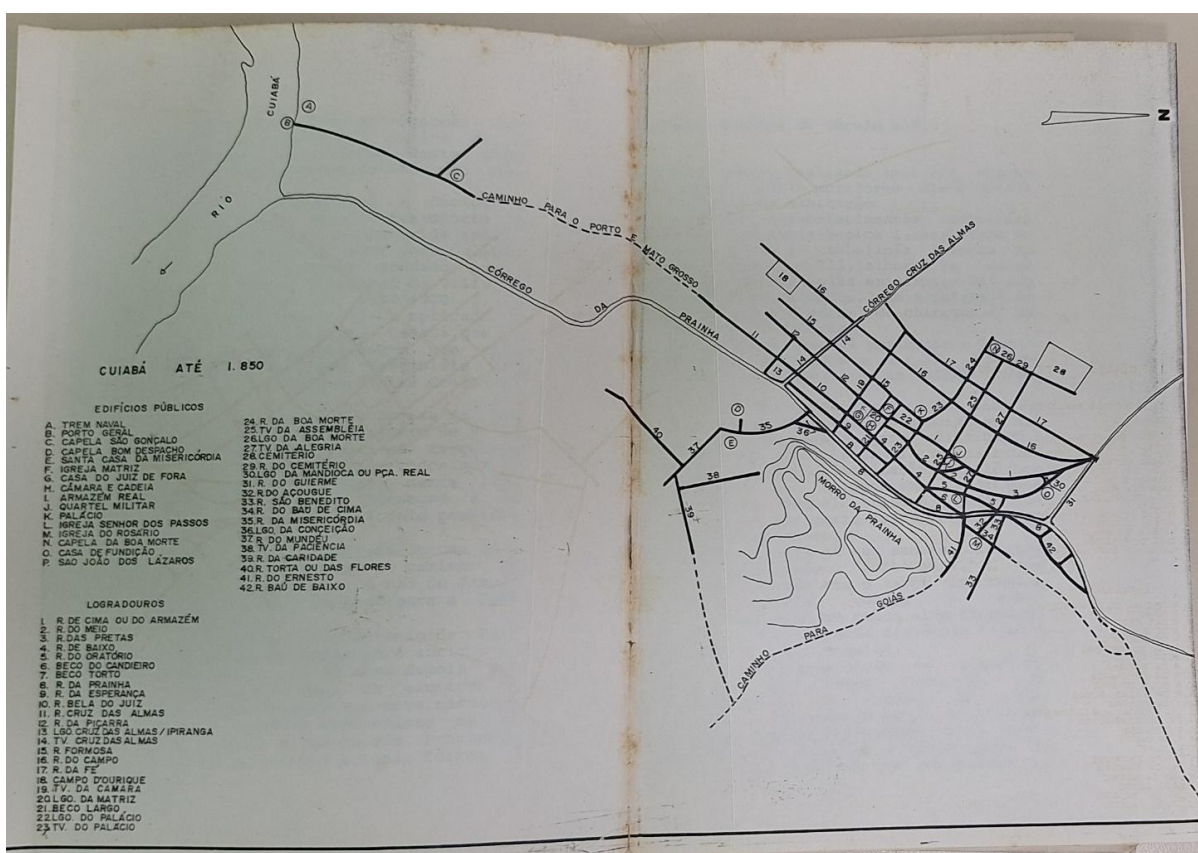


Fonte: Conte; Freire (2005).

O mapa mostra a localização geográfica do Grande Hotel. Destaca-se sua posição privilegiada na capital, contígua ao entorno do Centro Histórico tombado, que se encontra sob a proteção federal, por meio da autarquia Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

Ao observar a área em vermelho do mapa, denominada Área do Centro Histórico, sob proteção federal, verifica-se que se trata da área inicial de formação do núcleo urbano da capital, como pode ser atestado no mapa, Figura 94.

Figura 94 – Mapa da cidade de Cuiabá até 1850



Fonte: Brandão (1991).

Em sequência, na Figura 94, tem-se a ficha produzida pela Secretaria de Estado de Cultura de Mato Grosso (SEC), hoje Secretaria de Estado de Cultura, Esporte e Lazer (SECEL), que, para além de localizar a rua e a avenida em que se encontra o prédio do Grande Hotel, informa o número 247 como sendo o do imóvel em questão. Observa-se abaixo a ficha produzida pela Coordenadoria de Preservação Cultural por meio de sua Divisão de Patrimônio Histórico, Artístico e Arqueológico da SEC em 03 de julho de 2000.

Figura 95 – Ficha com informações sobre o Grande Hotel no dossiê do tombamento

Data de Preenchimento: 03/07/2000		
Secretaria de Estado de Cultura de Mato Grosso Coordenadoria de Preservação Cultural Divisão de Patrimônio Histórico, Artístico e Arqueológico	Ficha nº 01	
Nome: Grande Hotel		
End.: Av. Getúlio Vargas, nº 247, Centro		
Conjunto Arquitetônico () Bem Cultural Isolado (x) Logradouro ()		
Proprietário: Governo do Estado de Mato Grosso		
Uso Original: Hotel		
Uso Atual: Secretaria de Cultura do Estado/UNESCO		
Área Construída:	Área do Lote:	
Época/Estilo: XX Art-déco	Nº de Pavimentos: 3	

Fonte: Mato Grosso (2006).

Na ficha com informações sobre o Grande Hotel no dossiê do tombamento (Figura 95), está escrito o nome Grande Hotel; consta o endereço Av. Getúlio Vargas, nº 247, Centro; a situação de bem: isolado; o proprietário do imóvel: o Governo do Estado de Mato Grosso; seu uso original: Hotel; seu uso no ano 2.000 como Secretaria de Cultura do Estado/UNESCO; a época da construção: século XX; o estilo da construção contando como Art-déco [*sic*] e o número de pavimentos: 3.

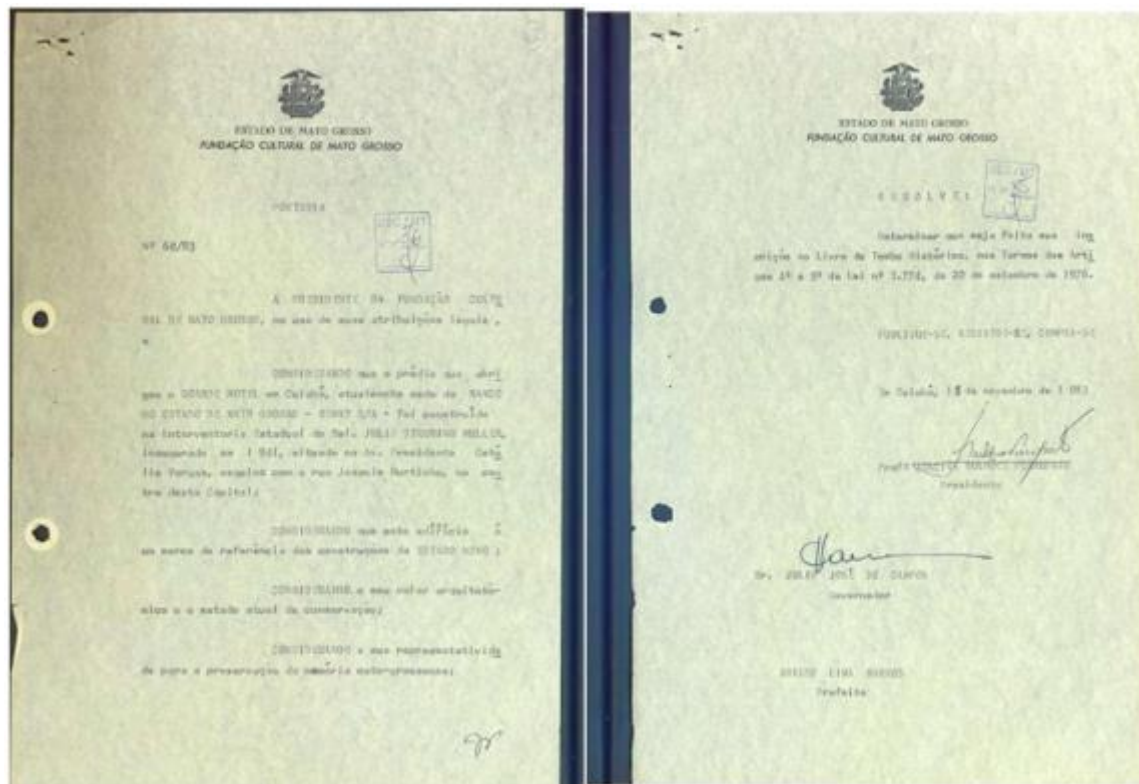
A ficha traz um recorte da região onde se encontra o prédio do Grande Hotel, próximo às outras importantes edificações tombadas como a Residência dos Governadores, o Cine Teatro, o Palácio da Instrução e o Tesouro do Estado. Quanto ao estilo *Art Déco*, pesquisa mais recente, como a de Araújo (2023), afirma não se tratar de *Art Déco* e sim de Neocolonial.

O processo de tombamento da edificação trouxe algumas considerações para que se efetivassem a intervenção e o ato administrativo público.

De acordo com o documento Portaria nº 60/83 do Estado de Mato Grosso emitido pela Fundação Cultural de Mato Grosso, em Cuiabá em 15 de novembro de 1983, resolveu-se determinar a inscrição no Livro do Tombo Histórico do Estado de Mato Grosso, o prédio do Grande Hotel, considerados que: a) a construção ter-se efetivado durante a Interventoria Federal ressaltando a localização privilegiada no centro da capital; b) “[...] este edifício é um marco de referência das construções do ESTADO NOVO”; c) [...] o seu valor arquitetônico e o atual estado de conservação e

d) [...] a sua representatividade para a preservação da memória mato-grossense [...]” (Mato Grosso, 2006, p. 36), como comprova-se por meio do documento Figura 96.

Figura 96 – Portaria 61/83 de 15 de novembro de 1983



Fonte: Mato Grosso (2006).

De acordo com a fonte, consideraram-se, para justificar o tombamento do prédio do Grande Hotel:

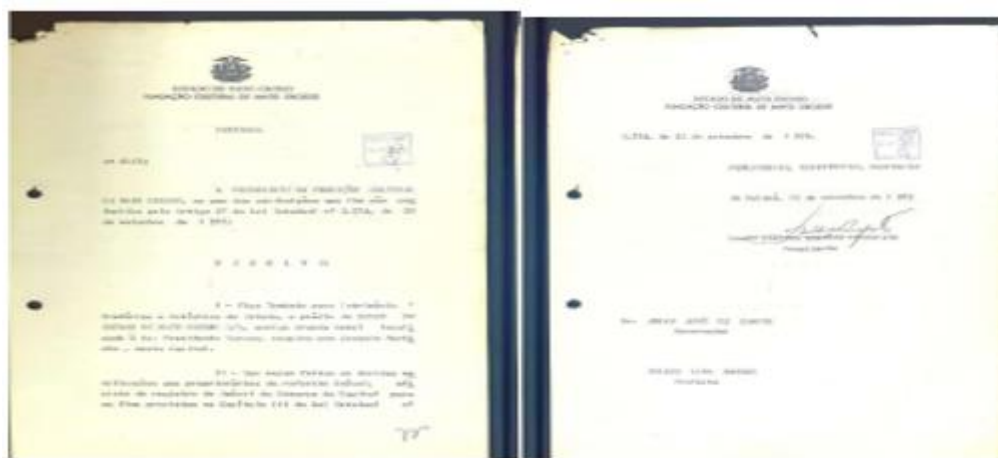
- O fato de ter sido construído em momento ímpar da história mato-grossense, quando o estado estava sob interventoria federal destacada, também, sua localização privilegiada no tecido urbano da Cidade Verde;
- Ser um marco de referência das construções em Cuiabá durante o Estado Novo, pois foi a segunda Obra Oficial a ser construída na ordem de prioridades da Interventoria Federal com materiais e tecnologias inovadoras;
- Seu valor arquitetônico que está diretamente vinculado às “[...] tecnologias de materiais e [...] técnicas de construção” (Mato Grosso, 2006, p. 5) modernas que tornaram-se ícones do “[...] do desenvolvimento urbano e econômico da capital” (Mato Grosso, 2006, p. 5) no qual se destaca o

turismo de negócios .

- d) Ser elemento representativo para preservação da memória de uma época cuiabana e do estado que “[...] provocaram uma ruptura no estilo de vida local, trazendo um novo ritmo *[sic]* ao centro da cidade” (Mato Grosso, 2006, p. 5) e consolidaram Cuiabá como a capital do estado de Mato Grosso.

A Portaria nº 61/83 de tombamento do prédio do antigo Grande Hotel, como Patrimônio Histórico e Artístico do Estado de Mato Grosso, foi emitida em Cuiabá pela Fundação Cultural de Mato Grosso, no dia 15 de novembro de 1983. Consta no documento a assinatura da presidente Fundação Cultural do Estado, porém, não constam as assinaturas do governador e do prefeito, apenas as inscrições dos nomes em espaços destinados para este fim, como pode ser observado no documento na Figura 97.

Figura 97 – Portaria nº 61/83 de tombamento do prédio do antigo Grande Hotel, como Patrimônio Histórico e Artístico do Estado de Mato Grosso



Fonte: Mato Grosso (2006).

Para emissão desta portaria, bem como da Portaria de número 60/83, a Presidente da Fundação Cultural de Mato Grosso se valeu das atribuições conferidas pelo Artigo 5º da Lei estadual nº 3.774, de 20 de setembro de 1976, que organizava a proteção do Patrimônio Histórico e Artístico Estadual e foi revogada pela Lei nº 9.107, de 31 de março de 2009.

De acordo com o Artigo 5º da Lei nº 3.774/76 “o tombamento de bens de propriedade do Estado, dos Municípios, da pessoa física ou jurídica far-se-á por Portaria, por meio de processo devidamente instruído” (Mato Grosso, 2009).

Valendo-se do cargo, que dispunha desta prerrogativa legal, a Presidente da Fundação Cultural de Mato Grosso resolveu que “I Fica tombado como Patrimônio Histórico e Artístico do Estado, o prédio do BANCO DO ESTADO DE MATO GROSSO S/A, antigo Grande Hotel [...]” (Mato Grosso, 2005, p. 32), citando, textualmente, sua localização geográfica a fim de que fossem cumpridas as exigências da Lei 3.774/76. Ainda, ordenou que fossem tomadas as providências quanto à notificação do proprietário do imóvel, bem como quem de direito no cartório de registros de imóveis da Comarca de Cuiabá (Mato Grosso, 2006).

Em sequência desses atos, teve-se a publicação da Portaria nº 61/84 na página 9 do Diário Oficial do Estado de Mato Grosso, edição do dia 9 de janeiro de 1984, que se reproduz em fac-símile abaixo.

Portaria Nº 61/84

A Presidente da Fundação Cultural de Mato Grosso, no uso das atribuições que lhe são conferidas pelo Artigo 5º da Lei Estadual nº 3.774, de 20 de setembro de 1.976,

RESOLVE:

I – Fica Tombado como Patrimônio Histórico e Artístico do Estado; o prédio do Banco do Estado do Mato Grosso S/A, antigo Grande Hotel localizado à Av. Presidente Vargas, esquina com Joaquim Murtinho, nesta capital;

II – Que sejam feitas as devidas notificações aos proprietários do referido imóvel, oficiais de registro do imóvel da Comarca da Capital para os fins previstos no Capítulo III da Lei Estadual nº 3.774, de 20 de setembro de 1.976.

Publique-se, Registre-se, Cumpra-se.

Em Cuiabá, 15 de novembro de 1.983.

Profª Jacira Bulhões Perrupato – Presidente

Dr. Júlio José de Campos – Governador

Anildo Lima Barros – Prefeito (Mato Grosso, 2006, p. 45).

Digno de nota é que, talvez por erro de digitação, a Portaria nº 61 foi publicada como sendo do ano de 1984, ficando publicizada com a grafia: Portaria nº 61/84, quando o correto seria a inscrição do ano de 1983.

Esse erro não passou despercebido. No dossiê sobre o Grande Hotel que se trabalha nesta pesquisa, cedido gentilmente pela SECEL-MT, constam dois arquivos com a publicação do tombamento no Diário Oficial do Estado de Mato Grosso. Um, na página 45, que transcreveu-se acima e consta o ano de 1984 e outro, na página 34, em que o número 4 do ano 1984 é rasurado e inscrito o número 3, lendo-se Portaria nº 61/83.

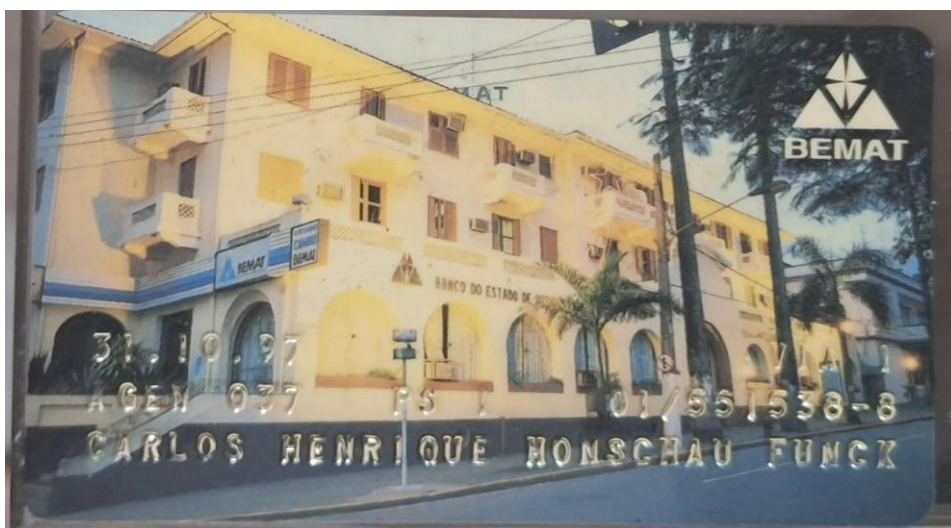
A documentação Portaria nº 64, Figura 97, com a digitação do ano de 1984 e a Portaria nº 64 com a correção manual do número 3 do ano de 1983, feita no documento, Figura 98, que se encontram abaixo. No dossiê, inscritas nas páginas 45

A publicação da Portaria nº 61/84 no Diário Oficial do Estado de Mato Grosso no dia 09 de janeiro de 1984, dava publicidade, oficialidade e validade jurídica ao ato administrativo de exarção do ato administrativo. Comunicava-se, desta forma, ao cidadão mato-grossense e demais da federação, o tombamento do prédio do Grande Hotel, garantindo a validade do ato administrativo e tornando-o de conhecimento público.

O Grande Hotel “Deixou de funcionar em 1960, sendo adaptado para sediar a administração central do Banco do Estado de Mato Grosso S./A. (Bemat) de 1965 a 1995” (IBGE, [20--], [n.p.]) vindo a receber “[...] a denominação de “Edifício Júlio Müller” (Mato Grosso, 2006, p. 48) continuando com as funções bancárias até sua liquidação no início de 1998.

Para que o prédio do Grande Hotel pudesse transformar-se na sede do BEMAT uma “[...] série de reformas e ampliações [foram executadas]. [...] as obras excluíram os pátios dos fundos, que foram tomados por salas administrativas com extensos corredores cegos” (Mato Grosso, [20--], [n.p.]). Apesar de o prédio ter sofrido alterações significativas em sua parte interna, para poder acomodar a nova função a que destinava-se, “[...] nas fachadas voltadas para a rua [...] as intervenções foram menos radicais, conservando muito da aparência original” (Mato Grosso, [20--], [n.p.]), como pode ser observado na ilustração abaixo do cartão de 1997 da primeira conta salário do autor, que possuía, como estampa, a fachada do antigo Grande Hotel com as funções bancárias por meio do BEMAT, Figura 100.

Figura 100 – Cartão bancário do BEMAT



Fonte: Acervo do autor (2025).

Após esse período de uso do prédio como Banco do Estado de Mato Grosso, houve a doação, por parte do BEMAT, para a Secretaria de Estado de Cultura, por meio de escritura pública de doação lavrada dia 21 de dezembro de 1999 na cidade de Cuiabá pelo 6º Serviço Notarial e Registro de Imóveis, inscrita no Livro: 454, Folhas: 043 e número de protocolo 6189, como prova-se, em sequência, por meio da Figura 101.

Figura 101 – Escritura de doação do prédio do Grande Hotel para a Secretaria de Cultura



Fonte: Mato Grosso (2006).

Concluído o processo de doação, o prédio do Grande Hotel passou a ser de propriedade da Secretaria Estadual de Cultura (SEC). O edifício Júlio Müller passou por restauração em 2001, em que “[...] foram descobertas as estruturas ocultas pelo Bemat, como escadas de serviço e forro de gesso em salões. Também foram recuperados pisos em tacos de madeira e guarda-corpos metálicos” (Mato Grosso, [20--], [n.p.]).

Concluídas as obras de restauração, o Grande Hotel abrigou a sede da Secretaria Estadual de Cultura que se manteve no prédio até o ano de 2015. Na Figura 102, fachada com a identificação do nome da Secretaria Estadual de Cultura (SEC) na frente do prédio.

Figura 102 – Fotografia da fachada com o nome da Secretaria Estadual de Cultura



Fonte: Mato Grosso (2006).

No período em que o prédio abrigava a sede da SEC houve uma proposição legislativa estadual, por meio do Projeto de Lei nº de 28 de novembro de 2001, que denominaria a sede da Secretaria Estadual de Cultura de Mato Grosso como Espaço Cultural Ronaldo de Arruda Castro.

Sobre esse projeto de lei, a Coordenadora de Preservação do Patrimônio Cultural da Secretaria de Estado de Cultura de Mato Grosso, Bernadete Durães de Araújo, emitiu o Parecer nº 12/2001 em 06 de dezembro de 2001.

Nesse parecer, a coordenadora proferiu Análise Técnica do Projeto de Lei com a emissão de “**Parecer contrário** à mudança de denominação do Prédio ‘Grande

Hotel', ou que o mesmo seja acrescido de outros nomes" (Mato Grosso, 2006, p. 07), cuja análise e interpretação se fazem em sequência.

Como primeira consideração, para emissão contrária, inscreveu que o prédio, conhecido como Grande Hotel e, à época, ocupado pela Secretaria Estadual de Cultura, era imóvel tombado como Patrimônio Histórico e Artístico do Estado de Mato Grosso por meio da Lei nº 3.774/76. Em segunda consideração, asseverou que esse ato protetivo, cujos termos estavam contidos na Portaria de Tombamento nº 61/83, foi publicado no Diário Oficial do Estado de Mato Grosso em 1º de janeiro de 1984 (Mato Grosso, 2006, p. 6).

Há aqui uma divergência quanto às datas de publicação no Diário Oficial, pois, segundo o documento a que se teve acesso, no decurso da pesquisa para a consecução da tese, a publicação da Portaria em questão deu-se no dia 09 de janeiro de 1984 e não no dia 1º, como inscrito, no parecer contrário ao pleito, constante do Dossiê Grande Hotel.

Por meio da terceira consideração afirmara que o imóvel "[...] faz parte das 'Obras Oficiais' de Cuiabá, construídas no Governo do Presidente Getúlio Vargas, que vieram a dotar a cidade de infraestrutura [*sic*] para sua consolidação como capital do Estado" (Mato Grosso, 2006, p. 6).

Nessa justificação, a presidente evocou o Grande Hotel como expoente da história da Cidade Verde, que mantém viva na memória da cidade sua importância para que Cuiabá se mantivesse como capital, em uma época em que esse status foi questionado pela elite política do sul do Estado.

Esses almejavam a transferência da capital para Campo Grande. Afirmaram, os mudancistas, dentre outras questões, que Cuiabá não possuía sequer um hotel, logo, a construção do Grande Hotel, para além das questões intrínsecas de hospitalidade comercial e sua importância para o desenvolvimento do turismo de negócios, contribuiu para a consolidação de Cuiabá como capital do Estado de Mato Grosso.

Outra consideração importante, a quarta, informou que o Grande Hotel possuía características que revelavam o início do Modernismo da arquitetura brasileira ao apresentar "[...] novas tecnologias de materiais de construção. São linhas despojadas e imponentes, onde os novos elementos, como o Granilite, são introduzidos na construção civil em Cuiabá". (Mato Grosso, 2006, p. 6).

Por meio dessa consideração afirmara-se que o Grande Hotel presentificara a

memória da cidade que modernizara-se, tendo como referência os modelos arquitetônicos e construtivos mais modernos do Rio de Janeiro e de São Paulo do final dos anos 1930 e início dos anos 1940. Essa memória era importante, pois, essas inovações, em termos de arquitetura, trouxeram para Cuiabá novos modelos arquitetônicos e novas tecnologias de materiais de construção que passaram a ser incorporadas pela construção civil cuiabana a partir de então.

Na quinta consideração afirmou que o “O Bem Patrimonial denominado ‘Grande Hotel, faz para do Centro Histórico de Cuiabá, tombado por Lei Federal” (Mato Grosso, 2006, p. 6). Em análise dessa assertiva, tem-se que, de acordo com o mapa produzido pela Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) (Conte; Freire, 2005, n.p), o **Grande Hotel encontra-se** contíguo ao Setor República pertencente **à região denominada Entorno** da área de tombamento federal do Centro Histórico de Cuiabá e, portanto, não faz parte da área do Centro Histórico protegida pela lei federal, como consta no documento.

Como sexta consideração, expôs que “O Grande Hotel é, para a historiografia de Mato Grosso e do Brasil, uma referência material importante, expressiva e acadêmica” (Mato Grosso, 2006, p. 7). Ao fazer a análise e a interpretação dessa narrativa, tem-se que o Grande Hotel evoca e cristaliza a memória. Significa a materialidade do projeto político do Governo do Estado de Mato Grosso de dotar Cuiabá de infraestrutura e, do Estado Novo, de modernização, ações de interiorização, fortalecimento do poder político de Vargas promovido pelo Governo Federal em sua Marcha para o Oeste e incentivo ao turismo.

Dessa forma, unindo passado ao presente, o Grande Hotel inscreve-se na historiografia mato-grossense como bem eivado de memórias de cujo conhecimento não podem prescindir pesquisadores e estudiosos que se debruçam sobre a pesquisa científica da área de Turismo, Hospitalidade e Lazer em Cuiabá (MT) por meio de diferentes perspectivas acadêmicas e áreas do conhecimento científico.

Em seguida, considerou e ponderou que a denominação Grande Hotel e as demais das Obras Oficiais trazem “[...] o contexto histórico, o qual motivou as suas construções” (Mato Grosso, 2006, p. 7). A pesquisa mostra que a designação de Grande Hotel, ao equipamento turístico de Cuiabá – Mato Grosso, foi em muito influenciada pelos discursos do Presidente Vargas que asseverara que toda cidade grande deveria ter um Grande Hotel. Essa enunciação foi absorvida pela população tanto do Estado de Mato Grosso como da Capital, que votou para que o

empreendimento hoteleiro se chamasse Grande Hotel de Mato Grosso, sendo chancelada pelo interventor federal.

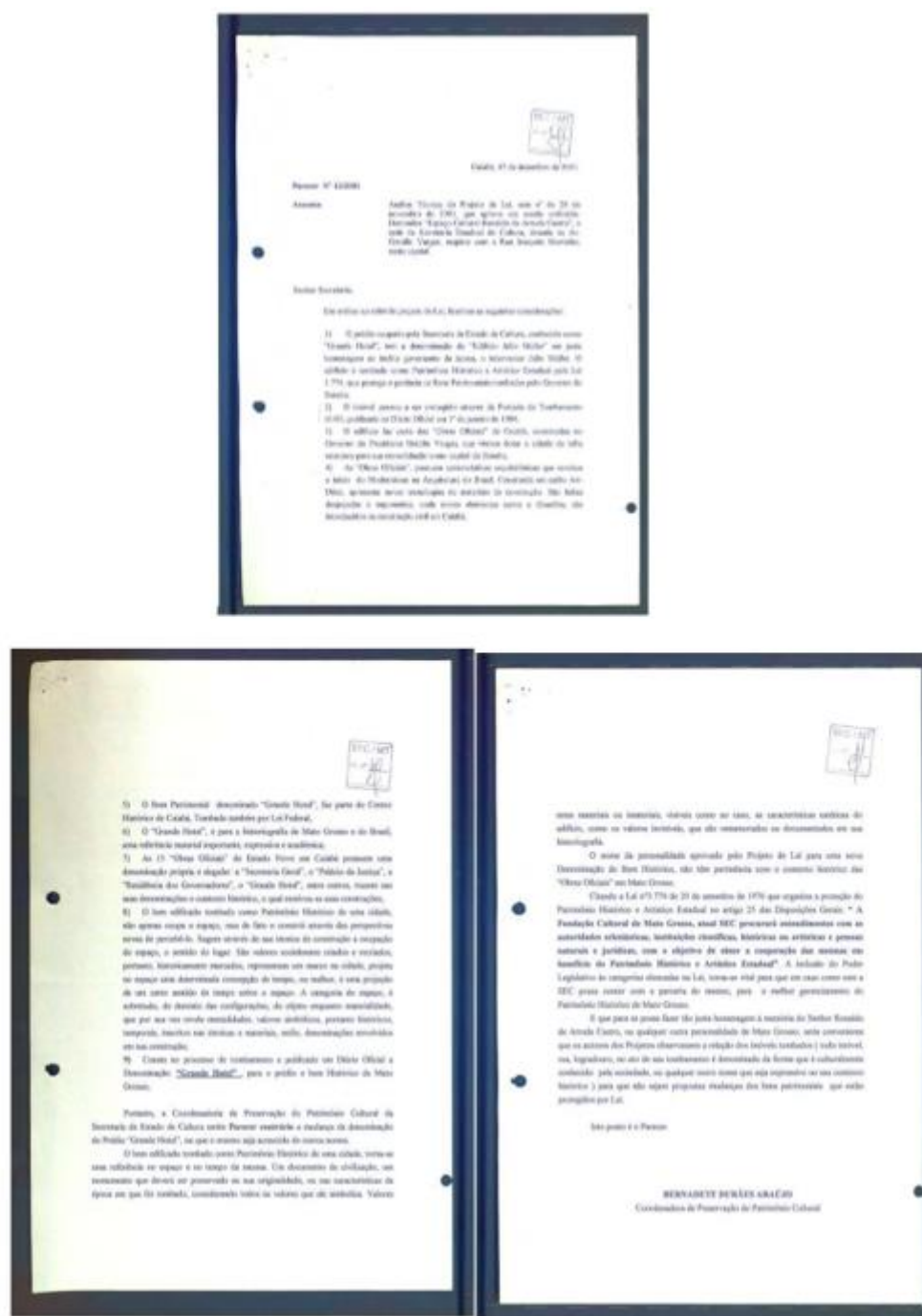
Portanto, a escolha do nome Grande Hotel não foi por acaso. Ela carregava em si, para além de uma diretriz política do Estado Novo, a simbologia de que Cuiabá inseria-se no grupo seletivo de cidades que possuíam equipamento turístico de hospitalidade condizente com sua grandeza e, nesse caso, também, sua condição de capital.

A oitava consideração afirmara que:

O bem edificado tombado como Patrimônio Histórico de uma cidade, não apenas ocupa o espaço, mas de fato o constrói através das perspectivas novas de percebê-lo. Sugere através de sua técnica de construção a ocupação do espaço, o sentido do lugar. São valores socialmente criados e recriados, portanto, historicamente marcados, representam um marco na cidade, projeta no espaço uma determinada concepção de tempo, ou melhor, é uma projeção de um certo sentido de tempo sobre o espaço. A categoria do espaço, é sobretudo, de domínio das configurações, do objeto enquanto materialidade, que por sua vez revela mentalidades, valores simbólicos, portanto históricos, temporais, inscritos nas técnicas e materiais, estilo, denominações envolvidos *[sic]* na sua construção (Mato Grosso, 2006, p. 07).

Por meio dessa óptica, inscrita no documento, Figura 103, o bem edificado, tombado, historicamente marcado: Grande Hotel, constrói espaço, cria e recria valores na medida em que seu uso e reuso revelam mentalidades e acompanham a dinâmica política, econômica, social e cultural do desenvolvimento da cidade de Cuiabá, do Estado de Mato Grosso e do Brasil.

Figura 103 – Parecer 12/2001 de 6 de dezembro de 2001 contrário à alteração de nomenclatura



Fonte: Mato Grosso (2006).

Feitas essas interpretações, Na Figura 104, visualiza-se o prédio do Grande Hotel e sua localização à esquina da Avenida Getúlio Vargas com a Rua Joaquim Murtinho.

Figura 104 – Fotografia do Grande Hotel à Avenida Getúlio Vargas esquina com a Rua Joaquim Murtinho



Fonte: Autoria própria (2026).

Na Figura 105, são possíveis as visualizações da parte da frente do prédio do Grande Hotel, com proteções em toda a extensão da obra, bem como a localização da placa onde constam as informações para o público de que se encontra em processo de restauração/retrofit, sendo este último entendido como a adequação às normas técnicas e legislações vigentes.

Figura 105 – Fotografia da fachada do Grande Hotel em restauro/retrofit



Fonte: Autoria própria (2026).

Na sequência, em destaque a placa, Figura 106, que contém as informações de que o edifício histórico denominado Grande Hotel encontra-se em restauro/retrofit em obra executada pelo Governo do Estado de Mato Grosso com o patrocínio do Banco Nacional de Desenvolvimento (BNDES).

Figura 106 – Placa de Restauro/Retrofit do Grande Hotel



Fonte: Autoria própria (2026).

E, por fim, em nona e última consideração, afirmara que no processo de tombamento e em sua publicação no Diário Oficial do Estado de Mato Grosso consta a denominação “Grande Hotel” para o prédio e bem histórico de Mato Grosso. Dessa maneira, a parecerista, ao inscrever em tintas marcadas e sublinhar o nome da edificação bem tombada, deixa clara a denominação oficial, não havendo espaço para alteração nominal.

Após todas essas embasadas considerações, a Coordenadora de Preservação do Patrimônio Cultural do Estado de Mato Grosso emitiu em 6 de dezembro de 2001 “**Parecer contrário** a mudança de denominação do Prédio ‘Grande Hotel’, ou que o mesmo seja acrescido de outros nomes” (Mato Grosso, 2006, p. 7).

Ficara, portanto, exarado o parecer da Coordenadoria de Preservação do Patrimônio Cultural da Secretaria de Estado de Cultura de Mato Grosso sobre o Projeto de Lei sem número de 28 de novembro de 2001 que pretendia denominar Espaço Cultural Ronaldo de Arruda Castro a sede da Secretaria Estadual de Cultura em 2001, o Grande Hotel. Ao que parece, o parecer contrário ao pleito foi atendido pelas autoridades estaduais, haja vista não ter sido encontrado documento posterior com a denominação pretendida nem qualquer outra que difira de Grande Hotel (Figura 107).

Em sequência, algumas imagens das partes externa e interna do Grande Hotel, extraídas do dossiê de 2006, cedidas ao autor pela Secretaria de Estado de Cultura,

Esporte e Lazer de Mato Grosso em 2025. Em suas dependências, “[...] hospedou muitas personalidades da época, como Emilinha Borba, Ângela Maria, Procópio Ferreira, o próprio presidente Getúlio Vargas, dentre outros” (IBGE, [20--], [n.p.]).

Figura 107 – Fotografia com vista do Grande Hotel à partir da Avenida Getúlio Vargas



Fonte: Mato Grosso (2006).

Figura 108 – Fotografia do saguão do hotel com perspectiva da parte interna para a Avenida Getúlio Vargas



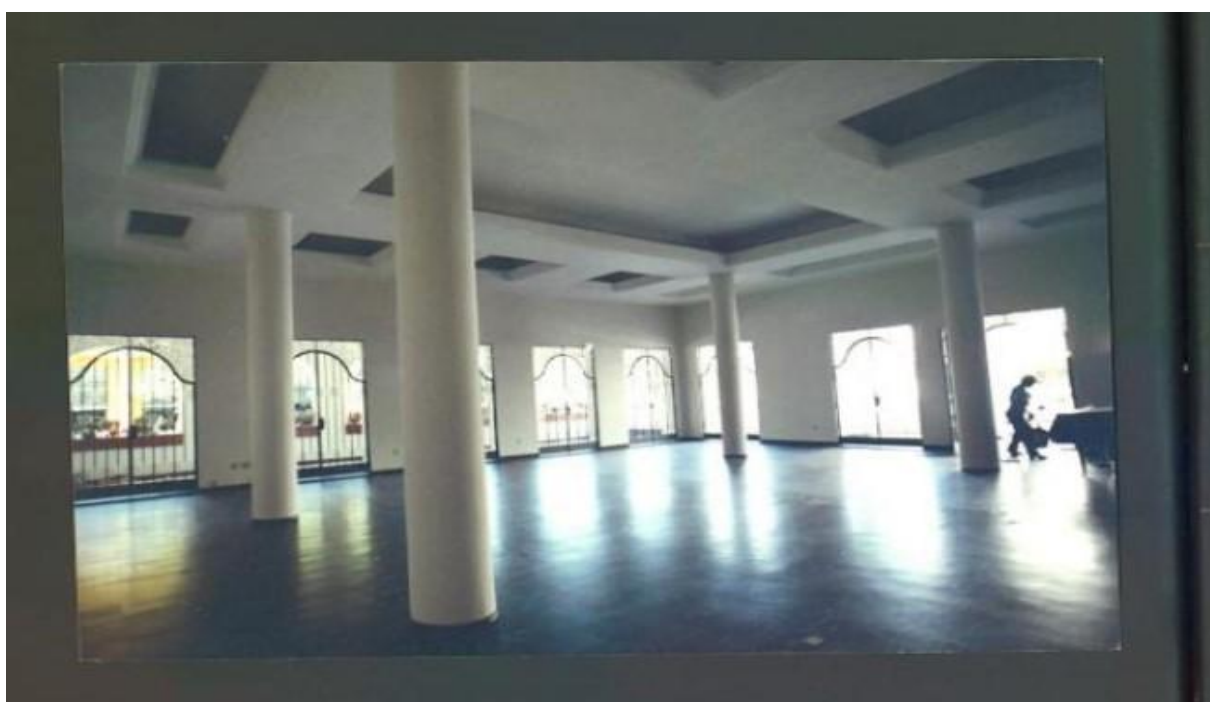
Fonte: Mato Grosso (2006).

Figura 109 – Fotografia da entrada do Grande Hotel



Fonte: Mato Grosso (2006).

Figura 110 – Fotografia do salão de festas



Fonte: Mato Grosso (2006).

Figura 111 – Fotografia da escada de acesso às unidades habitacionais



Fonte: Mato Grosso (2006).

Figura 112 – Fotografia de um corredor



Fonte: Mato Grosso (2006).

Figura 113 – Fotografia de antiga unidade habitacional ressignificada para outros usos



Fonte: Mato Grosso (2006).

Figura 114 – Fotografias da ligação interna entre o Grande Hotel e o Cine Teatro Cuiabá



Fonte: Mato Grosso (2006).

Figura 115 – Fotografia deu um lustre do Grande Hotel



Fonte: Mato Grosso (2006).

Figura 116 – Fotografia do grande Hotel na calorosa noite cuiabana



Fonte: Mato Grosso (2006).

Após essas belíssimas imagens (Figuras 108 a 116), infere-se que o Grande Hotel, como patrimônio histórico estadual, passou a significar para a cidade de Cuiabá parte da memória da cidade localizada temporal e espacialmente.

Ele consubstancia-se em “Um documento de civilização, um monumento que deverá ser preservado na sua originalidade, ou nas características da época em que

foi tombado, considerando todos os valores que ele simboliza” (Mato Grosso, 2006, p. 10).

Deixadas as funções inerentes à sede da Secretaria de Cultura, nesse processo dinâmico de construção e reconstrução do espaço, por meio de novas perspectivas, “mentalidades e valores simbólicos,” o antigo Grande Hotel encontrasse em processo de restauro/retrofi, e será, em futuro próximo, o lugar da capital que abrigará “[...] o Centro de Referência da Economia Criativa de Mato Grosso [...] envolvendo um processo de modernização e readequação dos espaços, mas preservando a arquitetura original” (Mato Grosso, [20--], [s.d.]).

Enfim, o Grande Hotel, nascido como espaço de hospitalidade para os turistas, e especialmente os de negócios, fruto das políticas do Governo Estadual de criação de infraestrutura e de consolidação da cidade como capital do Estado de Mato Grosso e do Governo Federal de fomento ao turismo e das políticas do Estado Novo, reveste-se de valores simbólicos evocando memórias de diferentes épocas de um lugar. O bem edificado tombado pela Fundação Cultural de Mato Grosso, como Patrimônio Histórico e Artístico Estadual, construído sobre o terreno do que outrora foi o Teatro Amor à Arte, nasceu como equipamento hoteleiro e tornou-se o lugar de atendimento bancário e sede do Banco do Estado de Mato Grosso. Em sequência, acompanhou a dinâmica política, econômica, social, cultural e turística de Cuiabá, vindo a ser espaço da administração pública como sede da Secretaria Estadual de Cultura voltada para as funções políticas e administrativas da cultura do estado, passando, neste momento, por processo de restauração/retrofit, para, mais uma vez, ser ressignificado, abrigar, em futuro próximo, o Centro de Referência da Economia Criativa de Mato Grosso.

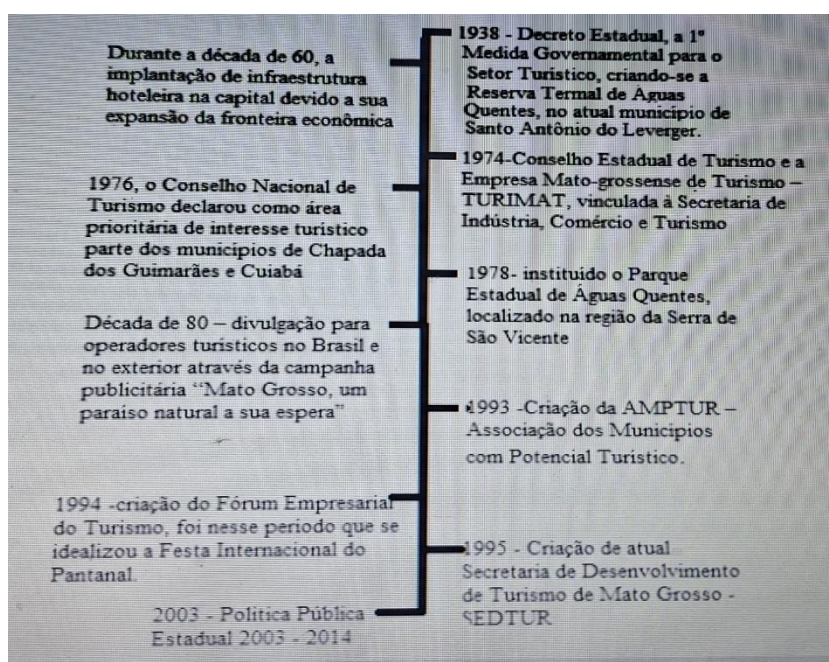
7 O TURISMO E O CRESCIMENTO DO SETOR HOTELEIRO PÓS OCASO DO GRANDE HOTEL

Nesta seção analisa-se as contribuições do legado do Grande Hotel para o setor de turismo e o desenvolvimento da cidade nas décadas de 1960 e 1970. Examina-se os investimentos governamentais e da iniciativa privada em infraestrutura urbana, infraestrutura de acesso, infraestrutura básica urbana, infraestrutura de apoio e infraestrutura turística e demonstra-se importantes atrativos naturais e culturais da cidade e do Estado de Mato Grosso no período.

Em termos de políticas públicas para o desenvolvimento do turismo de negócios em Cuiabá, precisa-se ater-se às políticas públicas estaduais e federais, pois eram essas que direcionaram as ações dos entes municipais da capital e, muitas vezes, impulsionaram-os com ações diretas como a construção do Grande Hotel em Cuiabá e os investimentos nos mais diferentes modais de transporte.

Roberta Leal Raye, em sua dissertação de mestrado: Relacionamento Interorganizacional dos Agentes de Turismo de Negócios de Cuiabá - MT, publicou uma linha de tempo relativa ao desenvolvimento político do turismo em Mato Grosso, como observa-se na Figura 117.

Figura 117 – Linha de tempo sobre o desenvolvimento político de turismo de Mato Grosso



Fonte: Raye (2012).

O documento informa que a criação da Reserva Termal de Águas Quentes em Santo Antônio de Leverger em 1938 foi a primeira medida pública do Governo do Estado de Mato Grosso direcionada ao setor de turismo, seguida somente na década de 1960 com a implementação da infraestrutura de hotéis em Cuiabá.

A análise e a interpretação destes dados deixam transparecer um hiato em termos de políticas públicas que, de maneira direta ou indireta, impactaram o setor.

De acordo com a Revista Cultura Política de abril de 1941, publicada pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), criado em 1939, durante o Governo do Estado Novo, havia a definição de parte das viagens aéreas como “Turismo Aéreo”. De acordo com a publicação: “Um outro ramo se destaca na aviação civil, ampliando-se [...], dia a dia: o turismo aéreo. As linhas aéreas que cortam o céu do Brasil, auxiliadas pelo Governo [*sic*], estão cada vez mais se aperfeiçoando [...]” (Nobre, 1941, p. 97).

Dessa forma, fica evidente que o governo federal não só compreendia a existência do turismo aéreo, mas entendia a importância desse segmento para a integração nacional, a interiorização do Brasil, o aumento do número de viajantes, turistas e negócios, o que impactaria positivamente o segmento do turismo de negócios no Brasil, de forma geral, e, em Cuiabá (MT), de maneira particular.

Nessa época, criou-se o Ministério da Aeronáutica, por meio da Lei 2.961, de 20 de janeiro de 1941, sendo empossado Joaquim Pedro de Salgado Filho como chefe da pasta.

Desde antes do Estado Novo o Presidente Getúlio Vargas estimulava a Aeronáutica. Da criação do Dia do Aviador, “[...] inúmeras e variadas realizações se fizeram, não só na Aeronáutica Militar e na Aeronáutica Naval, como também na Aeronáutica Civil” (Nobre, 1941, p. 100).

Dessa forma, “Basta lançarmos os olhos para a construção e projetos de centenas de aeroportos que, desde o Amazonas, Território do Acre e Rio Grande do Sul, unificam e centralizam os ideais do Estado Novo, numa força única, viva e real” (Nobre, 1941, p. 100). Para o governo, os aeroportos eram uma das expressões máximas da política getulista que amalgamavam e centralizavam a ideologia do Estado Novo, a ponto de se admitir que “Todo o progresso que a Aviação Civil tem obtido, no período de 1930 a 1940, deve-o ao Presidente Getúlio Vargas, o pioneiro da aviação brasileira” (Nobre, 1941, p. 100).

Estes dados trazem a lume que, desde o início do Governo Vargas, já se sabia da importância da aviação para o desenvolvimento e integração nacional, restando claro que, a partir da implantação do Estado Novo, também se vinculou o turismo aéreo ao rol de benefícios da aviação, com impacto direto no setor de negócios, ou seja, no desenvolvimento do turismo de negócios de Cuiabá e do Mato Grosso e do Brasil.

Em Cuiabá, o transporte aéreo passou a funcionar a partir de 1929.

Em 28 de março de 1929, chegou o primeiro avião em Cuiabá (Jucá, 1998), pousando “[...] no local hoje conhecido como Campo Velho, [...] a partir de 1932, Cuiabá passou a ser servida regularmente pela empresa alemã Sindicato Condor Ltda. na rota Cuiabá-Corumbá com um voo semanal” (Brandão, 1999, p. 149).

A partir de 1937, com a Interventoria Federal, cada vez mais políticas foram direcionadas para a melhoria do transporte aéreo para a capital, com ações diretas junto à Condor para que fossem disponibilizadas aeronaves maiores e melhores para Cuiabá; que se extinguisse o pernoite em Corumbá, dentre outras, bem como ações infraestruturais, como a construção, no final dos anos 1930, do aeroporto de Cuiabá, Figura 118.

Figura 118 – Fotografia de construção do antigo Aeroporto de Cuiabá



Fonte: Mato Grosso (entre 1939-1940).

Essas execuções não cessaram durante o período de 1940 a 1960. Durante

todo o Governo de Júlio Müller (1937-1945), ações foram tomadas para o fortalecimento do turismo aéreo, com apoio às empresas e o desenvolvimento do turismo, como a construção do Grande Hotel e do Hotel de Águas Térmicas; melhoria da infraestrutura da cidade; abertura de novas estradas, dentre elas, a ligação terrestre entre Cuiabá e Campo Grande; incentivo aos negócios voltados para a agricultura, pecuária, mineração e extrativismo vegetal bem como à indústria, ao comércio e ao serviços da capital e do estado.

A Condor foi a principal empresa aérea que operava voos para Cuiabá nos anos 1930. A Panair também atuou, mas por pouco tempo. Nos anos 1940 e 1950 destacam-se a Cruzeiro do Sul e a Transportes Aéreos Nacional.

Em 14 de junho de 1956, devido ao aumento do número de passageiros; do número de empresas aéreas e de voos, e à melhoria das aeronaves, cada vez maiores e mais pesadas, suscitou-se mais uma ação que impactaria positivamente o setor de turismo e o segmento de turismo de negócios: inaugurou-se o Aeroporto Marechal Rondon, com capacidade para receber aviões de grande porte.

Debruçando-se sobre o modal aeroviário, nos anos 1970, (Póvoas, 1977, p. 30) afirmou que “[...] nas asas de um jato, Campo Grande está a apenas 65 minutos de voo da grande metrópole paulista e Cuiabá a mais 45 minutos para a frente”. As empresas aéreas disponibilizavam de 3 a 4 jatos que chegavam todos os dias.

Nessa época, havia voos de São Paulo para Cuiabá com escalas em Campo Grande e/ou Corumbá com destino ao aeroporto de Cuiabá. “Nos meses de janeiro, fevereiro, março e abril [de 1976] embarcaram em Cuiabá, por via aérea, 16.505 passageiros, sendo 10.884 pela Vasp e 5.575 pela Cruzeiro” (Póvoas, 1977, p. 47). Nessa época, partiam do Aeroporto Marechal Rondon voos com destino ao Rio de Janeiro, São Paulo, Manaus e Brasília.

Na década de 1970, a companhia Vasp também oferecia o serviço de cargas, o que contribuiu para a dinâmica do comércio local. Para tanto, a empresa aérea utilizava-se do “Boeing 737 Super-Advanced, com capacidade para mais de trinta toneladas [de carga]. A Cruzeiro do Sul não opera com aviões cargueiros” (Póvoas, 1977, p. 47); contudo, utilizava seu Boeing 737 em transporte de porão, quando havia demanda de cargas.

Dessa forma, Cuiabá contou desde o início da Interventoria Federal em 1937 até os governos da década de 1970 com políticas públicas voltadas para o setor de transporte aéreo, impactando no desenvolvimento da cidade e do turismo de

negócios, não sendo possível falar em hiato de políticas públicas voltadas para o setor de turismo. Pelo contrário, foram as políticas governamentais aliadas ao setor privado dos anos 1930, 1940 e 1950 que possibilitaram o desenvolvimento auferido pelo setor nos anos 1960 e 1970.

Outra ação governamental importante foram a abertura e as melhorias das estradas que ligam Cuiabá, principalmente o trajeto de Cuiabá, passando por Campo Grande e São Paulo com destino ao Rio de Janeiro, então capital federal. Essa política pública impactou diretamente o setor de turismo e o segmento de turismo de negócios e foi uma das prioridades da Interventoria Federal.

Durante os anos 1950 e 1960, com o início e desenvolvimento da Era Rodoviária no Brasil e a abertura de novas estradas e melhoria/asfaltamento das estradas existentes, principalmente as federais, essas políticas ganharam relevo em Mato Grosso com consequências positivas para o desenvolvimento da capital e de todo o estado.

Nos anos 1970, “Quem tiver menos pressa [...] poderá ir de São Paulo a Campo Grande por via férrea [22 horas], [...] em carro *Pullman* da Cia. Paulista de Estradas de Ferro Noroeste do Brasil [Bauru a Campo Grande]” (Póvoas, 1977, p. 30). Quem quisesse seguir até Cuiabá poderia fazer a viagem com conexão trem-ônibus, seguindo de Campo Grande via Rondonópolis para Cuiabá por meio de transporte rodoviário.

Cuiabá, localizada no chamado norte de Mato Grosso na década de 1970, era, assim como Campo Grande, “[...] outro centro de irradiação de estradas, e, através da Capital, todas as cidades do norte e leste de Mato Grosso podem ser atingidas” (Póvoas, 1977, p. 30). Desta forma, demonstrava-se que a capital não só não estava isolada, mas mantinha uma rede de estradas de comunicação com as demais cidades do interior de Mato Grosso e do Brasil.

Ainda, “De Cuiabá partem estradas que demandam Vila Bela, antiga Capital da Província [Mato Grosso] sobre o rio Guaporé [...] e que demandam Rondônia, o Amazonas [*sic*], o Acre, e, através deste, o Peru e a Rodovia Pan-Americana” (Póvoas, 1977, p. 30), sendo, portanto, um eixo de ligação não só com as cidades do interior, mas, também, com diversos estados da Região Norte e países da América do Sul.

Trazer dados sobre Cuiabá, relativos ao período de estudo, revela que esta cidade também possui linhas-tronco que a ligam a Campo Grande por meio de 696

km de asfalto em [...] rodovia [...] com acostamento [...], meios-fios e [...] sinalização em toda a sua extensão. [Viaja-se em] ônibus de carreira, nas modalidades comercial, ar refrigerado ou leito em 9 horas” (Póvoas, 1977, p. 31).

Com essa nova infraestrutura de transportes, os “[...] ônibus de linhas comerciais estão fazendo o percurso São Paulo – Cuiabá [via Campo Grande] em 22 horas de viagem direta (com pequenas paradas normais), para um total de 1.738km”. Outro destaque de ligação de Mato Grosso, com os demais estados da nação, é que Cuiabá “pode ser também atingida através do Triângulo Mineiro e do Sudoeste de Goiás, para quem parte dos grandes centros do litoral e com menos 241 km, por essa rota” (Póvoas, 1977, p. 31).

Juntava-se o transporte rodoviário ao transporte aéreo no esforço de melhorias das comunicações entre a capital e outras regiões do Brasil. Como resultado dessa política de transportes, que impactou diretamente o setor de turismo da capital, tivemos um aumento significativo da demanda por viagens, o que ocasionou o aumento do número de empresas de transporte rodoviário e linhas aéreas, ensejando a construção da nova rodoviária de Cuiabá em 1979, denominada Engenheiro Cássio Veiga de Sá.

Outra questão importante quanto às políticas públicas para o setor de turismo é que não se pode obliterar o Grande Hotel como corporificação da política pública de desenvolvimento do turismo do Estado Novo por meio da Divisão de Turismo, criada em 1939, integrante do Departamento de Imprensa e Propaganda.

Quando refere-se que, após 1938, a próxima ação aconteceu somente nos anos 1960 com a “[...] implantação da infraestrutura hoteleira na capital e expansão da fronteira econômica[...]” (Raye, 2012, p. 47) parece que há um esquecimento de que a infraestrutura hoteleira da capital dos anos 1960 foi consequência de um processo lento mas contínuo de melhoria da hotelaria em Cuiabá, que teve no Grande Hotel seu maior expoente; de investimento em infraestrutura de acesso; infraestrutura básica; infraestrutura de apoio; infraestrutura urbana; infraestrutura turística; valorização dos atrativos naturais e culturais, somados às políticas públicas, das três esferas, para o desenvolvimento local, regional e nacional e ampliação dos negócios da capital, somadas às ações da iniciativa privada da Cidade Verde.

Portanto, antes de 1960 e de uma aceleração do processo de colonização e ampliação da fronteira econômica e do investimento no setor hoteleiro (Raye, 2012), houve inúmeras políticas públicas voltadas para o desenvolvimento do turismo e da

hospitalidade na capital e no Estado de Mato Grosso. Ao analisar a questão do Grande Hotel, parece que o equipamento hoteleiro pode ser considerado a primeira medida específica do Governo Republicano de Mato Grosso para o desenvolvimento do turismo de Cuiabá, tornando-se um marco histórico da hotelaria e do turismo, resultando em investimento público direto na hotelaria cuiabana e mato-grossense.

Respeitado o recorte temporal da pesquisa, a capital teve como expoente do setor hoteleiro, o Hotel Universal, no início dos anos 1930, denominado o Hotel Esplanada do final dos anos 1930 e início dos anos 1940; o Grande Hotel como corporificação da política estadonovista de desenvolvimento do turismo por meio da construção de hotéis capitaneada em mato Grosso pelo interventor federal e nos anos 1950 o Hotel Centro América, não esquecendo-se, também, outros hotéis como o São Luiz, o Presidente Hotel e diversas pousadas, hospedarias, etc., que compunham a hotelaria cuiabana até o boom nos anos 1960.

No caso do objeto da tese “O Governo do Estado, que levava a efeito a construção do Grande Hotel pela falta de iniciativa particular nesse sentido, em face da atividade de empresas nesse ramo, deixou o campo para os empresários” (SÁ, 1980, p.110).

A partir da inauguração do Grande Hotel, do prestígio que a ele foi deferido pela sociedade e do sucesso como meio de hospedagem que ele obteve, “Novos e modernos hotéis foram construídos: o Santa Rosa com 48 apartamentos, e o Santa Rosa Palace com 90 apartamentos, este era de categoria internacional [...]” (SÁ, 1980, p. 209). Na Figura 119, a imagem do Santa Rosa Palace Hotel em Cuiabá – MT.

Figura 119 – Fotografia da fachada e parte da lateral do Santa Rosa Palace Hotel



Fonte: SÁ (1980).

Localizado na Avenida Getúlio Vargas, nº 370, o Santa Rosa Palace Hotel foi

considerado de categoria internacional e possuía 90 apartamentos equipados com aparelho de ar-condicionado e telefone. O hóspede poderia contar com restaurante, *snack bar*, *terrasse drinks*, boite, piscina e, para maior conforto, salão social e salão de leitura (Mendonça, 1975)

O número de novos hotéis não parava de crescer. Foram construídos, depois do Grande Hotel, “O Hotel Fenícia, com 73 apartamentos [...]. O Alvorada Hotel, com 16 apartamentos e 58 quartos [...] o Hotel Excelsior [...]”. Todos esses hotéis situam-se na avenida [...] Getúlio Vargas, exceto o Alvorada Hotel [...] (SÁ, 1980, p. 210). Na sequência, na Figura 120, observa-se o Hotel Fenícia e na Figura 119 o Hotel Excelsior em Cuiabá (MT).

Figura 120 – Fotografia da fachada do Hotel Fenícia



Fonte: Mendonça (1975).

O Hotel Fenícia localizava-se na Avenida Getúlio Vargas, nº 60. Dispunha de 75 apartamentos com “Ar-condicionado, música ambiente, telefones e banheiros privativos, esmerado serviço de café, serviços de classe turística, salão de estar, salão de TV, salão de café, dois elevadores e energia própria” (Mendonça, 1969, p. 140).

Figura 121 – Fotografia do Hotel Excelsior



Fonte: Mendonça (1975).

Localizado à Avenida Getúlio Vargas, com sua lateral voltada para o Grande Hotel e sua frente para o Jardim Alencastro, o Hotel Excelsior (Figura 121) contava com 172 apartamentos contendo aparelhos de ar condicionado e carpetes em seu interior. Para comodidade dos hóspedes, possuía dois restaurantes com música ambiente denominados respectivamente Maria Taquara e Pepita de Ouro (Mendonça, 1975).

As novas construções hoteleiras, à exceção do Alvorada Hotel, que foi construído na Rua Miranda Reis, e do Hotel Bandeirantes, construído com 86 apartamentos na Avenida Coronel Escolástico, os demais hotéis foram construídos na avenida em que fora construído o Grande Hotel na década de 1940, criando, na geografia da cidade, um espaço privilegiado de hospitalidade. Na Figura 122, o Alvorada Hotel em Cuiabá.

Figura 122 – Fotografia do Alvorada Hotel



Fonte: Sá (1980).

Cuiabá contava, também, no distrito do Coxipó da Ponte, distante 6 km do centro da cidade, junto à BR-364, que liga Cuiabá a São Paulo, com o Motel Veraneio, com vagas de garagens privativas, piscina e o serviço de A & B do Bar Moenda.

A lista não se esgota aqui, havia outros meios de hospedagem como o Balneário Santa Rosa, o Presidente Hotel, o Hotel São Luiz, o Balneário de Águas Quentes, etc, contudo, a pesquisa não tem a pretensão de produzir material relativo a toda a história dos meios de hospedagem em Cuiabá mas sim, explorar, como a hotelaria apresentava-se nos anos anteriores à existência do Grande Hotel e posteriores ao encerramento das atividades hoteleiras em 1960, em processo reflexivo de antes e depois.

A construção do Grande Hotel e seu sucesso enquanto meio de hospedagem, somados às demais ações já trabalhadas nesta tese, serviram como indutores de novos empreendimentos por parte dos empresários.

A maioria dos novos hotéis, que foram construídos na década de 1950, 1960 e 1970, foram construídos à Avenida Getúlio Vargas, muitos próximos do Grande Hotel quando não em frente, como o Santa Rosa e o Excelsior. Formou-se no tecido urbano de Cuiabá um espaço privilegiado de hospitalidade comercial que absorvia a demanda dos turistas de negócio e de outros segmentos.

De cidade que, nos anos 1930, era atacada por “não possuir hotel”, em décadas posteriores, 1960 e 1970, em processo de avaliação do turismo e da hospitalidade, um dos ilustres historiadores mato-grossenses, Rubens de Mendonça (1969, p. 139, grifo nosso), assim se manifestou: “— Para a organização desse serviço [de turismo] são necessários hotéis e outras hospedagens [...]. **Mas, para Cuiabá, tradicional cidade de 250 e tantos anos, não há esse problema de hospedagens**”. Era a coroação dos anos de luta do passado! Mais uma vez, como Fênix renascida, Cuiabá sobrevivia e prosperava!

O aumento da demanda turística e o do crescimento do setor hoteleiro ensejar-se-ia que na hotelaria estivesse “um dos melhores negócios para [...] emprego de capital. Dinheiro investido em hotéis, em Mato Grosso, é, no momento, o lucro mais certo, mais seguro e mais compensador que se possa imaginar.” (Póvoas, 1977, p. 31). O setor hoteleiro, fomentado pelo aumento da demanda turística, seria um setor promissor que ensejaria melhores investimentos para os interessados em negócios em Cuiabá, a partir de então.

E, nessa toada de desenvolvimento, nos idos dos anos 1960, a capital passou

por um processo de verticalização e modernização. O Edifício Maria Joaquina, localizado à Praça Alencastro, foi o primeiro condomínio vertical da cidade, inaugurado em 08 de abril de 1969, contando com 15 andares, 54 unidades habitacionais e elevadores. Na Figura 123, uma fotografia do Edifício Maria Joaquina com o Jardim Alencastro à sua frente.

Figura 123 – Fotografia do edifício Maria Joaquina



Fonte: SÁ (1980).

Outro edifício importante foi o “O Edifício O.G.T., de propriedade da Organização Geral dos Transportes, com 12 pavimentos e 48 apartamentos, [...] à rua Thogo da Silva Pereira, esquina com a rua Barão de Melgaço [...]” (SÁ, 1980, p. 210). Construído na mesma década de 1960, ele veio somar-se a construção do Edifício Morada Real, que possuía “[...] 72 apartamentos, construídos e incorporados por Skhema S/A e situados em terreno à rua Barão de Melgaço, esquina com a rua Dom Bosco” (SÁ, 1980, p. 210). Na Figura 124, o importante Edifício da O.G.T.

Figura 124 – Fotografia do Edifício da O.G.T.



Fonte: SÁ (1980).

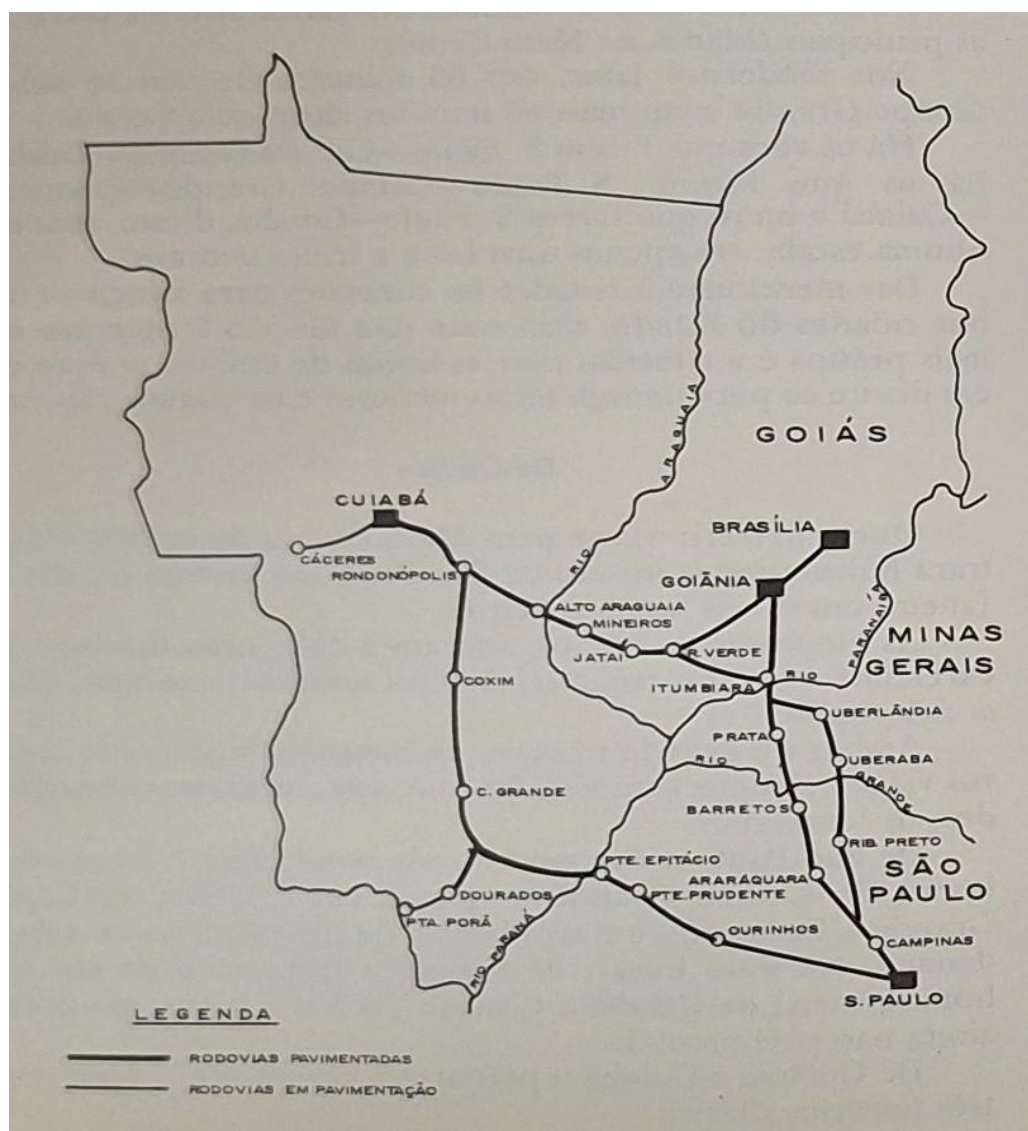
Tanto a construção pioneira do Edifício Maria Joaquina quanto a dos prédios da O.G.T. e do Condomínio Edifício Morada Real são emblemáticas para Cuiabá, pois conotam a simbologia de que a Cidade Verde, aos poucos, continuava seu processo de modernização iniciado em fins dos anos 1930 com as Obras Oficiais.

Pode-se afirmar que os prédios são carregados de significado, criando uma atmosfera de futuro presentificado, de progresso observável, perante o efeito visual de grandiosidade gerada em comparação com as demais edificações de um pavimento da cidade setecentista. Cuiabá mantinha-se como capital, e por isso, não poderia olvidar de dotar-se de elementos identificadores dos novos tempos.

Para além das edificações, os transportes rodoviários também se modernizaram e as rodovias receberam pavimentação asfáltica. Suas principais rodovias: a BR-070, que liga Cuiabá a Brasília; a BR-163, que faz a ligação de Cuiabá com Campo Grande; e a BR-364, que conecta Cuiabá a São Paulo, tiveram seu asfaltamento ampliado nos anos 1970 e consolidado nos anos 1980.

Na Figura 125, observam-se as rodovias que faziam a ligação de Cuiabá às outras regiões, por meio de rodovias na década de 1970.

Figura 125 – Mapa das rodovias de acesso a Cuiabá na década de 1970



Fonte: Póvoas (1977).

Devido ao aumento do fluxo de passageiros, a antiga rodoviária de Cuiabá, que se localizava na Rua Miranda Reis, não mais suportou tamanha demanda. Na Figura 126, a antiga rodoviária com destaque para passageiros e um ônibus no terminal.

Figura 126 – Fotografia do primeiro terminal rodoviário nas décadas de 1960/70



Fonte: Mato Grosso (2023).

Objetivando atender à nova realidade da capital mato-grossense, que crescia e recebia migrantes e turistas de todo o país, o governador do estado, Engenheiro Frederico Carlos Soares de Campos, inaugurou o novo Terminal Rodoviário de Cuiabá no ano de 1979, denominando-o Terminal Rodoviário de Cuiabá Engenheiro Cássio Veiga de Sá, Figura 127, por meio do Decreto Estadual nº 824, de 30 de novembro de 1999.

Figura 127 - Fotografia do Terminal Rodoviário de Cuiabá Engenheiro Cássio Veiga De Sá



Fonte: Mato Grosso (2023).

A nova rodoviária foi construída contando com três pavimentos e estrutura em concreto com vãos livres que chegaram até 34 metros, na Figura 128, fazendo dessa rodoviária uma referência nacional arquitetônica para edificações com esta função na época.

Figura 128 – Fotografia da parte interna do Terminal Rodoviário de Cuiabá



Fonte: Olhar Direto (2018).

Do fluxo de 04 partidas iniciais diárias na antiga rodoviária, saltou-se para 96 partidas/dia, o que ensejou a construção do novo terminal. (Sá, 2016). Esse fluxo de passageiros era transportado pelas seguintes empresas no final do ano de 1979: Empresa de Transporte Andorinha – 25 partidas; Viação Motta Ltda. – 16 partidas; Empresa São Cristóvão – 29 partidas; Expresso Rio da Casca – 3 partidas; Viação Brasil Ltda. – 2 partidas; Expresso Maringá S.A. – 6 partidas; Empresa Colibri de Transporte – 2 partidas. Total de partidas: 96 (Sá, 1980).

Quanto ao transporte de cargas, são conhecidas as empresas: “Expresso Cuiabano Ltda., Expresso Araçatuba, Expresso Caçula, Expresso Nego Amâncio” (Sá, 1980, p. 216) atuantes nos anos 1970. Essas empresas passaram a fazer o transporte regular de cargas para as mais diferentes cidades do Brasil, melhorando a logística local e contribuindo para o desenvolvimento econômico da capital.

Essa nova realidade permitiu: a) maior comunicabilidade entre a capital e as demais cidades do Brasil; b) oportunizou e aumentou os negócios de transporte

comercial de cargas; e c) expandiu o transporte de passageiros intermunicipais e interestaduais, com reflexos no fluxo de chegada e saída de Cuiabá.

Com a modernização do Aeroporto Marechal Rondon, construído em Várzea Grande (Grande Cuiabá), por ter melhores condições topográficas para a construção de pista que comportasse grandes aeronaves, aumentou-se o número de empresas, voos e passageiros, turistas ou não.

Ainda que Cuiabá estivesse distante do Rio de Janeiro e de São Paulo, tornou-se, ao longo de sua história, um importante centro de cultura regional, notado e admirado pelos que desembarcavam na cidade, motivados por negócios, lazer ou outros interesses de viagem.

Monteiro Lobato, quando em visitou Cuiabá na década de 1930, assim se referiu à capital: “—A distância faz de Cuiabá uma ilha de urbanismo no pantanal sem fim. [...] A elite de Cuiabá é muito fina. Cuida bastante da educação. Abundam homens de linda cultura, até filosófica” (Póvoas, 1977, p. 55). Essa constatação de Monteiro Lobato reflete, em parte, o pensamento de Müller e Rodrigues (1994, p 61) sobre a cidade: “Cuiabá era e continua sendo uma cidade festiva, o que ameniza a solidão daqueles que esperavam encontrá-la apática nestes longínquos páramos”.

Para explicitar o que os turistas encontrariam em Cuiabá, em anos anteriores a 1990, cita-se uma variedade de manifestações culturais possíveis de serem acessadas por quem aportasse na capital. Dessa forma

No terreiro e na cozinha, se encontravam os participantes da rodas de umbigada, do cururu, da bocha, do siriri, das serenatas, [...], bailecos e muita festa de santo, dessas que começam na madrugada, seguindo-se a **matineé** ou dança em família até esperar o almoço, e após uma breve pausa, a reza ou uma contradança ou reza dançada, como a de S. Gonçalo, fogueiras, se o ritual pedisse, baile aquecido da cachaça, ou chá com bolo e o frio da festa no dia seguinte. Alguns se antecipavam com o levantamento do mastro, prolongando-se por até uma semana (Müller; Rodrigues, 1994, p. 62).

Fica evidente neste excerto a quantidade de possibilidades de festas e manifestações culturais que o cuiabano construiu para si e para a comunidade, mas que, também, poderiam ser usufruídas pelo turista. Ao “turistar” por Cuiabá, aquele que havia construído, em seu imaginário (Gastal, 2005) , uma cidade pacata e sem atrativos, se deparava com uma realidade completamente diferente. Era uma cidade viva, repleta de festas tradicionais, festas de santos, danças e outras manifestações que desconstruíam o imaginário negativo e construíam, por meio da constatação, *in*

loco, outra imagem da cidade.

Esses festejos não se restringiam a unir e envolver a comunidade somente nos dias de festa. Muito antes do acontecimento, os preparativos e as ações arrecadatórias de itens, que seriam utilizados nas festas, movimentavam os festeiros e a comunidade na qual se inseriam. Assim:

No mato ou na roça, um ou dois meses antes [do festejo], uma **folia** ou **bandeira**, um grupo de cinco a seis pessoas, munidas de uma flâmula desenhada com a efígie do santo da devoção, uma sanfona, uma viola e um ganzá percorria por longo tempo os vizinhos, separados por léguas de distância, arrecadando brindes e dinheiro, para a realização dos festejos. Estas dádivas, muito variadas, iam de aves, cabritos, leitões, mantimentos, ovos, etc. A folia executava músicas, hinos dos santos, arranchavam-se, participando da bóia da casa e partiam no poeirão da estrada, em demanda de outra pousada (Müller; Rodrigues, 1994, p.62).

Dessa forma, o festejo para a comunidade católica representava um momento com muitas significações de união; a fé do povo; sua devoção no santo; a presentificação da cultura e a afirmação da identidade social. Era um momento de celebração, mas também um espaço de socialização e trocas culturais com os turistas. Esses entravam em contato com novas manifestações culturais que somar-se-iam ao seu arcabouço cultural num processo de enriquecimento cultural único.

Nesta toada de demonstrações de atrativos culturais de Cuiabá, vejamos o que escreveu Póvoas (1977, p. 56):

Quem ponderar todos os óbices que se antepuseram ao progresso de Cuiabá durante mais de dois séculos e contemplar o burburinho de suas ruas; a vibração de sua vida quotidiana; o vaivém dos viajantes no seu aeroporto e na sua estação rodoviária; o volume do seu comércio; o movimento de suas Agências Bancárias, a vitalidade de sua Universidade; o padrão de sua vida cultural, e, até mesmo, o inusitado de sua vida noturna [...] verá uma cidade hospitaleira, vibrante e festiva.

Apesar de o autor referir-se à dinâmica da cidade de Cuiabá dos anos 1970, pode-se inferir, pelos dados do censo demográfico já trabalhado aqui, que esta dinâmica social foi estimulada desde o final dos anos 1930 com a Marcha para o Oeste e as Obras Oficiais, bem como, tiveram uma aceleração a partir dos anos 1950 e 1960 com os investimentos federais na abertura e melhoria das rodovias, aerovias e na nova frente agrícola de Mato Grosso, dentre os fatores já mencionados.

A esse crescimento da cidade, a partir do final dos anos 1930, somava-se uma característica do povo “[...] mato-grossense que ama festas, principalmente os bailes

que são promovidos a qualquer pretexto e, mesmo sem pretexto”(Müller; Rodrigues, 1994, p. 68).

Como espaços onde os bailes e festas aconteciam, podiam ser citados o Clube Dom Bosco, o Sayonara, o Clube Internacional, a Sociedade Hípica, o Clube Esportivo Feminino e, como precursores destes, o Terpicore e o Clube Instrução e Recreio (Müller; Rodrigues, 1994).

O turista em Cuiabá não se depararia com uma cidade “morta” mas sim com uma capital que lhe proporcionaria experiências, muitas vezes únicas, advindas das manifestações culturais; da culinária cuiabana em seus restaurantes e hotéis; da música; e do comércio e suas possibilidades de compras e negócios, até a oportunidade de vivências da vida noturna, principalmente à partir dos anos 1970, em muito contribuída pelo clima aprazível das noites cuiabanas e pela hospitalidade de seu povo.

A Cidade Verde , com população, em 2026, estimada em 691.875 habitantes pelo IBGE, “[...] concentra as atividades econômicas, constituindo-se em um centro de serviços especializados, financeiros e industriais” (Romancini; Corrêa; Figueiredo, 2019, p. 81).

O setor educacional passou a ter proeminência na capital, destacando-se a Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso (IFMT), inúmeras faculdades particulares, colégios e escolas de ensino fundamental e médio, além de outras instituições voltadas, também, para a educação do Sistema S.

Essa configuração quanto à oferta educacional atraía “[...]estudantes de diversos municípios mato-grossenses e diferentes estados da Federação, verifica-se um dinamismo nas opções de lazer destinadas ao público jovem” (Romancini; Corrêa; Figueiredo, 2019, p. 190) que movimenta a cidade, dando-lhe uma característica própria.

Nos anos 1980, Cuiabá “[...] estava repleta do novo e do velho, que se materializava em novos bairros, em novas opções de lazer, despontando uma vida noturna na Avenida Historiador Rubens de Mendonça [...]” (Romancini; Corrêa; Figueiredo, 2019, p. 193). Em outro ponto da cidade, na região do entorno do centro, “[...] já se destacava nesse período o restaurante Chopão, na Praça 8 de Abril, e diversas boates em diferentes pontos da cidade, como a Panacéia [...]” (Romancini; Corrêa; Figueiredo, 2019, p. 193).

Para além do Chopão, que encontra-se em funcionamento, a Avenida Historiador Rubens de Mendonça, conhecida como Avenida do CPA, manteve-se como um espaço privilegiado para estabelecimentos de A & B.

Essa avenida, desde a década de 1970, consolida-se na capital e atrai consumidores não só dos bairros por onde ela atravessa como de outras regiões. Para além de oferecer, em seus estabelecimentos, serviços ligados à gastronomia, que atraem os turistas em Cuiabá, há na cidade as boates. Elas atraem diferentes públicos de acordo com o perfil do estabelecimento, gostos musicais e programação noturna, atraindo público variado de diferentes classes sociais e faixas etárias, contribuindo para dinamizar a vida noturna da capital, conforme Figura 129

Figura 129 – Fotografia Avenida Historiador Rubens de Mendonça (Avenida do CPA) recortada pela elevação da Avenida Miguel Sutil



Fonte: Olhar Conceito (2014).

A vida noturna também acontece ao longo da Avenida Getúlio Vargas. Possui importantes bares e restaurantes da capital que a transformaram num dos principais eixos da vida noturna e gastronômica cuiabana. Na Figura 130, um de seus estabelecimentos comerciais abertos à noite.

Figura 130 – Fotografia de momento de vida noturna na Avenida Getúlio Vargas



Fonte: Dicas da Mi (2013).

Apesar do crescimento do número de *shoppings centers* que possuem praças de alimentação abertas ao público, até às 23h “[...] ainda se mantém o costume de as pessoas se concentrarem nos inúmeros bares espalhados pela cidade, dos mais diversos níveis, muitos dos quais cerram as suas portas ao amanhecer do dia [...]” (Romancini; Corrêa; Figueiredo, 2019, p. 195).

Esses estabelecimentos ficam abertos para receber o público que sai das boates e se reúne nos diversos restaurantes, bares, lanches e espetinhos. Os dois últimos, geralmente, encontram-se nas calçadas das avenidas.

As boates e os meios de alimentação fora do lar variam os preços e os produtos, contudo, há públicos para todos os gostos e bolsos, o que dinamiza a economia, mantém a vida noturna, gera empregos e se coloca como uma boa opção de lazer, entretenimento e alimentação para os turistas na capital que tem como uma de suas melhores características a hospitalidade de seu povo.

Assim, “Quem visitar a bicentenária cidade [...], [Cuiabá foi fundada em 1719] por certo irá ressaltar o traço mais nobre do caráter de seu povo – a hospitalidade – [...]” (Póvoas, 1977, p. 70).

Para confirmar essa assertiva, Póvoas traz excerto sobre Cuiabá onde consta que “[...] a população cultiva [...] a fidalguia antiga, a cortesia e a hospitalidade dos

velhos tempos. [...] a elite social guarda os traços heráldicos dos antepassados, timbrando de encantar o hóspede que mereça considerações e estima” (Amaral, 1927 *apud* Póvoas, 1977, p. 60-61).

Essa característica psicológica e comportamental do povo cuiabano, da qual a cuiabania tem consciência, externalizada em atitudes sociais e culturais, de acolhimento e respeito às diferenças, é traço importante que pode ser observado e sentido pelos turistas da capital. “De fato, é a hospitalidade o brasão de que o cuiabano mais se orgulha, acima, mesmo, do vertiginoso progresso de sua cidade, na hora que passa” (Póvoas, 1977, p. 61).

A hospitalidade do povo cuiabano para com o turista continua a ser exaltada por Póvoas (1977), demonstrando ser essa uma característica inata de quem nasce nas terras cuiabanas. Traz a lume, também, diversos atrativos turísticos da capital e arredores, merecedores de destaque para os turistas na cidade. O autor informa que:

Quem visitar Cuiabá encontrará um povo hospitaleiro e comunicativo, preocupado exclusivamente com o seu progresso e o seu futuro, que ocorre, nas cálidas noites cuiabanas, às escolas, às casas de espetáculo, às praças de esporte, aos bares e restaurantes, do centro e da periferia da cidade, e que nos fins de semana superlota os pontos pitorescos de veraneio, como o Hotel Termas Águas Quentes, a Chapada dos Guimarães e, especialmente, às extensões e belas praias dos rios Coxipó e Cuiabá, no que a Capital mato-grossense é simplesmente inexcelável (Póvoas, 1977, p. 59).

São, portanto, enaltecidas as qualidades do povo cuiabano, reificada a hospitalidade na concretude dos atos do cuiabano ao receber os turistas na capital, qualidades estas que podiam ser notadas pelo viajante que construiria uma imagem positiva não só da cidade, mas como do povo em si.

Demonstrara-se que, para além da hospitalidade inerente, a materialização da cultura hospitaleira dar-se-ia nos mais diversos espaços de hospitalidade e no usufruir dos atrativos naturais e culturais disponíveis para a experiência turística. Dentre os atrativos turísticos, pode-se destacar: A Praça Moreira Cabral; O Seminário da Conceição e a Igreja de Nossa Senhora do Bom Despacho; Igreja de Nossa Senhora do Rosário e Capela de São Benedito; A Basílica do Senhor Bom Jesus de Cuiabá; O Estádio Governador Fragélli; A Universidade Federal de Mato Grosso; Museu de Pedras; Museu Rondon; Casa do Artesão; O Balneário de Águas Quentes; Salgadeira e Chapada dos Guimarães e as Praias.

Sobre as praias e as boates, informa que:

Nos arredores da cidade, notadamente as praias dos rios Cuiabá e Coxipó, são pontos para onde se desloca grande parte da população [e turistas] nos fins de semana. A bela e extensa praia de Santo Antônio de Leverger, a 26km de distância, por estrada asfaltada, reúne milhares de pessoas nos domingos de verão. As boates, dentre as quais se destacam a *Sayonara* e o Balneário Santa Rosa, onde se exibiam os maiores cantores do mundo artístico nacional, são atrações que não passam despercebidas aos visitantes da capital mato-grossense (Póvoas, 34, 1977).

Para além do convite para conhecer as praias dos rios Cuiabá e Coxipó, de experienciar no Balneário Santa Rosa e de se divertir no Clube Sayonara, indicou que havia outras possibilidades para o turista. Informou sobre a Salgadeira e Chapada dos Guimarães e indicou o Pantanal para os amantes da pesca (Póvoas, 1977).

Quanto aos atrativos turísticos da década de 1970, o turista poderia visitar: 1. Praça Moreira Cabral. 2. O Seminário da Conceição. 3. A Igreja de Nossa Senhora do Bom Despacho. 4. A Igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. 5. A Basílica do Senhor Bom Jesus de Cuiabá. 6. O Estádio Governador Fragelli. 7. A Universidade Federal de Mato Grosso. 8. O Museu de Pedras. 9. O Museu Rondon. 10. A Casa do Artesão 11. As praias dos rios Cuiabá e Coxipó, bem como a praia de Santo Antônio de Leverger. 12. O Balneário de Águas Quentes. 13. A Salgadeira e 14. A Chapada dos Guimarães (Póvoas, 1977).

7.1 PRAÇA PASCOAL MOREIRA CABRAL

A Praça Moreira Cabral (Figura 131) contém um dos marcos importantes da cidade. Nela está o Centro Geodésico da América do Sul, demarcado em 1909 pelo Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon. Nesta praça encontra-se um obelisco revestido de mármore branco com 20 metros de altura, demarcando o centro da América do Sul, com uma rosa dos ventos no piso e os pontos cardeais, sendo um importante ponto turístico da capital.

Figura 131 – Fotografia da Praça Pascoal Moreira Cabral



Fonte: Estevam pelo Mundo (2021).

7.2 SEMINÁRIO DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

Localizado na Rua Clóvis Huguenei, número 98 no Bairro Dom Aquino, o educandário, construído na colina do Bom Despacho, foi inaugurado em 1882 e tombado como patrimônio histórico estadual em 1977. Ao longo de sua história, o Seminário ressignificou-se. Foi sede da primeira escola secundária de Mato Grosso, quando este ainda era Província (1822-1889) (Lacerda, 2003). Durante o período da epidemia da varíola em 1867, foi utilizado como enfermaria. Em 1906 foi usado como quartel em disputas deflagradas por partidos políticos no Estado. Durante os anos de 1922 a 1956, “Abrigou [...] o Instituto Histórico e Centro das Letras”. (Lacerda, 2003, p. 35). Depois, abrigou a Rádio Difusora de Cuiabá e o Jornal A Cruz. Em 1957 foi instalado em suas dependências o Museu de Dom Aquino (1855-1956, foi Governador do Estado de Mato Grosso (1918-1922) e Arcebispo de Cuiabá). Em 1980 passou a abrigar o Museu de Arte Sacra em 1980 (Figura 132).

Figura 132 – Fotografia do Seminário de Nossa Senhora da Conceição na colina do Bom Despacho ao lado da Igreja de Nossa Senhora do Bom Despacho



Fonte: Lacerda (2003).

7.3 SANTUÁRIO EUCARÍSTICO NOSSA SENHORA DO BOM DESPACHO

Localizada na Praça do Seminário, sem número, no Bairro Dom Aquino em Cuiabá – MT, o Santuário conhecido popularmente como a Igreja de Nossa Senhora do Bom Despacho, teve sua construção iniciada em “[...] 1918 com obras finalizadas em 1929. Inspirado no estilo gótico, o santuário apresenta elementos relevantes que remetem à Europa medieval, com belos vitrais coloridos e torres altas [...]” (Arquidiocese de Cuiabá, 2026).

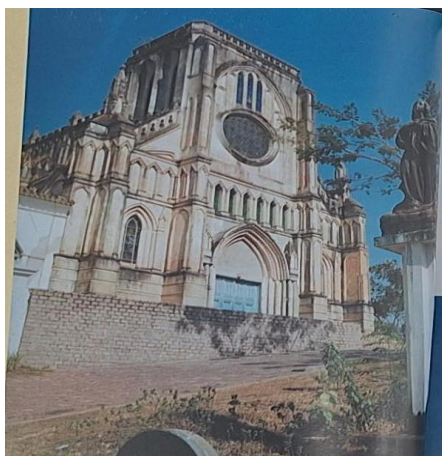
Construída por projetistas e construtores franceses, a Igreja foi inspirada na Catedral de Notre Dame de Lourdes, na França. Foi tombada como Patrimônio Cultural Estadual em 1977. Constituiu-se em um dos principais atrativos turísticos culturais de Cuiabá – Mato Grosso (Figuras 133 e 134).

Figura 133 – Fotografia do Santuário de Nossa Senhora do Bom Despacho (1973)



Fonte: Mendonça (1969).

Figura 134 – Fotografia do Santuário de Nossa Senhora do Bom Despacho (2003)



Fonte: Lacerda (2003).

7.4 A IGREJA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO E SÃO BENEDITO

A Igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito foi edificada em pequena elevação às margens do Córrego da Prainha por volta de 1.730 por mãos de escravizados. Considerada “[...] único exemplar de arquitetura religiosa setecentista que ainda existe na capital de Mato Grosso” (LACERDA, 2008a, p. 50). Sua arquitetura apresenta traços simples em seu exterior contrastando com os retábulos de Nossa Senhora do Rosários e São Benedito e o altar-mór magnificamente trabalhados em madeira e ouro. “Foi em seu entorno que surgiram manifestações religiosas populares [...] como o tradicional festejo de São Benedito [...] tornou-se patrimônio cultural imaterial de Mato Grosso [...]” (Arquidiocese de Cuiabá, 2026) que animam a comunidade e atraem turistas tanto para a apreciação da festa como para conhecer a Igreja (Figuras 135 e 136).

Figura 135 – Fotografia da Igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito



Fonte: Lacerda (2003).

Figura 136 – Retábulos e Altar-mór pintado a ouro da Igreja de Nossa Senhora do Rosário



Fonte: Lacerda; Jesus (2008).

7.5 A BASÍLICA DO SENHOR BOM JESUS DE CUIABÁ

Localizada na Praça da República nº 01, Centro Norte, Cuiabá (MT), sua primeira configuração consta do ano de 1722, quando do início do núcleo urbano de Cuiabá. Erigida em honra ao Bom Jesus de Cuiabá, em seu interior encontra-se uma imagem que remete aos tempos coloniais.

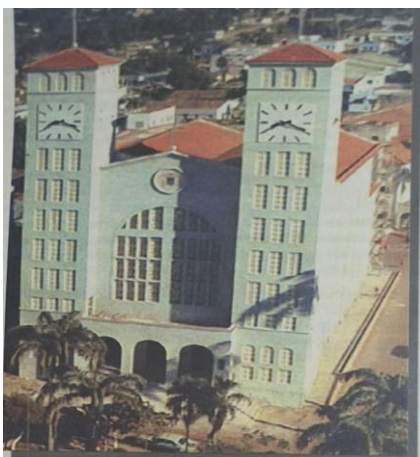
Com o passar dos anos, o tempo religioso foi sendo modificado, tendo sido totalmente dinamitado em 1968, em ação que, até os dias atuais, não encontra consenso em Cuiabá sobre a justificativa para a demolição. Na Figura 137, a Catedral antes da demolição, e na Figura 138, a nova configuração arquitetônica.

Figura 137 – Fotografia da Catedral Metropolitana antes de 1968



Fonte: Mendonça (1969).

Figura 138 – Fotografia de Catedral Metropolitana depois de 1968

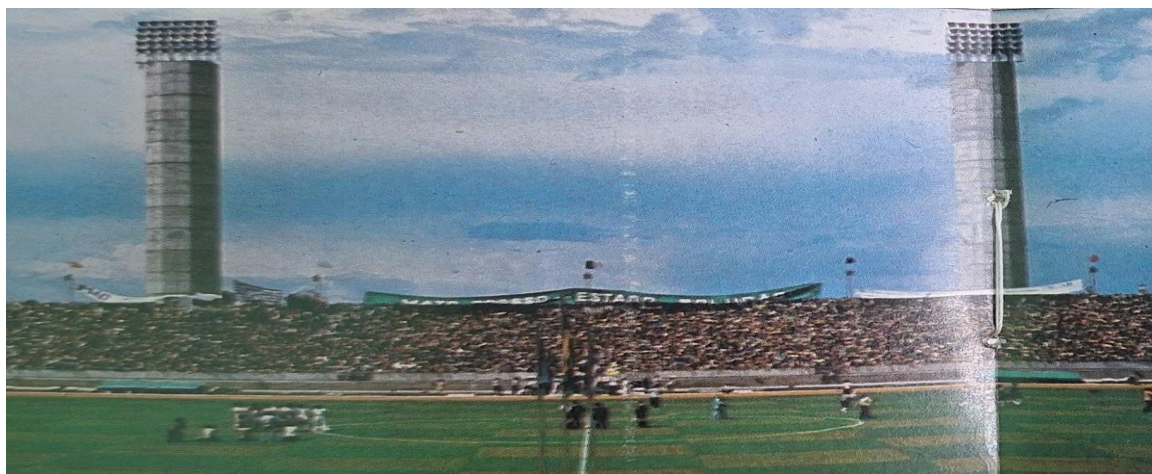


Fonte: Lacerda (2005).

7.6 O ESTÁDIO GOVERNADOR JOSÉ FRAGELLI

O Estádio Governador José Fragelli, conhecido popularmente como Verdão, teve sua inauguração em 1976, tornando-se o principal estádio do Estado de Mato Grosso, onde a seleção cuiabana enfrentou adversários famosos como o Fluminense. Com capacidade para 55.000 espectadores, abrigou clássicos do esporte regional e jogos do Campeonato Brasileiro, vindo a ser demolido em 2010 para a construção da Arena Pantanal, para os jogos da Copa do Mundo de 2014 (Figura 139).

Figura 139 – Fotografia do Estádio Governador José Fragelli – Verdão

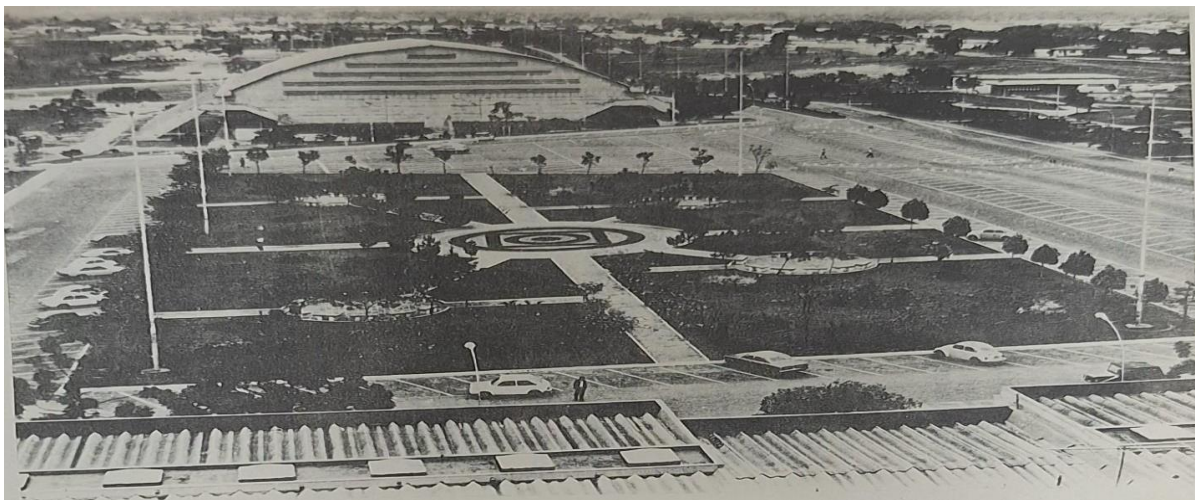


Fonte: Póvoas (1977).

7.7 A UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO (UFMT)

A Universidade Federal de Mato Grosso foi fundada em 10 de setembro de 1970. Instalada na região denominada Coxipó na cidade de Cuiabá. Nos primeiros anos foram criados 11 cursos oferecidos no campus universitário. A primeira universidade de Mato Grosso chamava a atenção dos turistas que chegavam na capital na década de 1970, tornando-se um ponto turístico apreciado, principalmente pela presença do Zoológico, o único da cidade, hoje em fase de encerramento. Abaixo, vista parcial da UFMT (Figura 140).

Figura 140 – Fotografia da Universidade Federal de Mato Grosso



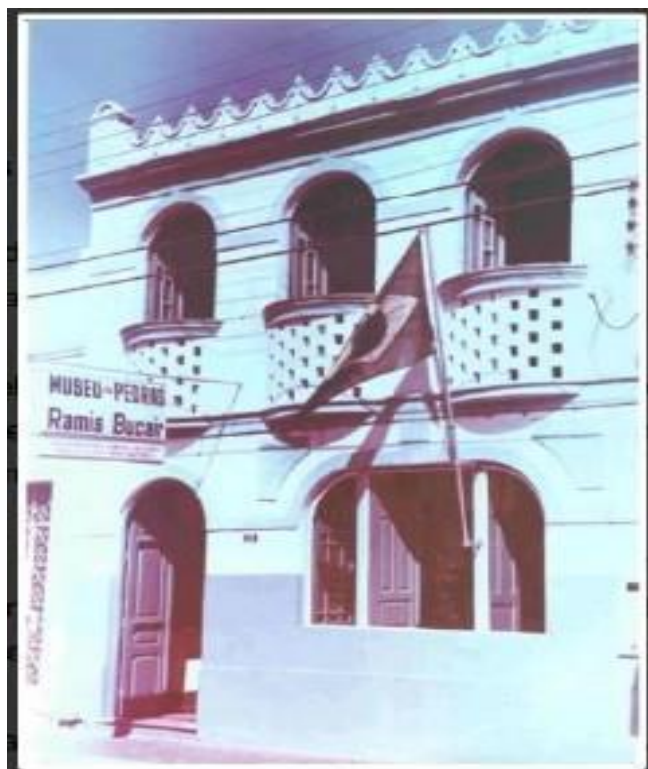
Fonte: SÁ (1980).

7.8 O MUSEU DE PEDRAS

Importante museu apreciado pelos turistas, o Museu de Pedras foi “inaugurado em 1959 pelo agrimensor e historiador Ramis Bucair; o acervo particular contava com mais de quatro mil peças arqueológicas, etnográficas e geológicas” (Museus de Geociências Brasileiros, [20--], [n.p.]), em espaço de fácil acesso no Centro Histórico de Cuiabá, precisamente ficava na Rua Galdino Pimentel, número 195, Centro, Cuiabá – MT.

Para “Além de uma coleção de pedras semipreciosas, semijoias, fósseis de dinossauro, cristais, rochas, pedras com inscrições rupestres e até um meteorito, peças que foram coletadas pelo próprio fundador nas suas [...] viagens pelo estado” (Museus de Geociências Brasileiros, [20--], [n.p.]). Encontrava-se aberto na década de 1970, atualmente, fechado desde 2011 (Figura 141).

Figura 141 – Fotografia da fachada do Museu de Pedras Ramis Bucair



Fonte: Midia News (2018).

7.9 MUSEU RONDON

O Museu Rondon, localizado no Campus Universitário de Cuiabá da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), foi fundado em 1972 como uma instituição dedicada às áreas de Etnologia e Arqueologia. Sua função precípua é “ser um centro de indigenismo, pesquisa e divulgação das culturas indígenas em Mato Grosso” (Mato Grosso, [20--], [n.p.]).

Atualmente denominado Museu Rondon de Etnologia e Arqueologia da UFMT (MUSEAR) (Figuras 142 e 143), “Seu acervo [...] [inclui] adornos plumários, indumentárias, armas, artefatos de ritual mágico, cerâmicas, instrumentos musicais, tecelagem, trançados, utensílios, etc., além do material fotográfico retratando o cotidiano das aldeias” (Mato Grosso, [20--], [n.p.]).

Figura 142 – Fotografia do Museu Rondon



Fonte: Mato Grosso ([20--]).

Figura 143 – Fotografia do acervo do Museu Rondon



Fonte: Mato Grosso ([20--]).

7.10 A CASA DO ARTESÃO

A Casa do Artesão (Figuras 144 e 145) foi fundada em 1975 em prédio histórico construído entre 1918 e 1923 e abrigou o extinto grupo escolar Senador Azeredo. Localizava-se na esquina da Rua 13 de Junho com a Rua Senador Metelo, no Bairro do Porto, em Cuiabá – MT, hoje encontrando-se nas dependências do SESC Arsenal, local de lazer e atração turística da cidade.

Após a sua fundação, a Casas do Artesão passou a ser considerada o principal ponto de referência do artesanato do Estado de Mato Grosso na capital, onde o turista, para além de entrar em contato com a rica cultura mato-grossense, pode adquirir souvenirs, licores, bijuterias, redes, doces e artesanato.

Figura 144 – Fotografia do antigo prédio da Casa do Artesão



Fonte: TripAdvisor ([20--]).

Figura 145 – Fotografia do SESC Arsenal



Fonte: O Livre (2019).

7.11 AS PRAIAS DOS RIOS CUIABÁ E COXIPÓ

Na década de 1970, tanto as praias do Rio Cuiabá quanto as do Rio Coxipó, eram espaços de socialização e lazer na capital mato-grossense. Frequentados por moradores locais e turistas, quando as águas desses rios ainda não eram poluídas, os rios faziam parte do cotidiano, principalmente nos finais de semana e feriados. Nas épocas de seca, principalmente no rio Cuiabá, apareciam extensas faixas de areia branca para o deleite dos frequentadores.

Com o intenso calor da cidade, nada melhor do que aproveitar um atrativo natural disponível a todos na capital. Os principais pontos de banho eram pontos do rio no Bairro do Porto e no antigo Ana Poupino.

Nestes locais de banho, para além de refrescar-se, os frequentadores faziam piquenique, jogavam bola e pescavam em suas margens.

Na atualidade, devido à poluição de suas águas, tanto o Rio Cuiabá quanto o Rio Coxipó, nas regiões em que se praticavam essas atividades na década de 1970, encontram-se proibitivos para tais atividades de lazer e recreação.

Uma das praias procuradas à época era a praia do Rio Cuiabá em Santo Antônio de Leverger.

Santo Antônio de Leverger é uma cidade que localiza-se a 34 km de Cuiabá. De acordo com Póvoas (1977), era outro ponto turístico aproveitado pelos cidadãos locais, cuiabanos e turistas advindos da capital. Com extensão de faixa de areia de aproximadamente 2 km, a Praia da Vereda era o grande atrativo turístico local (Figura 146).

Figura 146 – Cartão-postal da praia do Rio Cuiabá em Santo Antônio de Leverger

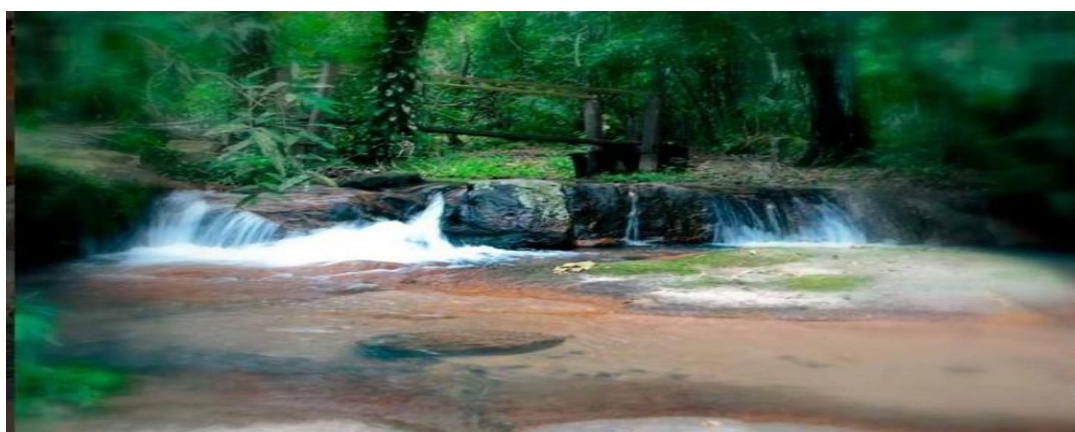


Fonte: Baixada Cuiabana News (2020).

7.12 O BALNEÁRIO DE ÁGUAS QUENTES

O Balneário de Águas Quentes (Figura 147) localiza-se a 85 km da capital, com acesso pela BR-163, nas terras da Serra de São Vicente, em uma viagem de automóvel de pouco mais de uma hora. As altitudes locais variam de 400 a 450 metros. As águas termais de suas fontes saem a uma temperatura de 42 graus centígrados. Era nos anos 1970 e ainda o é em 2026, um balneário muito apreciado pelos cidadãos da baixada cuiabana e pelos turistas que se encontram em Cuiabá, sendo “[...] Ponto ideal para descanso e excelente estância de férias [...]” (Póvoas, 1977, p. 34).

Figura 147 – Fotografia do Balneário de Águas Quentes



Fonte: Hotel Mato Grosso Águas Quentes ([20--]).

7.13 A SALGADEIRA

A Salgadeira, Complexo Turístico Balneário Salgadeira (Figura 148), é um atrativo turístico entre a cidade de Cuiabá e o município de Chapada dos Guimarães, distante 43,7 km da capital, via MT-251. Seu nome deriva de, em tempos de outrora, o lugar ter sido o local onde os tropeiros paravam e salgavam a carne que seria consumida em suas andanças. Com cachoeiras, trilhas e espaço para atividades ao ar livre, é muito apreciado pelos turistas ainda nos dias de hoje.

Figura 148 – Fotografia da Salgadeira



Fonte: Circuito Mato Grosso (2017).

7.14 CHAPADA DOS GUIMARÃES

Próximo a Cuiabá, em 1989, foi transformado em Parque Nacional da Chapada dos Guimarães, localiza-se no Município de Chapada dos Guimarães e dista apenas 72 km da capital. “[...] [É] um dos pontos turísticos preferidos [...]. Com uma altitude de 720 metros, a Chapada é o refrigerio dos cuiabanos [e dos turistas], no seu verão escaldante” (Póvoas, 1977, p. 35). Possui paisagens naturais belíssimas, inúmeros atrativos turísticos como cachoeiras, paredões de arenito, cerrado em abundância, dos quais se pode destacar a Cachoeira do Véu de Noiva (Figuras 149 e 150).

Figura 149 – Fotografia da Cachoeira do Véu de Noiva



Fonte: Póvoas (1977).

Figura 150 – Fotografia de paisagem natural da Chapada dos Guimarães



Fonte: Trilhando Montanhas (2018).

Esses são alguns, dos inúmeros atrativos turísticos elencados por Póvoas(1977), que poderiam ser usufruídos pelos habitantes locais e pelos turistas em Cuiabá na década de 1970.

Para além destes atrativos turísticos demonstrados, outros poderiam ser experienciados por quem se deslocava para Cuiabá a negócios ou a lazer, como, por exemplo, a partir da capital, conhecer o Pantanal Mato-grossense ou o casario do Centro Histórico de Cuiabá, como observa-se em sequência.

7.15 PANTANAL

O Pantanal mato-grossense, nos anos de 1960 e 1970, era considerado o paraíso da pesca. A área do Pantanal estende-se por terras dos atuais estados do Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, como pode ser observado no mapa, Figura 151.

Figura 151 – Mapa de área do Pantanal mato-grossense

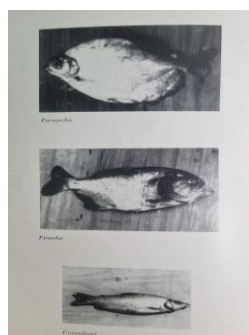


Fonte: Mato Grosso do Sul (2024).

Quem estivesse em Cuiabá, poderia deslocar-se até a cidade de Poconé (cerca de 100 km da capital). Poconé é considerada a porta de entrada para o Pantanal.

Dentre os peixes que os turistas poderiam pescar, destacavam-se os “Pacus, pintados, dourados, cacharas, bagres, piraputangas, barbados, jaús, pacupevas, piabas, corimbatás [sic] [...], entre outros [...] além das vorazes piranhas”(Póvoas, 1977, p.37). Na Figura 152, imagens de algumas espécies dos peixes constantes das águas do Pantanal.

Figura 152 – Fotografia dos peixes Pacupeba, Piranha e Curimbatá



Fonte: Rondon (1972).

Para além da pesca, o turista poderia apreciar uma paisagem belíssima com flora local preservada (Figura 153).

Figura 153 – Fotografia aérea do Pantanal mato-grossense e Rio Paraguai na divisa dos atuais estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul



Fonte: O Eco (2017).

Na atualidade, o Pantanal, como outras áreas naturais no Brasil, vem sofrendo as pressões do avanço dos seres humanos sobre o meio ambiente, demonstrando

impactos relevantes para a vida silvestre e para a sua vegetação. O turismo de pesca se apresenta de maneira proeminente, contudo, na atualidade, por questões de preservação ambiental e respeito à legislação, a pesca possui restrições em épocas do ano, para atender às normas ambientais e legais que regem o turismo pantaneiro e às questões relativas ao meio ambiente.

O Pantanal é considerado a maior planície alagada do mundo, possui uma biodiversidade incrível, onde os ciclos da natureza são regidos pelas estações da seca e da cheia de suas águas.

7.16 CENTRO HISTÓRICO DE CUIABÁ

Cuiabá, antiga Vila Real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá, foi fundada em 08 de abril de 1719, em pleno período colonial brasileiro.

Seu núcleo urbano encontra-se tombado, desde 1º de outubro de 1987, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). “O tombamento e consequente preservação do Centro Histórico de Cuiabá marcam a cidade como bastião cultural no Brasil Central” (Conte; Freire, p. 17, 2005). A área que encontra-se sob preservação integra “[...] o patrimônio construído, remanescente dos séculos XVIII, XIX e XX e mantém íntegro o traçado urbano colonial” (Conte; Freire, p. 17, 2005).

Esse rico patrimônio preserva a “[...] história da formação da cidade – sendo, portanto, expressão cultural da capital mato-grossense. O espaço urbano e a arquitetura do Centro conferem a Cuiabá identidade e personalidade histórico-cultural” (Conte; Freire, p. 17).

Toda essa riqueza patrimonial podia ser apreciada pelos turistas na década de 1960 e na de 1970. Na atualidade, apesar do descaso de muitos proprietários e de outros fatores que contribuem para a degradação do patrimônio constituído, os turistas na capital setecentista podem aprender um pouco sobre a história e a cultura de Cuiabá, Mato Grosso e do Brasil, podendo viajar no tempo e imaginar como a vida se desenrolava em épocas tão diferentes das que se vive na atualidade. A seguir, na Figura 154, tem-se a imagem do Centro Histórico de Cuiabá na década de 1970 e na Figura 155 na década de 2000.

Figura 154 – Fotografia do Centro de Cuiabá na década de 1970



Fonte: Conte (2006).

Figura 155 – Fotografia do Centro Histórico de Cuiabá em 2002



Fonte: Lacerda (2006).

Na Figura 156, tem-se a imagem da Praça Dr. Alberto Nobis localizada no

Centro Histórico da cidade, onde os turistas podiam (podem) aproveitar para descansar do *tour* pelo centro e apreciar o casario.

Figura 156 – Praça Dr. Alberto Nobis no Centro Histórico de Cuiabá



Fonte: Viagens e caminhos (2025).

Seguindo, a Figura 157, a Igreja Nosso Senhor dos Passos, localizada a Rua 7 de setembro, número 2, Centro, Cuiabá – MT. É um templo carregado de histórias e valor histórico-religioso, fundado em 1792.

Figura 157 – Fotografia da Igreja Nosso Senhor dos Passos



Fonte: Autoria própria (2026).

A próxima ilustração, Figura 158, parte do interior da Igreja do Nosso Senhor dos Passos onde podem ser observados detalhes do assoalho, do forro, das laterais,

da nave, dos bancos, imagens e altar-mór.

Figura 158 – Fotografia do Interior da Igreja Nosso Senhor dos Passos



Fonte: Autoria própria (2026).

Na Figura 159, a Gruta de Nossa Senhora de Lourdes, localizada aos fundos da Igreja do Senhor dos Passos, integrante do patrimônio histórico-religioso do Centro Histórico de Cuiabá, constituindo-se como lugar de oração, muito visitada por fiéis e turistas tanto em décadas passadas como nos dias atuais.

Figura 159 – Fotografia da Gruta de Nossa Senhora de Lourdes



Fonte: Autoria própria (2026).

Na Figura 160, observa-se, no Centro Histórico de Cuiabá, um de seus casarões, hoje ressignificado para abrigar a Secretaria Municipal de Turismo de Cuiabá – MT, localizada na Rua Voluntários da Pátria, 118 – Centro, Cuiabá – MT.

Figura 160 – Secretaria Municipal de Turismo em Casarão histórico



Fonte: Autoria própria (2026).

Na sequência, observam-se três imagens: a primeira, Figura 161, um belíssimo detalhe de busto encimado do arco da janela da edificação, seguida pela Figura 162, fotografia de um imóvel constante do casario do Centro Histórico de Cuiabá, e, por último, Figura 163, fotografia com foco na inscrição “Cuiabá Antiga” em uma das laterais do imóvel tombado.

Figura 161 – Fotografia com detalhe de busto encimado do arco da janela da edificação



Fonte: Autoria própria (2026).

Figura 162 – Fotografia de imóvel constante do casario do Centro Histórico de Cuiabá



Fonte: Autoria própria (2026).

Figura 163 – Fotografia com foco na inscrição “Cuiabá Antiga” em uma das laterais do imóvel tombado



Fonte: Autoria própria (2026).

Todos esses atrativos estavam à disposição dos habitantes locais e dos turistas que visitavam a capital. De uma população de pouco mais de 54.394 habitantes para o ano de 1940, Cuiabá apresentava 56.204 habitantes para o ano de 1960 e houve um aumento significativo para o ano de 1970: 100.269 habitantes.

Esse aumento do contingente populacional, fruto de um longo processo de desenvolvimento da capital desde o final dos anos 1930, forçou o aumento do tecido urbano da cidade que se expandiu com a criação de novos bairros; ampliou demandas por políticas públicas urbanas, aqueceu o setor da indústria, do comércio e de serviços e contribuiu para o aumento de vagas de trabalho tanto no comércio e serviços.

Esses trabalhadores encontraram oportunidades nos inúmeros hotéis que foram abertos e nas indústrias da cidade como a Companhia Cervejaria Cuiabana, inaugurada em 1973; A Sadia S.A. instalada no antigo 3º distrito da capital Várzea Grande; O curtume Stephan & Cia que se instalou à margem direita do Rio Cuiabá, em área da Grande Cuiabá, entre muita outras indústrias que se instalaram na área da Grande Cuiabá em decorrência do crescimento socioeconômico da capital que colhia os frutos dos negócios impulsionados pela Marcha para o Oeste que tiveram no Grande Hotel o lócus onde muitas dessas negociações aconteceram.

A receita do Estado de Mato Grosso em 1937 foi de dez mil quatrocentos e vinte contos de réis. No ano de 1940 alcançou dezessete mil quatrocentos e setenta contos de réis. Em 1950, a arrecadação foi de cinquenta e seis milhões, oitocentos e trinta e seis mil cruzeiros e em 1960 a receita apresentou um bilhão, duzentos e trinta e dois milhões, duzentos e sete mil, trezentos e cinquenta e sete cruzeiros e cinquenta centavos.

Esses dados refletem o sucesso das políticas desenvolvimentistas da capital e do Estado de Mato Grosso, a partir do Estado Novo. De acordo com Funck (2011, p. 62)

Tivemos nesse período, a implantação de colônias agrícolas com incentivo à agricultura e pecuária; instalações de frigoríficos; [...] da indústria de madeira; crescimento do comércio nas cidades; implantação de indústrias; daí a receita ter subido. Era a colheita dos frutos da Marcha para Oeste.

Para dessumir. Cuiabá crescia! Dos anos 1930 até fins dos anos 1970 investiu-se em infraestrutura urbana, infraestrutura de acesso, infraestrutura básica urbana, infraestrutura de apoio e infraestrutura turística para além da divulgação e ampliação

dos atrativos naturais e culturais da cidade e do Estado de Mato Grosso. Novas estradas foram abertas; rodovias foram pavimentadas; criou-se nova rodoviária e no aeroporto; novas linhas e empresas aéreas passaram a operar na capital; novas empresas de transporte rodoviário passaram a oferecer linhas para praticamente todo o país partindo da capital; investiu-se na melhoria das comunicações; construiu-se maiores e melhores centros de saúde para atender a população e os turistas; investiu-se na distribuição de água tratada e na rede de esgotos; proveu-se melhores e maiores escolas públicas; criou-se a Universidade Federal de Mato Grosso; melhorou-se significativamente os serviços de transporte urbano; a rede hoteleira, bares, restaurantes, vida noturna consolidaram-se, aumentaram as ofertas de emprego por meio das novas indústrias, das casas comerciais que foram abertas e da ampliação do setor de serviços dentre muitas outras ações que foram concretizadas, como resultados dos esforços governamentais e da iniciativa privada iniciados no final dos anos 1930 e continuados ao longo do período da pesquisa da tese, cancelaram a importância que o Grande Hotel teve para o desenvolvimento do turismo de negócios como espaço de hospitalidade comercial para o acolhimento e o fechamento de acordos entre entes da iniciativa privada e entre estes e o setor público que foram seminais e estruturantes para o desenvolvimento do próprio turismo de negócios, da capital e do Estado de Mato Grosso.

8 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nesta seção analisa-se e interpreta-se o papel histórico do Grande Hotel para o desenvolvimento do turismo de negócios de Cuiabá. Em ação subsidiada pelo método histórico-hermenêutico e ancorada na fundamentação teórica da área de Turismo e Hospitalidade, para a análise e a interpretação das diversas fontes da pesquisa, busca-se responder à pergunta da pesquisa e a consecução do objetivo geral da tese.

Ao debruçar-se sobre as pesquisas relativas ao Grande Hotel e ao turismo de negócios em Cuiabá, do período de 1930 ao ano de 1970, asseveras-e que o turismo e a hospitalidade de Mato Grosso são um campo aberto para as pesquisas onde muita documentação precisa ser investigada, catalogada, analisada e colocada à disposição para futuros trabalhos científicos.

Pode-se afirmar que as análises e interpretações das fontes documentais, hemerográficas, iconográficas e bibliográficas permitiram compreender que o Grande Hotel exerceu função muito mais ampla do que a de servir somente como meio de hospedagem. Sua implantação integrou o projeto político de modernização urbana; consolidação de Cuiabá como capital do Estado de Mato Grosso e desenvolvimento do turismo durante o período do Estado Novo.

A inexistência, até então, de um equipamento hoteleiro dotado de infraestrutura compatível com os padrões exigidos pelas elites políticas, administrativas e empresariais da região sul de Mato Grosso constituía argumento utilizado pelos grupos mudancistas do sul do estado para defender a transferência da capital para Campo Grande. Nesse contexto, o Grande Hotel surgiu como resposta material e simbólica às críticas dirigidas à capital mato-grossense.

As evidências documentais demonstram que o hotel, entendido como “estabelecimento comercial de hospedagem, que oferece aposentos mobiliados, com banheiro privativo, para ocupação iminente ou temporária, [...] além dos demais serviços inerentes à atividade hoteleira” Castelli” (1992, p. 38), foi concebido como obra estratégica do governo estadual em consonância com a política federal da Marcha para o Oeste. Sua localização central, arquitetura monumental, padrões de conforto e capacidade de acolhimento, como “necessidade da viagem” (Cooper *et al.*, 2001, p. 361), permitiram inserir Cuiabá em uma lógica nacional de circulação de

autoridades, empresários, comerciantes e agentes políticos.

Dessa forma, o Grande Hotel estruturou o turismo de negócios ao oferecer:

- a) infraestrutura de hospedagem qualificada;
- b) espaço de sociabilidade política e econômica;
- c) suporte à recepção institucional;
- d) ambiente favorável à realização de negociações comerciais;
- e) centralidade urbana articulada aos espaços de poder da capital;
- f) ponto de convergência entre hospitalidade, negócios e representação política da modernidade cuiabana.

O Grande Hotel não foi um empreendimento isolado, mas integrante das chamadas Obras Oficiais do Governo Júlio Müller, executadas dentro do ideário nacional-desenvolvimentista do Estado Novo. A criação de infraestrutura urbana — avenidas, abastecimento de água, aeroporto, prédios públicos e equipamentos turísticos — produziu condições objetivas para o crescimento da circulação de pessoas, mercadorias e do desenvolvimento do turismo de negócios.

Assim, o desenvolvimento do turismo de negócios em Cuiabá, ancorado na assertiva de Davison (2004) da vinculação das viagens ao mundo do trabalho, não decorreu exclusivamente do crescimento econômico regional, mas também da existência de infraestrutura urbana e turística capaz de sustentar os fluxos de visitantes vinculados às atividades econômicas e administrativas.

A pesquisa permitiu identificar que o Grande Hotel exerceu importante função simbólica no enfrentamento ao movimento mudancista. As críticas dirigidas à cidade enfatizavam: precariedade urbana; isolamento geográfico; ausência de infraestrutura e inexistência de hotel moderno. Nesse contexto, a construção do Grande Hotel adquiriu significado político estratégico. O edifício representava: equipamento de hospitalidade comercial luxuoso para o acolhimento dos turistas, principalmente para os de negócios; modernidade; progresso; integração nacional e capacidade administrativa do governo estadual e federal.

Ao dotar Cuiabá de um hotel comparável aos existentes nos grandes centros do país, o governo estadual buscava demonstrar que a capital possuía condições de permanecer como centro político de Mato Grosso. Desse modo, o Grande Hotel ultrapassou sua função econômica e turística, convertendo-se em símbolo material da consolidação de Cuiabá como capital estadual.

As análises evidenciam que o turismo de negócios em Cuiabá esteve

diretamente relacionado: às políticas públicas federais, estaduais e municipais; expansão administrativa do Estado; à interiorização promovida pelo Estado Novo; ao aumento das relações comerciais; as ações da iniciativa privada; a existência de local onde os turistas de negócios pudessem encontrar espaço de hospitalidade comercial onde conseguissem, para além de usufruir de todos os serviços hoteleiros, negociar, e à ampliação dos fluxos de empresários, comerciantes e representantes governamentais, ou seja, dos denominados turistas de negócios, segundo Goeldner e Ritchie (2006), para quem, essas viagens vinculam-se à alguma atividade profissional.

Nesse processo, o Grande Hotel tornou-se referência de hospitalidade comercial na capital para as “viagens de negócios” (Wada, 2009). Os registros históricos demonstram presença de: autoridades federais; empresários; artistas; representantes comerciais; técnicos governamentais e políticos que usufruíram da hospitalidade comercial e ao mesmo tempo impulsionaram a própria dinâmica do estabelecimento hoteleiro em processo teorizado por Walker (1962) quando trabalhou que os viajantes à negócios impulsionam a dinâmica hoteleira.

A capacidade do hotel de acolher esses públicos, em padrões modernos de conforto, a hospitalidade comercial defendida por Castelli (2010), que evidencia as relações entre o prestador(anfitrião) e o cliente (hóspede), contribuiu, decisivamente, para: o fortalecimento da imagem urbana de Cuiabá; a dinamização econômica; a legitimação política da capital e consolidação do receptivo turístico de negócios para um público que, segundo Swarbrooke (2000), o ticket médio de gastos durante as estadias, quando comparados com os turistas de lazer, é mais vantajoso.

A patrimonialização do imóvel revela que sua importância ultrapassou o período de funcionamento comercial, permanecendo vinculado às narrativas de modernização da cidade e à memória coletiva sobre o desenvolvimento urbano de Cuiabá.

Dessa maneira, o Grande Hotel consolidou-se como patrimônio da hospitalidade e do turismo mato-grossense, constituindo testemunho material das políticas de modernização e da formação histórica do turismo de negócios da capital.

Desta forma, é possível afirmar que a análise e interpretação histórico-hermenêutica das fontes permitiu concluir que o Grande Hotel:

- a) estruturou a hospitalidade comercial moderna em Cuiabá;
- b) fortaleceu o turismo de negócios, entendido como “[...] às atividades turísticas resultantes de confluências de motivações profissionais,

associativas e institucionais que possuam feição comercial, social, entre outras” (Brasil, 2006).

- c) integrou o projeto político da Marcha para o Oeste;
- d) contribuiu para a consolidação de Cuiabá como capital;
- e) funcionou como espaço estratégico de sociabilidade política e econômica;
- f) transformou-se em patrimônio histórico e memória da cidade.

Enfim, O Grande Hotel não apenas acompanhou o desenvolvimento do turismo de negócios, mas participou ativamente de sua estruturação histórica. Mesmo após o encerramento de suas atividades hoteleiras, o Grande Hotel permanece como marco simbólico da memória urbana cuiabana. O processo de tombamento do edifício demonstra reconhecimento estatal de seu valor: histórico; arquitetônico; turístico; cultural e memorial. Nesse cenário, o hotel exerceu papel fundamental ao qualificar o receptivo urbano forjando-se como espaço privilegiado para o turismo de negócios; fortalecer a hospitalidade comercial; ampliar a capacidade de permanência de visitantes e oferecer segurança e conforto às elites econômicas e políticas. As fontes analisadas demonstraram que muitos negócios, articulações políticas e contatos institucionais ocorreram no espaço do hotel, transformando-o em ambiente privilegiado de negociação e convivência social. Assim, responde-se à pergunta-problema desta tese ao demonstrar que o Grande Hotel contribuiu para o desenvolvimento do turismo de negócios de Cuiabá ao atuar simultaneamente como: equipamento turístico estruturador; símbolo político de modernização; espaço de hospitalidade comercial; suporte material à circulação de agentes econômicos e políticos e referência urbana da capital mato-grossense.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta seção textual apresentam-se reflexões sobre a produção decorrente das análises e interpretações dos dados da pesquisa, afirmando-se a validação do método histórico-hermenêutico para esta pesquisa da área de Ciências Sociais Aplicadas. Constam, também, as inferências que a pesquisa proporcionou, por meio de análise e interpretação das fontes, sobre o papel histórico do Grande Hotel para o desenvolvimento do turismo de negócios de Cuiabá (MT), sua patrimonialização e importância para a memória da cidade.

A presente tese teve como objetivo analisar e interpretar o papel histórico do Grande Hotel para o desenvolvimento do turismo de negócios de Cuiabá, buscando compreender de que maneira esse equipamento turístico contribuiu para que o turismo de negócios pudesse desenvolver-se e consolidar-se na capital.

A investigação revelou que o Grande Hotel não pode ser compreendido apenas estudando sua função precípua de hospitalidade. Sua concepção e existência estiveram profundamente atreladas ao projeto político de desenvolvimento do turismo e modernização do Brasil, implementado durante o período do Estado Novo, e às estratégias de integração territorial promovidas pela política da Marcha para o Oeste.

Nesse contexto, o hotel constituiu-se como equipamento turístico estruturador; espaço de hospitalidade comercial; símbolo material do desenvolvimento urbano e do turismo de negócios de Cuiabá

As análises históricas e interpretações hermenêuticas realizadas a partir de fontes documentais, hemerográficas, iconográficas e bibliográficas permitiram compreender que a construção do Grande Hotel integrou um conjunto mais amplo de Obras Oficiais destinadas à modernização da capital de Mato Grosso.

A precariedade da infraestrutura urbana somada à incipiente indústria hoteleira era utilizada pelos grupos mudancistas como argumento para defender a transferência da capital para Campo Grande. Assim, a edificação do Grande Hotel representou resposta política concreta às críticas dirigidas à cidade.

A pesquisa demonstrou que o hotel desempenhou importante papel na estruturação do turismo de negócios em Cuiabá ao oferecer:

- a) infraestrutura moderna de hospedagem;
- b) acolhimento qualificado para empresários, comerciantes e autoridades;
- c) espaço de sociabilidade política e econômica;

- d) suporte à circulação de agentes públicos e privados;
- e) ambiente propício à realização de negociações comerciais e articulações institucionais.

Dessa forma, o Grande Hotel participou ativamente da consolidação de Cuiabá como centro receptor de fluxos vinculados às atividades econômicas, administrativas e políticas do Estado de Mato Grosso.

As análises também evidenciaram que o turismo de negócios não desenvolveu-se de maneira isolada, mas articulado:

- a) às políticas estatais de modernização;
- b) à expansão da infraestrutura urbana;
- c) à melhoria dos sistemas de transporte;
- d) à integração nacional promovida pelo governo federal;
- e) à ampliação das relações econômicas regionais;
- f) à política de construção de hotéis;
- g) aos investimentos da iniciativa privada.

Nesse processo, o Grande Hotel constituiu importante elemento de legitimação simbólica da capital mato-grossense, tornando-se referência de modernidade, hospitalidade, desenvolvimento urbano e do turismo.

Outro aspecto relevante, identificado pela pesquisa, refere-se à permanência histórica e memorial do edifício. Mesmo após o encerramento de suas atividades hoteleiras, o Grande Hotel permaneceu inscrito na memória da cidade como patrimônio histórico e cultural. O processo de tombamento do imóvel demonstrou reconhecimento institucional de sua importância para a história da cidade, da hospitalidade e do turismo de Mato Grosso.

A utilização do método histórico-hermenêutico mostrou-se adequada à consecução dos objetivos propostos, permitindo articular análise documental, contextualização histórica e interpretação crítica das fontes pesquisadas. A abordagem metodológica adotada possibilitou compreender o Grande Hotel, para além de sua materialidade arquitetônica, revelando suas imbricações políticas, econômicas, sociais, culturais e turísticas.

A tese contribui para o avanço das pesquisas em Turismo e Hospitalidade ao lançar luz sobre temática ainda pouco explorada na produção científica brasileira: a relação entre hotelaria histórica, turismo de negócios, memória da cidade e políticas de modernização no interior do país. Também contribui para: a) os estudos sobre

patrimônio turístico; b) a história da hotelaria brasileira; c) a compreensão da formação urbana de Cuiabá; d) os debates sobre hospitalidade comercial e e) a preservação da memória histórica mato-grossense.

O Grande Hotel exerceu papel histórico fundamental para o desenvolvimento do turismo de negócios de Cuiabá (MT), constituindo-se simultaneamente como:

- a) equipamento turístico estruturador;
- b) espaço privilegiado de hospitalidade comercial;
- c) símbolo político de modernização;
- d) instrumento de consolidação urbana;
- e) patrimônio histórico e memorial da capital mato-grossense.

Por fim, conclui-se que ao analisar e interpretar o papel histórico do Grande Hotel para o desenvolvimento do turismo de negócios de Cuiabá (MT) assevera-se que o meio de hospedagem ultrapassou suas funções meramente operacionais, tendo atuado como agente histórico de transformação econômica, política, social e turística da capital. Sua trajetória histórica o revela como agente ativo na produção do espaço urbano, da memória coletiva e da dinâmica econômica regional, cujo impacto pode ser analisado antes, durante e depois do encerramento de suas atividades. O Grande Hotel constituiu-se como lugar de hospitalidade onde encontros de negócios aconteciam e acordos eram fechados sobre as fazendas de gado, as lavouras de diversos cultivos, a compra e a venda de terras; os investimentos em mineração; os negócios sobre a extração do látex das seringueiras; as possibilidades de investimento na capital e no interior; os acordos com o setor público, principalmente as empreiteiras, tiveram suas instalações como garantia segura para as mais diferentes negociações ao longo do período de seu funcionamento, contribuindo, dessa forma, para o desenvolvimento do turismo de negócios de Cuiabá (MT). Nesse sentido, ao pesquisar sobre objeto de tamanha grandeza, para o setor de turismo de Mato Grosso, a tese contribui para os estudos históricos do turismo e da hospitalidade ao demonstrar que os meios de hospedagem podem assumir protagonismo no desenvolvimento urbano e turístico, especialmente em contextos de interiorização e modernização estatal, como o fez o Grande Hotel, que permanece não apenas como memória arquitetônica da Cidade Verde, mas como testemunho histórico da construção do turismo de negócios, da hospitalidade comercial e da modernização de Cuiabá e de Mato Grosso.

REFERÊNCIAS

Fonte Primárias

A Condor elemento ativo de cooperação com o Governo na realização da Marcha para o Oeste. **Jornal O Estado de Mato Grosso**, Cuiabá, ano 1, n. 1, p. 7, 27 ago. 1939. Disponível em: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/098086/per098086_1939_00001.pdf. Acesso em: 21 dez. 2025.

ABRAHÃO, Miriam. [Momento de vida noturna da Avenida Getúlio Vargas]. 2013. 1 fotografia. In. ABRAHÃO, Miriam. Getúlio Grill. **Dicas da Mi**, Cuiabá, 2013. Disponível em: <https://www.dicasdami.com.br/2013/08/getulio-grill-cuiaba.html>. Acesso em: 29 mar. 2026.

ABREU, Dejacy de Arruda. **A educação em festa: tecituras da cultura popular na festa de São Benedito em Cuiabá**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Cuiabá, 2007.

Afinal, temos um Hotel. **Jornal O Estado de Mato Grosso**. Cuiabá, ano 2, n. 498, p. 4, 6 jun. 1941. Disponível em: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/098086/per098086_1941_00498.pdf. Acesso em: 16 dez. 2025.

AGUIAR, Edilson. [SESC Arsenal]. 2019. 1 fotografia. In. CABRAL, Maria Clara. Sesc MT quer transformar Arsenal em “grande shopping” para público comerciário. **O Livre**, Cuiabá, 10 mar. 2019. Disponível em: <https://olive.com.br/sesc-mt-quer-transformar-arsenal-em-grande-shopping-para-publico-comerciario/>. Acesso em: 5 abr. 2026.

ANJOS, Sara Joana Gadotti dos. **Serviços Integrados no Turismo: um modelo de gestão para o setor de hotelaria**. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação do Departamento de Engenharia da Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004. Disponível em: <http://www.tede.ufsc.br/teses/PEPS4228.pdf>. Acesso em: 19 dez. 2025.

ARAUJO, Evillyn Biazatti de. **Reconhecimento e preservação da arquitetura oficial do Estado Novo em Cuiabá**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília (UnB), Brasília, 2023. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/49413>. Acesso em: 15 mar. 2025.

ARRUDA, Maria Letícia. Turismo de negócios e eventos se consolida em 28 municípios e fortalece economia regional. **Jornal Diário de Cuiabá**, Cuiabá, 28 abr. 2026. Disponível em: <https://www.diariodecuiaba.com.br/economia/turismo-de-negocios-e-eventos-se-consolida-em-28-municipios-e-fortalece-economia-regional/734491>. Acesso em: 12 maio 2026.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA DE HOTÉIS (ABIH). **Estatuto Social**, Brasília, [19--]. Disponível em: <https://www.abih.com.br/posts/?dt=estatuto-social-Y0Jqd0dxU1p0bmhsR2ZMWmk3ZlJhZz09>. Acesso em: 16 mar. 2025.

ASSUNÇÃO, Adriana.; DAIANE, Emanoele. [Museu do Morro da Caixa D'Água Velha]. 2025. 1 fotografia. In. ASSUNÇÃO, Adriana.; DAIANE, Emanoele. Museu

do Morro da Caixa D'Água Velha é reaberto para visitação. **Prefeitura Municipal de Cuiabá**, Cuiabá, 2025. Disponível em: <https://cuiaba.mt.gov.br/noticias/museu-do-morro-da-caixa-dagua-velha-e-reaberto-para-visitacao>. Acesso em: 3 mar. 2026.

_____. [Morro da Caixa D'Água Velha]. 2025. 1 fotografia. *In.* ASSUNÇÃO, Adriana.; DAIANE, Emannel. Museu do Morro da Caixa D'Água Velha é reaberto para visitação. **Prefeitura Municipal de Cuiabá**, Cuiabá, 2025. Disponível em: <https://cuiaba.mt.gov.br/noticias/museu-do-morro-da-caixa-dagua-velha-e-reaberto-para-visitacao>. Acesso em: 3 mar. 2026.

_____. [Parte interna do Morro da Caixa D'Água Velha]. 2025. 1 fotografia. *In.* ASSUNÇÃO, Adriana.; DAIANE, Emannel. Museu do Morro da Caixa D'Água Velha é reaberto para visitação. **Prefeitura Municipal de Cuiabá**, Cuiabá, 2025. Disponível em: <https://cuiaba.mt.gov.br/noticias/museu-do-morro-da-caixa-dagua-velha-e-reaberto-para-visitacao>. Acesso em: 3 mar. 2026.

BAIXADAS Cuiabana News. [Cartão-postal da praia do Rio Cuiabá em Santo Antônio de Leverger]. [19--]. 1 fotografia. *In.* Era uma vez Vereda: praia que foi vedete de MT sofre com excesso de dragas e poluição. **Baixasdas Cuiabana News**, Cuiabá, 29 jun. 2020. Disponível em: <https://www.baixadacuiabananeews.com.br/Ler/5887/era-uma-vez-vereda-praia-que-foi-vedete-de-mt-sofre-com-excesso-de-dragas-e-poluicao>. Acesso em: 5 abr. 2026.

BRASIL. Decreto-Lei nº 1.915, de 27 de dezembro de 1939. Cria o Departamento de Imprensa e Propaganda e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Seção 1, Rio de Janeiro - RJ, 29 dez. 1939. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-1915-27-dezembro-1939-411881-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 3 maio 2026.

_____. **Lei Federal nº 11.771 de 17 de setembro de 2008**. Dispõe sobre a Política Nacional de Turismo, Brasília: Casa Civil, 2008. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11771.htm. Acesso em: 5 abr. 2025.

_____. Ministério do Turismo. **Turismo de Negócios & Eventos**: orientações básicas. 2.ed. Brasília: Ministério do Turismo, 2010. Disponível em: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/segmentacao-do-turismo/turismo-de-negocios-e-eventos-orientacoes-basicas.pdf>. Acesso em: 17 dez. 2025.

_____. Ministério do Turismo. **Portaria nº 100, de 16 de junho de 2011**, Brasília, 2011. Disponível em: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/portarias-arquivos/portaria-2011/PORTARIA-N-100c-DE-16-DE-JUNHO-DE-2011>. Acesso em: 5 maio 2025.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: apresentação dos temas transversais. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BUCAIR, Ramis. [Museu de Pedras Ramis Bucair]. [s.d.]. 1 fotografia. *In.* FUJIMORI, Bianca. Família vê descaso e diz que vai manter Museu de Pedras fechado. **Mídia News**, Cuiabá, 24 abr. 2018. Disponível em: <https://www.midianews.com.br/cotidiano/familia-ve-descaso-e-diz-que-vai-manter-museu-de-pedras-fechado/323087>. Acesso em: 4 maio 2026.

CASTOR, Ricardo Silveira. **Arquitetura moderna em Mato Grosso**: diálogos, contrastes e conflitos. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2013. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-05072013-163556/pt-br.php>. Acesso em: 5 mar. 2025.

CIRCUITOMATOGROSSO. [Salgadeira]. 2017. 1 fotografia. *In*. Obras inacabadas da Salgadeira recebem visita do banco financiador. **CIRCUITOMATOGROSSO**, Cuiabá, 23 nov. 2017. Disponível em: <https://circuitomt.com.br/obras-inacabadas-da-salgadeira-recebem-visita-do-banco-financiador/>. Acesso em: 5 abr. 2026.

CONSTITUI acontecimento dos mais notáveis e significativos dos últimos tempo o grande banquete com que a sociedade da Capital homenageou os Exmos. Srs. Interventor Júlio Müller e Dr. João Ponce de Arruda, na passagem do 3º aniversário da administração estadual. **Jornal O Estado de Mato Grosso**, Cuiabá, ano 2, n. 315, p. 3, 6 out. 1940. Disponível em: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/098086/per098086_1940_00315.pdf. Acesso em: 15 dez. 2025.

CUIABÁ recebeu ontem a visita do primeiro tri-motor da Condor, em viagem de experiência. **Jornal O Estado de Mato Grosso**, Cuiabá, ano 1, n. 1, p. 10, 27 ago. 1939. Disponível em: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/098086/per098086_1939_00001.pdf. Acesso em: 20 jan. 2026.

CUIABÁ. Prefeitura Municipal. Instituto de Planejamento e Desenvolvimento Urbano – IPDU. Diretoria de Pesquisa e Informação - DPI – **Perfil Socioeconômico de Cuiabá**. v. III. Cuiabá: Central de Texto, 2007. Disponível em: https://www.cuiaba.mt.gov.br/upload/arquivo/perfil_socioeconomico_de_cuiaba_Vol_III.pdf. Acesso em: 20 abr. 2026.

_____. Prefeitura Municipal. Instituto de Planejamento e Desenvolvimento Urbano – IPDU. Diretoria de Pesquisa e Informação - DPI – **Perfil Socioeconômico de Cuiabá**. v. IV. Cuiabá: Central de Texto, 2009. Disponível em: https://www.cuiaba.mt.gov.br/upload/arquivo/perfil_socioeconomico_de_cuiaba_Vol_IV.pdf. Acesso em: 12 maio 2026.

DEPARTAMENTO DE IMPRENSA E PROPAGANDA (DIP). Atividades do departamento de imprensa e propaganda. **Cultura Política**: Revista Mensal de Estudos Brasileiros, Rio de Janeiro, n. 4, p. 151-185, dez. 1944. Disponível em: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/163538/per163538_1944_00047.pdf. Acesso em: 4 abr. 2026.

DESASTRESAEROSNEWS. [Avião da Panair do Brasil Lockheed Lodestar]. [19--]. 1 fotografia. *In*. MENDONÇA, José Ribeiro de. Primeiro avião da Panair do Brasil Lockheed Lodestar. **Desastresaereosnews.blogspot.com**, [S./], 2025. Disponível em: <https://desastresaereosnews.blogspot.com/2025/09/aconteceu-em-28-de-setembro-de-1942.html>. Acesso em: 07 abr. 2026.

DIB, André. [Pantanal mato-grossense e Rio Paraguai]. 2017. 1 fotografia. *In*. WENZEL, Fernanda.; HOFMEISTER, Naira.; PAPINI, Pedro. Pantanal não tem lavouras, mas veneno da soja chega pelos rios e ameaça bioma. **O Eco**, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <https://oeco.org.br/reportagens/pantanal-nao-tem-lavouras-mas-veneno-da-soja-chega-pelos-rios-e-ameaca-bioma/>. Acesso em: 5 abr. 2026.

DIAS, Célia Maria de Moraes. **Home away from home evolução, caracterização e**

perspectivas da hotelaria: um estudo compreensivo. Dissertação (Mestrado) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 1990.

ESTEVAM, Lucas. [Praça Moreira Cabral]. 2021. 1 fotografia. *In.* ESTEVAM, Lucas. Cuiabá: a cidade no centro geodésico da América do Sul. **Estevam pelo Mundo**, [S.l.], 23 mar. 2021. Disponível em: <https://estevampelomundo.com.br/aeroportos/cuiaba-a-cidade-no-centro-geodesico-da-america-do-sul/>. Acesso em: 4 abr. 2026.

Fala ao “O Estado de Mato Grosso” o Eng. Cassio Veiga de Sá, Chefe das obras da firma Coimbra Buêno & Cia. nesta Capital. **Jornal O Estado de Mato Grosso**, Cuiabá, ano 1, n. 1, p. 8, 27 ago. 1939. Disponível em: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/098086/per098086_1939_00001.pdf. Acesso em: 20 dez. 2025.

FREITAS, Moaçir de. [Primeiro terminal rodoviário de Cuiabá]. [entre 1960 e 1970]. 1 fotografia. *In.* TERMINAL RODOVIÁRIO DE CUIABÁ - ENGº CÂSSIO VEIGA DE SÁ. **Governo de Mato Grosso**, Cuiabá, mar. 2023. Disponível em: <https://www.sinfra.mt.gov.br/terminal-rodoviario-de-cuiaba>. Acesso em: 20 fev. 2026.

FUNCK, Carlos Henrique Monschau. **A representatividade discursiva do Cine-Teatro Cuiabá**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/6452?locale=en>. Acesso em: 10 mar. 2026.

FUNDADO o Rotary Clube de Cuiabá. **Jornal O Estado de Mato Grosso**, Cuiabá, ano 2, n. 522, p. 4, 9 jul. 1941. Disponível em: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/098086/per098086_1941_00522.pdf. Acesso em: 3 maio 2026.

GONZAGA, Alexandre Carvalho. Maior que Portugal: mapa mostra imensidão do Pantanal em MS e desafios de logística no bioma. **Estado do Mato Grosso do Sul**, 2024. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ms.gov.br/maior-que-portugal-mapa-mostra-imensidao-do-pantanal-em-ms-e-desafios-de-logistica-no-bioma/>. Acesso em: 5 abr. 2026.

GRANDE Hotel de Mato Grosso. **Jornal O Estado de Mato Grosso**, Cuiabá, ano 2, n. 491, p. 1, 7 jun. 1941. Disponível em: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/098086/per098086_1941_00499.pdf. Acesso em: 16 dez. 2025.

GOOGLE. Mapa de trajeto de Cuiabá para Campo Grande de automóvel. **Google Maps**, Mountain View, 2026. Disponível em: https://www.google.com/search?q=trajeto+entre+Campo+Grande+e+Cuiab%C3%A1&rlz=1C1GCEA_en&oq=trajeto+entre+Campo+Grande+e+Cuiab%C3%A1&gs_lcrp=EgZjaHJvbWUyBggAEEUYOTIHCAEQIRigATIHCAIQIRigAdIBCTk2NzdqMGoxNagCCLACAFefg38DrDbNnk0&sourceid=chrome&ie=UTF-8. Acesso em: 28 mar. 2026.

GUIMARÃES, Gilberto de Araújo. **Hospitalidade:** avaliação das características e motivações que determinam a capacidade de ser hospitaleiro. 2019. Tese (Doutorado em Hospitalidade) – Programa de Pós-Graduação em Hospitalidade, Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, 2019.

HOTEL ESPLANADA. **Jornal O Estado de Mato Grosso**, Cuiabá, ano 1, n. 187, p. 5, 21 abr. 1940. Disponível em: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/098086/per098086_1940_00187.pdf. Acesso em: 17 jan. 2026.

HOTEL Mato Grosso Águas Quentes. [Balneário de águas quentes]. [20--]. 1 fotografia. In. **Hotel Mato Grosso Águas Quentes**, Cuiabá, [20--]. Disponível em: <https://hotelmt.com.br/hotel-mato-grosso-aguas-quentes/>. Acesso em: 5 abr. 2026.

INICIADA ontem a linha regular de tri-motores, do Rio a esta capital. **Jornal O Estado de Mato Grosso**, Cuiabá, ano 2, n. 321, p. 4, 14 out. 1940. Disponível em: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/098086/per098086_1940_00321.pdf. Acesso em: 17 jan. 2026g

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Grande Hotel de Cuiabá: Cine Teatro Cuiabá. [19--]. 1 fotografia. In. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**, Rio de Janeiro, 2025. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=441463>. Acesso em: 15 maio 2025.

_____. **Anuário Estatístico do Brasil**, Rio de Janeiro, 2026. Disponível em: https://seculoxx.ibge.gov.br/images/seculoxx/arquivos_download/populacao/1936/populacao1936aeb_24.pdf. Acesso em: 2 maio 2026.

JESUS, Ivanete Maria de. **Estudo toponímico dos nomes de bairros e ruas do Centro Histórico de Cuiabá 1701-2022**. Tese (Doutorado em Linguagem) – Programa de Pós-graduação e Estudos de Linguagem, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2023. Disponível em: <https://ri.ufmt.br/handle/1/5474>. Acesso em: 10 fev. 2026.

MATO GROSSO (Estado). **Grande Hotel**, 2006. Dossiê de tombamento. Cuiabá, 53 fls. Arquivo avulso. Secretaria de Estado de Cultura, Esporte e Lazer de Mato Grosso (SECEL), Cuiabá, 2025.

_____. **Lei nº 9.107, de 31 de março de 2009**. Dispõe sobre a proteção do Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural do Estado de Mato Grosso e dá outras providências, Cuiabá, 2009. Disponível em: <https://leis.org/estaduais/mt/mato-grosso/lei/lei-ordinaria/2009/9107/lei-ordinaria-n-9107-2009-dispoe-sobre-a-protecao-do-patrimonio-historico-artistico-e-cultural-do-estado-de-mato-grosso-e-da-outras-providencias>. Acesso em 23 out. 2025.

_____. [Museu Rondon]. [20--]. 1 fotografia. In. MATO GROSSO (Estado). **Museu Rondon**, Cuiabá, [20--]. Disponível em: <https://mapas.mt.gov.br/espaco/20/#info>. Acesso em: 4 maio 2026.

_____. [Acervo do Museu Rondon]. [20--]. 1 fotografia. In. MATO GROSSO (Estado). **Museu Rondon**, Cuiabá, [20--]. Disponível em: <https://mapas.mt.gov.br/espaco/20/#info>. Acesso em: 4 maio 2026.

_____. **Relatório apresentado ao Sr. Dr. Getúlio Vargas pelo Bel. Strübing Müller, no período de 1941-1942**. Cuiabá, [entre 1941-1942]. Nº 73, estante 4. Arquivo Público do Estado de Mato Grosso (APMT), 2026.

_____. **Relatório apresentado ao Sr. Dr. Getúlio Vargas pelo Bel. Strübing Müller, no período de 1939-1940**. Cuiabá, [entre 1939-1940]. Nº 72, estante 4. Arquivo Público do Estado de Mato Grosso (APMT), 2026.

MATTO Grosso: na senda do progresso. **Jornal Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, ano. 64, n. 358, p. 1, 28 fev. 1939. Disponível em: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/103730/per103730_1939_00358.pdf. Acesso em: 7 jan. 2026.

MENEGUINI. [Terminal Rodoviário de Cuiabá Engenheiro Cássio Veiga de Sá. [19--

]. 1 fotografia. *In*. TERMINAL RODOVIÁRIO DE CUIABÁ - ENGº CÁSSIO VEIGA DE SÁ. **Governo de Mato Grosso**, Cuiabá, mar. 2023. Disponível em: <https://www.sinfra.mt.gov.br/terminal-rodoviario-de-cuiaba>. Acesso em: 20 fev. 2026.

MIGUÉIS, Empresa de Transporte Fluvial Miguéis. **Jornal O Estado de Mato Grosso**, Cuiabá, ano 1, n. 182, p. 3, 16 abr. 1940. Disponível em: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/098086/per098086_1940_00182.pdf. Acesso em: 05 maio 2026.

MIRANDA, Felipe. [Bando da Amazônia]. 2019. 1 fotografia. *In*. Banco da Amazônia lança campanha para liquidação de dívidas. **OLivre**, Cuiabá, 19 jun. 2019. Disponível em: <https://olive.com.br/banco-da-amazonia-lanca-campanha-para-liquidacao-de-dividas/>. Acesso em: 15 jul. 2026.

NO Novo Hotel de Cuiabá realiza-se hoje, às 19 horas, o grande banquete com que as altas esferas sociais da Capital homenageiam os Exmos. Srs. Interventor Federal e Secretário Geral do Estado. **Jornal O Estado de Mato Grosso**. Cuiabá, ano 2, n. 314, p. 1, 4 out. 1940. Disponível em: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/098086/per098086_1940_00314.pdf. Acesso em: 15 dez. 2025.

NOBRE, Yolanda de Araújo. A aviação civil brasileira no período de 1930 - 1940. **Cultura Política**: Revista Mensal de Estudos Brasileiros. Rio de Janeiro, n. 2, p. 91-101, abr. 1941. Disponível em: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/163538/per163538_1941_00002.pdf. Acesso em: 11 maio 2026.

O futuro do Brasil e a Marcha para Oeste: as realizações dos estados de Goyas e Matto Grosso. **Jornal Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, ano 64, n. 214, p. 01 e 12, 10 set. 1938. Disponível em: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/103730/per103730_1938_00214.pdf. Acesso em: 7 jan. 2026.

O “Grande Hotel de Mato Grosso” — esplêndida realização devida ao fecundo governo de Júlio Müller. **Jornal O Estado de Mato Grosso**. Cuiabá, ano 2, n. 501, p. 4. 10 jun. 1941. Disponível em: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/098086/per098086_1941_00501.pdf. Acesso em: 18 dez. 2025.

OLIVEIRA, Rennan. [Modelo de ônibus de 2026]. 2026. 1 fotografia. *In*. LALIO, Ulisses. Com câmeras, reconhecimento facial e ar-condicionado, novos ônibus começam a circular na capital. **Prefeitura Municipal de Cuiabá**, Cuiabá, 6 fev. 2026. Disponível em: <https://www.cuiaba.mt.gov.br/noticias/com-cameras-reconhecimento-facial-e-ar-condicionado-novos-onibus-comecam-a-circular-na-capital>. Acesso em: 10 jan. 2026.

_____. [Estação Alencastro]. 2026. 1 fotografia. *In*. LALIO, Ulisses. Com câmeras, reconhecimento facial e ar-condicionado, novos ônibus começam a circular na capital. **Prefeitura Municipal de Cuiabá**, Cuiabá, 6 fev. 2026. Disponível em: <https://www.cuiaba.mt.gov.br/noticias/com-cameras-reconhecimento-facial-e-ar-condicionado-novos-onibus-comecam-a-circular-na-capital>. Acesso em: 10 jan. 2026.

PASSAGEIRO de primeira. [Avião DC-3]. [19--]. 1 fotografia. *In*. LAUX, Paulo. O DC-3 foi o primeiro avião americano da empresa. **Passageiro de primeira**, [S./l.], 2019. Disponível em: <https://passageirodeprimeira.com/tbt-cruzeiro-do-sul-ou-simplesmente-cruzeiro/>. Acesso em: 7 abr. 2026.

QUE nomes dar-se ao Hotel e Cinema de Cuiabá? **Jornal O Estado de Mato Grosso**, Cuiabá, ano 2, n. 296, p. 4, 12 set. 1940. Disponível em: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/098086/per098086_1940_00296.pdf. Acesso em:

15 fev. 2026.

QUE nomes dar-se ao Hotel e Cinema de Cuiabá? **Jornal O Estado de Mato Grosso**, Cuiabá, ano 2, n. 305, p. 3, 24 set. 1940. Disponível em: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/098086/per098086_1940_00305.pdf. Acesso em: 15 fev. 2026.

RAYE, Roberta Leal. **Relacionamento interorganizacional dos agentes de turismo de negócios de Cuiabá – MT**. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Turismo e Hotelaria) – Programa de Pós-graduação em Turismo e Hotelaria, Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI), Balneário Camboriú, 2012.

REIS, Rai. [Avenida Historiador Rubens de Mendonça]. 2014. 1 fotografia. *In*. ARAÚJO, Thalita. Cuiabá: 295 anos de muitas mudanças ao lado de centenárias obras que homenageiam o passado. **Olhar Conceito**, Cuiabá, 8 abr. 2014. Disponível em: <https://www.olhardireto.com.br/conceito/noticias/cuiaba-295-anos-de-muitas-mudancas-ao-lado-de-centenarias-obras-que-homenageiam-o-passado>. Acesso em: 29 mar. 2026.

ROJANE, Marta. Cuiabá entra no ranking de destinos mais promissores do Brasil. **Jornal Circuito Mato Grosso**, Cuiabá, 22 fev. 2026. Disponível em: <https://www.fatosdematogrosso.com.br/cidades/cuiaba-entra-no-ranking-de-destinos-mais-promissores-do-brasil/10629>. Acesso em: 15 jul. 2026.

SÁ, Cássio Veiga de. **Memórias de um cuiabano honorário 1939-1945**. São Paulo: Editora Resenha Tributária, 1980.

Saúde pública em Mato Grosso. **Jornal O Estado de Mato Grosso**. Cuiabá, ano 1, n. 1, p. 10, 27 ago. 1939. Disponível em: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/098086/per098086_1939_00001.pdf. Acesso em: 20 jan. 2026.

SINDICATO Condor Ltda. **Jornal O Estado de Mato Grosso**. Cuiabá, ano 1, n. 15, p. 2, 19 set. 1939. Disponível em: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/098086/per098086_1939_00015.pdf. Acesso em: 5 maio 2026.

STANO, Monique. Ppaisagem natural da Chapada dos Guimarães]. 2018. 1 fotografia. *In*. PARQUE Nacional da Chapada dos Guimarães. **Trilhando Montanhas**, [S./], 28 jan. 2018. Disponível em: <https://trilhandomontanhas.com/parque-nacional-da-chapada-dos-guimaraes/>. Acesso em: 5 abr. 2026.

TripAdvisor. [Antigo prédio da Casa do Artesão]. [20--]. 1 fotografia. *In*. SESC Casa do Artesão – Cuiabá. **TripAdvisor**, Needham, [20--]. Disponível em: https://www.tripadvisor.com.br/Attraction_Review-g488170-d2414503-Reviews-Sesc_Casa_do_Artesao-Cuiaba_State_of_Mato_Grosso.html. Acesso em: 5 abr. 2026.

UMA história contada pelas enchentes de Cuiabá. **Jornal Circuito Mato Grosso**, Cuiabá, 2018. Disponível em: <https://circuitomt.com.br/uma-historia-contada-pelas-enchentes-de-cuiaba/>. Acesso em: 08 abr. 2026.

VIAGENS e caminhos. [Praça Dr. Alberto Nobis no Centro Histórico de Cuiabá]. 2025. 1 fotografia. *In*. O que fazer em Cuiabá MT: 25 pontos turísticos. **Viagens e caminhos**, [S./], 2025. Disponível em <https://www.viagensecaminhos.com/cuiaba-mt/>. Acesso em: 5 abr. 2026.

Fontes Secundárias

ABREU, Maurício de Almeida. Sobre a memória das cidades. **Revista Território**, ano. III, n. 4, p. 5-26, 1998. Disponível em: <https://mauricioabreu.com.br/files/artigos/Sobre%20a%20memoria%20das%20cidad es.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2026.

ABREU, Vladimir Amâncio de. **A máquina da hospitalidade**. In: DENCKER, Ada de Freitas Maneti.; BUENO, Marielys Siqueira (orgs.). Hospitalidade: cenários e oportunidades. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

ALENCASTRO, Aníbal. **Anos dourados dos nossos cinemas**: antigas salas de projeções de Mato Grosso. Cuiabá: Secretaria de Estado de Cultura (MT), 1996.

BARRETO, Margarita. **Manual de Iniciação ao estudo do turismo**. Campinas: Papirus, 1995.

BELTRÃO, Otto di. **Turismo**: a indústria do século XXI. Osasco: Editora Novo Século, 2001.

BENI, Mário Carlos. **Análise estrutural do turismo**. 3.ed. rev. e ampl. São Paulo: Ed. SENAC, 2000.

BRANDÃO, Jesus da Silva. **Cuiabá**: desenvolvimento urbano e socio econômico – 1.845 – 1945. Cuiabá: Editora Livro Matogrossense, 1991.

BURKART, Arthur John.; MEDLIK, Slavoj. **Tourism**: Past, Present and Future. Londres, Heinemann, 1981.

CALDAS, Pedro Spinola Pereira. **A necessidade do método na pesquisa histórica**, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <https://canal.cecierj.edu.br/012016/d52c9e6523788d91b65aac212a122404.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2025.

CAMARGO, Leitão Haroldo. Fundamentos multidisciplinares do turismo: história. In: TRIGO, Luís Gonzaga. Godoi (org.). **Turismo**: como aprender, como ensinar – volume 1. 2ª ed. São Paulo: Senac, 2001.

CAMARGO, Luís Octávio de Lima. **Hospitalidade**. São Paulo: Aleph, 2004

CASTELLI, Geraldo. **Administração Hoteleira**. 4. ed. Caxias do Sul: Educ, 1992.

_____. **Hospitalidade**: a inovação na gestão das organizações prestadoras de serviços. São Paulo: Saraiva, 2010.

CERTEAU, Michel Jean Emmanuel de La Barge de. **A Escrita da História**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense, 2011.

CHOAY, Françoise. **A Alegoria do Patrimônio**. Tradução de Luciano Vieira Machado. 3. ed. São Paulo: Estação Liberdade: UNESP, 2006.

CIGOLINI, Adilar Antônio. Ocupação do território e criação de municípios no Período Republicano Brasileiro. **Revista Bibliográfica de Geografia y Ciencias Sociales**. Barcelona, v. XIX, n. 1101, [n.p.], 2014. Disponível em: <https://www.ub.edu/geocrit/b3w-1101.htm>. Acesso em: 27 mar. 2026.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DO COMÉRCIO - CNC. **Breve história do turismo e da hotelaria**. SENAC, 2005. Disponível em:

<https://docente.ifrn.edu.br/anavelasque/disciplinas/breve-historico-do-turismo-e-da-hotelaria-cnc>. Acesso em: 16 jun. 2025.

CONTE, Claudio Quoos.; FREIRE, Marcus Vinícius De Lamonica Freire. **Centro Histórico de Cuiabá: patrimônio do Brasil**. Cuiabá: Entrelinhas, 2005.

_____. Avenida Getúlio Vargas. In. SIQUEIRA, Elizabeth Madureira (org.). **Cuiabá: de vila a metrópole nascente**. Cuiabá: Entrelinhas, 2006. p. 104-113.

COOPER, Chris; FLETCHER, Jonh; GILBERT, David; SHEPPERD, Rebecca. **Turismo: princípios e práticas**. Tradução de Roberto Cataldo Costa. 2. ed. Porto Alegre: Editora Bookman, 2001.

COSTA, Alessandra de Sá Mello da Costa.; SILVA, Marcelo Almeida de Carvalho Silva. A pesquisa histórica em administração: uma proposta para práticas de pesquisa. **Revista de Administração: Ensino e Pesquisa**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 90-121, 2019. Disponível em: <https://raep.emnuvens.com.br/raep/article/view/1104>. Acesso em: 15 maio 2025.

GOELDNER, Charles R.; RITCHIE, John, Raymond Brendt. **Tourism: principles, practices, and philosophies**. 11. ed. John Wiley & Sons, Twelfth Editions, 2006.

CORRÊA, Afrânio. **Os automóveis de Cuiabá – década de 20 e 30: histórias contadas com a leveza da crônica**. Rio de Janeiro: Litteris Editora Ltda, 1999.

DAVIDSON, Rob. **Business travel**. London: Pitman, 1994.

DORILÊO, Benedito Pedro. **Egéria Cuiabana**. São Paulo: Editora Verner Bicego, 1981.

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS (FGV). **O Brasil em outubro de 1930**, Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: <https://atlas.fgv.br/marcos/revolucao-de-1930/mapas/o-brasil-em-outubro-de-1930>. Acesso em: 12 out. 2025.

FREITAS, Maria Auxiliadora de. **Cuiabá: imagens da cidade: dos primeiros registros à década de 1960**. Cuiabá: Entrelinhas, 2011.

GASTAL, Susana. **Turismo, Imagens e Imaginários**. São Paulo: Editora Aleph, 2005.

GODBOUT, Jacques T. Recevoir, c'est Donner. In: **Communications**, 65, L'hospitalité. Paris: Seuil, 1997.

GOOGLE. **Google Tradutor**. 2026. Disponível em: https://www.google.com/search?q=google+tradutor&rlz=1C1GCEA_en&oq=google+tradutor&gs_lcrp=EgZjaHJvbWUyDwgAEEUYORiDARixAxiABDIGCAEQABgDMgoIAhAAGLEDGIAEMg0IAxAAGIMBGLEDGIAEMgcIBBAAGIAEMgcIBRAAGIAEMgcIBhAAGIAEMgYIBxAFGEDSAQg1MjY5ajBqN6gCCLACAFEFuziGzQA_OGw&sourceid=chrome&ie=UTF-8. Acesso em: 11 abr. 2026.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Cuiabá (MT); Hotéis; Mato Grosso; Ruas**. Rio de Janeiro, [20--]. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=441464&view=detalhes>. Acesso em: 19 mar. 2026.

JUCÁ, Pedro Rocha. **Júlio Müller, um grande estadista**. Cuiabá: Editora Memórias Cuiabanas, 1998.

LACERDA, Carlos Cesar de Oliveira.; Ipiranga, Ana Silvia Rocha. "Escrevendo a

História” com Michel de Certeau: possíveis contribuições metodológicas para os estudos Organizacionais. *In*. ENCONTRO DA ANPAD, 46., 2022, on-line. **Anais eletrônicos** [...]. Maringá: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração, 2022. Disponível em: <https://anpad.com.br/uploads/articles/120/approved/dd5bfdeb57f7c75d400de61e99d78e2e.pdf>. Acesso em: 15 maio 2025.

LACERDA, Leila Borges de. **Patrimônio cultural de Cuiabá**: preservação e história. Cuiabá, Aguapé, 2004.

_____. **Catedral do Senhor Bom Jesus de Cuiabá**: um olhar sobre a demolição. Cuiabá: KCM Editora, 2005.

_____. **Patrimônio histórico-cultural** de Mato Grosso. Cuiabá, Entrelinhas, 2008.

LACERDA, Leila Borges de.; JESUS, Nauk Maria de. **Igreja de Nossa senhora do Rosário e Capela de São Benedito**: um diálogo entre a história e a arquitetura. Cuiabá, Entrelinhas, 2008.

LASHLEY, Conrad. Hospitalidade e hospitalidade. **Revista Hospitalidade**, São Paulo, v. 12, n. especial, p. 70-92, 2015.

LASHLEY, Conrad; MORRISON, Alison (orgs.). **Em busca da hospitalidade**: perspectivas para um mundo globalizado. Tradução de Carlos David Szlak. Barueri, SP: Manole, 2004.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução de Bernardo Leitão e equipe (*et al.*). Campinas: Unicamp, 1992.

LENHARO, Alcir. **Crise e mudança na frente oeste de colonização**: o comércio colonial de Mato Grosso no contexto da mineração. Cuiabá: UFMT, 1982.

LOPES, Vitória. Confira 30 curiosidades sobre prédios e casarões históricos de Cuiabá. **Olhar Direto**, Cuiabá, maio 2018. Disponível em: <https://www.olhardireto.com.br/conceito/noticias/confira-30-curiosidades-sobre-predios-e-casaro-es-historicos-de-cuiaba>. Acesso em: 20 fev. 2026.

LOPIS, Erivania Azevedo. Patrimônio histórico cultural: preservar ou transformar? uma questão conflituosa. **Revista Mosaico**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 12, p. 9-23, 2017. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/mosaico/article/view/65461/66858>. Acesso em: 16 dez. 2025.

MARCONI, Maria de Andrade.; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. Atualização da Edição João Bosco Medeiros. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2022.

MARTINS, Gilberto de Andrade. **Manual para Elaboração de Monografias e Dissertações**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

MATHIESON, Alister; WALL, Geoffrey. **Tourism**: Economic, Physical and Social Impacts. London: Longman, 1982.

MATO GROSSO. Secretaria de Estado de Cultura, Esporte e Lazer (SECEL). **Grande Hotel da Criatividade**, Cuiabá, [20--]. Disponível em: <https://www.secel.mt.gov.br/grande-hotel-da-criatividade>. Acesso em: 16 maio 2026.

MENDONÇA, Rubens de. **Ruas de Cuiabá**. Cuiabá: Edição do Autor, 1969.

_____. **Roteiro Histórico & Sentimental da Vila Real do Bom Jesus de Cuiabá**. 3. Ed. Cuiabá, Edições Igreja, 1975. *PDF*. Disponível em: <https://www.rubensdemendonca.com.br/obras-digitalizadas>. Acesso em: 5 maio 2026.

_____. **Igrejas & Sobrados de Cuiabá**. 3. ed. rev. v. 3. Cuiabá: Prefeitura Municipal de Cuiabá, Secretaria Municipal de Educação e Cultura, Departamento de Cultura e Turismo, 1978. *PDF*. Disponível em: <https://www.rubensdemendonca.com.br/obras-digitalizadas>. Acesso em: 9 maio 2026.

_____. **Nos Bastidores da História Mato-Grossense**. Cuiabá: EdUFMT, 1983. *PDF*. Disponível em: <https://www.rubensdemendonca.com.br/obras-digitalizadas>. Acesso em: 5 maio 2026.

MÜLLER, Maria de Arruda.; RODRIGUES, Dunga. **Cuiabá ao longo de 100 anos**. Cuiabá: FIEMT, 1994.

Museu de Pedras Ramis Bucair. **Museus de Geociências Brasileiros**, Cuiabá, [20--]. Disponível em: <https://www.museusdegeocienciasbrasil.org/centro-oeste/mato-grosso/museu-de-pedras-ramis-bucair>. Acesso em: 5 abr. 2026.

NOSSA Senhora do Rosário e São Benedito. **Arquidiocese de Cuiabá**, Cuiabá, 2026. Disponível em: <https://arquidiocesecuiaba.org.br/parouquia/nossa-senhora-do-rosario-e-sao-benedito/>. Acesso em: 4 abr. 2026.

PÓVOAS, Lenine. Perspectivas demográficas e econômicas da “Grande Cuiabá”. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso (IHGMT)**, Cuiabá, t. CXVII – CXIII, p. 42-51, 1954.

_____. **Mato Grosso: um convite à fortuna**. Rio de Janeiro: Guavira, 1977.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE TURISMO (ONU Turismo). **Introdução ao Turismo**. Tradução de Dolores Martin Rodriguez Córner. São Paulo: Roca, 2001.

_____. **Glossário de termos turísticos**, Madri, 2026. Disponível em: <https://www.untourism.int/glossary-tourism-terms>. Acesso em: 07 maio 2026.

PANOSSO NETTO, Alexandre. **Filosofia do Turismo: teoria e epistemologia**. São Paulo: ALEPH, 2005.

PAOLI, Maria Célia. **O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania**. São Paulo: DPH, 1992.

PEREIRA, Maria Fontes do Amaral. Origens, evolução e tendências do setor hoteleiro de Balneário Camboriú/SC. **Revista Turismo Visão e Ação**, Balneário Camboriú, v. 17, n. 2, p. 508-537, ago. 2015. Disponível em: <https://periodicos.univali.br/index.php/rtva/article/view/7961>. Acesso em: 3 mar. 2025.

PIRES, Mário Jorge. **Raízes do Turismo no Brasil**. 2. ed. Barueri: Manole, 2002.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n.10, p. 200-212, 1992. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/1941/1080>. Acesso em: 21 mar. 2026.

REJOWSKI, Mirian. **Turismo e pesquisa científica**. 4. Ed. Campinas: Papirus Editora, 1996.

RIGOLDI Aracelis Gois Morales.; PÔRTO JUNIOR, Francisco Gilson Rebouças.;

SPERS, Valéria Rueda Elias.; VIEIRA, Marli Terezinha. Políticas públicas de turismo no Brasil: análise dos pleitos direcionados ao desenvolvimento do turismo no Estado de São Paulo. *In*. SEMINÁRIO DA ANPTUR, 19, 2023, on-line. **Anais eletrônicos** [...]. São Paulo: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo, 2019. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/374564065>. Acesso em: 25 jul. 2025.

RODRIGUES, Giseli Giovanella.; MACHADO, Neli Teresinha Galarce. **Revista Destaques Acadêmicos**, Lageado, ano 2, n. 2, p. 23-26, 2010. Disponível em: <https://www.univates.br/media/editora/revistas/destaquesacademicos/ano2n2/Artigo3.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2026.

RODRIGUES, Marly. Preservar e consumir: o patrimônio histórico e o turismo. *In*: FUNARI, Pedro Paulo.; PINSKY, Jaime (org.). **Turismo e patrimônio cultural**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2003. p. 23.

ROMANCINI, Sâmia Regina.; CORRÊA, João Marcos de Campos Barros.; FIGUEIREDO, Franciellen de Almeida. A noite cuiabana. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso**, Cuiabá, n. 81, p. 197-208, 2019. Disponível em: <https://revistaihgmt.com.br/index.php/revistaihgmt/issue/view/6/15>. Acesso em: 3 mar. 2026.

RONDON, Lucídio Nunes. **Recursos Econômicos de Mato Grosso**. Cuiabá: Gráfica Urupês, 1972.

RÜSEN, Jörn. **Reconstrução do passado**: teoria da história II: os princípios da pesquisa histórica. Tradução de Asta-Rose Alcaide. Brasília: Editora da UnB, 2007.

SANTUÁRIO Eucarístico Nossa Senhora do Bom Despacho. **Arquidiocese de Cuiabá**, Cuiabá, 2026. Disponível em: <https://arquidiocesecuiaba.org.br/parouquia/santuario-eucaristico-nossa-senhora-do-bom-despacho/>. Acesso em: 4 abr. 2026.

SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. Morro do Seminário. *In*. SIQUEIRA, Elizabeth Madureira (org.). **Cuiabá: de vila a metrópole nascente**. Cuiabá: Entrelinhas, 2006.

SOUSA, Aline Correia de. O processo histórico da atividade turística mundial e nacional. **Cadernos da Fucamp**, Monte Carmelo, v. 14, n. 21, p. 30-41, 2015. Disponível em: <http://fucamp.edu.br/editora/index.php/cadernos/article/view/532/>. Acesso em: 24 maio 2025.

SOUSA, Francisco das Chagas de Loiola. Diálogos com Michel de Certeau sobre pesquisa nas ciências humanas. **Revista Crítica Histórica**, Alagoas, v. 2, n. 3, p. 181-194. 2011. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/criticahistorica/article/view/2756>. Acesso em: 13 jun. 2025.

SWARBROOKE, John. **Turismo Sustentável**: turismo cultural, ecoturismo e ética. Tradução de Saulo Krieger. São Paulo: Aleph, 2000.

SWARBROOKE, John.; HONER, Susan. **O comportamento do consumidor no turismo**. Tradução de Saulo Krieger. São Paulo: Aleph, 2002.

VILHAGRA, Leonardo Teixeira de Freitas Ribeiro. A Escrita da História, o (s) sentido(s) e o esquecimento. **Revista Virtual Língua Nostra**, Vitória da Conquista, v. 5, n. 1, p. 112-127, 2017. Disponível em:

<https://periodicos2.uesb.br/Inostra/article/view/15679/9176>. Acesso em: 16 jun. 2025.

WADA, Elizabeth Kyoko. Turismo de negócios: viagens corporativas, eventos e incentivos. *In*. NETTO, Alexandre Panosso.; Ansarah, Marília Gomes dos Reis.

Segmentos do mercado turístico: estudos, produtos e perspectivas. São Paulo: Manole, 2009.

WALKER, John. **Introdução à hospitalidade**. Tradução de Élcio de Gusmão Verçosa Filho. 2. ed. Barueri: Manole, 2002.

ANEXOS – PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE O GRANDE HOTEL E O TURISMO CUIABANO NO CATÁLOGO DA CAPES (2024)

As produções científicas sobre o Grande Hotel e o turismo cuiabano junto ao Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES (2024), englobando todo o período e regiões que a base de consulta disponibiliza, encontram-se na seção Anexo desta tese contendo os termos de busca, seguidos dos trabalhos encontrados com o título do trabalho, autor(a)/ano, nível, Instituição Superior vinculada, Unidade da Federação e área do conhecimento.

Foram pesquisados os seguintes termos: **1. Turismo Cuiabá; 2. Turismo Mato Grosso; 3. Grande Hotel Cuiabá; 4. Grande Hotel Mato Grosso; 5. Hotelaria Cuiabá; 6. Hotelaria Mato Grosso; 7. Hospedagem Cuiabá e 8. Hospedagem Mato Grosso.**

Na procura pelos termos “**Turismo Cuiabá**”, a base de dados identificou 15 trabalhos, sendo 14 de mestrado e um de doutorado. São eles:

1 — PINHEIRO, Ana Carolina Borges. **STAKEHOLDERS E O DESTINO TURÍSTICO ESTUDO DE CASO DA CIDADE DE CUIABÁ (MT)**. 31/07/2011. 434 f. Mestrado em HOSPITALIDADE. Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI, São Paulo. Biblioteca depositária: Biblioteca Central. *Campus* Vila Olímpia. Trabalho anterior à Plataforma Sucupira. A pesquisa busca compreender a influência dos stakeholders em Cuiabá que influenciam e são influenciados pelo turismo. Principais assuntos abordados: Turismo; Hospitalidade; Destino turístico; Stakeholders; Cuiabá.

2 — MONLEVADE, Ana Paula Bistaffa de. **CONCEPÇÕES DA EDUCAÇÃO E POLÍTICA DOCENTE DOS PROFESSORES TURISMÓLOGOS DE CUIABÁ NO ESTADO DE MATO GROSSO**. 31/03/2011. 157 f. Mestrado em Educação. Instituição de Ensino: FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE, São Cristóvão. Biblioteca depositária: Biblioteca Central da Universidade Federal de Sergipe. Trabalho anterior à Plataforma Sucupira. Estudo sobre educação e política de formação de turismólogos em Cuiabá, sem conexão direta com esta pesquisa.

3 — SIQUEIRA, Maria Dalva de Souza. **O TURISMO E O LAZER SOBEM A SERRA:**

Um estudo de caso sobre a rodovia MT- 251- Cuiabá - Chapada dos Guimarães e sua área de abrangência. 31/10/2006. 211 f. Mestrado em GEOGRAFIA. Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO, Cuiabá. Biblioteca depositária: Biblioteca Central da Universidade Federal de Mato Grosso e Biblioteca Setorial do Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Trabalho anterior à Plataforma Sucupira. A pesquisa se debruça sobre o turismo e o lazer na rota turística da rodovia MT - 251 que liga Cuiabá à Chapada dos Guimarães. Principais assuntos abordados: Turismo; Chapada dos Guimarães (MT); Rodovia Emanuel Pinheiro (MT - 251); Ecoturismo.

4 — MARRETTO, Anselmo Roberto. **VULNERABILIDADES À PRÁTICA DO TURISMO NO MERCADO DO PORTO DE CUIABÁ - MATO GROSSO**. 21/04/2013. 150 f. Mestrado em GEOGRAFIA. Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO, Cuiabá. Biblioteca depositária: Biblioteca Central Universidade Federal de Mato Grosso e Biblioteca Setorial Instituto de Ciências Humanas e Sociais. A pesquisa busca levantar e analisar quais são as vulnerabilidades principais que refreiam o desenvolvimento do turismo no Mercado do Porto de Cuiabá (MT). Principais assuntos abordados: Cuiabá.; Mercado do Porto; Turismo; Cultura.

5 — FRIGERI, Ana Vittori. **ONDE FICA CUIABÁ?** cartografias do cotidiano no território espetacular. 06/03/2022. 136 f. Mestrado em ESTUDOS DE CULTURA CONTEMPORÂNEA. Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO, Cuiabá. Biblioteca depositária: Repositório Institucional da Universidade Federal de Mato Grosso. A pesquisa investiga as apropriações cotidianas em espaços coletivos cuiabanos em contraposição aos processos criados para a gênese de atrativos turísticos para a Copa do Mundo de 2014 e as comemorações do tricentenário de Cuiabá em 2019. Principais assuntos abordados: Cuiabá contemporânea; Cultura urbana; Espaços coletivos; Espetacularização.

6 — RAVACHE, Rosana Lia. **(RE)SIGNIFICAÇÃO DE ESPACIALIDADES POTENCIALMENTE TURÍSTICAS COM INCLUSÃO DAS COMUNIDADES RECEPTORAS BAIRRO DO PORTO DE CUIABÁ (MT)**. 31/08/2008. 61 f. Mestrado em GEOGRAFIA. Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO, Cuiabá. Biblioteca depositária: Biblioteca Geral da Universidade Federal

de Mato Grosso. Trabalho anterior à Plataforma Sucupira. A pesquisa analisou o Bairro do Porto em Cuiabá (MT), investigando a conexão entre a espacialidade e o potencial turístico do bairro. Principais assuntos abordados: Bairro do Porto Cuiabá (MT); História; Turismo Bairro do Porto Cuiabá (MT); Pontos turísticos Cuiabá (MT).

7 — RAYE, Roberta Leal. **RELACIONAMENTO INTERORGANIZACIONAL DOS AGENTES DE TURISMO DE NEGÓCIOS DE CUIABÁ - MT**. 30/11/2012. 151 f. Mestrado em TURISMO E HOTELARIA. Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ, Itajaí. Biblioteca depositária: Biblioteca da UNIVALI Balnário Camboriú. Trabalho anterior à Plataforma Sucupira. A pesquisa avalia os relacionamentos interorganizacionais dos agentes de turismo de negócios de Cuiabá. Principais assuntos abordados: Relacionamentos; Turismo de Negócios; Análise de redes.

8 — MELLO, Debora Moreira. **TURISMO E LUGAR DE ENRIQUECIMENTO CULTURAL**: Albergue da Juventude Pantanal em Cuiabá-MT. 25/03/2014. 120 f. Mestrado em GEOGRAFIA. Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO, Cuiabá. Biblioteca depositária: Biblioteca Central da Universidade Federal de Mato Grosso. A pesquisa analisa o Albergue da Juventude Pantanal em Cuiabá (MT) como lugar de turismo e possibilidade de enriquecimento cultural. Principais assuntos abordados: *Hostel* Pantanal; Turismo; Cultura; Mato Grosso; Alojamento.

9 — MONLEVADE, Angelo Henrique Ramos de. **TURISMO COMO VETOR DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL DA BAIXADA CUIABANA**. 30/04/2007. 120 f. Mestrado em GEOGRAFIA. Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO, Cuiabá. Biblioteca depositária: Biblioteca Geral da Universidade Federal de Mato Grosso. Biblioteca Setorial do Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Trabalho anterior à Plataforma Sucupira. O estudo analisa em que o turismo contribui para o combate a pobreza na região da Baixada Cuiabana. Principais assuntos abordados: Turismo; Baixada Cuiabana; Turismo e desenvolvimento; Turismo sustentável.

10 — RIZZI, Patrícia Elizabeth da Veiga. **GEOGRAFIA DOS FLUXOS TURÍSTICOS**:

uma análise regional a partir da interação da acessibilidade e dos fluxos turísticos atuais. estudo de caso: vale do jequitinhonha. 31/03/2004. 111 f. Mestrado em GEOGRAFIA. Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BELO HORIZONTE. Biblioteca depositária: Biblioteca do Instituto de Geociências e Biblioteca Universitária da Universidade Federal de Minas Gerais. Trabalho anterior à Plataforma Sucupira. O estudo se debruça sobre a questão da interação da acessibilidade e do turismo no Vale do Jequitinhonha sem conexão direta com esta pesquisa.

11 — REIS, Sebastiana Lindaura de Arruda. **COMUNIDADES RIBEIRINHAS E SUAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE AMBIENTE SOB IMPACTOS DE REPRESAS DAS BACIAS DO RIO PARANÁ E RIO CUIABÁ (MT)**. 31/07/2008. 290 f. Doutorado em ECOLOGIA DE AMBIENTES AQUÁTICOS CONTINENTAIS. Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ, Maringá. Biblioteca depositária: Biblioteca Central da Universidade Estadual de Maringá. Trabalho anterior à Plataforma Sucupira. A pesquisa estuda as comunidades ribeirinhas sob impactos de represas dos rios Paraná e Cuiabá não tendo conexão direta com esta pesquisa.

12 — TORRES, Anderson Pinheiro. **CASA DO ARTESÃO E O FOMENTO DA PRODUÇÃO ARTESANAL MATO-GROSSENSE: A criação e difusão de bens simbólicos para a construção de uma identidade regional (1975-2018)**. 08/08/2021. 161 f. Mestrado em HISTÓRIA. Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO, Cuiabá. Biblioteca depositária: Biblioteca Central. O estudo pretende analisar aspectos construtivos e difusores de bens culturais materiais e imateriais para forjar uma identidade mato-grossense, destacando a importância da Casa do Artesão para a consecução desta formação identitária. Principais assuntos abordados: Casa do Artesão; Cultura popular; Artesãos; Artesanato; Mercantilização.

13 — LAZZARETTI, Ildonei. **CONSEQUÊNCIAS ECONÔMICA E AMBIENTAIS SOBRE A PESCA EXTRATIVA EM FUNÇÃO DA DEMANDA POR ATIVIDADES TURÍSTICAS REGIONAIS: um estudo de caso no Município de Barão Melgaço no Pantanal de Mato Grosso**. 31/10/2004. 100 f. Mestrado Profissionalizante em ECONOMIA. Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, Brasília. Biblioteca depositária: Biblioteca Central da Universidade de Brasília. Trabalho

anterior à Plataforma Sucupira. Este trabalho analisa os impactos e os efeitos econômicos e ambientais que a pesca turística tem sobre a pesca profissional nas águas do pantanal de Mato Grosso no município de Barão de Melgaço. Principais assuntos abordados: Pesca; Turismo; Economia dos recursos naturais; Meio ambiente.

14 — ARAÚJO, Valdinéia Souza de. **DA PECUÁRIA AO TURISMO**: transformações no viver pantaneiro, no entorno da Transpantaneira, em Poconé-MT. 31/07/2005. 162 f. Mestrado em HISTÓRIA. Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO, Cuiabá Biblioteca depositária: Biblioteca Central, Acervo do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Mato Grosso e Biblioteca Rubens de Mendonça (UFMT). Trabalho anterior à Plataforma Sucupira. A pesquisa analisa as transformações do modo de vida do pantaneiro do entorno da Transpantaneira do município de Poconé (MT), enfatizando períodos culturais da pecuária ao turismo. Principais assuntos abordados: Rodovia transpantaneira; Poconé (MT); História; Ecoturismo; Pantanal mato-grossense; Transpantaneira; Pantanal (MT).

15 — Abdalla, Silvana Maria de Moraes. **TURISMO E CULTURA**: uma leitura do espaço urbano poconeano em suas singularidades. 30/06/2006. 100 f. Mestrado em GEOGRAFIA. Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO, Cuiabá Biblioteca depositária: Biblioteca Central da Universidade Federal de Mato Grosso e Biblioteca setorial do Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Trabalho anterior à Plataforma Sucupira. A pesquisa explora a imbricação entre a cultura e o turismo no espaço urbano de Poconé (MT). Principais assuntos abordados: Espaço urbano; Cultura; Turismo; Poconé (MT); Paisagem cultural.

Na procura pelos termos “**Turismo Mato Grosso**” a base de dados identificou 175 trabalhos acadêmicos no catálogo de Teses e Dissertações da plataforma da CAPES. Destes, 105 são dissertações de mestrado e 45 teses doutorais. Como esta é uma pesquisa doutoral, fez-se, neste caso, a análise das sete teses que versam sobre temas do Estado do Mato Grosso, não incluindo pesquisas sobre o Mato Grosso do Sul, a não ser que mantenham estrita relação com o tema. Seguem as teses encontradas:

1 — MELLO, Debora Moreira. **TURISMO E LUGAR DE ENRIQUECIMENTO CULTURAL:** Albergue da Juventude Pantanal em Cuiabá-MT. 25/03/2014. 120 f. Mestrado em GEOGRAFIA. Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO, Cuiabá. Biblioteca depositária: Biblioteca Central da Universidade Federal de Mato Grosso. A pesquisa analisa o Albergue da Juventude Pantanal em Cuiabá – MT como lugar de turismo e possibilidade de enriquecimento cultural. Principais assuntos abordados: *Hostel* Pantanal; Turismo; Cultura; Mato Grosso; Alojamento.

2 — GATTI, Flavio. **TURISMO INTERNACIONAL SOB O ENFOQUE DA POLÍTICA EXTERNA DE INTEGRAÇÃO REGIONAL:** potencialidades, perspectivas e experiências turísticas entre Mato Grosso e Bolívia. 31/05/2011. 238 f. Doutorado em GEOGRAFIA (GEOGRAFIA HUMANA). Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, São Paulo. Biblioteca depositária: Centro de Apoio à Pesquisa em História "Sérgio Buarque de Holanda"- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Trabalho anterior à Plataforma Sucupira. Este trabalho analisa a região de fronteira entre Mato Grosso e Bolívia, suas especificidades e suas vantagens para o turismo. Principais assuntos abordados: Bolívia; Geografia; Integração regional; Mato Grosso; Turismo.

3 — RIBEIRO, Magno Alves. **TURISMO NO PANTANAL MATO-GROSSENSE DE POCONÉ:** possibilidades e transitoriedades para ecossocioeconomia. 05/12/2023. 170 f. Doutorado em CIÊNCIAS AMBIENTAIS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO, Cáceres. Biblioteca depositária: Biblioteca Central O estudo analisa se as pousadas de Poconé sob o enfoque econômico, administrativo e empresarial, da sustentabilidade e do turismo sustentável. Principais assuntos abordados: Alternativas ao desenvolvimento. Ecoturismo; ODS; Sustentabilidade ambiental. Transições paradigmáticas; Turismo sustentável.

4 — BORGES, Luiz Carlos de Oliveira. **IMAGENS E MEMÓRIAS DA ALDEIA VELHA:** paraíso imaginário da Chapada dos Guimarães. 21/03/2019. 336 f. Doutorado em Desenvolvimento, Sociedade e Cooperação Internacional. Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, Brasília. Biblioteca depositária: Biblioteca Central Universidade de Brasília. Esta pesquisa analisa as migrações, a partir dos anos 1970,

com foco em construções imagéticas e memórias da Aldeia Velha e não possui conexão direta com esta pesquisa.

5 — MARTINS, Daniel Fernando Queiroz. **TURISMO E DESENVOLVIMENTO LOCAL NO PANTANAL DA TRANSPANTANEIRA**: realidade ou utopia? 28/03/2019. 255 f. Doutorado em GEOGRAFIA. Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ, Curitiba. Biblioteca depositária: Biblioteca Setorial. O estudo reafirma o turismo como atividade que transforma e forma o espaço onde se desenvolve, podendo tanto contribuir para o desenvolvimento local como para o estado de desigualdade socioeconômicas apresentado. Principais assuntos abordados: Turismo.; Espaço-tempo; Relações de trabalho; Desenvolvimento local; Pantanal da Transpantaneira.

6 — ROCHA, Ednaldo Cândido. **MAMÍFEROS EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA REGIÃO DO CRISTALINO, MATO GROSSO - COMPOSIÇÃO, ESTRUTURA E AVALIAÇÃO DE IMPACTOS AMBIENTAIS**. 31/07/2010 105. f. Doutorado em CIÊNCIA FLORESTA. Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA, Viçosa. Biblioteca depositária: Biblioteca Central da Universidade Federal de Viçosa. Trabalho anterior à Plataforma Sucupira. Esta pesquisa sobre mamíferos na região do Cristalino não tem conexão direta com esta pesquisa.

7 — SILVA, Lawrenberg Advincula da. **"WELCOME TO THE CAVALHADA ARENA": uma experiência de festa entre festeiros, cidadãos e ativistas comunicativos no Pantanal Mato-Grossense**. 14/12/2023. 591 f. Doutorado em COMUNICAÇÃO. Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro. Biblioteca depositária: Biblioteca do Centro de Educação e Humanidades. O presente estudo se debruça sobre a festa da Cavalcada da cidade de Poconé (MT) nos tempos atuais, buscando identificar outras formas e estéticas de protagonismo político nestes momentos festivos. Principais assuntos abordados: Cidade; Festa; Cartografia; Ativismo.

Na procura pelo termo “**Grande Hotel Cuiabá**” a base de dados identificou uma dissertação de mestrado e nenhuma produção de doutorado. Segue a dissertação:

1 — SIMEÃO, Dêmili Fabiano. **FORMAÇÃO TÉCNICA EM HOTELARIA** - perfis e estratégias de formação no Centro Federal de Educação Tecnológica de Mato Grosso. 31/08/2008. 133 f. Mestrado em HOSPITALIDADE. Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI, São Paulo. Biblioteca depositária: Biblioteca Central. Trabalho anterior à Plataforma Sucupira. A pesquisa se debruça sobre o corpo discente do curso técnico em hotelariado antigo Centro Federal de Educação Tecnológica de Mato Grosso (CEFET – MT) atual Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso (IFMT), com vistas às estratégias formativas para a inserção dos egressos no mercado de trabalho. Principais assuntos abordados: Hospitalidade; Educação profissional; Técnico em hotelaria; Visão de egressos e docentes; CEFET (MT).

Pelo termo “**Grande Hotel Mato Grosso**” a base de dados identificou uma produção de dissertação de mestrado e nenhum trabalho de doutorado. Segue a dissertação:

1 — SOUZA, Roosiley dos Santos. **HOTELARIA E ENDOGENEIZAÇÃO DO DESENVOLVIMENTO LOCAL EM CORUMBÁ (MS)**. 28/02/2006. 148 f. Mestrado em DESENVOLVIMENTO LOCAL. Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO, Campo Grande. Biblioteca depositária: Biblioteca Central. Trabalho anterior à Plataforma Sucupira. Esta pesquisa versa sobre as imbricações da atividade turística com o desenvolvimento econômico, social e cultural de Corumbá – MS, com ênfase na hotelaria urbana e suas conexões neste processo. Principais assuntos abordados: Hotelaria. Turismo. Desenvolvimento Local Endógeno. Desenvolvimento Local.

Na procura pelo termo “**Hotelaria Cuiabá**” a base de dados identificou três produções de dissertação de mestrado e nenhum trabalho de doutorado. Seguem as dissertações:

1- SIMEÃO, Dêmili Fabiano. **FORMAÇÃO TÉCNICA EM HOTELARIA**: perfis e estratégias de formação no Centro Federal de Educação Tecnológica de Mato Grosso. 31/08/2008. 133 f. Mestrado em HOSPITALIDADE. Instituição de Ensino:

UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI, São Paulo. Biblioteca depositária: Biblioteca Central. Trabalho anterior à Plataforma Sucupira. A pesquisa se debruça sobre o corpo discente do curso técnico em hotelaria do antigo Centro Federal de Educação Tecnológica de Mato Grosso (CEFET-MT), atual Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso (IFMT), com vistas às estratégias formativas para a inserção dos egressos no mercado de trabalho. Principais assuntos abordados: Hospitalidade; Educação profissional; Técnico em hotelaria; Visão de egressos e docentes; CEFET-MT.

2 — MIRANDA, Luiz Cesar de. **AVALIANDO O TRABALHO EDUCATIVO PARA A HOSPITALIDADE NOS HOTÉIS DE CUIABÁ**. 31/01/2007. 119 f. Mestrado em HOSPITALIDADE. Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI, São Paulo. Biblioteca depositária: Biblioteca Central - *Campus* Vila Olímpia. Trabalho anterior à Plataforma Sucupira. O trabalho versa sobre a educação para a hospitalidade realizada no setor hoteleiro como processo educativo formativo para a construção da humildade do indivíduo, respeitadas as especificidades locais, a cultura e a história do anfitrião bem como, por parte deste, o respeito à alteridade, à diferença e a identidade cultural dos hóspedes. Principais assuntos abordados: Imigração em Cuiabá (MT); Hospitalidade; Administração hoteleira; Trabalho educativo; Formação de recursos humanos.

3 — RAYE, Roberta Leal. **RELACIONAMENTO INTERORGANIZACIONAL DOS AGENTES DE TURISMO DE NEGÓCIOS DE CUIABÁ, MT**. 30/11/2012. 151 f. Mestrado em TURISMO E HOTELARIA. Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ, Itajaí. Biblioteca Depositária: Biblioteca da UNIVALI Balneario Camboriú. Trabalho anterior à Plataforma Sucupira. A pesquisa avalia os relacionamentos interorganizacionais dos agentes de turismo de negócios de Cuiabá. Principais assuntos abordados: Relacionamentos Inter organizacionais; Turismo de negócios; Análise de redes.

Na procura pelo termo “**Hotelaria Mato Grosso**” a base de dados identificou 10 produções, sendo seis dissertações de mestrado e quatro teses de doutorado. Seguem os trabalhos:

1 — COSTA, Dennis Hanson. **DESIGN THINKING E BUSINESS DESIGN**

APLICADOS AO DESENVOLVIMENTO DE NEGÓCIOS SUSTENTÁVEIS NO SEGMENTO DA HOSPITALIDADE, NA REGIÃO DE BONITO, MATO GROSSO DO SUL. 13/10/2019 90f . Doutorado em MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO REGIONAL Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ANHANGUERA. Biblioteca depositária: Biblioteca Central. O estudo versa sobre aplicabilidade das metodologias complementares do Business Design e do Design Thinking na indústria hoteleira de Bonito, Mato Grosso do Sul. Principais assuntos abordados: Desenvolvimento regional; Ambiente e sustentabilidade; Design Thinking; Inovação; Hotelaria.

2 — BEDIN, Rubens Jose. **TURISMO NO CORREDOR FLUVIAL DO RIO PARAGUAI ENTRE CÁCERES E A ESTAÇÃO ECOLÓGICA DA ILHA DE TAIAMÃ EM MATO GROSSO.** 29/05/2023. 108 f. Mestrado em GEOGRAFIA. Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO, Cáceres. Biblioteca depositária: Biblioteca Central. A pesquisa procura identificar as potencialidades; as atividades turísticas e o que há de infraestrutura fluvial no rio Paraguai entre Cáceres e a Reserva Ecológica Taiamã no estado de Mato Grosso. Principais assuntos abordados: Corredor fluvial; Potencial turístico; Infraestrutura; Atividades turísticas.

3 — SIMEÃO, Dêmili Fabiano. **FORMAÇÃO TÉCNICA EM HOTELARIA:** perfis e estratégias de formação no Centro Federal de Educação Tecnológica de Mato Grosso. 31/08/2008. 133 f. Mestrado em HOSPITALIDADE. Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI, São Paulo. Biblioteca depositária: Biblioteca Central. Trabalho anterior à Plataforma Sucupira. A pesquisa se debruça sobre o estudo do corpo discente do curso técnico em hotelaria do antigo Centro Federal de Educação Tecnológica de Mato Grosso (CEFET-MT), atual Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso (IFMT), com vistas a estratégias formativas para a inserção dos egressos no mercado de trabalho. Principais assuntos abordados: Hospitalidade; Educação profissional; Técnico em hotelaria; Visão de egressos e docentes; CEFET-MT.

4 — Raye, Roberta Leal. **RELACIONAMENTO INTERORGANIZACIONAL DOS AGENTES DE TURISMO DE NEGÓCIOS DE CUIABÁ - MT.** 30/11/2012. 151 f. Mestrado em TURISMO E HOTELARIA. Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ, Itajaí. Biblioteca Depositária: Biblioteca da UNIVALI Balneário

Camboriú. Trabalho anterior à Plataforma Sucupira. A pesquisa avalia os relacionamentos interorganizacionais dos agentes de turismo de negócios de Cuiabá. Principais assuntos abordados: Relacionamentos Inter organizacionais; Turismo de negócios; Análise de redes.

5 — VALEZI, Sueli Correia Lemes. **O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA EM CURSOS TÉCNICOS DO CEFET (MT):** o conflito entre as vozes dos professores. 30/09/2005. 174 f. Mestrado em ESTUDOS DE LINGUAGEM. Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO, Cuiabá. Biblioteca depositária: Biblioteca Central da Universidade Federal de Mato Grosso Trabalho anterior à Plataforma Sucupira. Trabalho voltado para área da educação, sem correlação substancial com a pesquisa em tela.

6 — DUTTON, Aline Pereira. **TRABALHO E GÊNERO:** trabalhadores e trabalhadoras embarcados na pesca turística no Pantanal Mato-grossense. 15/12/2019. 123 f. Doutorado em SOCIOLOGIA. Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS, São Paulo. Biblioteca depositária: Biblioteca Comunitária da Universidade Federal de São Carlos. O trabalho discute relações de trabalho e gênero nas embarcações consignadas ao turismo de pesca no Pantanal Mato-Grossense. Principais assuntos abordados: trabalho; gênero; trabalho embarcado; divisão sexual do trabalho; pesca turística.

7 — MARTINS, Daniel Fernando Queiroz. **TURISMO E DESENVOLVIMENTO LOCAL NO PANTANAL DA TRANSPANTANEIRA:** realidade ou utopia? 28/03/2019. 255 f. Doutorado em GEOGRAFIA. Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ, Curitiba. Biblioteca depositária: Biblioteca Setorial. O estudo reafirma o turismo como atividade que transforma e forma o espaço onde se desenvolve, podendo tanto contribuir para o desenvolvimento local como para o estado de desigualdade socioeconômicas apresentado. Principais assuntos abordados: Turismo; Espaço-tempo; Relações de trabalho; Desenvolvimento Local; Pantanal da Transpantaneira.

8 — WELTER, Vanessa Fernandes. **CONTRIBUIÇÃO DAS ATIVIDADES TURÍSTICAS NA MANUTENÇÃO SÓCIO-AMBIENTAL E ECONÔMICA DE**

RESERVAS PARTICULARES DO PATRIMÔNIO NATURAL: estudo de caso da RPPN Lote Cristalino 31/08/2007. 95 f. Mestrado em TURISMO. Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL, Caxias do Sul. Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da Universidade de Caxias do Sul. Trabalho anterior à Plataforma Sucupira. Estudo voltado para atividades turísticas com foco socioambiental sem correlação direta com o trabalho em tela.

9 — SOUZA, Roosiley dos Santos. **HOTELARIA E ENDOGENEIZAÇÃO DO DESENVOLVIMENTO LOCAL EM CORUMBÁ (MS)**. 28/02/2006. 148 f. Mestrado em DESENVOLVIMENTO LOCAL. Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO, Campo Grande. Biblioteca Depositária: Biblioteca Central. Trabalho anterior à Plataforma Sucupira. Esta pesquisa versa sobre as imbricações da atividade turística com o desenvolvimento econômico, social e cultural de Corumbá – MS, com ênfase na hotelaria urbana e suas conexões neste processo. Principais assuntos abordados: Hotelaria. Turismo. Desenvolvimento Local Endógeno. Desenvolvimento Local.

10 — ELIA, Diego Seda. **BIOPROSPECÇÃO DE POLIQUETAS PARA INSUMOS EM MARICULTURA:** biodiversidade e composição bioquímica. 01/08/2021. 87 f. Doutorado em BIOTECNOLOGIA MARINHA. Instituição de Ensino: INSTITUTO DE ESTUDOS DO MAR ALMIRANTE PAULO MOREIRA, Arraial do Cabo. Biblioteca depositária: Biblioteca do Instituto de Estudos do Mar Almirante Paulo Moreira. Estudo sem conexão com a pesquisa em tela.

Na procura pelo termo “**Hospedagem Cuiabá**” não foram encontrados trabalhos publicados constantes na plataforma.

Na procura pelo termo “**Hospedagem Mato Grosso**” foram localizadas 11 produções, sendo 10 dissertações de mestrado e uma tese de doutorado. Seguem os trabalhos:

1 — MELLO, Debora Moreira. **TURISMO E LUGAR DE ENRIQUECIMENTO CULTURAL:** Albergue da Juventude Pantanal em Cuiabá-MT. 25/03/2014. 120 f. Mestrado em GEOGRAFIA. Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE

MATO GROSSO, Cuiabá Biblioteca depositária: Biblioteca Central da Universidade Federal de Mato Grosso. A pesquisa analisa o Albergue da Juventude Pantanal em Cuiabá – MT como lugar de turismo e possibilidade de enriquecimento cultural. Principais assuntos abordados: *Hostel* Pantanal; Turismo; Cultura; Mato Grosso; Alojamento.

2 — SOUZA, Roosiley dos Santos. **HOTELARIA E ENDOGENEIZAÇÃO DO DESENVOLVIMENTO LOCAL EM CORUMBÁ (MS)**. 28/02/2006. 148 f. Mestrado em DESENVOLVIMENTO LOCAL. Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO, Campo Grande. Biblioteca depositária: Biblioteca Central. Trabalho anterior à Plataforma Sucupira. Esta pesquisa versa sobre as imbricações da atividade turística com o desenvolvimento econômico, social e cultural de Corumbá (MS), com ênfase na hotelaria urbana e suas conexões neste processo. Principais assuntos abordados: Hotelaria; Turismo; Desenvolvimento Local Endógeno; Desenvolvimento Local.

3 — MELLO, Debora Moreira. **O ACONTECIMENTO PANDEMIA NA CULTURA DOS HOSTELS**. 29/03/2023. 123 f. Doutorado em ESTUDOS DE CULTURA CONTEMPORÂNEA. Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO, Cuiabá. Biblioteca depositária: Repositório Institucional Universidade Federal de Mato Grosso. A pesquisa analisa o impacto da pandemia na atividade dos *hostels* em Mato Grosso. Principais assuntos abordados: *Hostels*; Turismo em Mato Grosso; Cultura; Comunicação; Covid- 19.

4 — SHINZATO, Marisa Miyuri. **ESTUDO DA VIABILIDADE NO USO DA TELEMEDICINA NO DIAGNÓSTICO DE PACIENTES COM RETINOPATIA DIABÉTICA**. 30/11/2003. 37f. Mestrado Profissionalizante em ADMINISTRAÇÃO DA PRÁTICA OFTALMOLÓGICA. Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO, São Paulo. Biblioteca depositária: Biblioteca do Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde. Trabalho anterior à Plataforma Sucupira. Estudo sem conexão com a pesquisa em tela.

5 — Espindola, Marcelo Ricardo Miranda. **CARACTERIZAÇÃO DE SÍTIOS MUSICAIS DOS ARTISTAS DE MATO GROSSO DO SUL COM ÊNFASE NA**

HIPERMIDIAÇÃO DE CONTEÚDOS. 30/04/2006 99. f. Mestrado em CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO. Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, Brasília. Biblioteca Depositária: Biblioteca da Universidade de Brasília. Trabalho anterior à Plataforma Sucupira. Estudo sem conexão com a pesquisa em tela.

6 — BEDIN, Rubens Jose. **TURISMO NO CORREDOR FLUVIAL DO RIO PARAGUAI ENTRE CÁCERES E A ESTAÇÃO ECOLÓGICA DA ILHA DE TAIAMÃ EM MATO GROSSO.** 29/05/2023. 108 f. Mestrado em GEOGRAFIA. Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO, Cáceres. Bibliotca depositária: Biblioteca Central. A pesquisa procura identificar as potencialidades; as atividades turísticas e o que há de infraestrutura fluvial no rio Paraguai entre Cáceres e a Reserva Ecológica Taiamã no estado de Mato Grosso. Principais assuntos abordados: Corredor fluvial; Potencial turístico; Infraestrutura; Atividades turísticas.

7 — Miranda, Leandro Tobias. **PAISAGEM E TURISMO: UMA ABORDAGEM DA DINÂMICA NA ÁREA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL (APA) ESTRADA PARQUE DE PIRAPUTANGA (MS).** 16/04/2023. 112 f. Mestrado em Geografia. Instituição de Ensino: FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL, Aquidauana. Biblioteca depositária: Biblioteca do *Campus* Aquidauana. Estudo sobre o Parque de Piraputanga no Mato Grosso do Sul sem conexão direta com esta pesquisa.

8- OLIVEIRA, Marcelo Texeira Cesar de. **BONITO PARA QUEM?** um estudo sobre um destino turístico no Mato Grosso do Sul: situação atual e perspectivas, Bonito, MS, Brasil. 30/06/2010. 200 f. Mestrado em GEOGRAFIA (GEOGRAFIA FÍSICA). Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, São Paulo. Biblioteca depositária: Centro de Apoio à Pesquisa em História "Sérgio Buarque de Holanda - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Trabalho anterior à Plataforma Sucupira. Estudo sobre Bonito no Mato Grosso do Sul sem conexão direta com esta pesquisa.

9 — PAZELLO, Elizabeth Dalana. **À BEIRA DO RIO, NO PANTANAL:** Especificidades do turismo de pesca. 21/05/2023. 112 f. Mestrado em DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL. Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE

BRASÍLIA, Brasília. Biblioteca depositária: Biblioteca da Universidade de Brasília. Pesquisa voltada para o turismo de pesca na região do Pantanal Brasileiro. Principais assuntos abordados: Turismo de Pesca; Pantanal; Cadeia produtiva do turismo; Segmentação do turismo; Desintermediação.

10 — Boas, Vanessa Thaís Bonfim Vilas. **A IMPLEMENTAÇÃO DO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO MODULAR E INTEGRADO EM SAÚDE DA FAMÍLIA NO ESTADO DE MATO GROSSO**: contribuições para o monitoramento e a avaliação no Lato Sensu. 31/10/2009. 164 f. Mestrado Profissionalizante em SAÚDE PÚBLICA. Instituição de Ensino: FUNDACAO OSWALDO CRUZ (FIOCRUZ), Rio de Janeiro. Biblioteca depositária: Lincoln de Freitas Filho. Trabalho anterior à Plataforma Sucupira Estudo sobre Curso de Especialização Modular e Integrado em Saúde da Família no Estado de Mato Grosso sem conexão com a pesquisa em tela.

11 — NOGUEIRA, Katiuscia Akemi Nasu. **AS COMPREENSÕES E COMPLEXIDADES DO ENSINO HÍBRIDO EM CENÁRIO DE TRANSFORMAÇÕES**: estudo de caso em uma universidade privada no estado de MS. 17/02/2022. 169 f. Mestrado em EDUCAÇÃO. Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO, Campo Grande. Biblioteca Depositária: Pe. Félix Zavataro. Estudo sobre o ensino híbrido em Universidade Privada do Estado do Mato Grosso do Sul sem conexão com a pesquisa em tela.